

Universidade de Lisboa

Faculdade de Letras

Departamento de História



As ânforas do teatro romano de Lisboa



Victor Filipe

Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia

2008

Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras
Departamento de História



As ânforas do teatro romano de Lisboa

Victor Filipe
Aluno n.º 26451

Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia
Dissertação orientada pelo Professor Doutor Carlos Fabião

2008

À minha avó Maria,
que, mesmo sem as compreender,
tanto admirava as letras

Agradecimentos

Naturalmente, um trabalho desta natureza, embora individual, não seria possível sem o contributo de muitas outras pessoas, familiares e amigos, colegas e professores. A todos devo um agradecimento especial.

Em primeiro lugar, não posso deixar de agradecer ao Professor Doutor Carlos Fabião, que me mostrou o “mundo das ânforas” e que desde cedo me incentivou na realização deste projecto. Devo-lhe ainda a disponibilidade sempre demonstrada e a orientação atenta e preocupada, a partilha de saberes e os múltiplos conselhos que pacientemente distribuiu ao longo destes três anos, norteando em grande medida as linhas mestras do presente trabalho, ainda que a responsabilidade de eventuais erros e lacunas me pertença exclusivamente.

À Dr.^a Lúcia Fernandes, arqueóloga do Museu da Cidade de Lisboa, colega e amiga, devo a oportunidade de estudar o conjunto anfórico do teatro romano e o incansável acompanhamento que, desde o primeiro ao último dia (literalmente!), lhe dedicou. Cabe-me, aqui, reconhecer e agradecer todo o empenho, dedicação e amizade que, de forma desinteressada, demonstrou durante este tempo; a paciente correcção dos textos, a cedência de alguma bibliografia, a facilidade no acesso aos materiais e aos diversos registos de escavação, a ajuda na triagem das ânforas, as sugestões metodológicas, as palavras de incentivo... Em suma, toda a ajuda prestada e tempo dispendido, e a certeza de que sem o seu apoio esta empresa não teria sido possível.

Não podia, igualmente, deixar de agradecer ao Museu da Cidade, na pessoa da sua Directora, Dr.^a Cristina Leite, bem como a todos os colegas e amigos que por lá vão tentando reconstruir a história da Cidade de Lisboa, uma vez que, de uma forma ou de outra, também contribuíram para a realização deste trabalho.

Ao João Pimenta, pela cedência de bibliografia e pelas discussões e esclarecimentos sobre metodologias, tipologias e abordagens ao estudo das ânforas, mas principalmente pela amizade sempre demonstrada. Devo-lhe ainda a possibilidade de observar e comparar as pastas das ânforas do teatro com as de outros locais de Lisboa, nomeadamente as do Castelo de São Jorge.

Ao Marco Calado, pela ajuda na triagem dos materiais distribuídos por incontáveis e empoeirados contentores, pelas discussões “cientificantes” e pela ânsia transbordante em ver Lisboa escavada.

Ao Dr. António Marques e Dr.^a Lúcia Fernandes, a cedência dos dados da intervenção arqueológica da rua dos Bacalhoeiros e a possibilidade de estudar o respectivo conjunto anfórico.

À Dr.^a Manuela Leitão pela amizade e pelo gosto em divulgar os dados arqueológicos do Palácio do Marquês de Angeja.

Ao Dr. Eurico de Sepúlveda e Dr.^a Lúcia Fernandes, devo a amabilidade da cedência dos dados, ainda inéditos, relativos à cronologia das *sigillatas*, paredes finas e lucernas, cujo estudo se encontra em desenvolvimento.

Ao Dr. Eurico de Sepúlveda e Dr. Severino Rodrigues, agradeço as pertinentes observações e esclarecimentos na caracterização das produções de Peniche.

Ao Professor Doutor Berni Millet da Universidade de Barcelona, pela facilidade de acesso à Base de Dados CEIPAC.

A todos os professores do Mestrado em Pré-História e Arqueologia, principalmente ao Professor Doutor Amílcar Guerra e à Professora Doutora Ana Margarida Arruda, pelas horas de formação dedicadas e pelos ensinamentos transmitidos.

À Dr.^a Ana Caessa pelas pertinentes observações realizadas já na parte final deste trabalho.

À Marlene Castro, pela preciosa ajuda na introdução de alguns dados na Tabela Geral e pela boa disposição.

A toda a minha família, que se viu inúmeras vezes privada da minha presença, mas que sempre compreendeu e me apoiou ao longo destes três anos.

À Bela, por significar parte deste trabalho e por me ter apoiado desde o início, mesmo nas fases mais complicadas.

Resumo

O objectivo da presente dissertação é o estudo das ânforas romanas exumadas nas intervenções arqueológicas realizadas no teatro romano de Lisboa nas campanhas de 2001, 2005 e 2006. Trata-se de um conjunto relativamente amplo e tipologicamente diversificado recolhido em contextos arqueológicos relacionados com a edificação e remodelação do teatro. Estes contentores testemunham, em *Olisipo*, a importação de produtos alimentares de vários locais do império desde meados do século II a.C. até ao terceiro quartel do século I d.C., constituindo-se como importantes indicadores para o estudo da dinâmica comercial de *Olisipo*.

O trabalho divide-se em três partes distintas. A primeira constitui basicamente uma contextualização dos temas relacionados com a implantação geográfica, evolução histórica da cidade até ao momento da construção do edifício, e intervenções arqueológicas que ao longo dos anos ali se vêm desenvolvendo, abordando-se ainda a questão da importância dos estudos anfóricos na percepção da economia antiga.

Numa segunda parte são analisados os contextos estratigráficos, procurando-se interpretar o seu significado diacrónico e sincrónico e a sua relação com a construção e remodelação do espaço cénico; apresentam-se as formas anfóricas que compõem a amostra e procede-se à caracterização dos distintos fabricos identificados e regiões produtoras a que se encontram associados.

Na terceira parte realiza-se a análise quantitativa e qualitativa do conjunto, expondo-se as leituras possíveis acerca dos hábitos de consumo e ritmos de importação em *Olisipo* à época.

Palavras chave: Teatro Romano, *Olisipo*, Ânforas, Comércio, Produtos Alimentares.

Abstract

The aim of this dissertation is the study of the Roman amphorae recovered in the archaeological excavations accomplished in the Roman theatre of Lisbon in the 2001, 2005 and 2006 campaigns. It is a relatively wide and typologically diversified set, collected in archaeological contexts related with the construction and remodelling of the theatre. These containers testify, in *Olisipo*, the importation of alimentary products from several places of the empire from the middle of the 2nd century B.C. to the third quarter of the 1st century A.D., representing important indicators for the study of the commercial dynamics of *Olisipo*.

The work is divided in three different parts. The first constitutes basically a contextualization of the themes related with the geographical implantation, historical evolution of the city to the moment of the construction of the building, and archaeological interventions that have been developed along the years. The subject of the importance of amphoral studies in the perception of the economy in the ancient world is also approached.

In the second part the stratigraphic contexts are analyzed, looking for to interpret the diachronic and synchronic meaning and its relationship with the construction and remodelling of the scenic space; the amphoral types that compose the sample are presented, followed by the characterization of the distinct identified fabrics and associated producing areas.

In the third part takes place the quantitative and qualitative analysis of the set, being exposed the possible readings concerning the consumption habits and importation rhythms in *Olisipo* to the time.

Key words: Roman Theatre, *Olisipo*, Amphorae, Trade, Alimentary Products.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	4
2. O VALE DO TEJO, OLISIPO E O TEATRO ROMANO	6
2.1. Enquadramento geográfico	6
2.2. De <i>Olisipo</i> a <i>Felicitas Iulia Olisipo</i>	8
2.3. Teatro romano de Lisboa: síntese do seu estudo e enquadramento das intervenções	13
2.4. Do estudo das ânforas	18
2.4.1. Breve historial da sua investigação	18
2.4.2. A sua importância no estudo da economia antiga	21
3. AS ÂNFORAS DO TEATRO ROMANO DE LISBOA	23
3.1. Pressupostos metodológicos	23
3.2. Realidade arqueológica e significado dos contextos estratigráficos.....	26
3.3. Ânforas vinícolas	33
3.3.1. Greco-Itálicas.....	33
3.3.2. Dressel 1 Itálica	35
3.3.3. Lamboglia 2.....	37
3.3.4. Dressel 2-4.....	39
3.3.5. Haltern 70	42
3.3.6. Dressel 28	47
3.3.7. Gauloise 5	48
3.3.8. Verulamium 1908	50
3.4. Ânforas oleícolas	52
3.4.1. Tripolitana Antiga	52
3.4.2. Oberaden 83.....	54
3.4.3. Dressel 20	57
3.5. Ânforas piscícolas	58
3.5.1. As T-9.1.1.1.....	58

3.5.2. Mañá C2	60
3.5.3. Greco-Itálicas Hispânicas	63
3.5.4. Classe 67	65
3.5.5. Dressel 12	68
3.5.6. Dressel 7-11	70
3.5.7. Ovóides Lusitanas	72
3.6. Ânforas destinadas a outros conteúdos	79
3.6.1. Richborough 527	79
3.7. Epigrafia anfórica.....	81
3.7.1. Marcas	81
3.7.2. <i>Tituli picti</i>	82
3.7.3. Grafitos	83
3.8. Caracterização dos fabricos identificados.....	84
3.8.1. Produções itálicas	84
3.8.2. Produções meridionais hispânicas:	87
3.8.3. Produções africanas:	89
3.8.4. Produções lusitanas:	90
3.8.5. Produção indeterminada:	92
4. ANÁLISE QUANTITATIVA E QUALITATIVA DO CONJUNTO	93
4.1. Apreciação quantitativa	93
4.2. O vinho, o azeite e os preparados piscícolas na dinâmica comercial de <i>Olisipo</i>	97
4.2.1. O vinho	97
4.2.2. O azeite	100
4.2.3. Os preparados piscícolas	103
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
Bibliografia.....	113

ANEXOS:

1. ESTAMPAS:

I-III – Plantas

IV-V – Fotografias

VI-VII – Perfis estratigráficos e planos

VIII-IX – Epigrafia anfórica

X-XII – Quadro dos contextos arqueológicos

XII-XLII – Desenhos dos materiais

XLIII – Mapa das regiões produtoras

2. TABELA GERAL DAS ÂNFORAS DO TEATRO ROMANO DE LISBOA

1. Introdução

Os largos anos dedicados pela investigação científica ao estudo das ânforas proporcionaram um volume de informação e de conhecimento empírico que permite reconstruir, ainda que de forma truncada, os vários aspectos relacionados com a economia na Antiguidade. As ânforas, na sua função específica de contentores destinados ao transporte de produtos alimentares por via marítima, são um importante instrumento para o estudo das redes de intercâmbio, constituindo-se como um relevante indicador dos ritmos de consumo e da dieta alimentar nas diferentes regiões do Império romano, fornecendo, de igual modo, bons indicadores cronológicos.

É nesta perspectiva mais alargada, adaptada à realidade da amostra, que se insere esta dissertação, versando sobre as ânforas de época romana documentadas nas intervenções arqueológicas levadas a cabo no teatro romano de Lisboa em 2001, 2005 e 2006. O estudo deste conjunto anfórico inscreve-se, também, num projecto mais amplo que tem por fim a investigação e divulgação dos dados científicos resultantes das referidas intervenções.

Desde logo, o desenvolvimento deste tema revestia-se de alguns aspectos que se consideraram pertinentes e, simultaneamente, aliciantes: a existência de um conjunto expressivo e diversificado de materiais anfóricos provenientes de escavações recentes e com contextos bem definidos, permitindo uma leitura das diacronias e sincronias; o facto destes contextos se reportarem a um período histórico relativamente curto e bem definido no tempo - do principado de Augusto ao de Nero -, sobre o qual a informação se mantém assaz escassa na cidade de *Olisipo*, especialmente no que se refere à dinâmica comercial e dieta alimentar; por fim, a associação desta realidade arqueológica aos momentos de construção e remodelação do teatro romano de Lisboa.

Nesta óptica, o trabalho foi estruturado em três partes. Na primeira, apresenta-se o suporte estático do território no contexto geográfico do vale do Tejo e fachada atlântica e sintetiza-se a evolução histórica de *Olisipo* até à época de construção do teatro. Paralelamente, realiza-se um enquadramento das intervenções recentes e uma breve sinopse sobre a história da investigação arqueológica do teatro romano de Lisboa, concluindo-se esta primeira parte com uma abordagem geral ao estudo das ânforas.

Numa segunda parte são apresentados os contextos arqueológicos e as leituras estratigráficas, procurando-se estabelecer um faseamento diacrónico através das sincronias documentadas e a sua associação, e interpretação, com os momentos de construção e remodelação do edifício público.

Seguidamente, privilegiando-se os vários aspectos relacionados com a morfologia, tipologia, cronologia, âmbitos de produção e difusão, conteúdos e principais problemáticas, apresentam-se e caracterizam-se as tipologias identificadas e os diferentes grupos de fabrico, procurando-se determinar as distintas áreas de proveniência.

Por fim, analisam-se os dados expostos ao longo do desenvolvimento do estudo quanto ao seu significado quantitativo e qualitativo, e determinam-se as várias leituras e apreciações possíveis, procurando integrá-las no estudo da economia antiga de *Olisipo*.

Complementarmente, e porque se constituem como informações adicionais com alguma relevância, considerou-se pertinente a inclusão de três estampas com desenhos de algumas ânforas provenientes de outras escavações no casco antigo de Lisboa, uma vez que se inserem no mesmo quadro cronológico e tipológico dos materiais do teatro romano, evidenciando similares contextos geográficos de fabrico. Estes materiais provêm das intervenções arqueológicas realizadas na Rua dos Bacalhoeiros¹ (Baixa Pombalina) em 2005 e 2006 (Fernandes *et alii*, 2006), e no Palácio do Marquês de Angeja² (Alfama) em 2004 e 2005.

¹ Estes trabalhos tiveram a responsabilidade científica da Dr.^a Lídia Fernandes e do Dr. António Marques, técnicos do Museu da Cidade, Lisboa, a quem se agradece a cedência dos dados, alguns ainda inéditos. O estudo das ânforas desta intervenção está a ser desenvolvido pelo signatário deste trabalho.

² A direcção científica desta intervenção foi assumida por mim e pela Dr.^a Manuela Leitão, técnica do Museu da Cidade, Lisboa. Embora os dados sobre a ocupação da Idade do Ferro tenham sido já parcialmente apresentados (Filipe, Calado e Leitão, 2005), a informação que aqui se apresenta encontra-se ainda inédita.

2. O vale do Tejo, *Olisipo* e o teatro romano

2.1. Enquadramento geográfico

O primitivo núcleo urbano de Lisboa desenvolveu-se na colina onde hoje se implanta o castelo de São Jorge, à entrada do Tejo, junto a um antigo esteiro de rio onde desaguavam várias ribeiras. Ladeada a Oeste pelo esteiro de rio e a Sul pelo próprio Tejo, o sopé da colina do castelo reunia excelentes condições portuárias, que, aliás, viriam a estar na origem do seu crescimento e desenvolvimento. A Norte, sobressaem colinas calcárias e montes vulcânicos flanqueados por pequenas linhas de água, onde se exploravam os ricos vales aluviais caracterizados por uma agricultura rica e variada (Gaspar, 1994, p. 12)³. Acerca da geografia dos arredores de Lisboa, Orlando Ribeiro faz a seguinte descrição: “(...) *os barros basálticos dão campos limpos e abertos destinados à cultura do cereal; os calcários secundários, charnecas abandonadas ao mato e pasto; os calcários terciários cobrem-se de olivedo; as baixas argilosas, de hortas regadas; o pinhal reveste as colinas de arenito improdutivo.*” (1998, p. 154).

O rio Tejo, verdadeira estrada de acesso ao interior, regulou e moldou, desde tempos antigos, o desenvolvimento da urbe que se fixou à entrada do seu estuário, fornecendo-lhe uma importância estratégica ímpar que ainda nos dias de hoje mantém. Esta imensa via fluvial permitiu que desde cedo se estabelecesse o contacto entre os povos da bacia mediterrânica e aqueles que habitavam as regiões do interior a montante da sua foz, fomentando, assim, importantes intercâmbios culturais e comerciais.

As particularidades topográficas do local onde se implanta a actual cidade de Lisboa permitiam um amplo controlo visual da região envolvente, principalmente da entrada do rio e do seu acesso ao interior, bem como da margem Sul, aliada a excelentes condições naturais de defesa.

³ Sobre a geologia, geografia e clima da região da península de Lisboa poder-se-ão consultar, entre outras, as seguintes obras, que exploram de uma forma mais exaustiva estes temas: ZBYSZEWSKI, 1963; PAIS *et alii*, 2006; BERKELEY-COTTER, 1956; ALMEIDA, 1994; DAVEAU, 1980 e 1995; ou outras que, embora numa vertente mais “arqueológica”, abordam igualmente estas temáticas, como por exemplo: ALARCÃO, 1987; MURALHA, 1988.



Fig. 1- Localização de Lisboa na Península Ibérica e do teatro romano na planta de Lisboa.

Outros factores houve, decorrentes da sua localização geográfica específica, que potenciaram o seu desenvolvimento económico e lhe concederam o estatuto de importante centro urbano desde o primeiro milénio a.C.. A riqueza aurífera das areias do Tejo era bem conhecida na antiguidade e aparece referida nas fontes clássicas (Plínio-o-Velho - 4, 115), do mesmo modo, aliás, que é referida a abundância de pescado (Estrabão - III, 3, 1). As actividades directa e indirectamente relacionadas com a exploração dos recursos marinhos e fluviais pautaram, em grande medida, a economia de *Olisipo*, dando origem a importantes indústrias de transformação do pescado, de fabrico e produção de envases cerâmicos e de exploração do sal, factores que viriam a dotar este centro urbano de uma forte componente industrial, particularmente vocacionada para a transacção de produtos piscícolas.

Estrabão descreve de forma algo curta e concisa a região da foz e do vale do Tejo, mas fá-lo de forma eloquente:

“O Tejo, na foz, tem cerca de vinte estádios de largura, e tão grande é a sua profundidade que por ele navegam barcos de dez mil ânforas. Nas planícies que ficam a montante, forma, na maré-cheia, dois estuários que alagam uma superfície de cento e cinquenta estádios e tornam a planície navegável. No estuário, que fica mais a montante, envolve uma ilha com uns trinta estádios de comprimento e pouco menos de largura, coberta de vegetação e de vinhas.” (III, 3,1).

Em suma, a sua localização geográfica, entre o Norte atlântico e o Sul mediterrânico, na foz de um extenso e navegável rio, reunindo condições que lhe permitiram afirmar-se como um importante pólo de contacto cultural e comercial entre o interior, a fachada atlântica e o mar mediterrâneo, bem como explorar quer as férteis terras das imediações quer a riqueza que o Tejo oferecia, granjeou-lhe a importância que desde cedo se começou a desenhar.

2.2. De *Olisipo* a *Felicitas Ivlia Olisipo*

As excelentes condições naturais existentes na área onde hoje se ergue o casco urbano de Lisboa, particularmente na zona do morro do castelo e vales anexos, potenciaram, desde muito cedo, a fixação de comunidades humanas. Os mais antigos vestígios de que há notícia nesta zona remontam à Pré-história antiga, Paleolítico, tendo sido recolhidos nos anos quarenta do século XX no castelo de S. Jorge (Muralha, 1988), sendo ainda referidos “alguns materiais líticos descontextualizados” recolhidos nas modernas escavações da alcáçova islâmica do castelo (Pimenta, 2004, p. 14). Em intervenções mais recentes, foi registada a presença de comunidades humanas na encosta de Sant’Ana em fase recuada do Neolítico (Neolítico Antigo), bem como do Calcolítico e da Idade do Bronze (Muralha, Costa e Calado, 2002, p. 246; Angelucci, Costa e Muralha, 2004, p. 27).

No período cronológico correspondente ao Bronze Final e inícios da Idade do Ferro foram recentemente escavados alguns contextos preservados na Rua de São

Mamede (Silva, Pimenta e Calado, 2005), em zona bem próxima do teatro romano de Lisboa, bem como na Praça da Figueira (Pimenta, 2004, p. 14). Com efeito, as evidências arqueológicas conhecidas seguramente atribuíveis ao período do Bronze Final no morro do castelo são demasiado escassas para que se possa levantar a hipótese de aqui ter existido um grande povoado dessa época, como já foi proposto (Cardoso, 2002, p. 359).

Relativamente à Idade do Ferro, os vestígios conhecidos são em maior número e permitem esboçar um quadro mais completo do que terá sido a ocupação sidérica de Lisboa, alicerçados, principalmente, nos dados das intervenções arqueológicas levadas a cabo nos últimos vinte anos. Os resultados dessas intervenções, desenvolvidas na área do primitivo núcleo urbano de *Olisipo*, têm vindo sucessivamente a confirmar as considerações que Ana Margarida Arruda (2002) teceu em relação ao povoado da Idade do Ferro que terá existido em Lisboa. Entrevê-se um povoado de grandes dimensões, porventura o maior povoado orientalizante do território actualmente português, “(...) *de importancia capital y una población probablemente muy numerosa.*” (*idem*, p. 129), o que, aliás, vem de encontro ao que Estrabão (III, 3, 1) relatou, afirmando que *Olisipo* era uma das duas cidades mais importantes do vale do Tejo. De facto, os dados disponíveis deixam perceber que a área ocupada abrangia o topo da colina do castelo e as suas encostas até ao rio Tejo, a Sul, ao esteiro de rio, a Oeste, na actual Baixa, e até à actual Rua da Regueira, Alfama, a Este, onde corria um pequeno curso de água, cristalizado na toponímia da cidade no nome da rua.

Ainda segundo Ana Margarida Arruda, *Olisipo* poderá ter representado, na gestão do território envolvente, um papel relevante, “(...) *não podendo descartar-se a hipótese de se estar perante o sítio que, ao coordenar as actividades comerciais e de gestão dos recursos, assumiria o papel de «Lugar Central».*” (Arruda, Freitas e Sánchez, 2000, p. 29).

Mercê de condicionalismos próprios da investigação, os vestígios conhecidos atribuíveis a uma primeira fase da ocupação sidérica de Lisboa, com claras influências orientalizantes e conjuntos artefactuais de carácter marcadamente mediterrânico, são em maior número que aqueles que se reportam à fase subsequente. Os dados arqueológicos da Rua de São João da Praça (Pimenta, Calado e Leitão, 2005), do Palácio do Marquês de Angeja (Filipe, Calado e Leitão, 2005) e do castelo de São Jorge (Pimenta, 2004) vêm contribuir para um avolumar de informação demonstrativo daquilo que Ana

Margarida Arruda intitulou de “conservadorismo orientalizante” (2002, p. 258), evidenciando uma continuidade cultural, contrariamente ao que acontece em outras regiões do interior, verificável quer na importação de produtos alimentares envasados em contentores anfóricos de proveniência meridional, quer de cerâmica grega de verniz negro e figuras vermelhas (Pimenta, 2004, p. 14), muito provavelmente igualmente difundida no ocidente peninsular pelos mercadores daquela região.

Dentro dos locais intervencionados que têm contribuído para o que hoje se conhece acerca da ocupação sidérica de *Olisipo* poder-se-ão referir, entre outros, o claustro da Sé de Lisboa, com ocupação pelo menos desde o século VI a.C. (Amaro, 1993; Arruda, Freitas e Sánchez, 2000; Arruda, 2002); o Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, séculos V a III a.C. (Amaro, 1995; Bugalhão, 2001); a zona da alcáçova islâmica do castelo de São Jorge, onde se registaram contextos estratigráficos bem preservados com uma diacronia de ocupação que abrange grande parte do I milénio a.C., desde o século VII até à chegada dos primeiros contingentes militares romanos no terceiro quartel do século II a.C. (Gomes *et alii*, 2003; Pimenta, 2004,); a Rua de São Mamede (Silva, Pimenta e Calado, 2005); o Palácio do Marquês de Angeja, com uma diacronia de ocupação compreendida entre o século VII a.C. e a romanização (Filipe, Calado e Leitão, 2005); a Rua São João da Praça (Pimenta, Calado e Leitão, 2005); ou ainda a Casa dos Bicos (Amaro, 2002).

Em relação ao topónimo pré-romano, *Olisipo*, que nos é transmitido quer pelas fontes clássicas (Estrabão e Plínio-o-Velho, por exemplo) quer pela epigrafia (Silva, 1944), este denuncia claras influências mediterrânicas, tendo sido sugerido que a sua origem etimológica se deveria procurar no mundo fenício (Fontes, 1947). A terminação em «-ipo» relaciona-se com outros topónimos situados, sobretudo, na região da actual Andaluzia e na fachada atlântica peninsular (Fabião, 1993, p. 143), deixando antever uma mesma realidade linguística (Guerra, 2000).

Em traços largos, é este o panorama hoje conhecido para a Lisboa pré-romana, e a realidade que os romanos iriam encontrar quando, no contexto da conquista romana da Península Ibérica, ocuparam esta região.

O palco da primeira fase das guerras travadas em solo hispânico situou-se essencialmente na zona Este e sudeste da Península Ibérica, bastante longe, portanto, da

área geográfica que aqui nos ocupa. Existe, porém, uma referência ao ocidente peninsular no período da segunda guerra púnica (218-206 a.C.), concretamente no Inverno de 210 a.C.. A informação transmitida é contraditória, por um lado Políbio refere que Asdrúbal, filho de Giscão e chefe de exército cartaginês, invernou com o seu exército na Lusitânia, junto à foz do Tejo; por outro, Tito Lívio afirma que o mesmo chefe cartaginês teria invernado com o seu exército nas imediações de Cádiz (Fabião, 1993, p. 210). Ainda que a informação de Políbio esteja correcta, não deixa de ser estranho que o exército invernassem em local tão distante do palco de guerra, deixando antever, nesse caso, algum foco de instabilidade suficientemente importante para fazer deslocar, numa altura tão delicada, um exército para local tão afastado (*idem*, p. 211).

Essencialmente militar, a ocupação romana da Península Ibérica nos finais do século III e no dealbar do século II a.C. pautava-se principalmente pela exploração e pelo estabelecimento da ordem no território controlado. Em 197 a.C., a Península Ibérica é dividida em duas províncias: a Hispânia Ulterior, a ocidente, e a Hispânia Citerior a oriente, naquilo que se constituiu como a primeira divisão administrativa do território (*idem*, p. 212). Apenas com o final das “Guerras Lusitanas” (155-139 a.C.) se voltam a ter referências sobre *Olisipo* e o vale do Tejo nas fontes clássicas (Pimenta, 2005, p. 24).

Embora nem sempre o registo arqueológico se consiga articular com as informações narradas pelos autores clássicos, no caso da mais antiga presença romana na cidade de *Olisipo* logrou-se estabelecer uma ligação entre as fontes clássicas e os dados fornecidos pela arqueologia. Estrabão, referindo-se à temerária campanha militar levada a cabo por Décimo Júnio Bruto no ocidente peninsular em 138 a.C., naquela que se constituiu como a primeira grande investida efectuada pelos contingentes militares romanos nesta zona da Península Ibérica, referiu-se a *Olisipo* nos seguintes moldes: “(...) para cima de Móron a navegação ainda é mais longa. Brutos, denominado o Galaico, utilizou esta cidade como a base de operações, quando entrou em guerra contra os Lusitanos e os submeteu. Em seguida amuralhou *Olisypón*, nas margens do rio, para ter livre a navegação e o acesso de víveres.” (Estrabão, III, 3,1).

Integráveis neste âmbito cronológico, concretamente entre 140 e 130 a.C. (Pimenta, 2005, p. 129), são alguns contextos recentemente escavados na antiga alcáçova islâmica de Lisboa e estudados por João Pimenta (2004; 2005). O autor, embora sublinhando que os contextos são limitados quanto à percepção do tipo de

ocupação que ali ocorreu, sugere, como proposta de trabalho, que se possa tratar de evidências de uma instalação militar romana (2005, p. 130). É inegável a importância que os dados recolhidos naquelas escavações têm para a compreensão das primeiras ocupações romanas na actual cidade de Lisboa (e ocidente peninsular), quer pela riqueza de informação que aportaram, quer pelos poucos testemunhos desta época conhecidos em outras partes da cidade. Também na Rua São João da Praça, no âmbito de uma intervenção de emergência, foram detectados contextos conservados que abrangem um arco temporal que se estende desde meados do século III a.C. até à chegada dos primeiros contingentes romanos (Pimenta, Calado e Leitão, 2005).

Voltando à campanha militar encetada por Décimo Júnio Bruto, de acordo com as fontes, este general terá então estabelecido o seu quartel-general no vale do Tejo junto à cidade de *Móron*, cuja exacta localização se desconhece, não descurando, todavia, a retaguarda, tendo, através da fortificação de *Olisipo*, criado condições para garantir um fácil abastecimento por via marítima ao seu exército (Fabião, 1993, p. 217). Ainda relativamente à localização de *Móron*, segundo Fabião (*idem*), há que buscá-la em três locais - Chões de Alompé, Alpiarça (Alto do Castelo) ou Santarém, embora a primeira hipótese seja a mais consistente (Fabião, 2006, p. 28).

O papel que o vale do Tejo terá tido no contexto das acções militares desenvolvidas por Roma no extremo ocidente peninsular não se esgota na campanha de Décimo Júnio Bruto, deixando-se entrever igualmente nas operações militares levadas a cabo por C. Júlio César, já em 61-60 a.C., contra os Lusitanos. O então Pretor da província da Ulterior estabeleceu o seu quartel-general em *Scallabis* e avançou para Norte recorrendo ao apoio de meios navais (Fabião, 1989, p. 46), tendo, por certo, *Olisipo* desempenhado um papel activo no âmbito das actividades transversais que estas movimentações militares sempre estimulam.

Entre 31 e 27 a.C., *Olisipo* recebeu o estatuto de *municipium civium Romanorum* e, com ele, a designação de *Felicitas Iulia Olisipo* (Faria, 1999, p. 37), indício evidente da importância que esta urbe detinha à época. Durante o principado de Augusto assisteu-se a uma enérgica reestruturação urbanística na cidade de *Olisipo*, tendo então sido construídos alguns dos edifícios públicos mais emblemáticos de período romano que hoje se conhecem nesta cidade, como o teatro - que aqui nos ocupa - e, presumivelmente, o fórum e as termas (Alarcão, 1994; Fernandes, 1997; Silva, 1999; Bugalhão, 2001). Esta reestruturação inscreve-se num conjunto de reformas mais amplo

empreendido por Augusto na Hispânia, e no restante império, constituindo-se como um testemunho do impulso urbanizador daquele que é normalmente designado como o primeiro imperador romano (Le Roux, 1995; Fabião, 2006).

2.3. Teatro romano de Lisboa: síntese do seu estudo e enquadramento das intervenções

“ (...) os teatros eram os edifícios públicos mais prestigiados das cidades romanas, reveladores do elevado nível cívico dos seus habitantes e da sua adesão aos padrões de cultura romana.”

(Martins, 2007, p. 7)

O teatro romano de Lisboa localiza-se na encosta Sul da colina do castelo de São Jorge, no local onde actualmente confluem as ruas da Saudade e de São Mamede. Embora de modestas dimensões, quando comparado com outros teatros romanos da mesma época, este importante equipamento de lazer da Lisboa romana evidencia-se pela excelência da sua construção e técnicas construtivas adoptadas, bem como pelo hábil e eficaz aproveitamento da topografia do terreno (Fernandes, 2006, p. 194).

A descoberta deste edifício nos tempos modernos deve-se ao terramoto de 1755. Com efeito, foi durante as obras de reconstrução da cidade, em 1798, que ele foi identificado e desaterrado sob a orientação dos arquitectos Francisco Xavier Fabri e Manuel Caetano de Sousa⁴. Foi então efectuado um registo gráfico em aguarela por Francisco Xavier Fabri, arquitecto da casa real de origem italiana, em planta e alçado, onde estão representados a *orchestra*, o *proscenium* e a inscrição monumental dedicada a Nero, duas estátuas de silenos e diversos elementos arquitectónicos (Fabião, 2006, p. 63 e 64; Fernandes, 2006, p. 182; Fernandes, 2007, p. 28). Em 1815 Luís António de Azevedo publicaria os dados daquele arquitecto na sua obra “Dissertação

⁴ Embora o desenho aguarelado tenha a assinatura de Francisco Fabri, da mesma forma que nas missivas enviadas a D. José I este arquitecto italiano se assume sempre como o descobridor do monumento, a orientação dos trabalhos de desaterro do teatro romano nos finais do século XVIII parece ter sido igualmente da responsabilidade do arquitecto Manoel Caetano de Sousa. Sobre este tema ver: FABIÃO, 2006, p. 63; e FERNANDES, no prelo b, nota 4.

crítico-filosófica-histórica sobre o verdadeiro anno, manifestas causas e atendíveis circunstâncias da erecção do tablado e orchestra do theatro romano descoberto na escavação da rua de S. Mamede, perto do castello desta cidade, com a intelligência da sua inscrição em honra de Nero e noticia instrutiva d’outras memórias alli achadas e até agora apparecidas”, adicionando-lhe um outro desenho⁵.

Embora o architecto Francisco Xavier Fabri tenha proposto ao rei D. José I a preservação das ruínas do teatro, as obras prosseguiram, tendo-se construído vários edifícios sobre o mesmo e aberto as ruas da Saudade e de S. Mamede.

Já em 1960, sob a notícia da futura construção de um edifício no local onde se haviam identificado as ruínas do teatro no longínquo ano de 1798, Cassiano Branco alerta para o assunto e elabora um plano de reconstituição architectónica para o edifício, que não viria, porém, a passar do papel (Fernandes, 2007, p. 29 e 30).

Seria em 1964, mais de um século e meio depois de Francisco Fabri propor ao rei a salvaguarda das ruínas, que, na sequência da aquisição de alguns dos edifícios construídos sobre o teatro romano, se viriam a efectuar as primeiras intervenções arqueológicas no local. A iniciativa coube a D. Fernando de Almeida, então Presidente da Associação dos Arqueólogos Portugueses e professor na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Almeida, 1966, p. 563; Fernandes, 2007, p. 30).

Estas intervenções arqueológicas viriam a ter continuidade entre 1966 e 1967 sob a direcção de Irisalva Moita, na altura conservadora dos Museus Municipais da Câmara Municipal de Lisboa. Paralelamente, aquela investigadora desencadeia uma série de diligências no sentido de promover, no seio da autarquia, uma política de aquisição dos edifícios localizados sobre as antigas ruínas do teatro (Moita, 1970, p. 10; Fernandes, 2007, p. 30). Esses esforços viriam a gerar os seus frutos, tendo sido demolidos alguns edifícios localizados na Rua da Saudade, n.ºs 24 e 14, e na Rua de São Mamede, n.ºs 11 e 13.

A área intervencionada na década de sessenta corresponde essencialmente à zona que havia sido identificada e registada por Francisco Xavier Fabri e Manoel

⁵ Especificamente sobre os desenhos do teatro romano de Lisboa executados nos finais do século XVIII e inícios do século XIX, ver: FERNANDES, no prelo b; e FERNANDES, no prelo a.

Caetano de Sousa nos finais do século XVIII, redescobrimo-se a zona da *orchestra* e o embasamento do muro do *proscenium*, tendo-se ainda posto a descoberto outras estruturas, como o início dos degraus da *imma cavea* a Norte, e o arranque da parede Sul do *aditus maximus* a Este (Moita, 1970, p. 7-37; Fernandes, 2006, p. 182). Naturalmente que uma intervenção desta natureza se revestiu de condições muito particulares, uma vez que correspondeu essencialmente à escavação de níveis de entulho ali depositados após a descoberta do teatro romano em finais do século XVIII.

Embora Irisalva Moita tenha continuado a desenvolver esforços no sentido de garantir a continuação das intervenções arqueológicas no local, os trabalhos viriam a ser interrompidos, por dificuldades diversas, em 1967.

Entre 1985 e 1988 o Instituto Arqueológico Alemão procedeu ao levantamento gráfico exaustivo dos vestígios arqueológicos do teatro romano de Lisboa. O trabalho foi dado à estampa em 1990, juntamente com uma proposta sobre a dimensão total do monumento (Hauschild, 1990, 348-392), hoje posta em causa face aos novos dados entretanto obtidos no decurso das recentes intervenções (Fernandes, 2007, p. 30).

Data de 1987 a criação do entretanto extinto Gabinete Técnico do Teatro Romano de Lisboa, então sob a responsabilidade de Adriano Vasco Rodrigues. As intervenções arqueológicas iniciaram-se em 1989, sob a responsabilidade de António Dias Diogo, prolongando-se até 1993. Durante estes anos as intervenções centraram-se sobretudo na zona das bancadas, a Norte, sob a rua da Saudade, onde se exumou parte da *cavea* e do *aditus maximus*, a Este. Procedeu-se ainda ao desmonte de parte das fachadas dos edifícios da rua da Saudade, parcialmente demolidas na década de sessenta (*idem*, p. 30 e 31). Ainda durante estas campanhas, foi identificado um dos *vomitoria*, localizado no topo da *imma cavea*, então posta a descoberto, bem como um pequeno muro em pedra vã que Dias Diogo considerou particularmente importante na definição da cronologia de alteração da funcionalidade do teatro, possivelmente na segunda metade do século V (Diogo, 1993, p. 222 e 224).

Os resultados destas campanhas viriam a ser parcialmente publicados por Dias Diogo em 1993 (p. 217-224). O mesmo autor publicaria, anos mais tarde, conjuntamente com Eurico de Sepúlveda, o estudo das lucernas provenientes das intervenções arqueológicas realizadas entre 1989 e 1993 no teatro romano (Diogo e

Sepúlveda, 2000, p. 153-161), bem como o estudo das ânforas aí exumadas (Diogo, 2000, p. 163-179).

O ano de 1998 representa, para o teatro romano de Lisboa, o fim de um ciclo e o início de um outro. Neste ano foi desactivado o Gabinete Técnico do Teatro Romano de Lisboa e, simultaneamente, apresentado por Ana Cristina Leite (Chefe de Divisão dos Museus e Palácios do Departamento de Património Cultural da Câmara Municipal de Lisboa) um Programa de Recuperação e Valorização do Teatro Romano, que compreendia um conjunto de objectivos que englobavam: a conservação e restauro das estruturas colocadas a descoberto em anteriores intervenções e respectiva musealização; criação do Museu do Teatro Romano; intervenção arqueológica dos locais a serem afectados pelas obras para instalação do futuro museu; integração urbana e reabilitação da área envolvente (Fernandes, 2007, p. 31).

É neste projecto que se inserem as mais recentes intervenções arqueológicas levadas a cabo no teatro romano de Lisboa em 2001, 2004, 2005 e 2006, sob a direcção científica de Lídia Fernandes.

O Museu do Teatro Romano foi inaugurado em 2001, procurando criar infra-estruturas que unissem ruínas e espaço de exposição, de modo a permitir uma compreensão global do espaço. As novas intervenções arqueológicas, iniciadas no mesmo ano, centraram-se na área a Sul do teatro, no local onde se ergue a antiga casa do guarda do monumento, com o objectivo de a reabilitar e permitir a ligação ao novo museu, situado a Sul do espaço cénico (Fernandes e Filipe, 2007, p. 230).

Embora as diversas intervenções arqueológicas até hoje levadas a cabo no teatro romano de Lisboa não tenham logrado descortinar a data exacta da fundação do edifício, esta parece situar-se, segundo os dados mais recentes, nos primeiros anos do século I d.C., ainda durante o principado de Augusto, ou pouco depois (Fernandes, 2006, p. 192). Certa é a data de remodelação do edifício, em 57 d.C. durante o principado de Nero, patente na inscrição do *frons pulpitum* do *proscenium*, oferecida por *Caius Heius Primus, sevir* augustal, que dedicou ao imperador as obras do *proscenium* e da *orchestra* (*idem*).

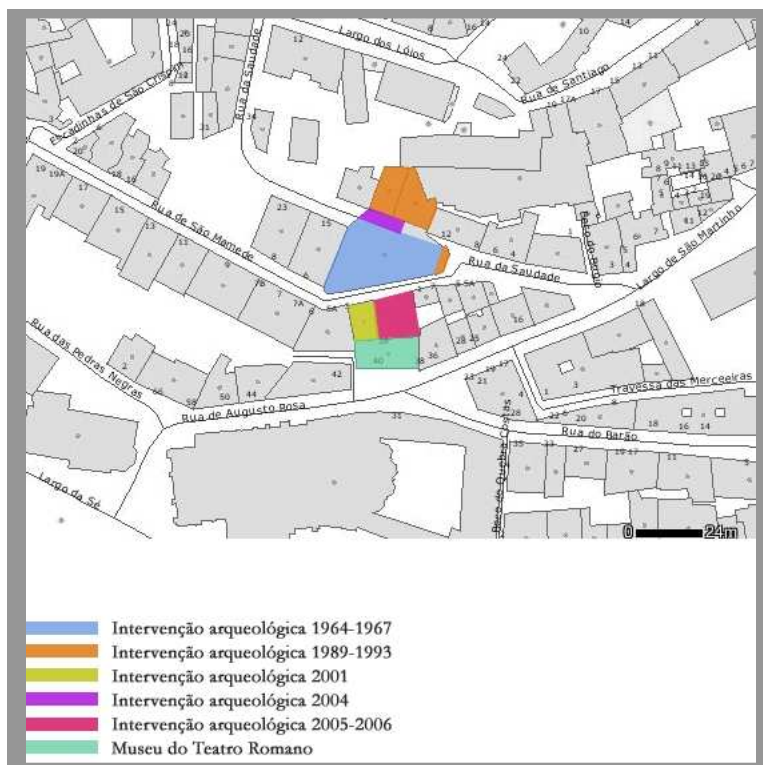


Fig. 2 - Localização das diferentes intervenções arqueológicas no teatro romano.

Numa salutar perspectiva de divulgação e publicação científica dos dados obtidos durante as intervenções arqueológicas de 2001, 2005 e 2006, empreendida pela responsável pelos trabalhos, Lúcia Fernandes, encontram-se em desenvolvimento diversos estudos de que destacamos, para além do que agora se apresenta, o das cerâmicas finas - *terra sigillata*, lucernas e paredes finas (trabalho desenvolvido por Lúcia Fernandes e Eurico Sepúlveda); das cerâmicas da Idade do Ferro (estudo levado a cabo por Lúcia Fernandes, João Pimenta, Victor Filipe e Marco Calado); dos contextos medievais, (Lúcia Fernandes, António Marques e Andreia Torres, parcialmente publicado na Revista *Arqueologia Medieval* - 2008, p. 159-183); bem como o estudo do espaço identificado como pertencente ao Celeiro da Mitra (investigação desenvolvida por Lúcia Fernandes e Rita Fragoso de Almeida).

2.4. Do estudo das ânforas

2.4.1. Breve historial da sua investigação

A história da investigação das ânforas romanas tem-se assumido como um processo lento que, de forma contínua, vem acumulando um conhecimento empírico que tem contribuído para o enriquecimento e complexificação do seu método de estudo (Fabião, no prelo, p. 2). Ainda assim, verificou-se ao longo do tempo, designadamente desde o último terço do século XIX, a existência de diferentes etapas, traduzidas em fases de maior ou menor incremento no seu estudo.

Os trabalhos de Schoene (1871), Mau (1898) e Dressel (1899) são normalmente referidos na bibliografia arqueológica como pioneiros na tipificação das ânforas romanas. Porém, esses trabalhos debruçavam-se essencialmente sobre os exemplares que possuíam inscrições pintadas (*tituli picti*), procurando confrontar essas informações com as fontes escritas, sendo prática comum à época a não recolha de fragmentos “mudos” (Fabião, no prelo, p. 4). De qualquer modo, o desenvolvimento desses estudos em momento precoce, ainda que sobretudo direccionados para a epigrafia, viria a marcar o início da investigação anfórica e a definir algumas das linhas de investigação adoptadas pelos estudiosos que se lhe sucederam no tempo (a tipologia de Dressel ainda hoje é utilizada) e, principalmente, a estabelecer as bases da interpretação do complexo sistema epigráfico das ânforas (*idem*).

Em Portugal, este período ter-se-á igualmente caracterizado por algum interesse por parte da comunidade científica (entre os quais se poderão referir, a título de exemplo, Leite de Vasconcelos, Estácio da Veiga e Santos Rocha) quanto à importância desses materiais, que basicamente se traduziu na recolha, descrição sucinta e depósito em museus (Fabião, 1989, p. 20 e 21).

Apesar de tudo, a primeira metade do século XX seria pautada por um desinteresse generalizado nestes contentores cerâmicos, tendo-se optado por atribuir seriações próprias a cada sítio, classificando as ânforas juntamente com os restantes materiais cerâmicos, em detrimento das tipologias gerais e relegando a tabela de Dressel para segundo plano (Garcia Vargas, 1998, p. 18).

O desenvolvimento da arqueologia subaquática moderna viria, em grande medida, a desencadear o início de uma nova fase na investigação anfórica em meados do século passado (Garcia Vargas, p. 18 e 19), que Carlos Fabião designou de “Idade da Forma”, ao mesmo tempo que se verificava uma intensificação nas investigações arqueológicas e a consolidação da história económica como importante área de estudo (no prelo, p. 5). A tabela tipológica de Dressel (1899) é recuperada e revista (Lamboglia, 1955; Zevi, 1966), visando-se a definição de critérios de classificação a partir de uma correcta caracterização formal das ânforas (Fabião, no prelo, p. 5). Ainda neste âmbito, assistiu-se na década de setenta a uma profusão de novas propostas tipológicas: Beltrán (1970), Joncheray (1970), Kuzmanov (1973), Panella (1973), Manacorda (1977), entre outros (Morais, 1998, p. 27). No nosso território, é nesta altura que se começa a generalizar a recolha e publicação exhaustiva dos materiais cerâmicos (Fabião, 1989, p. 25), surgindo então as primeiras publicações modernas que se debruçavam sobre o tema (Alarcão e Alarcão, 1966; e Alarcão e Delgado, 1969).

Resumidamente, “*estas três décadas de investigação fixaram a actual metodologia de estudo das ânforas*” (Fabião, no prelo, p. 6), e traçaram em grande medida os contornos das questões relacionadas com as áreas produtoras, conteúdos, difusão e cronologia dos principais tipos anfóricos (*idem*).

A designação que Carlos Fabião (*idem*, p. 7) adoptou para a terceira grande fase da investigação anfórica - “Era das grandes investigações” - reflecte bem o considerável aumento de conhecimento que se operou, principalmente, a partir de inícios dos anos oitenta. De facto, assistiu-se, a partir dessa data, a uma multiplicação de grandes projectos de investigação e de intervenções arqueológicas em contextos urbanos, possibilitando o acervo de vastos conjuntos de materiais associados a sequências estratigráficas seguras e bem circunscritas no tempo, e a generalização da publicação dos resultados (*idem*, p. 8; Morais, 1998, p. 27). De entre os trabalhos então dados à estampa poder-se-ão referir, entre outros, os importantes contributos de Remesal Rodríguez (1978), Simon Keay (1984), Jordi Miró (1988), Fanette Laubenheimer (1985 e 1990), Parker (1992), ou ainda a obra de referência de Peacock e Williams (1986) que efectua uma revisão geral e estabelece o ponto de situação no conhecimento das ânforas em meados dos anos oitenta, reordenando as diferentes tipologias em classes.

A generalização do recurso à arqueometria, através da análise química ou petrográfica, que se desencadeou nesta fase, proporcionou uma maior precisão na correcta caracterização dos diferentes fabricos, permitindo associar determinadas pastas a uma área de proveniência concreta (Fabião, no prelo, p. 9; Banha, 2006, p. 23).

Em Portugal, embora talvez de uma forma menos expressiva, também se observou esta nova etapa na investigação sobre as ânforas romanas. Nos inícios dos anos oitenta iniciou-se um projecto de caracterização por análise química dos fabricos do vale do Sado (Cabral, 1981), que viria a ter continuidade, nos anos noventa, nas produções do vale do Tejo (Cabral *et alii*, 1993/94, 1996 e 2002).

Em 1988 realizou-se em Conímbriga o colóquio “Ânforas lusitanas: tipologia, produção e comércio” (Alarcão e Mayet, 1990), e em 1991 o colóquio “Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado” que teve lugar no Seixal (Filipe e Raposo, 1996). Estes encontros e a apresentação científica de múltiplos dados inéditos por parte de vários investigadores representaram um incremento incontornável no desenvolvimento dos estudos anfóricos, salientando-se os dados respeitantes às ânforas lusitanas.

Mais recentemente, os encontros de Setúbal em 2004, “Produção e comércio de preparados piscícolas durante a proto-história e a época romana no ocidente da Península Ibérica”, e de Peniche em 2006, “A costa portuguesa no panorama da rota atlântica durante a época romana”, proporcionaram, de igual modo, um importante desenvolvimento nos estudos anfóricos.

Verificou-se ainda o aparecimento de vários estudos monográficos dedicados ao estudo das ânforas, dos quais se poderão destacar aquele relativo às ânforas da Lomba do Canho (Fabião, 1989), um outro sobre as ânforas das Carvalheiras, Braga (Morais, 1998), os realizados para a área do vale do Sado (Mayet, Schmitt e Silva, 1996; Mayet e Silva, 1998 e 2002), ou ainda o estudo de João Pimenta sobre as ânforas romanas do Castelo de São Jorge (2005). Poder-se-ão ainda referir outras monografias que, embora de carácter mais abrangente, também se debruçaram sobre o estudo das ânforas, como acontece, por exemplo, com os trabalhos de Conímbriga (Alarcão, 1976), de São Cucufate (Alarcão, Étienne e Mayet, 1990) e Braga (Morais, 2005).

Igualmente importantes e significativos são os trabalhos mais recentes sobre ânforas romanas desenvolvidos no âmbito de dissertações de Mestrado, como é o caso do trabalho de Rui Almeida (2006), sobre as produções anfóricas do Guadalquivir em Santarém; de Patrícia Bargão (2006), sobre as importações anfóricas do Mediterrâneo, igualmente em Santarém; de Ida Buraca (2005), sobre as ânforas de *Conímbriga*; ou ainda o trabalho de Carlos Banha (2006) sobre as ânforas da *civitas Igaeditanorum*, Idanha-a-Velha.

2.4.2. A sua importância no estudo da economia antiga

A importância que o estudo das ânforas adquiriu no âmbito das modernas investigações arqueológicas não se pode dissociar “*da emergência do económico como território de eleição da historiografia*” bem como da “*dilatação do conceito de «fonte histórica», que passou a abranger, também, os dados materiais.*” (Fabião, no prelo, p. 1), sendo que estes recipientes cerâmicos se constituem como um dos elementos materiais que melhores indicadores concede ao estudo sobre a economia da Antiguidade Clássica.

Esta última ideia é, de igual modo, reforçada quantitativamente, observando-se nos inúmeros naufrágios de época romana que a mercadoria transportada pelos navios era maioritariamente composta por produtos envasados em ânforas (Parker, 1992). Em sentido oposto, a chamada cerâmica de mesa ou cerâmica fina, constituía uma quase ínfima parte da carga, que Morel apelidou de fenómeno “parasitário” de um comércio “nobre”, representado, este último, pelo vinho transportado em ânforas (Morel, 1981 *apud* Fabião, 1998, p. 367). Este panorama é igualmente verificável nos conjuntos cerâmicos resultantes das intervenções arqueológicas terrestres, onde, invariavelmente, se observa um predomínio do material anfórico sobre as restantes cerâmicas importadas e não poucas vezes uma maior diversidade de fabricos exógenos, isto é, de locais de proveniência.

O carácter algo precário e escasso das diversas fontes escritas quanto ao papel do comércio na economia do mundo romano, expresso na visão apreensiva de alguns historiadores da Antiguidade (Fabião, no prelo, p. 12), concede à arqueologia um papel

singular na definição dos contornos dessa actividade e na percepção da sua real amplitude e relevância. É neste contexto que o estudo das ânforas, inclusivamente a epigrafia anfórica, se afigura particularmente importante, uma vez que a determinação dos locais de origem (centros produtores) de determinados produtos alimentares (conteúdos) consumidos ao longo de vários séculos (cronologia) em diversos locais (centros consumidores) do antigo Império Romano (difusão), emprestam, inegavelmente, importantes contributos na compreensão das dinâmicas comerciais da Antiguidade e do seu inevitável papel na economia.

3. As ânforas do teatro romano de Lisboa

3.1. Pressupostos metodológicos

A realização de um trabalho desta natureza implica a adopção de um conjunto de pressupostos metodológicos que deverão ser utilizados de forma coerente no desenvolvimento do estudo. Neste sentido, para uma compreensão global da abordagem que se efectuou à amostra disponível, importa, antes de mais, esclarecer aqui quais os critérios e metodologias adoptados.

Genericamente, realiza-se uma análise qualitativa e quantitativa do conjunto anfórico: privilegia-se a leitura possível das diacronias e sincronias evidenciadas pelos contextos de época romana, a que se acrescenta, numa perspectiva mais ampla de interpretação histórica, os dados da quantificação, devidamente relativizados.

Na estruturação do trabalho procurou-se abranger um conjunto de questões que se consideraram mais importantes e que a moderna investigação tem vindo a consolidar enquanto tendências de investigação preferenciais.

Os diferentes tipos anfóricos foram organizados por conteúdo em quatro grupos distintos - vinho, azeite, preparados piscícolas e outros produtos - e, dentro de cada grupo, ordenados cronologicamente, do mais antigo para o mais recente. Do mesmo modo, os grupos de fabrico foram igualmente estruturados segundo critérios cronológicos.

Os materiais provenientes das intervenções arqueológicas de 2001, 2005 e 2006 encontram-se depositados num espaço de reservas que pertence ao Museu do Teatro Romano de Lisboa, localizado nas suas imediações. Numa primeira fase, procedeu-se a uma triagem qualitativa, seleccionando-se, de entre o vasto número de fragmentos anfóricos e de outras categorias cerâmicas, todos aqueles que se consideraram tipificáveis: bordos, asas, fundos e, eventualmente, outro tipo de fragmentos cujas características permitissem uma atribuição tipológica ou que possuíssem elementos epigráficos. Posteriormente, efectuou-se a colagem e o “registo” individual dos materiais, através da marcação, inventariação, e descrição morfológica.

A informação referente a este registo foi condensada numa base de dados em Excel, criada para o efeito, onde se tiveram em conta os seguintes aspectos morfológicos, petrológicos, metrológicos e estratigráficos: número de inventário; ano e

local da intervenção (“casa do guarda” ou “pátio”); proveniência estratigráfica - vala e camada; contexto cronológico da camada; tipo de fragmento (bordo, asa, arranque de asa, fundo, ombro); tipologia; grupo de fabrico (pasta) e zona de proveniência (produção); cor do cerne da pasta e da superfície externa; diâmetro externo do bordo; diâmetro do pé; espessura máxima do bordo, asa e/ou parede do fragmento, a que correspondem as abreviaturas B, A e P, respectivamente; extensão máxima conservada; índice altura/espessura máxima, especificamente para as ânforas de tipo Greco-Itálico e primeiras variantes das Dressel 1 Itálicas.

Com o objectivo de distinguir os diferentes grupos de fabrico registados nas ânforas do teatro romano de Lisboa procedeu-se à análise macroscópica das pastas sobre a totalidade da amostra, com recurso a uma lupa de 15 aumentos, tendo sido adoptados os seguintes critérios de descrição: tipo de pasta e de cozedura; natureza, frequência e forma dos elementos não plásticos; cor do cerne da pasta e da superfície externa - de acordo com a designação e código de Munsell Soil Color Charts (1998) - e tratamento das superfícies.

Os fragmentos classificáveis e suficientemente conservados foram desenhados à escala 1/1, tendo sido tintados com recurso ao programa de desenho vectorial CorelDRAW X3. Posteriormente, foram organizados em pranchas à escala 1/3, seguindo um critério de apresentação de acordo com a classificação tipológica e com referência ao número de inventário, fazendo-se acompanhar de uma escala gráfica.

A classificação das ânforas foi efectuada com base em critérios morfológicos, não deixando de ter em conta os aspectos relacionados com as características de fabrico. Optou-se por utilizar os quadros tipológicos recorrentemente utilizados no meio científico que se acharam mais adequados à amostra, sem deixar, contudo, de fazer referência a outras classificações.

Relativamente à análise dos contextos, a informação das ânforas foi cruzada com os dados disponíveis sobre outros materiais cerâmicos, nomeadamente as cerâmicas de engobe vermelho pompeiano⁶, as paredes finas, as lucernas e a *terra sigillata*⁷,

⁶ Conjunto estudado pelo próprio no âmbito do seminário “A sociedade romana do Ocidente peninsular” do Mestrado em Pré-história e Arqueologia, entretanto publicado na Revista Portuguesa de Arqueologia (Fernandes e Filipe, 2007).

procurando-se, desse modo, uma correcta apreciação das diferentes fases cronológicas representadas na estratigrafia do teatro romano. Paralelamente, apresentam-se estes dados sob a forma de uma tabela com a indicação da sequência estratigráfica e faseamento cronológico, proporcionando uma leitura mais linear e imediata das sincronias e diacronias documentadas.

Embora não perdendo de vista a relatividade de que se revestem os resultados obtidos através da quantificação de cerâmicas, optou-se por efectuar uma apreciação quantitativa do conjunto, considerando-se que esses dados permitem um quadro mais alargado da interpretação histórica.

Nesta perspectiva, privilegiou-se a análise por número mínimo de indivíduos (NMI) de acordo com o protocolo de quantificação de cerâmicas de Mont Beuvray (Arcelin e Tuffreau-Libre, 1998), devidamente adaptado às especificidades da amostra disponível. Sob pena de adulterar o significado da amostra, não foram contabilizados os fragmentos de asa e fundo, tendo-se calculado o NMI apenas com base nos fragmentos de bordo. Esta opção deveu-se sobretudo à efectiva dificuldade em diferenciar algumas formas tipológicas, de idêntica morfologia e características petrográficas, somente a partir de fragmentos de asa ou fundo. Tal verifica-se, principalmente, entre as formas Dressel 1 Itálica e Greco-Itálica, bem como em algumas produções da região do Guadalquivir como os tipos Haltern 70, Classe 67, Dressel 12 e Classe 24.

Contudo, foi contabilizado um fragmento de fundo do tipo Richborough 527 e uma asa de tipo Dressel 2-4 de produção itálica. De facto, tendo em conta as suas características morfológicas e petrológicas, a classificação destes exemplares não oferece quaisquer dúvidas. Acresce o facto de não existir neste conjunto qualquer bordo atribuível àquelas tipologias que apresente as típicas pastas de um e outro tipo - existe um fragmento de bordo de Dressel 2-4 mas de produção bética -, considerando-se mais sensato a inclusão destes dois fragmentos no NMI do que a sua não representação.

⁷ Estes materiais encontram-se actualmente em estudo por Lúcia Fernandes e Eurico Sepúlveda, (anunciando-se para breve a publicação dos resultados), a quem não posso deixar de agradecer a cedência dos dados cronológicos, tão importantes para uma correcta apreciação da cronologia dos contextos.

3.2. Realidade arqueológica e significado dos contextos estratigráficos

Como anteriormente se referiu, o conjunto cerâmico objecto deste estudo provém integralmente das intervenções arqueológicas levadas a cabo em 2001, 2005 e 2006 na zona localizada a Sul do teatro⁸.

Na campanha de 2001 os trabalhos incidiram na área da antiga Casa do Guarda do monumento, a Oeste, edifício que se situa no n.º 3 da rua de S. Mamede ao Caldas sendo contíguo e parte integrante do actual Museu do Teatro Romano de Lisboa. As intervenções posteriores, realizadas em 2005 e 2006, centraram-se no espaço anexo correspondente à zona do Pátio do referido edifício, a Este (Fernandes, 2006; Fernandes, 2007; Fernandes e Filipe, 2007).

Metodologicamente, embora se tenha definido como objectivo a escavação integral da área do pátio, optou-se pela escavação de valas de sondagem com uma orientação Norte/Sul (valas de 1, 2, 4, 5 e 6), ainda que duas com orientação Este/Oeste (valas 3 e 7), dispostas paralelamente entre si e abrangendo uma área de cerca de 300m², tendo-se escavado removendo manualmente os estratos pela ordem inversa à sua deposição. A cada vala corresponde uma sequência estratigráfica individual, tendo-se atribuído as respectivas equivalências entre camadas de diferentes valas sempre que estas se verificavam. Condicionantes relacionadas com o avançar dos trabalhos e com as estruturas de época contemporânea postas a descoberto (nomeadamente um grande tanque observável no levantamento de Filipe Folque em 1856-1858) levaram, a partir de determinada cota, a que se invertesse a orientação das valas (Fernandes, 2007, p. 35). Assim, foram traçadas três novas valas (9, 10 e 11), de orientação Este/Oeste, cujo topo se localiza a cotas significativamente mais baixas que a cota de soleira do edifício n.º 3 da Rua de S. Mamede e, portanto, do topo das anteriores valas. A vala 7, que abrangeu

⁸ Este texto segue de perto os dados relativos às intervenções de 2001, 2005 e 2006 entretanto publicados (Fernandes, 2006; Fernandes, 2007; Fernandes e Filipe, 2007; Fernandes, Marques e Torres, 2008), mas também o registo de campo e relatórios das escavações, colocados à disposição pela directora científica do projecto, sempre que solicitados. Os dados respeitantes às paredes finas, *terra sigillata* e lucernas foram amavelmente disponibilizados pela supracitada directora científica, Dr.^a Lúcia Fernandes, e pelo Dr. Eurico Sepúlveda. É igualmente importante referir que o estudo destas cerâmicas não se encontra ainda totalmente concluído.

na íntegra uma estrutura circular com um sistema hidráulico (?) no seu interior, manteve a mesma orientação e designação desde o início da sua abertura até à sua conclusão (Fernandes, Marques e Torres, 2008).

Relativamente à intervenção de 2001, de onde provém o menor conjunto de ânforas romanas (apenas 22 fragmentos entre bordos, asas e fundos), foi escavada uma área de cerca de 120m² que, embora tenha atingido uma profundidade máxima de 12,5m no canto sudoeste, não logrou alcançar níveis anteriores ao século XVI (Fernandes, 2006, p. 184; Fernandes e Filipe, 2007, p. 231).

De entre os diversos vestígios postos a descoberto durante essa primeira campanha, para além de algumas estruturas do século XIX, podem-se destacar aqueles atribuíveis aos séculos XVI, XVII e XVIII, relacionados com o antigo edifício do Celeiro da Mitra, antiga dependência do Cabido da Sé, merecendo referência especial a identificação da enorme estrutura do *postcaenium*, de orientação E-O, que corresponde à estrutura delimitadora do espaço do teatro, a Sul, e que sustentaria a frente cénica (Fernandes, 2006, p. 184 a 187; Fernandes, 2007, p. 34; Fernandes e Filipe, 2007, p. 230 e 231). A face Sul desta estrutura apresenta-se bastante alterada na zona da Casa do Guarda, a Oeste, sendo visíveis diversos rebocos e argamassas bem como nichos escavados e remendos feitos com pedra e tijolo, resultantes de contínuas remodelações do espaço em Época Moderna e Contemporânea. Ao invés, na área do Pátio, a “muralha” romana correspondente ao *postcaenium* apresenta-se bastante bem preservada, sem remodelações ou destruições posteriores na face Sul, exibindo toda a sua traça monumental.

Esta enorme estrutura viria a ser quase inteiramente colocada a descoberto, na zona localizada a Este da área intervencionada em 2001, durante as campanhas de 2005 e 2006, sendo possível observar actualmente um total de 20,70m de comprimento⁹ (Fernandes, 2007, p. 34). O sistema construtivo alia o *opus quadratum* com o *opus incertum*, utilizado nas zonas situadas entre os muros transversais que actuam como contrafortes e que se constituem fundamentalmente por grandes silhares com cerca de 1,30m por 0,46m dispostos em “toga y tizón”, sendo o interior preenchido com *opus*

⁹ Para uma descrição mais detalhada das estruturas e contextos postos a descoberto nas intervenções de 2001, 2005 e 2006 veja-se: Fernandes, 2006 e 2007; Fernandes e Filipe, 2007; Fernandes, Marques e Torres, 2008.

caementicium (Fernandes e Filipe, 2007, p. 233). A forma como a fachada Norte dos edifícios da actual rua de São Mamede respeitam a orientação do *postcaenium*, aproveitando-a inclusivamente como alicerce, é um claro exemplo de como as preexistências moldaram o desenho das cidades modernas.

No início da escavação das valas 9, 10 e 11, a área do Pátio encontrava-se circunscrita pelo muro do *postcaenium* a Norte, pelo limite da casa do Guarda a Oeste, pelo edifício n.º 1 da rua de S. Mamede a Este e por um paredão de cronologia romana, a Sul, que vence o desnível de cerca de 16m existente entre aquela rua e a rua Augusto Rosa (Fernandes, 2006, p. 183 e 184; Fernandes, 2007, p. 35). No decurso da escavação, que atingiu em alguns locais cerca de 3,5m de profundidade, não foram identificadas quaisquer estruturas, com excepção de uma estrutura hidráulica de época tardo-medieval, localizada a Este, entre o *postcaenium* e a parede do edifício contíguo, e de um pequeno muro construído em alvenaria de pedra com ligante em argila, paralelo à muralha romana e distando dela cerca de 3m, possivelmente de época tardo-republicana (Fernandes, 2007, p. 35).

Deste modo, e ao contrário do que é habitual em contextos urbanos, verifica-se que esta zona, com uma potência estratigráfica bastante significativa, com excepção da zona da Casa do Guarda, não foi afectada por sucessivas construções e reconstruções de estruturas, facto que deverá estar intimamente relacionado, em época romana, com a presença do teatro e com a existência, nesta área, de um patamar possivelmente de acesso restrito (*idem*). Contudo, a sintomática presença de materiais romanos datáveis da segunda metade do século II a.C., do século I a.C. e da primeira metade do século seguinte em níveis medievais, modernos e contemporâneos, mesmo nos depósitos de entulhamento das estruturas relativas ao antigo Celeiro da Mitra, mostra de forma clara as intensas perturbações e alterações da estratigrafia que se verificaram no local, do mesmo modo que evidencia a ausência de materiais romanos cronologicamente posteriores aos finais do século I d.C.. De facto, o conjunto das ânforas e outras cerâmicas romanas provenientes destas intervenções não ultrapassa esse limite cronológico. Tendo em conta que foram exumadas em contextos que vão desde o período romano ao século XIX, presume-se que a ausência de materiais e estruturas romanas posteriores ao final do século I d.C. signifique que esta área não sofreu

qualquer alteração ou reocupação/reconstrução nesse período, podendo ter servido como zona de circulação ou mesmo como uma área de jardim (*idem*).

Os depósitos medievais islâmicos que se sobrepõem aos níveis romanos, com presença de cerâmica vidrada e de pintura a branco, testemunham uma intensa intrusão no subsolo e nos níveis precedentes durante essa época, que se traduz na enorme quantidade de cerâmica romana presente em camadas como, por exemplo, a 2a (valas 9, 10 e 11), onde foram exumados 40 bordos de ânfora, bem como inúmeros fragmentos de outros tipos de cerâmica romana e da Idade do Ferro. A ausência de estruturas dessa época neste local dificulta a leitura do registo estratigráfico, não permitindo perceber qual o motivo que terá levado a tais intrusões bem como qual terá sido a funcionalidade do espaço então.

Do mesmo modo, nos depósitos atribuíveis ao terceiro quartel do século I d.C. regista-se sobretudo a presença de materiais tardo-republicanos e do principado de Augusto, bem como da Idade do Ferro, testemunhando uma ocupação ininterrupta nesta zona da cidade pelo menos desde o século VII a.C. até ao terceiro quartel do século I d.C. (Fernandes, 2007, p. 35). A formação destes depósitos corresponde a uma acção de entulhamento intencional aparentemente realizada num único momento, estando certamente relacionada com as obras de remodelação do teatro romano, que se sabe terem ocorrido no ano de 57 d.C., durante o reinado de Nero, através da inscrição do *frons pulpitem* do *proscenium*, oferecida por *Caius Heius Primus*, *seviro* augustal, que dedicou ao imperador as obras do *proscenium* e da *orchestra* (*idem*; Fernandes e Filipe, 2007, p. 230).

A associação de cerâmicas de paredes finas datáveis do principado de Augusto e do período de Tibério a Nero, de lucernas da mesma época, de várias formas de *terra sigillata* itálica e sudgálica com produção genericamente balizada entre 15 a.C. e 60 d.C., a par da existência de ânforas de tipo Dressel 20, Verulamium 1908 e algumas variantes possivelmente mais tardias de Haltern 70, aponta, como atrás se referiu, para uma cronologia coincidente com a data de remodelação do teatro, isto é, 57 d.C., ou, eventualmente, para um momento posterior não muito distante.

Nos níveis mais antigos em que foram recolhidas ânforas romanas - camada 24 da vala 11, camada 16 das valas 9 e 11 e camada 11 da vala 10 - regista-se a presença de Greco-Itálicas, Dressel 1 Itálicas, Lamboglia 2 e Mañá C2b a par de um fragmento de

cerâmica de engobe vermelho pompeiano da forma 6 de Aguard Otal (1991), produzida a partir de Augusto, e de *terra sigillata* itálica com produção atestada a partir de 27 a.C.. Estes depósitos encostam à base do muro do *postcaenium* e correspondem a um entulhamento presumivelmente efectuado num momento imediatamente após a construção da referida estrutura, sendo, portanto, coevos da construção daquele importante equipamento de lazer da cidade de *Olisipo*.

A existência dos supracitados níveis de aterro de época romana parece encontrar explicação na construção de uma plataforma nivelada entre o muro do *postcaenium* e o paredão que delimita o espaço a Sul, igualmente construído naquele período, e que permite vencer um desnível natural bastante acentuado em relação à rua Augusto Rosa, constituindo-se, assim, como um patamar artificial coetâneo da construção do teatro (Fernandes, 2007, p. 35).

Nas camadas 12a, 18, 11a, 18b, 20 e 22 da vala 11, e 13 da vala 10, que se sobrepõem aos depósitos anteriormente descritos, observa-se a associação de uma moeda de Augusto, cerâmica de engobe vermelho pompeiano e *terra sigillata* itálica a ânforas de tipo Greco-Itálico, Dressel 1 Itálica, Mañá C2b, T-9.1.1.1., Oberaden 83, Haltern 70 e Ovóides Lusitanas, remetendo-nos, à semelhança dos níveis anteriormente referidos, para um horizonte cronológico genericamente enquadrável no principado de Augusto.

Com base nas especificidades estratigráficas e nas características dos materiais cerâmicos atrás referidos, e seguindo de perto não só os dados cronológicos fornecidos pelas ânforas, mas também a cronologia de produção de algumas das tipologias de *terra sigillata* itálica exumadas em níveis correspondentes à remodelação do teatro, algumas das quais com produção bastante circunscrita no tempo (entre 15 a.C. e 5 d.C.; entre 1 e 15 d.C.; e outras a partir de 15 e 10 a.C.), poder-se-á propor que a construção do teatro romano terá ocorrido algures durante os primeiros quinze ou vinte anos da nossa Era, proposta que, aliás, está de acordo com aquelas que Lídia Fernandes tem apresentado com base nos estudos que tem vindo a efectuar sobre as soluções e elementos arquitectónicos utilizados neste espaço cénico (Fernandes, 2001, 2006, 2007, no prelo *a* e no prelo *b*).

Assim, relativamente ao período romano, e perante os dados anteriormente expostos, poder-se-ão propor duas fases cronológicas distintas para os contextos preservados:

Fase 1 - Enquadrável nos finais do principado de Augusto/inícios de Tibério e coetânea da construção do teatro romano. Verifica-se a associação de ânforas Greco-Itálicas, Mañá C2b, T-9.1.1.1., Dressel 1, Lamboglia 2, Oberaden 83, Haltern 70 e Ovóides Lusitanas, juntamente com *terra sigillata* itálica com produção atestada a partir de 27 a.C., cerâmica de engobe vermelho pompeiano - forma 6 de Aguardo Otal (1991) - e uma moeda de Augusto.

A presença de numerosos materiais do período de Augusto nos contextos da fase seguinte sublinha a existência de uma intensa ocupação deste espaço durante esta primeira fase, da mesma forma que demonstra terem existido, posteriormente, grandes perturbações nos níveis precedentes.

Fase 2 - Traduz-se num conjunto de depósitos integrantes de um aterro que terá, presumivelmente, ocorrido durante um curto espaço de tempo, relacionando-se directamente com as obras de remodelação do teatro, realizadas no ano de 57 d.C.. Para além de inúmeros materiais de cronologias mais antigas, que se estendem diacronicamente desde a Idade do Ferro até à primeira metade do século I d.C., constata-se a presença de ânforas cronologicamente enquadráveis no segundo e terceiro quartéis do século I d.C., de tipo Dressel 20, Verulamium 1908 e algumas variantes possivelmente mais tardias de Haltern 70, tal como de cerâmicas de paredes finas datáveis do período de Tibério a Nero, de *terra sigillata* sudgálica da mesma época, de *terra sigillata* itálica produzida durante a primeira metade do século I até ao ano 60 do mesmo século, e de lucernas de período idêntico.

Embora se possa estabelecer como baliza cronológica para a formação destes depósitos o período entre o início e o fim do principado de Nero, ela deverá ter ocorrido durante as obras de remodelação do espaço cénico ou, quanto muito, nos anos imediatamente seguintes.

Fase 1		
Tipologias	NMI	NMI %
Greco-Itálica	2	7,69%
T-9.1.1.1.	1	3,84%
Mañá C2	6	23,08%
Dressel 1 Itálica	4	15,38%
Lamboglia 2	1	3,84%
Haltern 70	2	7,69%
Ovóides Lusitanas	7	26,92%
Oberaden 83	3	11,54%
Total	26	100%

Fig. 3 - Quantificação das ânforas dos contextos da Fase 1 (NMI).

Fase 2		
Tipologias	NMI	NMI %
Greco-Itálica	6	7,14%
T-9.1.1.1.	1	1,19%
Greco-Itálica Hispânica	1	1,19%
Mañá C2	10	11,90%
Dressel 1 Itálica	3	3,57%
Dressel 2-4	1	1,19%
Haltern 70	18	21,43%
Dressel 7-11	10	11,90%
Dressel 12	1	1,19%
Ovóides Lusitanas	13	15,48%
Oberaden 83	11	13,10%
Dressel 20	7	8,33%
Verulamium 1908	2	2,38%
Total	84	

Fig. 4 - Quantificação das ânforas dos contextos da Fase 2 (NMI).

3.3. Ânforas vinícolas

3.3.1. Greco-Itálicas

Morfologicamente caracteriza-se por possuir um corpo fusiforme, com uma carena na zona do ombro que marca a transição para o colo, apresentando-se este alto e estreito, com perfil cilíndrico. O bordo é triangular e curto e as asas arrancam logo abaixo descansando no ombro. O bico fundeiro é maciço e não muito alto (Peacock e Williams, 1986, p. 84; Molina Vidal, 1997, p. 40-42; Garcia Vargas, 1998, p. 69).

Trata-se de uma ânfora de inspiração grega, da qual derivam as ânforas itálicas republicanas, bastante comum em contextos relacionados com a expansão marítima da República Romana, tendo sido identificada pela primeira vez por F. Benoit (1957, p. 247-285; Manacorda, 1981, p. 24; Garcia Vargas, 1998, p. 70). A sua produção durante um largo período de tempo, traduzida em distintas variantes morfológicas, tem dificultado a correcta definição e caracterização, tendo sido alvo de estudo por parte de vários investigadores (entre os quais se podem referir: Manacorda, 1981; Hesnard e Lemoine, 1981; Will, 1982; Sanmartí Greco, 1985 e 1992; Gateau, 1990; Vandermersch, 1994; Maza, 1998). E. Will (1982) propôs uma subdivisão do tipo em cinco variantes, de A a E, com base no seu desenvolvimento morfológico. Esta proposta viria a ser largamente contestada devido à sua falta de operacionalidade e inconsistência (Empereur e Hesnard, 1987, p. 25-28).

Um dos aspectos relacionados com a classificação desta forma (= Classe 2, Republicaine 1 e Lamboglia 4) que mais abordagens tem merecido por parte dos investigadores, é aquele que diz respeito à fase de transição entre as produções mais tardias do tipo Greco-Itálico e as primeiras produções da chamada Dressel 1, herdeira directa daquela. Estas duas formas coexistiram durante cerca de uma década, tendo sido produzidas nos mesmos centros produtores e comercializadas nos mesmos circuitos de distribuição, evidenciando mais uma evolução contínua, sem rupturas, do que uma transição entre as duas formas (Pimenta, 2004, p. 47). De facto, a problemática inerente a uma correcta classificação em um ou outro tipo levou ao desenvolvimento de propostas metodológicas que permitissem uma correcta distinção tipológica entre ambos, especialmente difícil quando perante exemplares fragmentados. É neste contexto que surgem as propostas de Hesnard e Lemoine (1981), posteriormente revistas por

Sanmartí Greco (1985 e 1992) e aperfeiçoadas por Gateau (1990). O estudo levado a efeito sobre um conjunto de materiais provenientes de Lyon (Maza, 1998) viria a atestar a operacionalidade do método de Gateau na distinção entre ânforas ditas Greco-Itálicas e as primeiras Dressel 1. A proposta de Gateau (1990) tem por base uma equação matemática assente na relação altura/espessura do lábio. Os exemplares cujo resultado da divisão entre a altura do bordo e a espessura do mesmo seja igual ou inferior a 1,2 são considerados como Greco-Itálicas; os que sejam iguais a 1,3 são formas de transição; e os maiores de 1,4 são Dressel 1. A distinção entre um e outro tipo nos exemplares provenientes do teatro romano de Lisboa foi feita com base neste método.

As ânforas Greco-Itálicas foram produzidas entre o final do século IV a.C. e o terceiro quartel do século II a.C. na Sicília e numa vasta área da Península Itálica, tanto na costa tirrénica como na adriática, e destinavam-se a transportar o vinho que então aí se produzia (Hesnard e Lemoine, 1981; Hesnard *et alii*, 1989; Cipriano e Carré, 1989; Laubenheimer, 1990). Foram igualmente produzidas imitações deste tipo no Sul da Gália, em Marselha, datadas do final do século III a.C. (Laubenheimer, 1990); em Ibiza, denominadas de PE 24 (Ramón Torres, 1991); e na Baía de Cádiz (Perdigones Moreno e Muñoz Vicente, 1988; González Toraya *et alii*, 2000; Pérez Rivera, 2000; Bernal *et alii*, 2003; Bustamente Álvarez e Martín-Arroyo Sánchez, 2004).

A fase de transição entre as Greco-Itálicas e as Dressel 1 parece situar-se entre 140 e 130 a.C. (Pimenta, 2004, p. 46), estando a sua presença largamente documentada principalmente no Mediterrâneo Ocidental, com particular incidência na Península Ibérica (Molina Vidal, 1997, p. 39).

Em Portugal a geografia da sua distribuição tem-se alargado nos últimos anos, mercê de um incremento dos estudos anfóricos e da divulgação de resultados de várias intervenções, embora esteja, muito provavelmente, ainda longe da real amplitude que a sua difusão compreendeu, facto, aliás, já devidamente realçado por C. Fabião (1998, p. 372), ainda que então apenas fossem conhecidos exemplares desta forma no vale do Tejo, em Santarém e Chões de Alpompe (*idem*, p. 371). Actualmente encontram-se documentadas em Chões de Alpompe, Santarém, Vila Franca de Xira, Lisboa, Mata-Filhos (Mértola), Monte Molião (Lagos), Faro, Cerro do Cavaco e Castro Marim (Pimenta, 2004, p. 91; Bargão, 2006, p. 37, fig. 16), verificando-se aquilo que Carlos Fabião (1998, p. 374) havia preconizado: a identificação de novos exemplares na costa

algarvia e em “*locais onde se documenta uma mais estreita relação com o mundo «ibero-turdetano»*”, como, neste caso, Mértola (Mata-Filhos). As peças recolhidas apontam invariavelmente para contextos da segunda metade do século II a.C., sendo uma constante a coexistência das Greco-Itálicas com as Dressel 1, com predomínio das últimas, e evidente o âmbito militar da sua difusão (Fabião, 1998, p. 374 e 375; Arruda e Almeida, 1999, p. 32; Pimenta, 2004, p. 47; Bargão, 2006, p. 38).

Curiosamente, no caso do teatro romano de Lisboa verifica-se a presença de ânforas de tipo Greco-Itálico em quantidades ligeiramente superiores às da Dressel 1. Foram identificados 14 exemplares da variante mais tardia desta forma, o que corresponde a 7% do NMI, tendo sido exumados em contextos da Época de Augusto e do terceiro quartel do século I, bem como em níveis medievais e modernos.

3.3.2. Dressel 1 Itálica

Distingue-se por ser uma ânfora de corpo fusiforme ou tendencialmente cilíndrico, rematada por um bico fundeiro maciço e de tendência cónica. O lábio apresenta diversas variantes, podendo ser, basicamente, de secção triangular e perfil inclinado ou tendencialmente subrectangulares, mais verticais e espessados. O colo é alto e cilíndrico e as asas, de secção ovalada, arrancam abaixo do bordo, descendo paralelas ao colo até se unirem ao ombro, geralmente bem marcado. Podem oscilar entre 1 m e 1,30 m de altura, sendo que o colo pode atingir entre 30 a 50 cm (Molina Vidal, 1997, p. 43; Peacock e Williams, 1986, p. 86 a 92).

Primeiramente individualizada com o número 1 da tabela de Dressel (1899), foi posteriormente subdividida em três variantes - subtipos A, B e C - por Lamboglia (1955) e por Benoit (1957), com base em critérios morfológicos assentes sobretudo na altura e inclinação dos bordos. Segundo esta perspectiva, as três variantes sucediam-se no tempo e apresentavam significados cronológicos distintos (*idem; idem*). Esta divisão tradicional, que viria a ser adoptada e seguida por alguns investigadores (Will, 1979; Peacock e Williams, 1986), foi também bastante contestada, sobretudo devido à imprecisão que revelava na hora de distinguir entre cada uma das variantes, principalmente quando diante de exemplares fragmentados (Manacorda, 1981; Panella, 1981; Tchernia, 1986; Loughon, 2000).

Estas dificuldades acabariam por levar à apresentação de novas propostas metodológicas com base em fórmulas matemáticas, com o objectivo de permitir uma correcta distinção entre as três variantes (Gateau, 1990; Maza, 1998). Mais relevante para esta questão terá sido, por certo, a tomada de consciência por parte do meio científico de que as três variantes não se sucediam no tempo, naquilo que se considerava ser uma evolução formal acompanhada de distintos significados cronológicos para cada uma, tendo antes, na realidade, ficado demonstrado a contemporaneidade das referidas variantes, no âmbito do estudo dos conjuntos associados à fundação de Lyon (Mandy *et alii*, 1987-88). Face ao exposto, a tendência actual é o retorno à designação genérica de “Dressel 1” que se mantém, afinal, como a mais operativa (Hesnard *et alii*, 1989; Fabião, 1998; Benquet e Olmer, 2002), mesmo passados mais de cem anos da sua criação, tendo sido esta a designação que se adoptou neste trabalho.

A dificuldade em sistematizar o real significado da variação morfológica das Dressel 1 (= Classes 3, 4 e 5, Ostia XX, Camulodunum 181 e Callender 1) poderá encontrar explicação na profusão de centros oleiros que terão fabricado contentores desta tipologia, estimando-se que tenham existido mais de uma centena (Hesnard *et alii*, 1989). Questões como a olaria de onde procede, o período em que funcionou a mesma, ou a localização geográfica, poderão ter tido influência na pluralidade de variantes de bordo observáveis (Benquet e Olmer, 2002). Naturalmente, perante este cenário, é questionável a pertinência cronológica tradicionalmente atribuída às diferentes variantes, e, do mesmo modo, compreensível que as principais linhas de investigação tendam cada vez mais a inclinar-se para a relação da variação formal com os centros produtores (Fabião, 1998, p. 376; Almeida, 2006, p. 41).

A Dressel 1 constitui-se como uma evolução das Greco-Itálicas, herdando desta as principais características morfológicas e substituindo-a enquanto principal contentor destinado ao transporte dos vinhos itálicos (Almeida, 2006, 41 e 42).

Cronologicamente, a sua produção estende-se desde os meados do terceiro quartel do século II a.C. até meados da segunda metade do século I a.C. (Desbat, 1998; Pimenta, 2004), tendo sido produzida em múltiplos centros oleiros localizados na costa tirrénica de Itália, concretamente nas regiões da Etrúria, Campânia e Lácio (Hesnard e Lemoine, 1981; Peacock, 1977). São também conhecidas imitações deste tipo na Gália (Laubenheimer, 1990; Dangreaux *et alii*, 1992; Desbat, 1994) e na Península Ibérica, na área da Andaluzia e Catalunha (Fernández Cacho, 1992; Lagóstena Barrios, 1994;

Benquet e Olmer, 2002; Almeida, 2006), interpretando-se estas produções como uma manifestação evidente do processo de romanização dos contentores (Fabião, 1998a, p. 178).

Esta forma conheceu uma ampla difusão nos territórios sob a alçada de Roma, principalmente no Mediterrâneo ocidental, nas costas tirrénicas de Itália, na Gália e na Hispânia (Molina Vidal, 1997, p. 46). Em Portugal as Dressel 1 estão bem atestadas em todo o território, desde o Minho ao Algarve, no interior e no litoral, embora com particular incidência nas zonas costeiras e nas áreas próximas aos grandes rios (a geografia da sua distribuição no território actualmente português foi recentemente actualizada por João Pimenta, 2004, fig. 20; e Patrícia Bargão, 2006, p. 40, fig. 17). Especificamente em Lisboa, encontram-se bem documentadas no castelo de São Jorge onde foram identificados mais de duas centenas de exemplares (Pimenta, 2004, p. 88, gráfico 3).

No teatro romano de Lisboa verificou-se a existência de 11 fragmentos de bordo do tipo Dressel 1 (5% do NMI), essencialmente exumadas em contextos romanos da Fase 1 e 2 (7 fragmentos), estando presentes diferentes variantes de bordo, desde as mais antigas, ou de transição, às mais tardias, típicas do século I d.C..

3.3.3. Lamboglia 2

Esta tipologia (= Classe 8) caracteriza-se morfológicamente por possuir uma pança ovóide com grande capacidade, sendo a ligação ao colo assinalada por uma carena bem marcada, terminando num fundo maciço de perfil troncocónico. O bordo é, nas fases mais recuadas, de tendência triangular e inclinado, evoluindo depois para um perfil recto e de tendência rectangular, sendo que as últimas produções, já numa fase de transição para as Dressel 6, apresentam bordos voltados ao exterior. As asas são de secção circular e arrancam abaixo do bordo descendo, paralelas ao colo ou ligeiramente na diagonal, até ao ombro, enquanto que o colo é cilíndrico e alto. Estas ânforas possuem o diâmetro máximo na parte inferior da pança, variando entre 35 e 40 cm, e uma altura de cerca de 80-95 cm (Beltrán Lloris, 1970, p. 349; Peacock e Williams, 1986, p. 99; Molina Vidal, 1997, p. 47 e 48).

Foi individualizada pela primeira vez por Lamboglia (1955), apresentando afinidades morfológicas com as ânforas de tipo Greco-Itálico. A sua produção ocorreu entre os finais do século II a.C. e o principado de Augusto na costa adriática de Itália, principalmente na região da Apúlia, tendo sido largamente difundida tanto no Mediterrâneo oriental como no ocidental (Fabião, 1987, p. 145; Molina Vidal, 1997, p. 49). Está documentada sobretudo em contextos do século I a.C., surgindo normalmente associada a ânforas do tipo 1 de Dressel (Fabião, 1987, p. 145).

Inicialmente foi considerada uma ânfora oleícola em virtude de ser proveniente de uma zona tradicionalmente produtora de azeite bem como devido às suas especificidades morfológicas - corpo ovóide, distinto do corpo fusiforme das típicas ânforas vinárias italianas. A investigação viria, porém, a desmentir esta presunção que se apoiava basicamente em factores intuitivos. De facto, a existência de vários exemplares com vestígios de resina no interior, o grafito *Viniam* e a presença de resíduos no interior de uma ânfora do naufrágio de La Madrague de Giens viriam a comprovar que se tratava de um contentor anfórico destinado ao transporte de vinho (Fabião, 1987, p. 145 e 146).

Escassamente documentada em território actualmente português, a geografia da sua distribuição foi recentemente actualizada (Bargão, 2006), observando-se a sua presença apenas em Chões de Alpompe, Santarém, Lisboa, Mértola, Cabo Sardão, Mesas do Castelinho, Ilhéu do Rosário, Castro Marim e Faro (*idem*, p. 42, fig. 18). Com excepção do conjunto de Mértola, que apresenta o maior grupo e em melhor estado de conservação, esta forma é normalmente minoritária nos conjuntos anfóricos.

O único exemplar atribuível a esta forma recolhido no teatro romano de Lisboa parece poder integrar-se nas produções mais antigas das Lamboglia 2, que se caracterizavam por ter bordos de tendência triangular e inclinados, a fazer lembrar as Greco-Itálicas embora com paredes mais grossas (Molina Vidal, 1997, p. 48). Foi exumado em contexto da época de Augusto.

3.3.4. Dressel 2-4

Esta forma, igualmente denominada por ânfora greco-romana, Classe 10, Tipo Koan, Ostia 51, Camulodunum 182-183, Callender 2 e Benghazi ER 4 (Peacock e Williams, 1986), possui nas asas bífidas e altas, formadas por dois rolos de secção circular justapostos e paralelos ao colo, que arrancam da parte superior deste e terminam no ombro, o seu elemento morfológico mais característico. O corpo apresenta um perfil cilíndrico ou fusiforme, com um ombro bem marcado por uma carena acentuada, terminando num pé maciço e alto. O colo é alongado e de perfil troncocónico ou cilíndrico, e os bordos são normalmente espessados no exterior, de perfil variável - circular, subcircular, arredondado ou subtriangular. Apresenta, em média, 1 m de altura, não ultrapassando os 30 cm de diâmetro máximo, invariavelmente imediatamente abaixo do ombro, e as paredes do corpo são normalmente mais finas do que as da forma Dressel 1 (Peacock e Williams, 1986, p. 105; Molina Vidal, 1997 p. 62-63; Morais, 1998, p. 40; Almeida, 2006, p. 76; Banha, 2006, p. 35; Buraca, 2005, p. 25 e 26).

Primariamente individualizadas por Dressel com os números de 2 a 4 na sua tabela, foi posteriormente agrupada num único tipo por N. Lamboglia (1955) e por F. Zevi (1966). Este modelo anfórico evoluiu a partir de protótipos helenísticos do século III a.C., particularmente das ânforas gregas da ilha de Cos (Peacock e Williams, 1986, p. 105), tornando-se na forma mais difundida e imitada do mundo romano (Molina Vidal, 1997 p. 62). Interessam aqui essencialmente as produções itálicas e as imitações do interior da província da Bética, uma vez que os exemplares recolhidos nas escavações do teatro romano de Lisboa provêm dos centros produtores localizados nessas regiões.

O início da sua produção na península itálica remonta aos meados da primeira centúria a.C., sendo normalmente considerada como a sucessora do tipo Dressel 1 no transporte dos vinhos itálicos (Fabião, 1989, p. 59). Tchernia coloca em 70-60 a.C. o início da sua produção (Tchernia, 1986). No acampamento de Cáceres o Velho, datado da primeira metade do século I a.C., recolheu-se um exemplar (Beltrán Lloris, 1976, p. 13). Em Cartago recolheram-se exemplares com *tituli picti* indicando o ano de 43 a.C. (Zevi, 1966, p. 217), tendo igualmente sido recolhidas ânforas desta forma em níveis da segunda metade do século I a.C. em sítios como Pompeios e Castro Pretório (Tchernia,

1986). O seu fabrico perdurou até aos finais do século II d.C., ou mesmo século III (Panella, 1989; Morais, 1998).

Embora de origem itálica, produzida nas regiões da Campânia, do Lácio e da Etrúria¹⁰ nos mesmos centros que produziam Dressel 1, este modelo foi, como já se referiu, amplamente imitado no mundo romano, verificando-se a existência de produções de Dressel 2-4 em regiões tão díspares como a Suíça, Inglaterra, Espanha (nas províncias da Tarraconense e da Bética), França e Egipto (Peacock e Williams, 1986, p. 105 e 106; Fabião, 1989, p. 59; Morais, 1998, p. 41).

Quanto à região do Guadalquivir, a produção desta forma foi primeiramente entrevista de forma indirecta, com base na associação das pastas de alguns exemplares exumados em centros de consumo às pastas daquela região, e particularmente na coincidência de marcas de oleiro sob Dressel 2-4 e Dressel 20 (Bernal Casasola *et alii*, 2004, p. 633). Só recentemente se logrou identificar um centro produtor deste tipo de ânforas no vale do Guadalquivir, em Dehesa de Arriba o Guadalbaida, Posadas, onde se produziram também as formas Haltern 70 e Dressel 20 (Garcia Vargas, 2004). Para além de se terem recolhido as típicas asas bífidas e fundos maciços cilíndricos, cujas pastas cerâmicas apresentavam as mesmas características das restantes formas aí recuperadas, identificou-se ainda a presença da marca L. VALE. AMETHYSTI sobre asas das formas Dressel 2-4 e Dressel 20, de época flávia ou júlio-cláudia (*idem*, p. 509; Remesal Rodríguez, 2004, p. 359). Esta forma terá sido produzida entre o final do século I a.C. e o último terço do século I d.C. (Bernal Casasola *et alii*, 2004, p. 643; Almeida, 2006, p. 80)

Trata-se de uma ânfora destinada ao transporte de vinho, tanto nos modelos produzidos na Península Itálica como nas imitações conhecidas, embora pudesse também ter transportado outros produtos como *defructum*, salgas de peixe, azeite ou frutos (Morais, 1998, p. 41).

A Dressel 2-4 itálica encontra-se difundida um pouco por todo o mundo romano, estando atestada no território actualmente português principalmente na faixa costeira, em locais como Lisboa (Fabião, 1998), *villa* de Povos, Vila Franca de Xira (Banha, 1991-1992), Ilha do Pessegueiro (Silva e Soares, 1993), Quinta de Marim, Olhão (Silva

¹⁰ Uma boa síntese dos centros produtores itálicos desta forma em: Banha, 2006, p. 36 e 37.

et alii, 1992), Setúbal (Coelho-Soares e Silva, 1978), Tróia (Diogo e Trindade, 1998), mas também no interior, como na *civitas Igaeditanorum*, Idanha-a-Velha (Banha, 2006), *Bracara Augusta* (Morais, 1998), *Scallabis* (Arruda e Almeida, 1999), *villa Cardillio*, Torres Novas (Diogo e Monteiro, 1999), *Conímbriga* (Alarcão, 1976; Buraca, 2005), Lomba do Canho, Arganil (Fabião, 1989) e Monte da Cegonha, Beja (Pinto e Lopes, 2006).

A variante bética aparece representada sobretudo em contextos do Mediterrâneo ocidental, nomeadamente na costa levantina peninsular, na Lusitânia, na região noroeste da província da Tarraconense e na Britânia (Fabião, 1998, p. 180). No actual território português surge em diversos locais, como por exemplo em *Bracara Augusta* (Morais, 1998; Morais, 2000), *Conímbriga* (Alarcão, 1976; Buraca, 2005), em *Scallabis* (Arruda e Almeida, 2000; Almeida, 2006) em Lisboa (Fabião, 1998; Sabrosa e Bugalhão, 2004), em Alcácer do Sal (Diogo e Faria, 1991), no Castelo da Lousa, Mourão (Gonçalves e Carvalho, 2002), no Santuário do Endovélico, Alandroal (Guerra *et alii*, 2003), na *villa* 1 de São Cucufate, Vidigueira (Alarcão, Étienne e Mayet, 1990), no Monte da Cegonha, Beja (Pinto e Lopes, 2006), no Castelo das Juntas, Castro Verde (Madeira, 1988) e em Torre de Aires, Tavira (Fabião, 1994).

Esta forma encontra-se escassamente representada no conjunto das ânforas do Teatro romano de Lisboa, tendo sido identificado, em contexto do terceiro quartel do século I, apenas um bordo (n.º 708), produzido na região do vale do Guadalquivir, grupo PB 4, e uma asa (n.º 596) de produção campaniense, grupo PI 2, em níveis de cronologia moderna. Foram ainda individualizados quatro fundos (n.ºs 690, 2598, 588 e 225) que poderão, embora com algumas reservas, pertencer a contentores deste tipo. Os fragmentos 690 (PI 1) e 2598 (PI 5) são de produção itálica, e os fragmentos 225 e 588 correspondem a produções do Guadalquivir (PB 4).

A escassa representatividade desta forma no conjunto aqui em estudo regista-se igualmente na maioria dos conjuntos anfóricos onde são reconhecidas, tanto no que diz respeito às que provêm da península itálica (que se dirigiam sobretudo aos acampamentos militares do *limes* germânico e da *Britannia* - Fabião, 1989, p. 59) como às que foram exportadas a partir da Bética. De facto, e no que às segundas concerne, a invariável escassa presença desta forma, quer em centros produtores quer em centros consumidores, indicia tratar-se de uma produção minoritária (Fabião, 1998, p. 180; Almeida, 2006, 81).

3.3.5. Haltern 70

Trata-se de uma ânfora que apresenta um corpo de tendência cilíndrica, de pança larga, colo estreito, alto e igualmente cilíndrico, unindo-se à pança por um ombro normalmente pouco marcado. Ao nível do perfil do bordo observa-se uma considerável variação formal, sendo normalmente ligeiramente exvasados, moldurados, com diâmetros que variam entre os 15 e os 18 cm, em fita e com um ressalto na ligação ao colo. As asas, verticais, paralelas ao colo e de secção oval, arrancam normalmente imediatamente abaixo do ressalto do bordo e apresentam invariavelmente uma característica depressão longitudinal no dorso, terminando frequentemente com uma digitação no remate da asa ao ombro. Os fundos, de perfil troncocónico, são maciços e preenchidos por uma bola de argila, sendo a ligação à pança bastante marcada por uma curvatura abrupta. Apresentam uma altura que ronda, em média, os 70 cm, podendo atingir os 95 cm, e um diâmetro máximo de 40 cm na metade superior da pança (Molina Vidal, 1997, p. 58 e 59; García Vargas, 1998, p. 96 e 97; Puig, 2003, p. 26 e 27; Almeida, 2006, p. 59; Banha, 2006, p. 43).

Embora se aceite esta descrição morfológica como genericamente caracterizadora deste tipo, e tendo em mente que tanto as características asas com depressão longitudinal como os fundos maciços preenchidos com uma bola de argila se mantiveram, existiu uma evolução tipológica que resultou, conforme já se referiu, numa considerável variação formal. Assim, no final do século I a.C./inícios do século I d.C. os bordos eram quase verticais ou ligeiramente exvasados, de secção rectangular, criando uma banda vertical no exterior e côncava no interior, evoluindo depois para bocais mais altos, com a banda exterior menos destacada e perfil afunilado (García Vargas, 1998, p. 96).

Esta forma (= Classe 15, Callender 9 ou Camulodunum 185A) foi pela primeira vez identificada no acampamento romano de Haltern, na Germânia Inferior, tendo-lhe sido atribuído o número 70 no catálogo de materiais publicado (Loeschke, 1909, p. 256-257). Estando ausente na tipologia de Dressel (1899), possivelmente incluída na forma Dressel 10 ou 7-8 *similis* de Castro Pretório (García Vargas, 1998, p. 96; Remesal Rodríguez e Carreras Monfort, 2003, p. 19), não é nomeada nos trabalhos de F. Zevi (1969) e de Lamboglia (1955), e Beltrán Lloris (1970) inclui-as na sua genérica Forma I (García Vargas, 1998, p. 95 e 96; Fabião, 1989, p. 61). É reconhecida na *Britannia* em

Camulodunum, onde é designada como Camulodunum 185A (Hull, 1932, p. 35 *apud* Remesal Rodríguez e Carreras Monfort, 2003, p. 19). Callender (1965) individualizou-a com o n.º 9 da sua classificação, embora não tivesse obtido grande aceitação junto da comunidade científica; do mesmo modo, Tchernia (1971) realizou uma aproximação tipológica à forma (García Vargas, 1998, p. 96).

Contudo, seria apenas em 1977, com a publicação da monografia sobre o naufrágio Port-Vendres II, que a forma Haltern 70 se viria a consolidar enquanto tipo específico (Colls *et alii*, 1977). Na década de 80, Peacock e Williams (1986) incluíram esta forma na sua Classe 15, englobando na mesma classe a chamada “unusually small variant”, de características diferentes e claramente distinta (Fabião, 1989, p. 63).

Na última década do século XX são feitas as primeiras tentativas de sistematização tipológica: Martin-Kilcher (1994), no estudo do material anfórico de Augst, e Juliette Baudoux (1996), na síntese dos resultados do nordeste da Gália, com resultados semelhantes, propõem, respectivamente, uma evolução faseada em 4 e 5 etapas diferentes. Resumidamente, “*propõe-se uma evolução desde lábios marcados em época de Augusto, com uma tendência a adquirirem maior longitude e maior exvasamento em época claudiana, atingindo perfis mais «atrompetados» e sem ressalto na parte exterior do lábio em torno ao final da época júlio-cláudia / início da flávia. Num momento derradeiro culminaria em formas derivadas ou assimiláveis, entre as quais se inscreve a Verulamium 1908*” (Almeida, 2006, p. 61). Mais recentemente foram efectuadas algumas revisões e actualizações do tema (Étienne e Mayet, 2000; Carreras Monfort, 2003; VV.AA., 2003).

Quanto à origem morfológica deste tipo, destaca-se a similitude formal com as Dressel 1, podendo falar-se de modelos directamente inspirados naquelas (Fabião, 2000, p. 667; García Vargas, 1998, p. 98;). García Vargas (*idem*) realça ainda as conclusões de Hesnard (1980) quanto às evidentes relações morfológicas entre as Haltern 70 e a forma Dressel 10.

Cronologicamente, a produção e difusão de contentores de tipo Haltern 70 parece situar-se entre meados do século I a.C. e finais do século I/inícios do século II d.C. (Remesal Rodríguez e Carreras Monfort, 2003, p. 21 e 22). A revisão da datação do naufrágio de La Madrague de Giens (Tchernia, 1990, p. 296) fez recuar o acontecimento de 60-50 a.C. para 75-65 a.C., sendo esta a referência cronológica mais antiga

conhecida para esta forma. Não obstante a sua presença assídua em níveis tardo-republicanos, como por exemplo em Mesas do Castelinho (Fabião e Guerra, 1994, p. 280), na Lomba do Canho (Fabião, 1989, p. 61 a 64) e em Santarém (Almeida, 2006, p. 59 a 66), é a partir do principado de Augusto e durante o século I d.C. que se torna mais frequente e típica nos contextos arqueológicos. O final do século I/início do século II d.C. é consensualmente aceite como o *terminus* da sua produção (Remesal Rodríguez e Carreras Monfort, 2003, p. 21 e 22; García Vargas, 1998, p. 98; Almeida, 2006, p. 64 e 65).

Embora a produção deste contentor na Bética seja fundamentalmente reconhecida para a zona do médio e alto vale do Guadalquivir, sobretudo em virtude da ampla difusão que as produções de Haltern 70 com as típicas pastas desta região tiveram, ela está igualmente atestada na região costeira da actual província de Cádiz e na região das Marismas e de Huelva (Carreras Monfort, 2003, p. 75-81). Paradoxalmente, os centros produtores de Haltern 70 são escassamente conhecidos na primeira zona referida, sendo maioritariamente produto de prospecções e recolhas superficiais (*idem*, p. 80 e 81). A existência de marcas e *tituli*, como CFVFAVITTI e VRITTI, simultaneamente em Haltern 70 e Dressel 20 (Colls *et alii*, 1977), bem como a semelhança entre as pastas daquelas duas formas, não deixa dúvidas quanto a tratar-se da mesma área e, muitas vezes, dos mesmos centros de produção (Carreras Monfort, 2003, p. 80). O fabrico de Haltern 70 está atestado, na região do médio e alto vale do Guadalquivir, em Azanaque no centro de Montánchez (onde igualmente se produziram Dressel 20), em Carmona (Chic García e García Vargas, 2004), e em Las Delicias, Ecija - Sevilha, a par da produção de Dressel 20, embora neste último local o seu fabrico seja muito pouco expressivo (García Vargas, 2000; García Vargas, 2004).

Embora em proporções bem menores que as Dressel 20 e carecendo ainda de confirmação através de escavações, o fabrico de Haltern 70 parece ter ocorrido também em El Remolino, a partir da marca LVGA, e Cortijo del Mohino, Palma del Rio, Córdoba, onde se identificou a marca MAELALEX em asa de Dressel 20, que aparece igualmente em Roma sobre Haltern 70 (*idem*; Chic García, 2001; García Vargas, 2004; Carreras Monfort, 2003); em Las Pilas e Los Morales, Cantillana; em *Ilipa*, Alcolea del Río, conhecida a partir da marca CFV-FAVITI (Colls *et alii*, 1977); em Cortijo del Maestro, nas imediações do município de Arva; nas proximidades de La Catria; em

Mesas de Lora; em La Gabriela; e em Cerro de los Pesebres (Carreras Monfort, 2003). Fora do âmbito geográfico da província da Bética, são conhecidas produções de imitações de Haltern 70 na região de Lyon e Vienne, no vale do Ródano (Desbat e Dangreaux, 1992; Desbat e Dangreaux, 1997), no Norte de África (Boube, 1973-1975; Aranegui Gascó, Kbiri Alaoui e Vives Ferrandiz, 2004), e na Lusitânia (Quaresma, 2005; Arruda, Viegas e Bargão, 2006; Cardoso, Rodrigues e Sepúlveda, 2006).

Na região costeira da actual província de Cádiz a sua produção encontra-se atestada em El Olivar, Javier Burgos, Puente Melchor e Cerro de los Mártires; e em El Rinconcillo, Villa Victoria e Venta del Cármen, na baía de Algeciras (Carreras Monfort, 2003, p. 75 a 78). Relativamente à região das Marismas, a produção do tipo Haltern 70 está atestada no Hospital de las cinco llagas, em *Hispalis* (García Vargas, 2000; Chic García e García Vargas, 2004); em Torre de los Herberos, Município de *Oripo*, Sevilha (Carreras Monfort, 2000); possivelmente em Coria del Rio, município de *Caura* (*idem*); e em Las Playas, município de Lebrija (Ponsich, 1991). Já na região de Huelva, está documentada nas margens do rio Tinto, em Pinguele, constituindo-se como o centro produtor de Haltern 70 mais ocidental da província da Bética (Pérez Macias, 2002; Carreras Monfort, 2003).

A problemática inerente aos produtos transportados por ânforas de tipo Haltern 70 tem suscitado diversas discussões¹¹, assumindo por vezes “contornos de polémica anglo-saxónica” (Fabião, 2000, p. 668; García Vargas, 2004, p. 507). De facto, embora tradicionalmente tida como uma ânfora vinária destinada a transportar os afamados vinhos da província da Bética na antiguidade, não existem evidências arqueológicas directas que comprovem esse conteúdo (Morais, 2004, p. 546). Por outro lado, a existência de vários *tituli picti* em contentores desta tipologia tem comprovado o transporte de subprodutos como o *defructum* (líquido doce obtido pela cozedura do mosto), *mulsum* (vinho cozido misturado com mel) e *sapa* (vinho cozido de uso comum na cozinha), para além de *oliva ex defructo* (azeitonas negras em conserva) e *oliva dulcis* (azeitonas preservadas num produto doce derivado do vinho) (*idem*, p. 545 e

¹¹ Acerca desta temática, veja-se, entre outros: Colls *et alii*, 1977; Sealey, 1985; Tchernia, 1986; Fabião, 1998 e 2000; Étienne e Mayet, 2000; Van der Werff, 2002; Garcia Vargas, 2004; Morais, 2004 e 2005; Carreras Monfort, 2004.

546). Todavia, tudo indica tratar-se de uma ânfora preferencialmente destinada a transportar vinho, não obstante ter sido igualmente utilizada para transportar subprodutos vínicos e conservas (Fabião, 1998, p. 180; Fabião, 2000, p. 668; Tchernia, 1986, p. 142).

Relativamente à sua difusão, o tipo Haltern 70 foi amplamente exportado para as províncias do extremo ocidente peninsular, estando igualmente presente em quase todas as regiões da metade ocidental do império romano (Fabião, 2000, p. 668). É particularmente significativa na faixa atlântica, com destaque para o noroeste da Península Ibérica, e no eixo Ródano-Rêno (Morais, 2004, p. 549; Morais e Carreras Monfort, 2003, fig. 52). Encontra-se igualmente presente nas regiões orientais do Império, como por exemplo em Beirute (Líbano), e em Israel (Morais, 2004, p. 549). No território actualmente português regista-se a sua presença um pouco por todo o lado, de Norte a Sul, no interior e no litoral, quer em sítios terrestres quer em meios aquáticos¹².

Naturalmente, os exemplares até agora conhecidos em Lisboa¹³ não reflectem o verdadeiro panorama das importações de Haltern 70 para esta cidade do extremo ocidente peninsular, sendo antes um reflexo do estado actual da investigação olisiponense. Recorde-se que em *Scallabis* foram recolhidos 218 exemplares de Haltern 70 (Almeida, 2006), número que difere em muito daquele conhecido para Lisboa, facto que enfatiza o que atrás se referiu.

No teatro romano de Lisboa recolheram-se 32 fragmentos de bordo atribuíveis ao tipo Haltern 70, o que corresponde a 15% do NMI, sendo a tipologia mais representada a seguir às Ovóides lusitanas. Embora se tenham recolhido alguns exemplares claramente descontextualizados em níveis medievais e modernos, a maioria provém de contextos romanos da Fase 2 (18 fragmentos) e Fase 1 (2 exemplares).

¹² A este respeito, veja-se a síntese e actualização de dados efectuada por Morais e Carreras Monfort (2004), onde se apresenta um levantamento do Número Mínimo de Indivíduos por cada sítio arqueológico.

¹³ Segundo Morais e Carreras Monfort (2004) o Número Mínimo de Indivíduos é de 26, a que teríamos que acrescentar, para além dos 32 exemplares do teatro romano, pelo menos 2 bordos de ânfora da intervenção da Rua dos Bacalhoiros (Fernandes *et alii*, 2006) e um outro do Palácio do Marquês de Angeja.

3.3.6. Dressel 28

Trata-se de uma ânfora de pequena dimensão (c. de 65-75 cm de altura), de corpo ovóide e fundo plano, assentando num pé baixo que pode adquirir forma anelar. O bordo pode ser vertical ou mais exvasado, apresentando, invariavelmente, duas molduras na parte externa. O colo é curto e cilíndrico e as asas, arrancando abaixo do bordo, são pouco espessas e de secção elíptica, possuindo normalmente duas depressões longitudinais no dorso (Peacock e Williams, 1986; Molina Vidal, 1997; Morais, 1998).

Tendo sido individualizada pela primeira vez por Dressel (1899) com o número 28 da sua tabela (= Classe 31), foi posteriormente caracterizada no estudo do naufrágio de Port-Vendres II (Colls *et alii*, 1977) estabelecendo-se a distinção tipológica entre esta e a Oberaden 74 de produção Tarraconense, e revista por Martin-Kilcher (1994, *apud* Garcia Vargas, 2000a, p. 243). Ainda assim, mantém-se como uma das ânforas vinárias romanas menos estudadas e conhecidas (Fabião, 1998a, p. 179).

Embora típica sobretudo da segunda metade do século I d.C., o seu fabrico iniciou-se em finais do século I a.C. e estendeu-se até à primeira metade do século II d.C. (Peacock e Williams, 1986, p. 150), sendo a mais antiga ânfora de fundo plano destinada ao transporte de vinho (Fabião, 1998a, p. 187). Foi produzida na Andaluzia, na Tarraconense, na Gália Narbonense e, possivelmente, no vale do Tejo (*idem*). No que diz respeito à província da Bética, de onde é proveniente o exemplar do teatro romano de Lisboa, o seu fabrico está bem atestado no Hospital de las Cinco Llagas, Sevilha (Garcia Vargas, 2000a), e em Venta del Carmen, Los Barrios, Cádiz (Bernal Casasola, 1998; Bernal Casasola e Lorenzo Martínez, 2000).

A Dressel 28 foi distribuída essencialmente na metade ocidental do Império Romano, ocorrendo em Itália, França, Espanha, Portugal e Inglaterra, correspondendo contudo, a uma produção claramente minoritária (Peacock e Williams, 1986, p. 149; Fabião, 1998a, p. 187). Em território actualmente português são conhecidas ânforas deste tipo em diversos locais, como Braga (Morais, 1998, 2000 e 2005), Conímbriga (Buraca, 2005; Alarcão, 1976), Tomar (Banha e Arsénio, 1998; Ponte, 1999; Prudêncio, Dias e Ponte, 2005), Vila Franca de Xira, provenientes de recolhas no rio Tejo (Quaresma, 2005), na Ilha da Berlenga (Bugalhão e Lourenço, 2006), Quinta do

Rouxinol e no Porto dos Cacos (Raposo, 1990; Raposo, Sabrosa e Duarte, 1995), Tróia (Diogo e Paixão, 2001) e Sines (Diogo e Reiner, 1987).

Os dois exemplares provenientes de Santarém classificados como Dressel 28 por Ana Margarida Arruda e Rui Almeida (2000, p. 711) foram posteriormente reclassificados por um dos autores como Dressel 7-11 (Almeida, 2006).

No conjunto das ânforas do teatro romano de Lisboa (NMI) identificou-se um fragmento de bocal (0,47%) que, pelas características morfológicas que exhibe, é passível de ser classificado como Dressel 28. Embora o perfil do bordo se aproxime também dos tipos Dressel 7 a 11, o seu reduzido diâmetro parece indicar tratar-se mais da típica ânfora de base plana. O referido exemplar (n.º 835) apresenta as típicas pastas da baía gaditana (grupo de fabrico PB 2) e foi exumado em contexto medieval.

3.3.7. Gauloise 5

Caracteriza-se por possuir um corpo piriforme assente num fundo plano. As asas, que arrancam do colo e pousam no ombro, são curtas e arqueadas, com uma depressão longitudinal no dorso. O colo é normalmente cilíndrico e o ombro apresenta-se largo e pouco marcado, com paredes finas. O lábio é vertical ou ligeiramente exvertido, espessado externamente e plano no topo, de secção rectangular ou trapezoidal, formando uma pequena moldura na face externa (Laubenheimer, 1985; Peacock e Williams, 1986).

Este tipo foi individualizado pela primeira vez por Fanette Laubenheimer (1985) no seu estudo sobre as produções da Gália Narbonense e incluído na classe 30 de Peacock e Williams (1986). Uma vez que o fragmento identificado no teatro romano apresenta as características pastas do Guadalquivir, esta abordagem direcciona-se mais para o mundo das ânforas de fundo plano produzidas na região meridional hispânica com claras similitudes morfológicas às ânforas gálicas, questão que, como sublinhou Rui Morais (2007, p. 401), tem sido pouco valorizada na bibliografia arqueológica. O fenómeno da produção de ânforas vinárias de fundo plano relaciona-se directamente com um presumível apogeu da expansão da vitivinicultura nas províncias do Império e consequente desaparecimento do grande comércio do vinho à distância, que resultaria

na substituição de contentores próprios para o transporte marítimo por ânforas que se adaptassem melhor ao transporte terrestre e fluvial, numa óptica de produção/difusão regional e local (Fabião, 1998, p. 188).

Num estudo recente, Rui Morais (2007) identificou ânforas de tipo *Urceus* (Gauloise 5 a 7) de proveniência bética em locais como *Bracara Augusta* (Braga), Aljube (Porto), Monte Castelo (Matosinhos) e Castelo da Lousa (Mourão), tendo ficado bem demonstrado que a produção destes contentores não se destinava exclusivamente a uma distribuição local ou regional, estando antes bem difundidos na parte ocidental do Império, ainda que normalmente em percentagens modestas (*idem*, p. 401). Os resultados do trabalho daquele investigador emprestaram igualmente importante contributo na definição da cronologia de início da produção destas ânforas de proveniência Sul peninsular, anteriormente balizado entre os meados do século I d.C. e as primeiras décadas do século II (Peacock e Williams, 1986, p. 148), particularmente os dados do Castelo da Lousa (Mourão) e do Aljube (Porto), que indicam datações a partir do principado de Augusto (Morais, 2007, p. 402).

Na região meridional hispânica documentou-se a sua produção em Loma de Ceres, Los Barreros e Los Matagallares (Bernal Casasola, 1998a e 1998b).

A Gauloise 5 foi ainda produzida na Gália Narbonense, onde são conhecidos pelo menos quatro centros produtores (Laubenheimer, 1985), e na região de Bordéus (Berthault, 1992).

Em Portugal são conhecidos exemplares desta tipologia, por exemplo, em Braga (Morais, 2005 e 2007), em Monte Castelo, Matosinhos (*idem*, 2007), no Aljube, Porto, (*idem*), na Quinta da Ivanta, Valongo (*idem*), em Conímbriga (Alarcão, 1976 *apud* Morais, 2007, p. 403), na *villa* de Povos, Vila Franca de Xira (Banha, 1991-1992), em Alcácer do Sal (Pimenta *et alii*, 2006) e no Castelo da Lousa, Mourão (Morais, 2007).

Recolheu-se, em contexto Moderno, apenas um fragmento de bordo (n.º 2446) atribuível a esta forma, proveniente do vale do Guadalquivir (PB 4), o que corresponde a 0,47% do NMI.

3.3.8. Verulamium 1908

Esta forma, muitas vezes erradamente classificada como Haltern 70 tardia, caracteriza-se morfologicamente por possuir um corpo cilíndrico, fundo maciço, asas largas de secção oval, com uma depressão longitudinal no dorso, que arrancam do colo e terminam no ombro, normalmente descaído e pouco marcado. Apresenta bocais bastante estilizados, com bordos contínuos e atrompetados sem ressalto na ligação ao colo, que se apresenta normalmente largo e alto. Apresenta, em relação à Haltern 70, um corpo mais reduzido e mais estilizado, nomeadamente na metade inferior da pança, e lábios mais altos e ligeiramente mais exvasados (Sealey, 2003, p. 92; Carreras Monfort e Marimom, 2004, p. 32).

A sua denominação, Verulamium 1908, provém da publicação dos trabalhos de *Verulamium* em que recebe o número 1908 (Wilson, 1984, p. 202). Inicialmente considerada como uma evolução tardia das Haltern 70, foi individualizada como tipologia própria a partir do momento em que os dados arqueológicos demonstraram que já era fabricada e comercializada em época júlio-cláudia, constituindo-se como uma forma individualizada e contemporânea da Haltern 70, e não como uma evolução tardia (Carreras Monfort e Marimom, 2004, p. 32).

De facto, as semelhanças formais entre este tipo e a Haltern 70 são bastante evidentes, com as típicas asas de secção oval com depressão longitudinal no dorso, fundos maciços, corpo cilíndrico e bordo exvasado. A Verulamium 1908 apresenta-se porém mais estilizada ao nível do corpo e, principalmente, ao nível do bordo e do colo. A atribuição da tipologia Haltern 70 a esta forma não se relaciona unicamente com as semelhanças formais, mas também com a afinidade ao nível das pastas, uma vez que apresenta o mesmo tipo de produção, indicando uma proveniência do médio e alto Guadalquivir, não sendo conhecida, até ao momento, outra pasta cerâmica associada a esta forma (*idem*, p. 32 e 33). Com excepção de Cortijillo de Peñaflor, onde se identificou um possível centro produtor desta forma, aguardando-se ainda a publicação exaustiva dos dados para uma correcta caracterização do sítio de modo a confirmar ou infirmar esta hipótese, não se logrou identificar até hoje qualquer centro produtor de Verulamium 1908 (Dominguez *et alii*, 2000; Carreras Monfort e Marimom, 2004, p. 33).

Embora seja uma forma tardia, surgindo sobretudo em níveis do século II d.C., por exemplo em *Verulamium*, Frenchurch St. e Billingsgate Building, na actual Inglaterra (Sealey, 2003, p. 94; Carreras Monfort e Marimom, 2004, p. 33), em Augst (Martin-Kilcher, 1994, p. 389), em Mainz (Ehmig, 2003), em Marselha (Bonifay *et alii*, 1998, p. 94 e 95), e em Vechten (Monsieur e Braeckman, 1995, p.296 e 297), já era produzida e comercializada em época júlio-cláudia, tendo sido identificada em níveis dessa época em Usk, que os autores colocam em c. 55-67 d.C. (Greene, 1993, p.74). Também de datações recuadas são os exemplares identificados em Léon, c. 30 d.C. (Carreras Monfort e Marimom, 2004, p. 33), na Gália, em Londres e em Roma (embora neste caso classificada como Haltern 70) em níveis de época Flávia (Baudoux, 1996, p. 45; Sealey, 2003, p. 94; Rizzo, 2003, Tav. XXXVI, n.º 18).

Em Portugal são conhecidos exemplares desta forma em Santarém, exumados em níveis atribuíveis ao último quartel do século I d.C. (Almeida, 2006, p. 71). É possível, com base nas características morfológicas e na descrição das pastas, que dois exemplares da Cidade de Âncora (n.º 1 da Estampa XXVII e n.º 3 da Estampa XXIX), classificados respectivamente como Dressel 14b e Beltrán VI, um outro de Monte Murado (n.º 2, Estampa LXXXIII), classificado como Dressel 14b, bem como um proveniente da Cidade de Terroso (n.º 5, Estampa XLIV), classificado como Dressel 2-4 (Paiva, 1993), correspondam na realidade à forma *Verulamium* 1908. Todos eles são provenientes de níveis que se estendem desde fases anteriores à viragem da Era até meados do século I d.C. (*idem*).

No que diz respeito aos produtos transportados por estas ânforas, o *tituli picti* descoberto numa ânfora deste tipo em Augst, datada da segunda metade do século II, fornece a informação *oliva*, o que coincide com um dos produtos reconhecidamente transportados pelas Haltern 70 (Martin-Kilcher, 1994, p. 455; Carreras Monfort e Marimom, 2004, p. 35).

Reconheceram-se 9 fragmentos de bordo atribuíveis a esta tipologia, representando 4% no NMI. Provêm sobretudo de contextos modernos e medievais, tendo-se recolhido dois exemplares em níveis da Fase 2.

3.4. Ânforas oleícolas

3.4.1. Tripolitana Antiga

Trata-se de um tipo de ânfora pouco conhecido e ainda mal caracterizado no que diz respeito à real amplitude da sua produção e difusão no espaço e no tempo, bem como da verdadeira expressão quantitativa que assume no seio dos conjuntos anfóricos dos diversos centros de consumo. É igualmente designada por Beltrán 85c, e possivelmente corresponderá também ao número 318 da tipologia de Cintas (Pascual Berlanga e Ribera i Lacomba, 2002, p. 305).

Morfologicamente caracteriza-se por possuir um corpo ovóide com tendência cilíndrica, com bordos ligeiramente exvasados e destacados do colo, de secção triangular ou amendoada e diâmetros que oscilam entre os 12 e os 15 cm. As asas são curtas, de perfil semicircular e de secção elíptica ou circular, arrancando abaixo do lábio e pousando no ombro, que se apresenta pouco marcado e descaído. O colo é curto e de secção troncocónica, e o fundo é em forma de botão. Apresenta uma altura que varia entre 60 e 75 cm, e o diâmetro máximo ronda os 35 cm (Benquet e Olmer, 2002, p. 320; Pascual Berlanga e Ribera i Lacomba, 2002, p. 305).

Foi pela primeira vez individualizada por Beltrán Lloris em 1970, que lhe atribuiu o número 85c da sua tipologia e preconizou uma proveniência itálica, e definida por Empereur e Hesnard (1987) na ordenação das ânforas do período helenístico. Embora se encontre referenciada em algumas obras do início dos anos noventa do século XX (Sciallano e Sibella, 1991; Py *et alii*, 1993), apenas em 2002 se efectuou um estudo de fundo sobre as ânforas designadas de Tripolitana Antiga, com base em numerosos exemplares provenientes dos níveis republicanos de *Valentia* (Pascual Berlanga e Ribera i Lacomba, 2002). No mesmo ano foi ainda publicado um importante conjunto de ânforas desta forma provenientes de La Loba (Fuenteobjuna, Córdoba), onde os autores fazem um ponto da situação do seu estudo (Benquet e Olmer, 2002, p. 319 a 322).

Formalmente, embora seja proveniente de uma área púnica, relaciona-se com os modelos itálicos e helenísticos republicanos, apresentando grande afinidade formal com as ânforas Greco-Itálicas, Dressel 1, Lamboglia 2 e Brindisinas, podendo representar uma evolução das Mañá C1b (*idem*, p. 305 e 311).

O fabrico desta forma compreendeu-se num arco temporal que se estende desde a primeira metade do século II a.C. até ao principado de Augusto, quando é substituída pela Tripolitana 1, estando sobretudo documentada em contextos do século I a.C. (*idem*, p. 311 a 315; Joncheray, 1975; Asensio, Devenat e Sanmartí, 1998, p.67). Foi produzida nas costas africanas do Mediterrâneo central na área da Tripolitana, actual Líbia, e possivelmente também na antiga província romana da *Bizacena*, actual Tunísia, destinando-se ao transporte do azeite produzido nessas regiões (Benquet e Olmer, 2002, p. 320; Pascual Berlanga e Ribera i Lacomba, 2002, p. 305).

Parece ter sido amplamente distribuída desde Cartago a Marrocos no litoral do Norte de África, e entre Cartagena e o Sul de França (Pascual Berlanga e Ribera i Lacomba, 2002, p. 315). Em Portugal apenas recentemente foram identificados alguns exemplares em Lisboa (Pimenta, 2004) e em Santarém (Bargão, 2006), levantando-se a questão quanto à possível atribuição desta tipologia a alguns exemplares anteriormente classificados como Mañá C1 (Pimenta, 2004; Arruda e Almeida, 2005, *apud* Bargão, 2006), nomeadamente um conjunto proveniente de recolha de superfície na estação de Chões de Alpompe (Fabião, 1989; Diogo, 1993; Diogo e Trindade, 1993-94).

Especificamente em Lisboa, foram identificadas na alcáçova do castelo de São Jorge, na Fundação Ricardo Espírito Santo e Silva e no Claustro da Sé de Lisboa (Pimenta, 2004, p. 73). Há ainda que ter em conta a possibilidade de dois fragmentos provenientes do teatro romano, exumados nas escavações de 1989-1993 e classificados por Dias Diogo (2000, p. 166 e fig. 4, n.ºs 6 e 7) como Mañá C1a, corresponderem na realidade ao tipo Tripolitana Antiga, como bem advertiu João Pimenta (2004, p. 73).

No conjunto agora em estudo, foram identificados dois fragmentos cujas características morfológicas e petrográficas indicam uma produção na área da Tripolitana: um fragmento de bordo (n.º 2456) e um fragmento de fundo (n.º 688), respectivamente em contexto Medieval e romano da Fase 2.

3.4.2. Oberaden 83

Importa, antes de mais, fazer aqui uma breve exposição acerca da classificação tipológica do conjunto de materiais que aqui se atribuem ao tipo Oberaden 83 e, no ponto seguinte, ao tipo Dressel 20¹⁴, e explicitar em que bases assenta essa mesma classificação.

Os exemplares que aqui se consideram como Oberaden 83 (= Classe 24, Haltern 71, Tipo B de Berni Millet, e Ovóide 7 de Almeida) possuem as características morfológicas, descritas adiante neste ponto, normalmente atribuídas aos chamados protótipos augustanos e tiberianos, e que Berni Millet (1998) classificou como tipo B, e Almeida (2006) como Ovóide 7. Porém, a indiscutível relação formal e cronológica entre esta forma e a forma Dressel 25, que a antecedeu, e a Dressel 20, que a sucede (representando uma evolução desde a Dressel 25 à Dressel 20), constituí-se como um elemento que contribui particularmente para a dificuldade em distinguir entre uns e outros tipos, principalmente quando nos confrontamos com pequenos fragmentos de bordo, o que acontece com o presente conjunto. De facto, e tal como sublinhou Almeida (2006, p. 82), quando nos deparamos com exemplares fragmentados torna-se extremamente difícil, senão mesmo impossível, distinguir entre os três tipos. Recorde-se, a título de exemplo da dificuldade em classificar os modelos arcaicos comumente designados como ânforas ovóides, o exemplar de perfil completo n.º 1000 da Lomba do Canho (Fabião, 1989, p. 62, fig. 4), então atribuído à forma Haltern 70, “unusually small variant” de Peacock e Williams (1986), e variante A de Fabião (*Idem*), e mais tarde reclassificada pelo mesmo autor como Dressel 25 (Fabião, 2000, p. 669). Naturalmente, esta confusão reporta-se a uma época em que o estado sobre esta questão era ainda muito precoce, envolvendo a discussão, que ainda hoje se encontra longe de estar esclarecida, acerca dos primeiros modelos anfóricos de tipologia ovóide fabricados na bética, e que detinham alguns traços morfológicos comuns a todos - asas com uma depressão longitudinal no dorso e com uma digitação no remate ao ombro, fundos cónicos invariavelmente preenchidos com uma bola de argila, bordo em banda e a

¹⁴ Acerca deste tema, veja-se a pertinente abordagem realizada por Rui Almeida, que, embora individualizando enquanto tipologias próprias as formas Classe 24, Oberaden 83 e Dressel 20, não deixa de as agrupar num mesmo grupo - Grupo IX (2006, p. 85).

generalização do opérculo em argila -, indiciando uma origem análoga no espaço e no tempo, e o mesmo “saber fazer” (*idem*, p. 669 e 670).

Se tivermos em conta a variedade e similitude formal que caracteriza os três tipos, Dressel 25, Oberaden 83 e Dressel 20 “arcaicas”, rapidamente nos apercebemos que, quando perante pequenos fragmentos de bordo, a sua classificação se reveste inevitavelmente de contornos falíveis.

A atribuição do tipo Oberaden 83 aos exemplares do teatro romano de Lisboa (pelo menos alguns deles) não está, face ao que se referiu, isenta de possíveis equívocos. A similitude formal, principalmente ao nível dos bordos, entre esta forma e as Dressel 25 traduz-se na possibilidade de existirem alguns fragmentos de bordo que, na realidade, pertençam ao tipo mais antigo. Da mesma forma, os n.ºs 780 e 781, que neste trabalho se atribuem ao tipo Haltern 70, apresentam características formais ao nível do bordo que os aproximam substancialmente do Subgrupo 1 e 2 do Grupo IX de Santarém (Almeida, 2006), ou seja, das Dressel 25 (Classe 24), podendo, eventualmente, tratar-se de exemplares dessa tipologia. Refira-se que o referido tipo foi produzido na bacia do Guadalquivir a partir do segundo quartel do século I a.C., estando documentado em locais como Santarém (Almeida, 2006), Mesas do castelinho, Lomba do Canho (Fabião, 1989, 1998a e 2000) e *Conímbriga* (Buraca, 2005). Por outro lado, os exemplares que aqui se inserem na forma Dressel 20, concretamente no Tipo C de Berni Millet (1998), podem, na realidade, ser ainda produções passíveis de ser integradas no tipo Oberaden 83.

O tipo Oberaden 83 caracteriza-se por um corpo tendencialmente ovóide, colo curto e bordo espessado externamente de secção arredondada ou amendoada, podendo apresentar-se ligeiramente exvasado. As asas são de secção circular ou subcircular, e o fundo é cónico e algo curto. Durante os primeiros anos da nossa Era verificam-se algumas mudanças formais, que se constituem como uma evolução progressiva, sobretudo ao nível do corpo, com tendência a ficar cada vez mais redondo; das asas, mais circulares e subidas; e do fundo, cada vez mais curto e apontado, enquanto que os bocais se mantêm (Berni Millet, 1998, p. 26 a 30; Almeida, 2006, p. 85). Segundo Berni Millet (1998, p. 30), os exemplares do naufrágio Sud Lavezzi 2 apresentam uma altura e diâmetro máximos de 74 cm e 47 cm, respectivamente, tendo uma capacidade de c. 62

Litros, curiosamente um valor muito próximo do exemplar de Tipo C do Castro Pretório - c. 62 Litros (*idem*).

Individualizada primariamente por Loeschke (1909 e 1942) em Haltern com o número de catálogo 71 e em Oberaden com o número 83, esta tipologia anfórica foi produzida na Bética entre os últimos vinte anos do século I a.C., durante o principado de Augusto e, presumivelmente, o final do principado de Tibério (Berni Millet, 1998, p. 30; Almeida, 2006, p. 85). A Oberaden 83, à semelhança da Dressel 25 e da Dressel 20, destinava-se a envasar e transportar azeite.

A sua presença está bem atestada nos acampamentos militares romanos do *limes* germânico, onde surgem conjuntamente com outros contentores produzidos na Bética pela mesma altura, como as Haltern 70, as Dressel 7-11 e a Beltrán IIA, bem como em diversos locais da Gália ao longo do eixo fluvial delimitado pelos rios Ródano e Reno, na Península Itálica, na *Britannia*, na Hispânia, e em diversos naufrágios datados desta época¹⁵ (Berni Millet, 1998, p. 26 e 27; Almeida, 2006, p. 85 e 86).

Em território hoje português, são conhecidas ânforas deste tipo em Braga (Morais, 2000 e 2005), Coimbra (Carvalho, 1998), *Conímbriga* (Buraca, 2005), Tomar (Ponte, 1999), Santarém (Arruda, Viegas e Bargão, 2005; Almeida, 2006), possivelmente na Quinta do Almaraz, em Almada (Barros e Henriques, 2007, p. 104, n.º 13), Castelo da Lousa (Gonçalves e Carvalho, 2002), Castelo dos Mouros (Almeida, 2006), Soeiros (Calado, Deus e Mataloto, 2000; Mataloto, 2002), Alcácer do Sal (Silva et alii, 1980-1981), Ilha do Pessegueiro e Sines (Silva e Soares, 1993), e na Quinta do Marim (Silva, Soares e Coelho-Soares, 1992).

No teatro romano de Lisboa contabilizam-se 31 (15% do NMI) fragmentos de bordo atribuíveis a esta tipologia, sendo que 17 foram exumados em níveis Medievais e Modernos. Dos restantes, 3 provêm de contextos da Fase 1 e 11 de contextos da Fase 2.

¹⁵ Uma boa síntese da distribuição e difusão destes contentores em: Almeida, 2006, p. 85 e 86.

3.4.3. Dressel 20

As ânforas do teatro romano de Lisboa atribuíveis a esta tipologia correspondem àquelas que Berni Millet individualizou na etapa Júlio-Cláudia, Tipo C, ou seja, às produções mais antigas do tipo Dressel 20 que o referido autor baliza cronologicamente nos reinados de Cláudio e Nero – 41-68 d.C. (Berni Millet, 1998, p. 33 e 34). Refira-se que este tipo está representado, juntamente com a forma Oberaden 83, nos conjuntos anfóricos dos naufrágios de Lavezzi 1 (Liou, 1990 e 2000) e Sud-Lavezzi 2 (Liou e Domergue, 1990), datados de 25-30 d.C., pelo que não só se deduz a produção contemporânea de ambas as formas, como igualmente se comprova a produção das Dressel 20 num momento indefinido do principado de Tibério. De igual modo, foi registado o seu fabrico em finais do principado de Tibério ou inícios de Cláudio, a par das referidas Oberaden 83, no centro produtor de Las Delícias, Ecija (Garcia Vargas, 2000, p. 90).

De facto, as Dressel 20 do teatro romano de Lisboa apresentam lábios de secção circular, espessados na parte externa e com uma concavidade mais ou menos acentuada na parte interna, não se tendo registado qualquer fragmento de bordo de secção triangular, típicos das fases posteriores. Trata-se de uma ânfora de corpo globular e de paredes grossas, com fundos arredondados, pequenos e maciços, de secção cónica. As asas são robustas e de secção circular ou subcircular, e o colo é geralmente curto e estreito (Peacock e Williams, 1986, p. 136; Molina Vidal, 1997, p. 72; Berni Millet, 1998, p. 34; Garcia Vargas, 1998, p. 114 e 115; Morais, 1998, p. 54 e 55; Almeida, 2006, p. 87).

Individualizada pela primeira vez com o número 20 na tabela de Dressel, foi posteriormente alvo de estudo por parte de vários investigadores¹⁶, tendo-se alcançado um excelente nível de conhecimento acerca da sua evolução tipológica e cronológica. Para isso em muito contribuiu a quantidade e variedade da informação epigráfica que muitas vezes acompanha estes contentores (sendo a ânfora romana que maior informação epigráfica proporciona), bem como a sua ampla distribuição nas províncias ocidentais do império, os inúmeros centros produtores conhecidos e o enorme depósito

¹⁶ Entre os quais se podem referir: Tchernia, 1967 e 1977; Remesal Rodríguez, 1977-1978; Rodríguez Almeida, 1978-1979 e 1984; Martin-Kilcher, 1983 e 1987; e Berni Millet, 1998.

constituído pelo Monte Testaccio, em que representa mais de 80% do material depositado (Berni Millet, 1998, p. 18).

Constituindo-se, como atrás se referiu, como uma evolução da Oberaden 83, foi amplamente produzida principalmente no vale do Guadalquivir até meados do século III (*idem*, p. 26), sendo, indiscutivelmente, uma ânfora destinada a transportar azeite, embora ocasionalmente pudesse também transportar azeitonas em conserva (Beltrán, 1970; Peacock e Williams, 1986). Foi igualmente produzida na região costeira da província de Cádiz (Garcia Vargas, 1998; Lavado Florido, 2004; Bernal Casasola *et alii*, 2004), na região de Málaga (AA.VV., 1997) e na Catalunha (Berni Millet, 2000), embora sem nunca alcançar a escala de produção e distribuição do Guadalquivir, onde são conhecidos cerca de uma centena de centros produtores.

Em espaço hoje português surge de igual modo amplamente difundida um pouco por todo o território, especialmente no Sul, observando-se uma distribuição que parece respeitar dois eixos distintos: um interior e outro ligado à rota atlântica (Fabião, 1993-1994, p. 238 a 240).

Foram identificados 14 (7% do NMI) fragmentos de bordo atribuíveis a esta tipologia, sendo que 7 provêm de contextos do terceiro quartel do século I e os restantes de contextos posteriores ao período romano.

3.5. Ânforas piscícolas

3.5.1. As T-9.1.1.1.

Trata-se de uma ânfora de forma cilíndrica, terminando com fundo em ônfalo. O bordo constitui-se como um prolongamento do corpo, vertical, sendo apenas diferenciado por uma canelura e por um espessamento interno. Não apresenta colo, na medida em que as asas, de forma e secção circular, arrancam directamente do bordo ou da canelura que separa aquele da parede. São recipientes de pequena dimensão e de reduzida capacidade, não ultrapassando os 70 cm de altura máxima e os 28 cm de diâmetro máximo (Ramón Torres, 1995, p. 226 e 227; Garcia Vargas, 1998, p. 63 e 64).

Foi inicialmente individualizada por Sanmartí Greco (1985, p. 133-141) no âmbito do estudo sobre os materiais arqueológicos provenientes das escavações dos acampamentos numantinos (e por isso designadas por CC.NN.), levadas a cabo por

Schulten, tendo sido posteriormente classificada por Muñoz Vicente (1987) com a denominação E2 de Cádiz, e por Ramón Torres no tipo T-9.1.1.1. (1995).

Tendo surgido na fase final das T-8.2.1.1. e das T-8.2.2.1., este modelo parece substituir e herdar a forma daquelas, embora pudessem ambas ter sido utilizadas simultaneamente durante um breve período (Ramón Torres, 1995, p. 226), verificando-se a sua produção contemporânea, por exemplo, em Torre Alta (S. Fernando) durante a primeira metade do século II a.C. (Garcia Vargas, 1998, p. 64) e em Pery Junquera (Carretero Poblete, 2004, p. 437). Trata-se, portanto, de uma ânfora inspirada em modelos púnicos ocidentais.

A cronologia destas ânforas está bem atestada pelas fontes histórico-arqueológicas nos acampamentos republicanos de circunvalação a Numância – 133/134 a.C. – (Sanmartí, 1985), nos níveis de fundação de Valência – 138 a.C. – (Ribera I Lacomba, 1998), e no naufrágio da Ilha Pedrosa (Guerrero Ayuso e Roldán Bernal, 1992). Embora fosse sobretudo típica da segunda metade do século II a.C., a produção deste modelo anfórico ter-se-á iniciado em finais do século III e finalizado possivelmente não muito dentro do século I a.C. (Ramón Torres, 1995, p. 227). Foi produzida na cidade de Cádiz nos fornos de La Torre Alta, Cádiz (Perdigones Moreno e Muñoz Vicente, 1988), Pery Junquera, San Fernando, Cádiz (González Toraya, *et alii*, 2000; Carretero Poblete, 2004), e em Ibiza (Ramón Torres, 1995).

Trata-se de um recipiente destinado ao transporte de preparados de peixe (Ramón Torres, 1995) e de *salsamenta* (Garcia Vargas, 1998), como bem atestam as estampilhas sobre estas formas encontradas nos fornos de San Fernando, La Torre Alta, e na fábrica pré-romana de salga de peixe da Praça de Asdrúbal em Cádiz, que revelam representações de atuns e uma figura humana a envasar atum numa ânfora do Subgrupo 9.1.1.0. (Garcia Vargas, 1998; Perdigones Moreno e Muñoz Vicente, 1988; Ramón Torres, 1995).

No território actualmente português e no estado actual do conhecimento são conhecidos exemplares desta tipologia em Chões de Alpompe (Diogo, 1993), Santarém (Arruda, 2000 e 2002; Arruda, Viegas e Bargão, 2005), no Castelo de São Jorge - Lisboa (Pimenta, 2004 e 2006), em Castro Marim (Arruda *et alii*, 2006) e em Mesas do Castelinho (Pimenta, 2006).

No teatro romano foram exumados 3 fragmentos de bordo de ânfora T-9.1.1.1., o que corresponde a 1,42% do NMI. Foram identificados em contextos medievais e romanos, quer na Fase 1 quer na Fase 2.

3.5.2. Mañá C2

Estas ânforas, também designadas por Classe 32, Dressel 18, T-7.3.1.1 a T-7.4.3.3., e Cintas 312-313 (Peacock e Williams, 1986; Ramón Torres, 1995), caracterizam-se por possuir um corpo cilíndrico, com um diâmetro máximo de cerca de 30 cm e altura que ronda em média os 95-105 cm. O colo é estreito e bicôncavo, abrindo-se na sua parte superior num bocal tipicamente amplo e exvertido, com moldura mais ou menos complexa que adquire inúmeras variantes. As asas situam-se na transição do colo para o corpo e apresentam um perfil anelar e secção circular ou subcircular. Os fundos são ocos, embora possam igualmente ser maciços, de perfil cilíndrico, e muito pronunciados. A característica morfológica que melhor diferencia a variante A da B é a ruptura de linhas entre o colo e o corpo, que se verifica na primeira e está ausente na segunda (Garcia Vargas, 1998, p. 65 e 66; Arruda e Almeida, 1998, p. 207).

Esta forma foi amplamente estudada por diversos investigadores desde que foi individualizada pela primeira vez com o número 18 na tabela de Dressel. Nos anos cinquenta do século XX Cintas agrupou-a na sua forma 312-313 (Cintas, 1950), e J. Mañá, no seu trabalho de seriação das ânforas púnicas, designou-a de C2, designação que viria a prevalecer na bibliografia arqueológica (Mañá, 1951). Já nos anos setenta Van der Werff fez nova abordagem a estas formas, denominando-as de “neo-púnicas” e dividindo-as em três variantes distintas – 1, 2 e 3 (Van der Werff, 1978). Com base em características morfológicas e aspectos relacionados com os fabricos, Ramón Torres (1981) viria a dividir a Mañá C2 em duas variantes – A e B –, a que Guerrero Ayuso (1986) viria a acrescentar a variante C. À primeira corresponderiam as produções “Cartago-Tunis” do Mediterrâneo central, cuja produção se terá iniciado em princípios do século II a.C. e perdurado até não muito depois da destruição de Cartago em 146 a.C. (Guerrero Ayuso, 1986, p. 167); enquanto que a variante B corresponde às produções ocidentais do “Círculo do Estreito de Gibraltar”, produzidas entre o arco temporal que

vai desde meados do século II a.C. até ao ultimo quarto do século I a.C. (Arruda e Almeida, 1998, p. 212).

Em meados dos anos oitenta Muñoz Vicente (1985) aborda novamente a classificação destas ânforas, enquadrando as Mañá C2a no seu grupo D4 e as C2b no grupo F1. Por outro lado, Peacock e Williams (1986) agruparam todas as variantes da Mañá C sob a designação de Classe 32, com as variantes A, B e C. Mais recentemente, Ramón Torres (1995), no seu estudo sobre as ânforas fenício-púnicas do Mediterrâneo central e ocidental, efectua uma revisão do estado da questão e estabelece uma evolução morfológica e cronológica para estes modelos, enquadrando as Mañá C2a nos seus subtipos T-7.3.1.1. a T-7.4.3.1., e as Mañá C2b nos subtipos T-7.4.3.2. e T-7.4.3.3..

A Mañá C2a, fabricada na área produtora de “Cartago-Tunis”, parece constituir-se como uma imitação/evolução dos modelos da região da Tripolitana produzidos a partir do último quartel do século III a.C., nomeadamente a Mañá C1a (Ramón Torres, 1995, p. 206). Da mesma forma, a Mañá C2b é uma imitação ocidental da Mañá C2a produzida no centro Norte-africano (*idem*, p. 212; Garcia Vargas, 1998, p. 66).

A produção da variante *a*, ao que as evidências deixam perceber, parece ter-se verificado essencialmente na região que Ramón Torres (1995) definiu como “Cartago-Tunis” (*idem*, p. 258), que compreendia a cidade de Cartago, a área a Norte de Tunes e a zona da *Bizacena*, estando atestada em Kerkouane e Cartago (*idem*). Quanto à variante *b*, foi amplamente produzida na zona da baía de Cádiz (Perdigones Moreno e Muñoz Vicente, 1988; Blanco Jimenez, 1989; Lagóstena Barrios, 1996; Lagóstena Barrios e Bernal Casasola, 2004), e na costa de Málaga (Beltrán Lloris, 1970; Arteaga Matute, 1985; Ferrer Albelda e Garcia Vargas, 2001), bem como na actual costa marroquina (Ponsich, 1968; Boube, 1973-75; Arharbi, Kermorvant e Lenoir, 2001; Aranegui Gascó, Kbir Alaoui e Vives-Ferrándiz, 2004).

Relativamente aos produtos transportados por estes contentores, um conteúdo piscícola parece ser consensual, embora pudesse transportar outros produtos (Arruda e Almeida, 1998, p. 208 e 209). Neste sentido concorre aquilo que se verificou no naufrágio A de Dramont, datado do segundo/terceiro quartel do século I a.C., onde se recolheu um ramo de oliveira e restos de azeitonas no interior de uma ânfora Mañá C2c ainda selada com opérculo (*idem*).

Na análise da distribuição destas ânforas verifica-se a sua ampla difusão na Península Ibérica, da Galiza à Catalunha, e por todo o Mediterrâneo centro-ocidental, desde a Grécia, Itália, França e todo o Norte de África (Ramón Torres, 1995; Arruda e Almeida, 1998). Em Portugal, são conhecidos exemplares de Mañá C2b, a Sul do rio Mondego, em mais de duas dezenas de sítios arqueológicos preferencialmente situados nas zonas costeiras e nas áreas interiores junto aos grandes rios, evidenciando-se em termos quantitativos a região do vale do Tejo, principalmente *Olisipo* e *Scallabis*, onde se recolheram algumas centenas destas ânforas (Arruda e Almeida, 1998, p. 212 a 214; Pimenta, 2004, p. 65 e fig. 22).

Em *Olisipo*, está amplamente representada no castelo de São Jorge (Pimenta, 2004), mas também no Claustro da Sé (Pimenta, 2006), no teatro romano (Diogo, 2000), na Casa dos Bicos, na Rua São João da Praça, na Fundação Ricardo Espírito Santo e Silva, nos Armazéns Sommer (Pimenta, 2006) e na Rua dos Bacalhoeiros (Fernandes *et alii*, 2006). O panorama da distribuição do tipo Mañá C2a é, porém, bem mais frugal quer em relação ao número de sítios em que foram identificadas quer no que diz respeito à quantidade fragmentos conhecidos nesses mesmos sítios. De facto, no território hoje português esta forma apenas se conhece em *Scallabis*, Chibanes, Faro, Cerro do Cavaco e Castro Marim, e em percentagens quase residuais, sendo apenas conhecido um fragmento por sítio, com excepção de Santarém onde foram recolhidos três fragmentos provenientes da região produtora de “Cartago-Tunis” (Arruda e Almeida, 1998, p. 215; Bargão, 2006, p. 47).

No teatro romano de Lisboa foi recolhido, em contexto Medieval, um fragmento de bordo (n.º 2595) cujas características petrográficas nos permitem atribuí-lo às produções da área de “Cartago-Tunis” (grupo de fabrico PA 2), ou seja, ao tipo Mañá C2a. É o único fragmento desta tipologia com esta proveniência conhecido em Lisboa, onde estão registados mais de duas centenas de exemplares da variante *b* (Pimenta, 2006, p. 228). Da variante *b* foram recolhidos 30 fragmentos de bordo produzidos nas oficinas do “Círculo do Estreito de Gibraltar” (grupos de fabrico PB 2 e PB 3), em contextos romanos da Fase 1 e da Fase 2, bem como em níveis medievais e modernos. As Mañá C2 equivalem a 15% do NMI, sendo uma das tipologias melhor representadas.

3.5.3. Greco-Itálicas Hispânicas

Constituindo-se como uma imitação das suas congêneres fabricadas na Península Itálica, apresenta, naturalmente, as mesmas características morfológicas daquelas (anteriormente descritas) observando-se, de igual modo, uma certa variação formal, principalmente ao nível dos bordos¹⁷.

A suspeita de uma produção de ânforas de tipo Greco-Itálico na Península Ibérica surgiu pela primeira vez com a descoberta, em Ensérune, actual França, de uma marca que ostentava caracteres ibéricos (Jannoray, 1954, *apud* Pérez Rivera, 2000). E. Will (1982) viu nesta marca o fundamento que a levaria a propor uma proveniência peninsular para a sua variante E, tendo sido contestada por J. Y. Empereur e A. Hesnard (1987, p. 28) que sugeriram, por sua vez, o Languedoc como área de proveniência da referida peça. Ainda em relação à questão da atribuição de locais de proveniência de contentores anfóricos com base em factores linguísticos, não deixa de ser paradigmático o caso de Toulouse, onde foram descobertos alguns exemplares desta forma, de evidente produção itálica, que exibiam *tituli picti* com caracteres ibéricos e marcas em Latim (Laubenheimer, 1990, p. 37), deixando antever o importante papel dos intermediários ibéricos na distribuição do vinho transportado por estas ânforas naquela região (Pérez Rivera, 2000, p. 229).

Mais recentemente, o fabrico destas ânforas na Península Ibérica viria a ser comprovado em pelo menos duas regiões: Ibiza (Ramón Torres, 1991) e Baía de Cádiz (Perdigones Moreno e Muñoz Vicente, 1988; Bustamente Alvarez e Martín-Arroyo Sánchez, 2004). No que diz respeito à primeira, verificou-se a produção desta forma durante a primeira metade do século II a.C., não tendo alcançado, ao que se sabe, grande difusão, limitando-se às áreas circundantes das Baleares e da costa catalã, tendo sido classificada como PE 24 por Ramón Torres (1991, p. 118; Pimenta, 2004, p. 75). No que se refere à Baía de Cádiz, foram descobertos fornos em Torre Alta, San Fernando (Perdigones Moreno e Muñoz Vicente, 1988; Saez Romero, 2004; Saez Romero e Díaz Rodriguez, 2007), na Avenida Pery Junquera, San Fernando (Bustamente Alvarez e

¹⁷ Sobre a variação formal dos bordos destas produções hispânicas veja-se as observações efectuadas por Bustamente Alvarez e Martín-Arroyo Sánchez (2004) acerca dos exemplares fabricados nos fornos da Avenida Pery Junquera, San Fernando – Cádiz.

Martín-Arroyo Sánchez, 2004), e, ainda em contexto gaditano, nos centros oleiros de Cerro de la Bateria, Centro Atlántida, Campo del Gayro e El Canal (Saez Romero e Díaz Rodríguez, 2007).

Em Torre Alta, documentou-se a sua produção em percentagens muito reduzidas (0,7 %), a par do fabrico de ânforas Mañá Pascual A4, Muñoz E-2 e cerâmicas de verniz negro que se traduzem como imitações de cerâmica campaniense, em contextos datáveis da primeira metade do século II a.C. (Pérez Rivera, 2000, p. 229; Garcia Vargas, 1998, p. 69 a 71). Mais recentemente, Saez Romero e Díaz Rodríguez (2007) dataram o início do seu fabrico neste centro oleiro em meados do século III a.C., tendo perdurado até ao último terço da segunda centúria antes da viragem da Era (*idem*, p. 198 e 199).

Na avenida Pery Junquera, a produção de imitações de ânforas Greco-Itálicas foi atestada pela existência de vários fragmentos desta tipologia com falhas de cozedura (Bustamente Alvarez e Martín-Arroyo Sánchez, 2004, p. 441). Os autores propõem uma evolução da forma consubstanciada em seis fases de produção, que se desenvolvem desde os finais do século III a.C./inícios do século II d.C. até cerca de 120 a.C., baseando-se em critérios formais e estratigráficos, verificando-se um progressivo aumento dos diâmetros, que entroncaria em formas muito próximas às Dressel 1 (*idem*, p. 442 e 445).

Relativamente aos produtos transportados pelas Greco-Itálicas hispânicas, só recentemente se comprovou de uma forma irrefutável um conteúdo piscícola para as produções da Baía de Cádiz (Bernal *et alii*, 2003), já anteriormente sugerido (Pérez Rivera, 2000), enquanto que para as imitações ebusitanas se mantém a possibilidade de um conteúdo vinícola (Ramón Torres, 1991), à semelhança dos modelos originais itálicos - embora neste caso devidamente comprovado.

Se a existência de um indício indirecto, uma marca proveniente de Torre Alta representando uma mulher e um atum, levou Pérez Rivera (2000, p. 229) a atribuir um conteúdo piscícola a estes envases, os dados provenientes de *Baelo Cláudia* viriam a fornecer os primeiros dados concretos que confirmavam esse mesmo conteúdo (Bernal *et alii*, 2003), dando razão àquele investigador. Neste local foram escavados contextos bem preservados, datados do último decénio do século II a.C., onde se exumaram duas ânforas inteiras de tipo Greco-Itálico, cujas pastas indicam um fabrico na área da baía gaditana, que conservavam ainda no seu interior restos de um tipo de salga de peixe (*Idem*, p. 305-313).

Não é claro em que contexto sociocultural se terá processado o fenómeno destas primeiras imitações hispânicas de modelos Greco-Itálicos que ocorre em regiões com uma já longa tradição de fabrico de ânforas de influência púnica, sendo geralmente considerado como o começo do processo de romanização dos contentores anfóricos produzidos na Hispânia no período tardo-republicano, não sendo de excluir, porém, a hipótese de se tratar de uma produção relacionada com as necessidades de abastecimento aos exércitos romanos em campanha (Fabião, 1998a, p. 178; Pimenta, 2004, p. 75).

A distribuição destas ânforas encontra-se parcamente documentada nos centros de consumo, a que não será, por certo, alheio o facto da sua produção se registar em percentagens muito reduzidas nos centros produtores conhecidos (Perdigones Moreno e Muñoz Vicente, 1988; Bustamente Alvarez e Martín-Arroyo Sánchez, 2004). No território actualmente português apenas são conhecidos exemplares de ânforas Greco-Itálicas de fabrico hispânico no castelo de São Jorge, Lisboa (Pimenta, 2004 e 2005).

No conjunto aqui em apreço, identificou-se um único fragmento de bordo (n.º 2529) morfologicamente atribuível ao tipo Greco-Itálico e de clara produção hispânica (grupo de pastas PB 2), recolhido num contexto romano da Fase 2.

3.5.4. Classe 67

Ânfora de corpo ovóide, com altura aproximada de 75 cm e diâmetro máximo em torno dos 33 cm, apresenta um bocal ligeiramente exvasado e um lábio de perfil arredondado, ovalado ou em fita, cuja ligação ao colo é marcada por uma moldura ou ressalto muito saliente que se constitui como o principal elemento caracterizador desta forma. O colo é curto, de perfil cilíndrico ou bitroncocónico, e a sua ligação à pança é suave e pouco acentuada. As asas, curtas e de perfil semicircular, arrancam da parte superior do colo e unem-se à pança, apresentando secção ovalada com cristas salientes ou um sulco longitudinal no dorso. O fundo era rematado por um bico fundeiro curto, de perfil troncocónico, podendo ser ou não maciço (Fabião, 1989, p. 68; Fabião, 2000, p. 672; Molina Vidal, 1997, p. 56; Molina Vidal, 2000, p. 638; Almeida, 2006, p. 48).

Embora tivesse sido identificada pela primeira vez em Albintimilium (Lamboglia, 1955), e em diversos locais depois disso, foi invariavelmente mal classificada, tendo sido agrupada nas Dressel 7-11, Beltrán III ou como não enquadrável em nenhum tipo (Fabião, 1989, p. 65). Seria individualizada pela primeira vez por Carlos Fabião (*idem*) no seu trabalho sobre as ânforas do acampamento romano da Lomba do Canho. Insere-se no grupo de ânforas ovóides de produção ocidental, inspirado em modelos romanos mas com características tipicamente ocidentais, fabricadas durante o século I a.C., constituindo-se como as mais antigas produções da Bética (Fabião, 1989, p. 65 a 68; Fabião, 2000, p. 667; Almeida, 2006, p. 48). A similitude morfológica entre as Classe 67 e os modelos ovóides apulo-adriáticos¹⁸ faz pensar numa estreita relação entre ambos quanto aos seus modelos de fabrico, bem como em relação aos seus canais de distribuição, aparecendo invariavelmente associados em diversos locais do Mediterrâneo ocidental (Molina Vidal, 2000, p. 641-642).

Cronologicamente, a sua produção parece situar-se entre os finais do primeiro terço do século I a.C. e o primeiro quartel do século I d.C., embora a sua presença seja mais frequente em níveis do terceiro quartel do século I a.C. (Fabião, 1989, p. 68; Molina Vidal, 2000, p. 640).

A Classe 67 foi fabricada na costa atlântica de Marrocos, em Sala (Boube, 1979-80; Aranegui Gascó, Kbir Alaoui, Vives-Ferrándiz, 2004), e em Espanha, na baía de Algeciras, em El Rinconcillo (Fernández Cacho, 1995; Bernal Casasola e Jiménez-Camino Álvarez, 2004), na baía de gaditana, em Laguna Salada (Puerto de Santa Maria), Cantera Lavalle (Puerto Real) e Casa de Huertas – Chiclana (Lagóstena Barrios, 1996; Lagóstena Barrios e Bernal Casasola, 2004), e no vale do Guadalquivir, de onde provém a esmagadora maioria das ânforas desta classe conhecidas e identificadas em diversos centros de consumo, região para a qual, paradoxalmente, não são conhecidos quaisquer centros de produção (Almeida, 2006, p. 50). A produção desta forma nesta última região, embora assuma um carácter maioritário relativamente às outras áreas produtoras conhecidas, apenas é deduzida a partir das características petrográficas das pastas, uma vez que se verifica serem as mesmas de outras produções, como as Haltern

¹⁸ Lamboglia 2, ânforas de Brindisi - Apani 2, Tipo la Colombina (Molina Vidal, 2000, p. 641).

70 e as Dressel 20, comprovadamente originárias da referida região produtora (Fabião, 2000; Molina Vidal, 2000; Almeida, 2006).

Objectivamente, não existem dados que nos permitam determinar qual o conteúdo transportado por estas ânforas, sendo, porém, mais ou menos consensual que estas poderiam transportar vários diversos produtos (preparados de peixe, azeite, vinho ou *defructum*), embora nenhum de forma exclusiva (Molina Vidal, 2000, p. 638).

No que diz respeito à sua distribuição, encontra-se amplamente difundida em território hoje português, principalmente na metade Sul, bem como nas costas Oriental, sudeste e Sul de Espanha¹⁹. Surge igualmente representada no Sul da província da Gália, em Vieille Toulouse, Fréjus, *Albintimilium*, Vindonissa, e nos naufrágios de Cap Gros C, Dramont A e Grand Conglué 3 (Almeida, 2006, p. 50); em Óstia, na Casa do Pórtico (Van Der Werff, 1986); e no Mediterrâneo oriental, em Tetrágonos, Éfeso – actual Turquia (Beseczky, 2004), e *Caesarea Marítima*, na província da Judeia (Oren-Pascal e Bernal Casasola, 2000). A sua presença está igualmente atestada na costa atlântica de Marrocos (Boube, 1979-80; Aranegui Gascó, Kbirí Alaoui, Vives-Ferrándiz, 2004). Embora largamente difundida, normalmente a sua presença é quantitativamente pouco expressiva, salvo algumas excepções como, por exemplo, o acampamento romano da Lomba do Canho (Fabião, 1989), Castro Marim (Arruda *et alii*, 2006), Santarém (Almeida, 2006), ou Thamusida (Callu *et alii*, 1965).

No teatro romano de Lisboa foi identificado, em contexto do período Moderno, apenas um fragmento de bordo atribuível a esta tipologia, o que corresponde a 0,47% do NMI, apresentando as características pastas do vale do Guadalquivir. A escassa representatividade da Classe 67 verifica-se igualmente nas ânforas do castelo de São Jorge, onde apenas se identificaram seis fragmentos de bordo e dois fundos num conjunto composto por milhares de fragmentos de ânfora (Pimenta, 2006, p. 229). Nas escavações do claustro da Sé de Lisboa foram exumados sete fragmentos de bordo, algumas asas e dois fundos desta classe (*idem*), o que deverá igualmente corresponder a uma representação minoritária.

¹⁹ Rui Almeida (2006, p. 48-54) realizou recentemente uma excelente síntese sobre as ânforas da Classe 67, apresentando um mapa de distribuição bastante actualizado, particularmente no que diz respeito ao território actualmente português (*idem*, Estampa 57).

3.5.5. Dressel 12

Ânfora de ampla variedade formal, facto ao qual não será alheia a larga diacronia do seu fabrico, caracteriza-se por possuir um corpo fusiforme, demarcado do colo por uma carena, terminando num fundo alto e maciço, de perfil troncocónico. O colo é alto, podendo oscilar entre 14 e 24 cm, de perfil cilíndrico ou bitroncocónico, e pode ter, nos exemplares mais antigos, uma moldura bem marcada na parte superior que assinala a passagem para o bocal. As asas podem ser altas e de perfil em S ou curtas e curvas, de secção ovóide e com um ou dois sulcos longitudinais no dorso, e arrancam da parte superior do colo descansando no ombro. Os bordos podem apresentar-se, nos referidos exemplares mais antigos, com secção oval ou subtriangular e com uma moldura na transição para o colo, ou de forma recta e ligeiramente exvasados, sem moldura. Nas produções mais tardias observam-se normalmente bordos de secção subrectangular, moldurados no exterior e ligeiramente exvasados (Peacock e Williams, 1986, p. 113; Garcia Vargas, 1998, p. 93 e 94; Almeida, 2006, p. 71 a 73).

Embora tenha sido classificada como forma III por Beltrán (1970), e posteriormente designada de Classe 14 por Peacock e Williams (1986), esta ânfora foi primeiramente individualizada por H. Dressel (1899) com o número 12 da sua tabela, sendo a tipologia do investigador alemão aquela que prevaleceu e que é correntemente utilizada na bibliografia arqueológica (Garcia Vargas, 1998, p. 94). Trata-se de uma ânfora que se enquadra no fenómeno das primeiras produções tipicamente ocidentais de inspiração romana, já sem influências púnicas aparentes, e também uma das que se encontra menos bem caracterizada (Fabião, 2000, p. 667 e 668).

Apesar de não se tratar de uma imitação de formas republicanas itálicas, a Dressel 12 herda da Dressel 1C os seus principais traços morfológicos, registando-se a contemporaneidade de ambas, quer em centros produtores, quer em centros de consumo e naufrágios (Fabião, 1989, p. 71; Garcia Vargas, 1998, p. 93 e 94).

A atribuição desta forma a pequenos fragmentos de bordo, como é o caso do fragmento proveniente do teatro romano de Lisboa que aqui se apresenta (n.º 2603), reveste-se inevitavelmente de um carácter eventualmente falível. De facto, a similitude formal entre as produções mais antigas deste tipo e a Classe 67, que se denota principalmente ao nível do perfil do bordo e na existência de uma moldura

imediatamente abaixo daquele, bem como a relativa variação morfológica que se verifica em ambos os tipos ao nível dos bocais, aliado a características petrológicas comuns, dificulta a correcta classificação de materiais fragmentados (Arruda *et alii*, 2006, p. 167; Almeida, 2006, p. 71). Mais do que o diâmetro e a altura do bordo, foi sobretudo a inclinação do arranque da asa, bem como o lábio de secção subtriangular e parte inferior externa ligeiramente descaída, que levou a que se classificasse o fragmento n.º 2603 como Dressel 12, ainda que com algumas reservas.

Cronologicamente, a produção destas ânforas está atestada durante um arco temporal que se estende desde meados do século I a.C. até ao século II d.C. (Garcia Vargas, 1998, p. 95), sendo que as datações mais antigas nos são indicadas pelos exemplares dos naufrágios de Titan, Cap Béar 3, Fos 1 e Grand Conglué (Fabião, 2000, p. 668; Garcia Vargas, 2000, p. 63 e 64).

Foi produzida no vale do Guadalquivir, na baía Gaditana e na Tarraconense e destinava-se a envasar preparados de peixe (Peacock e Williams, 1986, p. 113; Fabião, 1989, p. 71; Fabião, 2000, p. 668; Garcia Vargas, 2000, p. 64; Arruda *et alii*, 2006, p. 286).

Face aos exemplares desta forma conhecidos na área do antigo Império Romano, não se pode afirmar que a Dressel 12 tenha conhecido uma ampla difusão ou, pelo menos, que tenha sido comercializada em grandes quantidades (Fabião, 2000, p. 669). No actual território português esta forma está presente em Monte Mozinho (Soeiro, 1984), na Citânia de Sanfins (Paiva, 1993), na Cividade de Terroso (*idem*), na Lomba do Canho (Fabião, 1989), em Santarém (Arruda, Viegas e Bargão, 2005; Almeida, 2006), em Alcácer do Sal (Pimenta *et alii*, 2006) e em Castro Marim (Arruda *et alii*, 2006). Embora seja uma forma documentada em poucos sítios arqueológicos e escassamente representada nos respectivos conjuntos anfóricos, ela está presente em toda a extensão do território nacional, desde o Minho ao Algarve.

No teatro romano de Lisboa identificou-se um fragmento desta tipologia (n.º 2603), representando 0,47% no NMI, em contexto cronologicamente datável do terceiro quartel do século I.

3.5.6. Dressel 7-11

A comumente designada Dressel 7-11, ou Dressel 7 a 11, corresponde a cinco tipos distintos (7, 8, 9, 10 e 11) individualizados por Dressel na sua tabela. As evidentes afinidades formais entre estas diferentes formas e a grande diversidade ao nível do perfil de bordos, dificultam em muito a sua correcta classificação, principalmente quando nos deparamos com materiais bastante fragmentados. Por esta razão, vários investigadores optaram por agrupar os tipos Dressel 7 a 11 numa única forma, de carácter mais genérico - Dressel 7-11, Beltrán I, Classe 16 (Lamboglia, 1955; Zevi, 1966; Beltrán Lloris, 1970; Peacock e Williams, 1986) -, constituindo-se, assim, como um conjunto de formas com evidentes características comuns entre si, caracterizados por uma múltipla diversidade formal ao nível dos bordos, e não como um único tipo.

Tendo em conta estas particularidades, a descrição morfológica das Dressel 7-11 reveste-se naturalmente de contornos bastante amplos e variados. Assim, poder-se-ão descrever como ânforas com corpo de tendência ovóide ou piriforme, com uma altura média entre os 85 e os 100 cm e uma largura máxima em torno dos 40 cm. Os bocais são normalmente moldurados e exvasados, de secção que pode ser triangular, rectangular, subrectangular ou arredondada, por vezes pendente. O colo pode ser curto ou mais alongado, troncocónico ou cilíndrico, sendo a transição para o lábio geralmente marcada por uma moldura. As asas arrancam da parte superior do colo e descem paralelas a este até à junção do colo com o corpo, apresentando secção elíptica e estrias ou sulco central pouco profundo na parte superior. O fundo é normalmente oco, embora também se observem alguns maciços, e de secção troncocónica ou cilíndrica (Peacock e Williams, 1986, p. 117 a 119; Molina Vidal, 1997, p. 66; Garcia Vargas, 1998, p. 77 a 92).

A sistematização e caracterização dos diferentes tipos das Dressel 7 a 11 efectuada por Garcia Vargas (1998), embora tenha contribuído em muito para uma melhor compreensão da sua evolução e cronologia, não permitiu ultrapassar as dificuldades de classificação em um tipo específico de materiais fragmentados.

A origem formal das Dressel 7-11 deve buscar-se nas ânforas romanas republicanas (Dressel 1, Dressel 2-4, Dressel 21-22 e Dressel 6A) e nas “ovóides gaditanas” (Garcia Vargas, 1998, p. 77 a 88).

A cronologia de fabrico destes envases situa-se genericamente entre o último terço do século I a.C. e os finais do século I / inícios do século II d.C., dependendo quer da forma quer da área produtora, tendo-se difundido sobretudo a partir do principado de Augusto (Molina Vidal, 1997, p. 67; Garcia Vargas, 1998, p. 76 a 92; Almeida, 2006, p. 92).

Foram produzidas principalmente na região da Bética costeira, merecendo realce a baía gaditana, onde são conhecidos inúmeros centros oleiros (uma boa e actualizada síntese em - Lagóstena Barrios e Bernal Casasola, 2004), embora o seu fabrico esteja igualmente atestado no vale do Guadalquivir, atestadamente na região das Marismas (*apud* Almeida, 2006, p. 92), na província da Tarraconense, na Gália, na Mauritânia e na Lusitânia, nos fornos do Morraçal da Ajuda em Peniche e no Porto Sabugueiro, Muge, no vale do Tejo (Molina Vidal, 1997; Boube, 1973-75; Cardoso, 1990; Cardoso e Rodrigues, 2005; Cardoso, Rodrigues e Sepúlveda, 2006).

Destinavam-se ao envase e transporte de preparados de peixe - *Garum*, *Liquamen*, *Muria*, *Halex* e *Laccatum* -, o que nos é testemunhado pela existência de *tituli picti* indicando esses conteúdos (Beltrán Lloris, 1970, p. 420; Peacock e Williams, 1986, p. 118).

Quanto à sua distribuição, verifica-se uma ampla difusão por todo o império romano, com particular incidência no Mediterrâneo ocidental, assumindo-se como os modelos preferentes para a distribuição das salgas hispânicas, ocorrendo quer em contextos civis quer militares (Almeida, 2006, p. 91). Em território hoje português surgem amplamente atestadas por todo o país, em locais como por exemplo na região do noroeste (Paiva, 1993; Morais, 1998, 2000 e 2006), em Conímbriga (Alarcão, 1976; Buraca, 2005), em Santarém (Arruda, Viegas e Bargão, 2005; Almeida, 2006), em Lisboa (Sabrosa e Bugalhão, 2004; Pimenta, 2006), em Tróia (Étienne, Makaroun e Mayet, 1994), em S. Cucufate (Alarcão, Étienne e Mayet, 1990), no Monte da Cegonha (Pinto e Lopes, 2006), na Cidade das Rosas em Serpa (Norton, Cardoso e Carvalhosa, 2006), em Castro Marim (Arruda *et alii*, 2006) e em Torre d'Ares (Fabião, 1993).

No teatro romano de Lisboa foram identificados 16 fragmentos de bordo enquadráveis nestas formas, correspondendo a 8% do NMI. Com excepção do fragmento n.º 2380, que apresenta as típicas pastas do Guadalquivir (PB 4), todos os exemplares são provenientes da região costeira da Bética. Embora se verifique nos

exemplares do presente conjunto alguma diversidade formal ao nível do bordo, o que seguramente indica tratar-se de diferentes tipos e subtipos, optou-se por classificá-los dentro da designação genérica de Dressel 7 a 11, uma vez que o estado fragmentário de muitos deles poderá facilmente induzir em erro. A maioria destas ânforas foi exumada em contextos romanos da Fase 2, e as restantes em níveis medievais e modernos.

3.5.7. Ovóides Lusitanas

As ânforas de fabrico lusitano recolhidas durante as últimas intervenções arqueológicas levadas a cabo no teatro romano de Lisboa integram-se, crono e tipologicamente, no conjunto das mais precoces produções anfóricas plenamente romanas fabricadas na Lusitânia, tendo vindo nos últimos anos a ser genericamente designadas de “Ovóides Lusitanas” (Morais, 2003; Pimenta *et alii*, 2006; Morais e Fabião, 2007).

De facto, observam-se no presente conjunto as características formais dessas produções precoces - grande variedade ao nível do perfil dos bordos, que se apresentam, invariavelmente, marcados por uma moldura, ainda que em alguns exemplares de modo relativamente discreto, colo e asas curtas de secção ovalada com ou sem um sulco longitudinal no dorso, fundos que podem ser ocós ou preenchidos por uma bola de argila -, que as aproximam das ânforas ovóides tardo-republicanas, de colos e asas curtas, e de outras formas Sul peninsulares coetâneas, como a Haltern 70 e as Dressel 7/11, com colos e asas mais alongadas (Morais e Fabião, 2007, p. 127). Verifica-se ainda a existência de alguns bocais, de fabrico lusitano, que evidenciam semelhanças com a Classe 67, traduzidas na presença de uma moldura sob o bordo (*idem*, p. 128), típica daquela forma, não se tendo, contudo, identificado quaisquer exemplares dessa variante na colecção agora em análise, com excepção, talvez, do exemplar n.º 669 em que se nota uma protuberância sob o lábio, levemente insinuada.

Convém, no entanto, sublinhar que destes modelos lusitanos mais precoces conhecem-se sobretudo exemplares fragmentados de bordo, fundo, e fragmentos de parede e colo com asa, existindo até à data apenas duas ânforas de perfil completo depositadas nos museus de Vila Franca de Xira e de Évora com claras afinidades

morfológicas aos referidos tipos Haltern 70 e Dressel 7/11, respectivamente (*idem*, p. 128).

Rui Morais e Carlos Fabião (2007, p. 132) interpretam estas produções precoces como imitações desses modelos peninsulares contemporâneos, particularmente os da Bética, sugerindo a possibilidade de ter existido uma deslocação de oleiros dessa região para o ocidente peninsular, sem excluir, no entanto, a hipótese de uma outra origem, plenamente romana. Por outro lado, Cardoso, Rodrigues e Sepúlveda (2006, p. 276) vêm na marca L. Arveni Rustici²⁰ um elemento que indicia uma origem na Península Itálica para o produtor da olaria, do mesmo modo que a significativa presença de materiais importados nos níveis mais antigos do estabelecimento de Abul levou os autores a sugerir que tal indicia a presença de alguém com ligações ao mundo itálico ou a outras regiões peninsulares (Mayet e Silva, 2002).

Quanto a esta questão, creio ser de fulcral importância a correcta percepção do momento em que se iniciou a produção de ânforas na Lusitânia. Se admitirmos a hipótese, ainda que remota, de um início para a produção das Ovóides Lusitanas não em meados da primeira centúria a.C., como parece ser actualmente presumível (Morais, 2003, p. 40), mas um quarto de século antes, isso significaria que a produção de ânforas de características plenamente romanas se teria iniciado coetaneamente no Sul e no ocidente peninsular.

Não se tenciona com isto afirmar que o início das produções lusitanas recuam tanto no tempo (embora não deixe de ser, actualmente, plausível), mas sim sublinhar que se deve ter também em conta a possibilidade de os primeiros contentores anfóricos ovóides fabricados na Lusitânia terem sido directamente inspirados em modelos ovóides itálicos e torneados por artesãos vindos daquelas paragens.

Embora se possam facilmente estabelecer analogias entre algumas das ânforas lusitanas do teatro romano de Lisboa e as anteriormente referidas formas tardo-republicanas produzidas na região meridional hispânica, optou-se por seguir a proposta de uma designação mais genérica de Ovóides Lusitanas (Morais e Fabião, p. 129). No estado actual do conhecimento, esta classificação afigura-se como a mais sensata, uma

²⁰ Marca nominal com *tria nomina*, verificando-se situação idêntica em São Bartolomeu de Castro Marim (Morais e Fabião, 2007, p. 131).

vez que a diversidade de bordos, aliada à inexistência de um número numericamente expressivo de exemplares inteiros, suficientemente ilustrativos e caracterizadores das diversas formas e variantes, torna algo redutora a atribuição de uma tipologia concreta com base em pequenos fragmentos de bordo, asa ou fundo (Pimenta *et alii*, 2006, p. 304; Morais e Fabião, 2007, p. 129).

Tradicionalmente, as ânforas de fabrico lusitano que apresentavam estas características morfológicas e que surgiam associadas a contextos estratigráficos mais antigos eram, mercê de um quase total desconhecimento acerca de outras produções de âmbito cronológico mais precoce, classificadas como Dressel 14, na sua variante A (Mayet e Silva, 2002). Porém, os resultados de diversas intervenções dados à estampa essencialmente na última década (Cardoso e Rodrigues, 2002 e 2005; Morais, 2003; Pimenta *et alii*, 2006; Arruda, Viegas e Bargão, 2006; Cardoso, Rodrigues e Sepúlveda, 2006; Bugalhão e Lourenço, 2006; Fernandes *et alii*, 2006; Morais e Fabião, 2007) têm vindo, paulatinamente, a alterar o panorama de quase total desconhecimento de causa e a completar um pouco o quadro das primeiras produções lusitanas de carácter romano, quer no âmbito dos centros de produção quer no âmbito dos centros de consumo, arredando a inadequada classificação de Dressel 14 A e refutando definitivamente a sugestão de que se teria tratado de um período experimental (Mayet e Silva, 2002).

A questão foi levantada por Rui Morais (2003) fundamentado em conjuntos de ânforas ovóides, de evidente fabrico lusitano, exumados em contextos tardo-republicanos (concretamente, de meados a finais do século I a.C.) provenientes de vários sítios da Galiza (Castro de Panxón, Montecastro e Castro de Vigo - Vigo), da região entre os rios Douro e Minho (Castro de Santa Luzia e Castro da Terronha, Viana do Castelo; Rua da Banharia e Aljube, Porto; e Castro de Fiães, Vila da Feira) e do Castelo da Lousa, Mourão - Alentejo (*idem*, p. 40). Ficava, assim, claramente demonstrada a existência de uma produção de ânforas de morfologia ovóide na província da Lusitânia em período tardo-republicano que, simultaneamente, parece ter conhecido uma difusão considerável e ter sido quantitativamente expressiva (*idem*; Morais e Fabião, 2007). Estas produções ter-se-ão estendido até ao primeiro terço do século I d.C. (Morais e Fabião, 2007, 131).

Paralelamente, foram sendo publicados outros conjuntos anfóricos crono e morfologicamente afins daqueles anteriormente referidos. Entre estes, podemos referir o de Alcácer do Sal (Pimenta *et alii*, 2006), em que foram identificados cerca de duas dezenas de fragmentos de bordo genericamente classificados como Ovóides Lusitanas embora, uma vez mais, conforme os autores referem, com evidentes afinidades formais com o tipo Haltern 70 e o universo das Dressel 7 a 11 (*idem*, p. 304). Refira-se que estes materiais foram recolhidos fora do seu contexto primário.

De Santarém é conhecido um conjunto de cerca de três dezenas de exemplares, verificando-se novamente uma ampla variedade formal ao nível do perfil dos bordos, que as autoras classificam nos tipos Haltern 70, Dressel 7 e 9 e Dressel 7/11, recolhidos em contextos que vão desde o período de Augusto até ao início do século II (Arruda, Viegas e Bargão, 2006, p. 238 a 243). Da Ilha da Berlenga (Bugalhão e Lourenço, 2006) foi publicado um conjunto de ânforas lusitanas, infelizmente também recolhidas em deposição secundária, cujas pastas indicam uma produção na olaria do Morraçal da Ajuda, Peniche (Cardoso e Rodrigues, 2002 e 2005; Cardoso, Rodrigues e Sepúlveda, 2006). Alguns desses materiais, que os autores classificam como Dressel 7/11 (Bugalhão e Lourenço, 2006, p. 290, fig. 14), remetem-nos para os horizontes cronológicos mais antigos daquela olaria, que terá iniciado o seu funcionamento durante o principado de Augusto, ainda no século I a.C. (Cardoso e Rodrigues, 2002 e 2005; Cardoso, Rodrigues e Sepúlveda, 2006).

Também no rio Tejo, junto a Vila Franca de Xira, foi recolhido um exemplar inteiro de Haltern 70 de corpo cilíndrico com tendência ovóide, de fabrico lusitano (Quaresma, 2005), e em Coruche identificou-se um fragmento de bordo de fabrico lusitano que os autores classificam como Haltern 70, em níveis “medievais/modernos” (Quaresma e Calais, 2005).

Por último, em Lisboa foram exumados alguns exemplares em níveis romanos republicanos nas escavações da rua dos Correeiros (Bugalhão, 2001, p. 33, fig. 27, *apud* Morais e Fabião, 2007, p. 127); um fragmento de bordo, colo e asa completa “recolhido em circunstâncias não controladas arqueologicamente” na Baixa de Lisboa (Morais e Fabião, 2007, p. 127 e fig. 1, n.º 1); e um conjunto proveniente da intervenção arqueológica recentemente realizada na rua dos Bacalhoeiros, exumado em contextos da primeira metade do século I d.C., possivelmente ainda do primeiro quartel (Fernandes *et alii*, 2006).

Relativamente a este último conjunto, que aqui se reproduz,²¹ o fragmento n.º 1913 preserva ainda a totalidade do bordo, do colo e da asa, bem como de parte do ombro, apresentando claras afinidades morfológicas com o exemplar proveniente da Baixa lisboeta apresentado por Morais e Fabião (2007 p. 127 e fig. 1, n.º 1). As diferenças notam-se essencialmente na existência de uma depressão longitudinal no dorso da asa deste último, que não se verifica no exemplar da rua dos Bacalhoeiros, e na largura e inclinação do colo.

É inegável a importância do reconhecimento destes conjuntos anfóricos em vários locais do território nacional, cujas características formais nos reportam aos materiais tardo-republicanos apresentados por Rui Morais e Carlos Fabião (Morais, 2003; Morais e Fabião, 2007), contribuindo, entre outros factores, para uma melhor percepção do que terá sido a geografia de distribuição destes contentores, a sua expressão quantitativa e variedade formal. Contudo, um denominador comum parece acompanhar quase todos os casos expostos (diria mesmo todos com excepção daqueles recolhidos em níveis augustanos em Santarém, em níveis republicanos na rua dos Correiros em Lisboa): a inexistência de materiais recolhidos em contexto primário e associados a estratigrafias seguras que permitam comprovar a antiguidade dessas produções e precisar a cronologia da sua produção e difusão. O estado fragmentado da esmagadora maioria desses materiais tem impedido, de igual modo, uma melhor tipificação destas ânforas.

Não se pode deixar de referir o carácter minoritário, face aos fabricos de outras áreas produtoras como a região meridional hispânica ou a Península Itálica, que as ânforas lusitanas apresentam em Santarém.

No que diz respeito aos centros produtores (uma boa síntese em: Fabião, 2004), conhecem-se há já algum tempo vários locais onde atestadamente se produziu a designada Dressel 14A (de menores dimensões que a sua sucessora e com bocais moldurados, elemento característico das fases mais antigas de produção - Fabião, 2004, p. 393), embora as datações apontadas para esses sítios não recuem para lá do período de Júlio-Cláudio (*idem*, p. 402). Essas produções estão documentadas nas olarias de

²¹ Alguns destes materiais foram já apresentados publicamente em 2006 no simpósio *A Costa Portuguesa no Panorama da Rota Atlântica Durante a Época Romana* que decorreu em Peniche, aguardando-se ainda a publicação das respectivas actas.

Pinheiro e Abul (Mayet, Schmitt e Silva, 1996; Mayet e Silva, 1998 e 2002) e no Largo da Misericórdia, na área urbana da cidade de Setúbal (Silva, 1996), todos no baixo vale do Sado; possivelmente em Muge, no baixo vale do Tejo (Cardoso, 1990); e em Peniche (Cardoso, Gonçalves e Rodrigues, 1998; Cardoso e Rodrigues, 2002 e 2005; Cardoso, Rodrigues e Sepúlveda, 2006).

A olaria do Morraçal da Ajuda, em Peniche, parece ser o mais antigo (e mais setentrional) centro produtor de ânforas romanas da Lusitânia que se conhece, tendo produzido, a partir de finais do século I a.C., modelos anfóricos com evidentes afinidades morfológicas com as Dressel 7/11 e Haltern 70, para além de Pascual 1, Dressel 14 e outras formas com bocais moldurados e colos e asas curtas, ou lábio quase indiferenciado, que os responsáveis designaram, respectivamente, de Morraçal 1 e Morraçal 2 (Cardoso, Rodrigues e Sepúlveda, 2006).

Perante este cenário, e face aos indicadores cronológicos apontados pelos conjuntos do noroeste da Península Ibérica e do Castelo da Lousa (Morais, 2003; Morais e Fabião, 2007), facilmente se depreende a existência de centros produtores a laborar já em período tardo-republicano que se mantêm ainda desconhecidos. Esta conclusão não é meramente intuitiva, uma vez que, para além de não serem conhecidos contextos tão antigos nas olarias identificadas, são invariavelmente observados, nos conjuntos estudados, pastas de que se desconhece o local de fabrico - por exemplo, no conjunto de Santarém (Arruda, Viegas e Bargão, 2006, p. 237) e no Castelo da Lousa (Morais e Fabião, 2007, p.129). Neste último local, verificou-se a existência de exemplares com um fabrico característico das cerâmicas comuns do Alentejo (*idem*), que, aliás, se havia já verificado nas ânforas médio e baixo imperiais recolhidas nas *villae* romanas de S. Cucufate (Pinto e Lopes, 2006, p. 199), de que se desconhece o local de fabrico.

Estas ânforas terão, presumivelmente, sido utilizadas para envasar e transportar produtos piscícolas (Morais e Fabião, 2007, p. 132), à semelhança da sucessora Dressel 14, ainda que outros conteúdos, como o vinho, não sejam de excluir (Cardoso, Rodrigues e Sepúlveda, 2006, p. 276).

Ao contrário do que se verifica em Santarém, em que, como anteriormente se referiu, as produções mais antigas de ânforas lusitanas adquirem um carácter

minoritário, as Ovóides Lusitanas do teatro romano de Lisboa constituem-se como a tipologia melhor representada no conjunto em apreço (19% do NMI). Refira-se ainda que no conjunto total de fragmentos exumados, as produções lusitanas são o segundo fabrico mais representativo, superando as produções itálicas.

Foram identificados quarenta fragmentos de bordo que encontram bons paralelos formais em alguns exemplares de Alcácer do Sal (Pimenta *et alii*, 2006, p. 306, fig. 5), de Santarém (Arruda, Viegas e Bargão, 2006, p. 240 e 242, figs. 3 e 4), de Lisboa (Morais e Fabião, 2007, fig.1, concretamente o n.º 1; Fernandes *et alii*, 2006), de Abul (Mayet e Silva, 2002, p. 130 a 136, figs. 52 a 58), de Setúbal (Silva, 1996, p. 54, fig. 4) e do Pinheiro (Mayet e Silva, 1998, p. 89 e 90, figs. 19 e 20), ou mesmo em algumas peças do Castro de Santa Tecla (Morais e Fabião, 2007, p.132). Metade deste conjunto é proveniente de níveis medievais e modernos, tendo-se registado treze exemplares em contextos romanos da Fase 2, terceiro quartel do século I, e sete fragmentos de bordo em contextos da Fase 1, enquadrável no principado de Augusto.

Quanto aos fundos, recolheram-se quinze fragmentos que se caracterizam maioritariamente por serem ocos, verificando-se em alguns a existência de uma bola de argila no interior, características que se observam igualmente em fragmentos análogos nos locais anteriormente referidos. Foi ainda individualizado um significativo número de opérculos de fabrico lusitano, à semelhança do que se verifica no Aljube, Porto (Morais e Fabião, 2007, p.129 e fig. 7), e na rua dos Bacalhoeiros, Lisboa (Fernandes *et alii*, 2006), composto por vinte e nove exemplares, alguns deles de perfil completo, cujos diâmetros são compatíveis com os bordos existentes.

Relativamente aos fabricos, identificaram-se quatro grupos com características diferentes: o grupo quantitativamente dominante é, aparentemente, atribuível às produções do Tejo e Sado jusante (PL 1); um outro seguramente imputável às produções de Peniche²², (PL 3), observando-se o típico engobe daquelas produções em grande parte das peças, particularmente bem conservado em algumas delas; e os outros dois (PL 2 e PL 4) de proveniência incerta.

²² Agradece-se aos responsáveis das intervenções na olaria do Morraçal da Ajuda, nas pessoas do Dr. Eurico de Sepúlveda e Dr. Severino Rodrigues, o apoio prestado na hora de identificar correctamente os fabricos provenientes daquele local.

3.6. Ânforas destinadas a outros conteúdos

3.6.1. Richborough 527

Esta ânfora, também classificada como Classe 13 e Ânfora de Lipari (Peacock e Williams, 1986), exhibe uma série de nervuras em todo o corpo, que se apresenta cilíndrico, terminando num fundo maciço que pode ser mais ou menos curto. Os bordos são espessados, de secção amendoada e normalmente verticais, podendo ser por vezes ligeiramente reentrantes ou levemente exvertidos. As asas são relativamente curtas e semicirculares, de secção ovóide, possuindo uma crista pouco pronunciada no dorso, e arrancam do colo, imediatamente abaixo do bordo, pousando na zona superior do corpo (Peacock e Williams, 1986, p. 111; Arthur, 1989, p. 250; Banha, 2006, p. 49).

Embora individualizada pela primeira vez em 1968 em Richborough com o número 527 (Pearce, 1968), foi só a partir dos anos oitenta do século passado que o volume de informação acerca da sua proveniência, produtos transportados e cronologia se começou a acumular. Philippe Borgard (1994 e 2005) dividiu esta forma em quatro grupos distintos correspondentes a uma evolução formal e cronológica do que considera ser um mesmo tipo: Lipari 1a, produzida entre o segundo quartel do século I a.C. e o final do principado de Augusto; Lipari 1b, desde o principado de Augusto até meados do século I d.C.; Lipari 2a, entre meados do século I e a primeira metade do século II; e Lipari 2b, desde a primeira metade do século II até aos finais do século III / inícios do século IV d.C. (Borgard, 1994, p. 197 e 2005, p. 157 e 158).

Sabe-se hoje que estes contentores foram produzidos na Ilha de Lipari, situada no Sul do Mar Tirreno, entre o nordeste da Sicília e o Sul da Campânia, onde se identificaram vários fragmentos com as mesmas características petrográficas e formais da Richborough 527 nas entulheiras de um (possível, uma vez que não foi reconhecido) forno, bem como fragmentos rejeitados com defeitos de cozedura (Cavalier, 1994, p. 192).

Quanto aos produtos transportados por estas ânforas, embora Borgard (1994, e 2005) afirme que se destinavam unicamente a transportar “Alun” (a maior riqueza natural da ilha), opinião partilhada por outros autores (Cavalier, 1994; Benquet e Olmer, 2002; Botte, 2005), existem indícios que apontam tanto para o transporte de vinho como de azeite. Em Nîmes exumou-se uma ânfora deste tipo que continha restos de resina, o

que indicia o envase de vinho ou derivados de peixe (Laubenheimer, 1992, p. 144), e em Inglaterra foram identificados resíduos de azeite em dois exemplares e resíduos de vinho em um outro exemplar (Arthur, 1989, p. 254). Quanto ao conteúdo proposto por Borgard (1994, e 2005), o “Alun”, trata-se de um sulfato duplo de potássio e de alumínio hidratado utilizado na Antiguidade Clássica para tingir tecidos ou peles (Benquet e Olmer, 2002, p. 323).

Foi amplamente distribuída principalmente no Reino Unido, na Suíça e em todo o território da Gália, embora se encontre igualmente atestada em alguns sítios da Península Itálica, Sicília, Norte de África, Turquia e Espanha. Em Portugal estas ânforas foram reconhecidas em *Bracara Augusta* (Morais, 2005), *Conímbriga* (Alarcão, 1976; Buraca, 2005) e *Idanha-a-Velha* (Banha, 2006).

No teatro romano de Lisboa identificaram-se, em contextos modernos, dois fragmentos que apresentavam as características pastas de Lipari (grupo de fabrico PI 3): um fundo (n.º 2439) e um fragmento de asa (n.º 2408).

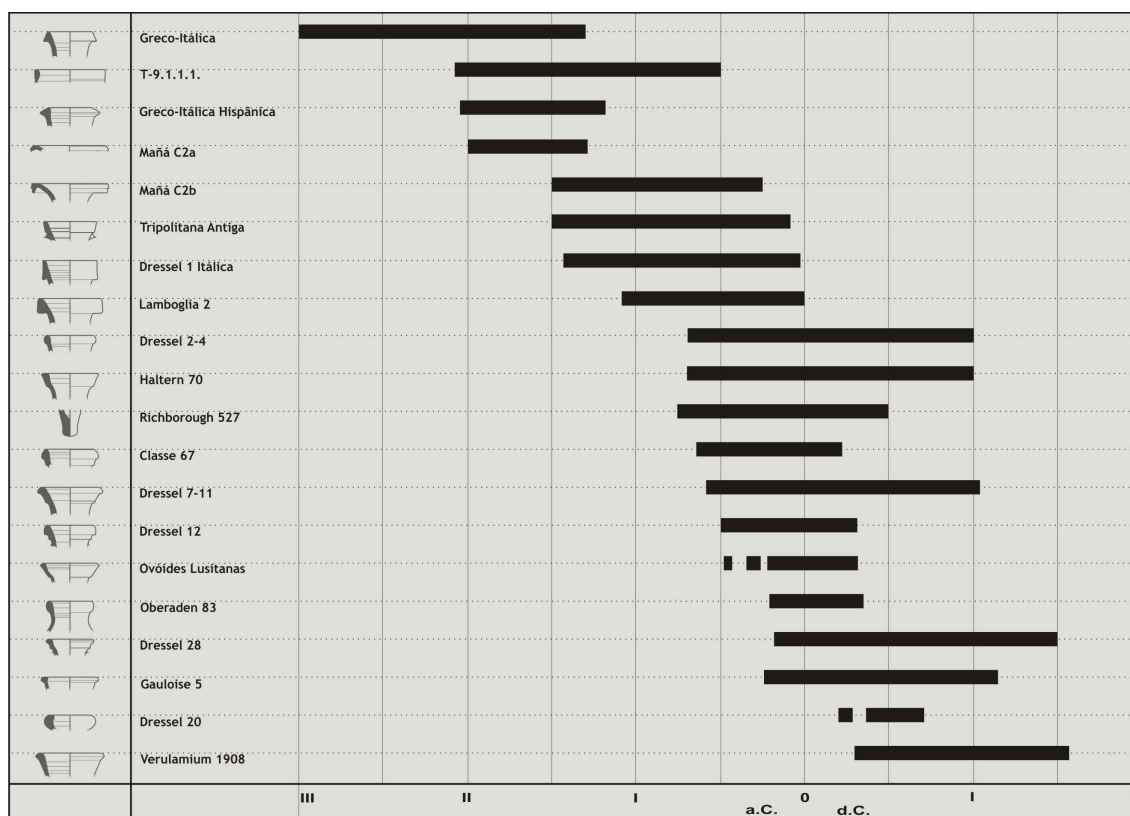


Fig. 5 - Quadro cronológico das ânforas do teatro romano de Lisboa.

3.7. Epigrafia anfórica

3.7.1. Marcas

Nas ânforas do teatro romano de Lisboa foram identificadas duas marcas de oleiro com cartela rectangular e em relevo. Na primeira, L. HOR (fragmento n.º 653), embora completa, não é perceptível a parte inferior da cartela e das letras que a compõem por ter sido aposta na extremidade da asa. Foi aplicada sobre uma asa curta, de secção subcircular e com uma depressão longitudinal no dorso, de uma ânfora produzida com as típicas pastas do Guadalquivir. Embora se tenha optado por agrupar este fragmento na tipologia Oberaden 83 - pelas características morfológicas mas também pelo facto de aquela marca ser conhecida sobretudo em ânforas de tipo Oberaden 83, tipologia que se encontra bem representada no teatro -, as suas características morfológicas poderiam igualmente autorizar a sua classificação dentro dos tipos Dressel 25, Haltern 70 ou Classe 67.

A marca L. HOR encontra paralelo directo num exemplar documentado no Castro de Vigo (Hidalgo Cuñarro, 1987; CEIPAC 4863), curiosamente sobre uma ânfora de tipo Dressel 1C. Porém, conhecem-se outras marcas que se podem considerar variantes ou relacionadas - L. HOT; L. HOP: e L. HORATI -, documentadas respectivamente em: Santarém (Almeida, 2006), Castro de Santa Tecla (Beltrán, 1970) e *Baetulo*, Badalona (Comas I Solá, 1997; CEIPAC 18061); La Alcudia, Elche (Márquez Villora e Molina Vidal, 2001; CEIPAC 24073); Santarém (Almeida, 2006) e Mahón, Menorca (De Nicolas, 1979; Almeida, 2006; CEIPAC 12612).

Embora a leitura do exemplar do teatro romano não ofereça grandes dúvidas - L. HOR -, não se pode deixar de referir que: por um lado, o facto da parte inferior da marca não ser totalmente perceptível não permite perceber se existe um nexa entre o R e um A, conforme se verifica em Santarém (Almeida, 2006) e Menorca (De Nicolas, 1979; Almeida, 2006; CEIPAC 12612); por outro, embora muito ténue, é visível uma saliência horizontal no topo da letra R (que se representou a tracejado), fazendo lembrar o nexa RT que se observa nas já referidas marcas relacionáveis. Independentemente destes aspectos, quer pela grafia quer pela inscrição e pela cartela, parece clara a relação entre a marca do teatro e aquelas identificadas em Santarém e em outros locais da

Península Ibérica, nomeadamente o exemplar do Castro de Vigo, indiciando uma rede de abastecimento comum, muito provavelmente enquadrável na rota atlântica.

O exemplar do teatro romano provém de um depósito medieval. Contudo, as marcas relacionáveis documentadas em Santarém foram exumadas em níveis atribuíveis a Augusto/inícios de Tibério, e a peça de Baetulo em contextos datáveis entre 27 e 1 a.C., pelo que a marca do teatro romano dever-se-á, muito provavelmente, enquadrar no mesmo âmbito cronológico.

A outra marca identificada apresenta-se também em relevo com cartela rectangular, e foi aplicada na zona do ombro, no arranque inferior da asa de uma ânfora de tipo Dressel 1 ou Greco-Itálica, de produção itálica. Esta estampilha não permite leitura, encontrando-se fracturada longitudinalmente na parte superior e em muito mau estado de conservação. Contudo, as últimas quatro letras parecem poder corresponder a IPAC ou IPAL. Curiosamente, esta primeira leitura coincide em parte com algumas variantes de uma conhecida marca da costa adriática sobre Dressel 6 - VARIPAC ou VARIPACCI (CEIPAC 9637 e 10523). Porém, tanto as características morfológicas como a pasta do exemplar do teatro romano, atribuível à costa tirrénica, afasta a hipótese de se tratar de uma ânfora daquela tipologia produzida na costa adriática.

3.7.2. *Tituli picti*

Embora sem leitura possível, foram identificados vestígios de inscrições pintadas a tinta vermelha em dois fragmentos de ânfora no teatro romano de Lisboa.

Uma delas localiza-se no colo de uma ânfora de tipo Greco-Itálico e parece corresponder à letra N. Contudo, o mau estado de conservação não permite, por um lado, confirmar se é de facto composto apenas por essa letra ou se existe um nexos com outra letra, por outro, também não é claro se a inscrição se prolongaria ou se consistiria apenas no que se conservou. Provém de um contexto da Fase 1.

A outra inscrição foi identificada durante a escavação, na altura em que foi exumada, tendo sido fotografada ainda antes da lavagem do fragmento devido ao mau estado de conservação. A inscrição, que não permitiu qualquer leitura, localizava-se no ombro de uma ânfora de tipo Dressel 7-11 produzida na região costeira da província da

bética, na mesma zona onde se identificou um grafito nominal executado com a pasta ainda fresca. Foi exumado em contexto do terceiro quartel do século I d.C..

3.7.3. Grafitos

No cômputo geral, pode-se afirmar que, face ao volume da amostra, existem muito poucos grafitos nas ânforas do teatro romano de Lisboa, tendo sido identificados apenas quatro. Foram todos realizados em um momento anterior à cozedura da peça (*ante cocturam*), estando, portanto, directamente relacionados com o processo de fabrico das ânforas, funcionando provavelmente como forma de controlo nas distintas etapas da produção ou de quantificação.

Os grafitos dos fragmentos n.º 2664, 2668 e 716, foram inscritos no bico fundeiro de ânforas de tipo Haltern 70, Oberaden 83/Dressel 20 e Dressel 7-11, compondo-se, respectivamente, por um traço simples, letra ou traços combinados e motivo cruciforme.

O grafito do fragmento n.º 2555, gravado no ombro de uma ânfora de tipo Dressel 7-11, apresenta características diferentes. Trata-se de um grafito nominal onde se pode ler ()AURI. A peça está fragmentada pelo que apenas se pode ler a parte final da inscrição. O nome gravado deverá igualmente corresponder a alguém relacionado com o processo de produção, como, por exemplo, o oleiro.

3.8. Caracterização dos fabricos identificados

Foram identificados cinco grupos de pastas distintos, correspondentes a outras tantas regiões produtoras, e vários subgrupos correspondentes a diferentes centros oleiros.

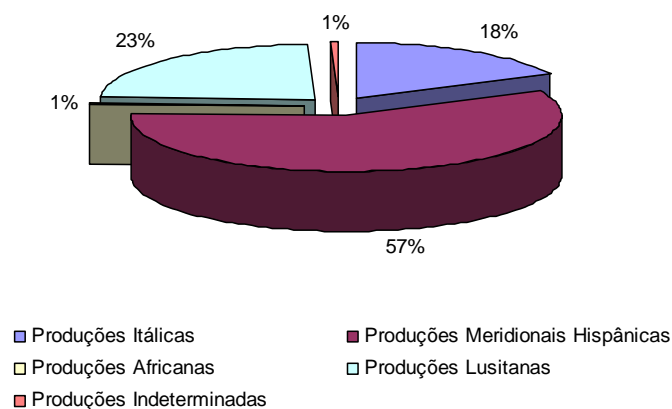


Fig. 6 - Representação percentual das diferentes áreas produtoras no teatro romano de Lisboa.

3.8.1. Produções itálicas

As produções itálicas representam 18% do conjunto total de ânforas do teatro romano de Lisboa, tendo-se individualizado cinco fabricos distintos com base nas características das pastas.

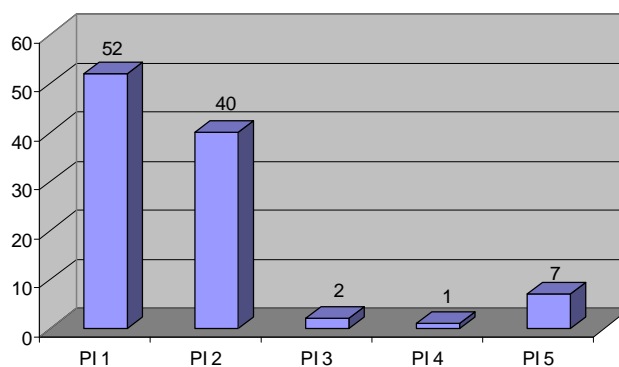


Fig. 7 - Representação dos diferentes subgrupos de fabrico itálico.

PI 1 - Pasta compacta e dura, depurada e homogénea, de cozedura oxidante. Os elementos não plásticos são pouco abundantes e bem distribuídos, sendo constituídos por quartzos sub-rolados de pequena dimensão, grãos carbonatados de pequena e alguns de média dimensão, minúsculas micas, grãos ferruginosos de média dimensão. Presença de vacúolos.

O exterior pode apresentar, em alguns exemplares, uma coloração que varia entre amarelo-claro (2.5Y 8/2; 2.5Y 8/3) e bege (10YR 7/3; 10YR 8/2) que resulta da utilização de água salgada no processo de fabrico das ânforas; e noutros casos amarelo-avermelhado (5YR 7/6; 5YR 6/6; 7.5YR 7/6) ou rosa (7.5YR 7/3; 7.5YR 7/4). A cor da pasta é essencialmente em tons de vermelho (2.5YR 5/8; 2.5YR 6/8; 5YR 5/6; 5YR 6/6; 7.5YR 6/6; 7.5YR 7/6; 5YR 6/4).

Trata-se do fabrico mais representativo dentro das produções itálicas (51%) reconhecidas no conjunto global das ânforas do teatro romano.

PI 2 - Pasta compacta e dura, pouco depurada e de cozedura oxidante. Os elementos não plásticos são muito abundantes, sendo compostos por inúmeras partículas negras de origem vulcânica, quartzos sub-rolados de pequena e média dimensão, alguns grãos carbonatados, mica, grãos ferruginosos de pequena e média dimensão, e ocasionais nódulos de argila cozida. Presença de vacúolos.

As paredes exibem, em muitos exemplares, um engobe espesso e aderente que varia entre bege (10YR 8/2; 10YR 7/4) e amarelo claro (2.5Y 8/2), e no fragmento nº 596 uma aguada rosa (7.5YR 7/4). A cor da pasta é, à semelhança das paredes, essencialmente em tons de vermelho (2.5YR 5/6; 2.5YR 5/8; 2.5YR 6/6; 5YR 5/8; 5YR 6/6) ou castanho-avermelhado (2.5YR 5/4).

Este fabrico corresponde às produções da região da Campânia, caracterizadas principalmente pela abundância de partículas negras de origem vulcânica, sendo também comumente designadas como produções tipo *Eumachi* (Peacock e Williams, 1986; Hesnard *et alii*, 1989). Equivale a 39% do conjunto de produções com origem na península itálica.

PI 3 - Pasta granulosa, muito pouco depurada e de cozedura oxidante. Os elementos não plásticos são muito abundantes e de pequena, média e grande dimensão, sendo

essencialmente compostos por quartzos rolados e elementos negros de possível origem vulcânica. Presença de vacúolos.

As paredes não apresentam qualquer tipo de tratamento diferenciado, sendo da mesma cor da pasta amarelo-claro (5Y 8/2).

Trata-se de um fabrico muito característico, que deverá corresponder às produções de Lipari, Sicília. Foram recolhidos apenas dois fragmentos cujo fabrico evidenciava estas características, representando 2% no conjunto das produções itálicas.

PI 4 - Pasta compacta e dura, pouco depurada e de cozedura oxidante. Os elementos não plásticos são abundantes e bem distribuídos, de pequena, média e grande dimensão, sendo constituídos por quartzo, partículas negras de origem vulcânica, micas douradas, nódulos de argila cozida e ocasionais grãos ferruginosos. Observa-se a presença de vacúolos.

A pasta é de cor amarelo-claro (2.5Y 8/3) e as paredes, sem qualquer tipo de tratamento, apresentam-se em amarelo-avermelhado (7.5YR 6/6).

Foi identificado apenas um fragmento (1%) de asa com estas características, podendo corresponder ao grupo 2 das produções itálicas do Castelo de São Jorge.

PI 5 - Pasta compacta e dura, de cozedura oxidante. Os elementos não plásticos são compostos por abundantes nódulos de argila cozida de pequena, média e grande dimensão, ocasionais grãos ferruginosos de pequena e média dimensão, grãos carbonatados, mica de pequena dimensão e quartzo rolado. Observa-se a presença de vacúolos.

A cor da pasta varia entre amarelo-avermelhado (5YR 6/6; 5YR 7/6; 7.5YR 6/6) e bege (10YR 7/4), e as paredes, sem qualquer tipo de tratamento, exibem uma tonalidade que varia entre amarelo-claro (2.5Y 8/2; 2.5Y 8/3) e bege (10YR 8/2; 10YR 8/3).

Foram identificados sete fragmentos com estas características, o que corresponde a 7% do conjunto das produções itálicas.

3.8.2. Produções meridionais hispânicas:

As produções béticas são o conjunto mais representativo nas ânforas do teatro romano de Lisboa (57%), tendo sido individualizados quatro fabricos distintos com base nas características das pastas.

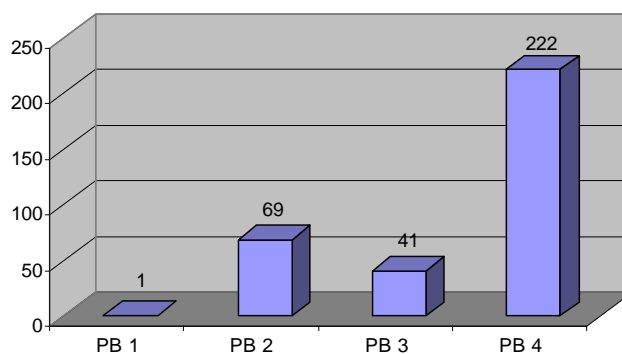


Fig. 8 - Representação dos diferentes subgrupos de fabrico meridional hispânico.

PB 1 - Pasta compacta e dura, muito depurada e muito limpa, de cozedura oxidante. Os elementos não plásticos são muito pouco abundantes, compostos por ocasionais grãos ferruginosos de grande e média dimensão, minúsculas micas, raros grãos carbonatados. Presença de alguns vacúolos.

Apenas um fragmento (nº 2570). A pasta é de cor bege (10YR 8/4) e a superfície externa, sem qualquer tipo de tratamento, apresenta a mesma cor da pasta.

PB 2 - Pasta compacta, arenosa, depurada e de cozedura oxidante. Os elementos não plásticos são pouco abundantes e bem distribuídos, constituídos por quartzos rolados e sub-rolados de pequena dimensão, mica, calcite, ocasionais nódulos de argila cozida de pequena dimensão, alguns grãos ferruginosos e grãos carbonatados. Presença de vacúolos.

A cor da pasta varia entre amarelo-avermelhado (5YR 7/6; 5YR 6/6), bege (10YR 8/4), rosado (7.5YR 7/4), vermelho claro (2.5YR 6/8) e castanho-amarelado claro (10YR 6/4). As paredes, sem qualquer tipo de tratamento, apresentam normalmente tons em amarelo-claro (2.5Y 8/2; 2.5Y 8/3), bege (10YR 7/4) ou amarelo-avermelhado (5YR 7/6).

Trata-se do segundo fabrico melhor representado no conjunto das importações béticas identificado nas ânforas do teatro romano de Lisboa (21%). Parece corresponder ao grupo 1 das ânforas piscícolas do Castelo de São Jorge e ao grupo 3 (Mañá C2b) de Santarém, com provável origem nos centros oleiros norte africanos ocidentais ou da baía gaditana.

PB 3 - Pasta compacta, arenosa, algo pulverulenta e friável, de cozedura oxidante. Os elementos não plásticos são pouco abundantes, constituídos por quartzos rolados e sub-rolados geralmente de pequena dimensão, grãos ferruginosos de média dimensão, ocasionais nódulos de argila cozida de média dimensão, embora por vezes grandes; raros grãos carbonatados. Em alguns fragmentos observa-se a presença rara de elementos negros de textura esponjosa (escória?) de pequena e média dimensão.

A cor da superfície externa é normalmente igual à da pasta, variando entre amarelo-claro (2.5Y 8/2; 2.5Y 8/3), bege (10YR 7/3; 10YR 8/4), amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6; 5YR 6/6; 7.5YR 7/6) e rosa (7.5YR 8/3).

Representa 12% no conjunto das ânforas béticas do teatro, e parece corresponder ao grupo 2 do Castelo de São Jorge e grupo 2 de Santarém, ao que tudo indica produzidos na área da baía gaditana.

PB 4 – A pasta pode ser compacta ou muito compacta, dura, arenosa, texturada ou pouco texturada, de cozedura oxidante. Os elementos não plásticos são muito abundantes e de matriz arenosa, bem distribuídos, destacando-se a profusão de quartzos angulosos de pequena e média dimensão, mica, calcite, feldspatos. Presença abundante de vacúolos.

Apresenta geralmente um engobe cuja cor pode variar entre o amarelo-claro (2.5Y 8/2; 2.5Y 7/4) e o bege (10YR 7/4; 10YR 8/2; 10YR 8/3; 10YR 8/4). A cor da pasta varia entre castanho-claro (7.5YR 6/4), bege (10YR 7/4), amarelo-avermelhado (5YR 6/6; 7.5YR 6/6), castanho-amarelado claro (10YR 6/4), cinzento-acastanhado claro (2.5Y 5/3; 10YR 6/2), castanho (7.5YR 5/4) e castanho-rosado (7.5YR 7/4).

Corresponde às produções da bacia do Guadalquivir e é o fabrico mais representativo quer no conjunto das ânforas de proveniência bética (67%), quer no conjunto total das ânforas do teatro romano de Lisboa (39%).

A distinção de diferentes fabricos nas produções da bacia do Guadalquivir, com base numa análise macroscópica, apresenta-se como uma tarefa difícil e ingrata. De facto, a grande homogeneidade que estas pastas apresentam ao nível dos desengordurantes utilizados, mercê da geologia e litologia específicas existentes nessa região, condiciona a sua análise macroscópica e subsequente distinção de diferentes fabricos (Peacock e Williams, 1986, p. 140; Grubessi, 1999, p. 365; Almeida, 2006, p. 33).

Como tal, optou-se por considerar um grande conjunto proveniente da bacia do Guadalquivir (PB 4), sem distinguir diferentes fabricos. Tal tarefa foi já ensaiada de uma forma bastante minuciosa no estudo das ânforas provenientes da bacia do Guadalquivir presentes em Santarém (Almeida, 2006).

3.8.3. Produções africanas:

Foram recolhidos apenas 3 fragmentos seguramente atribuíveis a produções africanas do Mediterrâneo central, correspondendo a 1% do conjunto total.

PA 1 - Pasta compacta e dura, bem depurada e homogénea, de cozedura oxidante. Os elementos não plásticos são muito pouco abundantes e bem distribuídos, essencialmente constituídos por quartzos sub-rolados de pequena e média dimensão, alguma mica de muito pequena dimensão, calcite e ocasionais grãos ferruginosos de grande e média dimensão. Presença de pequenos vacúolos.

A pasta é de cor vermelho-claro (2.5YR 6/8) ou amarelo-avermelhado (5YR 6/6), sendo que o exterior apresenta uma coloração que varia entre o bege (10YR 8/4) e o amarelo-claro (2.5Y 8/2), que resulta da utilização de água salgada no processo de fabrico das ânforas.

Corresponde às produções da região da Tripolitana, tendo-se recolhido apenas dois fragmentos: um bordo e um fundo.

PA 2 - Pasta compacta, depurada e homogénea, de cozedura oxidante. Os elementos não plásticos, pouco abundantes, são constituídos por minúsculas micas, quartzos de

pequena dimensão e calcite. Não apresenta qualquer tipo de acabamento exterior, exibindo paredes e pasta da mesma cor: vermelho-claro (2.5YR 6/8).

Foi identificado apenas um bordo do tipo Mañá C2b com estas características, parecendo corresponder a uma produção localizada no Norte de África, possivelmente na área de Cartago/Tunes.

3.8.4. Produções lusitanas:

No conjunto total das ânforas recolhidas no teatro romano de Lisboa as produções lusitanas correspondem a 24%, no seio das quais foi possível distinguir quatro fabricos diferentes.

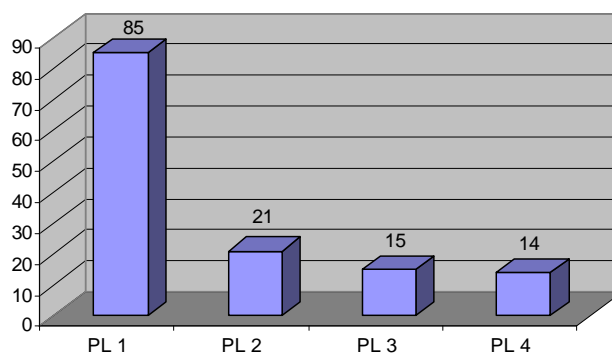


Fig. 9 - Representação dos diferentes subgrupos de fabrico lusitano.

PL 1 - Pasta compacta e dura, pouco depurada, de cozedura oxidante. Apresenta abundantes elementos não plásticos, sub-rolados, constituídos por quartzos de pequena, média e grande dimensão, alguns nódulos de argila cozida e ocasionais grãos ferruginosos de grande dimensão, mica de pequenas dimensões. Observa-se a presença de vacúolos.

A pasta apresenta normalmente tons de vermelho (2.5YR 5/8; 5YR 6/8; 2.5YR 6/8), embora por vezes exiba tons mais acastanhados (10YR 6/4; 7.5YR 6/4). As paredes apresentam igualmente cor vermelha, exibindo em muitos casos uma aguada que pode variar entre tons de castanho-acinzentado (7.5YR 6/4; 10YR 5/2; 10YR 6/2), e tons de vermelho (2.5YR 6/6; 2.5YR 5/4; 5YR 6/6; 5YR 6/4; 5YR 5/4).

Trata-se do fabrico dominante dentro das ânforas de produção lusitana exumadas no teatro romano de Lisboa (63%), atribuível às produções do Tejo e Sado jusante.

PL 2 - Pasta de textura média, pouco dura e depurada, de cozedura oxidante. Os elementos não plásticos são pouco abundantes e de reduzidas dimensões, sendo constituídos por quartzos sub-rolados, calcites, micas e ocasionais grãos ferruginosos. Observa-se a existência de vacúolos.

À semelhança do grupo PL 1, a cor da pasta e das paredes apresenta-se geralmente em tons vermelhos (5YR 5/6; 5YR 5/8; 5YR 6/8; 2.5YR 6/6; 7.5YR 6/6) ou acastanhados (10YR 6/4; 7.5YR 5/2; 5YR 5/4; 7.5YR 6/4), não se observando, todavia, qualquer tipo de tratamento exterior. Representa 16% no conjunto das produções lusitanas.

PL 3 - Pasta compacta, dura e de cozedura oxidante. Os elementos não plásticos são abundantes e de reduzida e média dimensão, ocasionalmente grandes, constituindo-se essencialmente por quartzos rolados, grãos ferruginosos, margas e mica.

A cor da pasta varia essencialmente entre tons acastanhados (7.5YR 5/4; 7.5YR 6/4; 10YR 6/4) e avermelhados (2.5YR 5/8; 2.5YR 6/8; 5YR 5/8; 5YR 6/8), sendo que alguns exemplares apresentam o cerne acinzentado. Na superfície exterior observa-se um engobe que pode ser branco (2.5Y 8/1; 10YR 8/1) ou bege (10YR 7/4; 10YR 8/3; 10YR 8/4). Corresponde às produções da olaria do Morraçal da Ajuda em Peniche²³, representando 11% no conjunto das produções lusitanas.

PL 4 - Pasta compacta, dura e de cozedura oxidante. Os elementos não plásticos são medianamente abundantes, constituídos por quartzos sub-rolados de pequena e média dimensão, minúsculas micas, ocasionais grãos ferruginosos de grande e média dimensão e alguma calcite.

Apenas em um fragmento deste fabrico (nº 809) se observou a aplicação de engobe, de cor amarelo-avermelhado (7.5YR 6/6) na superfície externa, enquanto que o fragmento nº 2539 exhibe uma aguada amarelo-avermelhado (5YR 6/6). As paredes variam essencialmente entre tons avermelhados (5YR 6/6; 7.5YR 6/6; 7.5YR 7/6;

²³ Não posso deixar de agradecer ao Dr. Eurico de Sepúlveda e ao Dr. Severino Rodrigues o precioso auxílio na análise deste grupo de fabrico.

2.5YR 6/6) e castanho claro (7.5YR 6/4), enquanto que a cor da pasta se pauta igualmente por tons avermelhados (5YR 5/6; 2.5 YR 5/6; 2.5YR 5/8) e acastanhados (7.5YR 6/4; 10YR 5/4; 10YR 6/4). Representa 10% no conjunto das produções lusitanas.

3.8.5. Produção indeterminada:

Foi individualizado um fabrico, composto por três fragmentos (n^os 842, 699 e 2447), cuja proveniência nos é desconhecida.

Pasta compacta e dura, arenosa e de cozedura oxidante. Os elementos não plásticos são abundantes e de pequena e média dimensão, constituídos essencialmente por quartzos sub-rolados e angulosos, e ocasionais grãos carbonatados, observando-se a existência de inúmeros vacúolos.

A superfície externa é coberta com um espesso engobe amarelo-claro (2.5Y 8/4; 2.5Y 8/3), a pasta é de cor vermelha (2.5YR 5/8) e o cerne é cinzento-escuro (2.5Y 4/1) ou castanho-esverdeado claro (10YR 6/2).

4. Análise quantitativa e qualitativa do conjunto

4.1. Apreciação quantitativa

No quadro geral dos materiais cerâmicos exumados no decurso das recentes intervenções no teatro romano de Lisboa, as ânforas correspondem, com excepção, talvez, da cerâmica comum, à categoria quantitativamente mais expressiva. De entre a totalidade de peças existentes, foram identificados e seleccionados 532 fragmentos, a que correspondem 209 bordos, 247 asas e 76 fundos, atribuíveis a 19 tipologias distintas, traduzindo-se num Número Mínimo de 211 Indivíduos (NMI), acrescentando-se ainda um conjunto de 44 opérculos.

A apreciação quantitativa do presente conjunto afigura-se pertinente numa perspectiva de análise global, uma vez que uma percentagem significativa destas ânforas foi documentada em contextos de época Medieval, Moderna e Contemporânea. Por outro lado, e no que se refere aos materiais exumados em contextos de época romana, quantitativamente o conjunto em apreço adquire especial significado se se tiver em conta que provém de contextos genericamente balizados entre o período de Augusto e o terceiro quartel do século I d.C., ou seja, reporta-se a um período relativamente curto e bem circunscrito no tempo, permitindo uma leitura privilegiada sobre os ritmos de consumo e dinâmica comercial de *Olisipo* durante este período.

Acrescente-se ainda que, de acordo com os pressupostos de Molina Vidal (1997, p. 47), a amostra do teatro romano pode considerar-se de “fiabilidade aceitável”, uma vez que a quantidade bordos é superior a 200.

No conjunto global das ânforas do teatro romano (NMI) destaca-se o predomínio das produções meridionais hispânicas, que correspondem a 67%, particularmente os fabricos atribuíveis à região do Guadalquivir que representam 65% dentro das produções béticas. A Lusitânia constitui-se como a segunda região produtora melhor representada, 19%, enquanto que a Península Itálica, exclusivamente representada pelos vinhos tirrénicos e adriáticos, corresponde a 13%. As produções africanas correspondem apenas a 1%, e materializam-se em um exemplar de Mañá C2a, contentor piscícola proveniente da região de Cartago/Tunes, e um outro de tipo Tripolitana Antiga, ânfora oleícola procedente da região da Tripolitana, na actual Líbia.

Os preparados piscícolas parecem ter sido os produtos preferentemente importados, representando 44% do total de NMI, quer numa fase mais recuada, em ânforas Mañá C2, T-9.1.1.1. e Greco-Itálicas Hispânicas, quer a partir do terceiro/último quartel do século I a.C., em contentores de tipo Classe 67, Dressel 7-11, Dressel 12 e Ovóides Lusitanas. No que diz respeito à fase mais recuada, não deixa de ser curioso que no teatro romano as ânforas piscícolas hispânicas se registem em maior número que as vinárias itálicas (e dentro destas uma maior quantidade de Greco-Itálicas), algo que não sucede, por exemplo, no castelo de São Jorge (Pimenta, 2004, p. 88) e em Santarém (Arruda e Almeida, 1999; Bargão, 2006), onde se assiste a uma clara preponderância das últimas, especialmente do tipo Dressel 1.

Tipologias	NMI	NMI %
Greco-Itálica	14	6,64%
T-9.1.1.1.	3	1,42%
Greco-Itálica Hispânica	1	0,47%
Mañá C2	31	14,69%
Tripolitana Antiga	1	0,47%
Dressel 1 Itálica	11	5,21%
Lamboglia 2	1	0,47%
Dressel 2-4	2	0,95%
Haltern 70	32	15,17%
Richborough 527	1	0,47%
Classe 67	1	0,47%
Dressel 7-11	16	7,58%
Dressel 12	1	0,47%
Ovóides Lusitanas	40	18,96%
Oberaden 83	31	14,69%
Dressel 28	1	0,47%
Gauloise 5	1	0,47%
Dressel 20	14	6,64%
Verulamium 1908	9	4,27%
Total	211	100%

Fig. 10 - Quadro geral da quantificação por NMI das ânforas do teatro romano.

Sobrepondo estes dados com os relativos às ocupações republicanas do castelo de São Jorge verifica-se, principalmente a partir da segunda metade do século I a.C. e inícios do século seguinte, um acentuado decréscimo das importações itálicas em *Olisipo* em detrimento dos produtos provenientes da bética. O vinho itálico é gradualmente substituído pelo vinho meridional hispânico, embora a presença de tipologias como a Dressel 2-4 possa indicar a continuidade da importação de vinhos itálicos, ainda que em percentagens quase residuais. O vinho representa 34% no total de NMI.

Relativamente ao vinho bético (62% das ânforas vinárias), está principalmente documentado pela presença significativa de ânforas produzidas na região interior do vale do Guadalquivir que se destinariam ao transporte do apreciado líquido, como as Haltern 70 (45%), Verulamium 1908 (13%), Dressel 2-4 (1%) e Gauloise 5 (1%), bem como por ânforas produzidas nas regiões costeiras daquela província, como a Dressel 28 (1%).

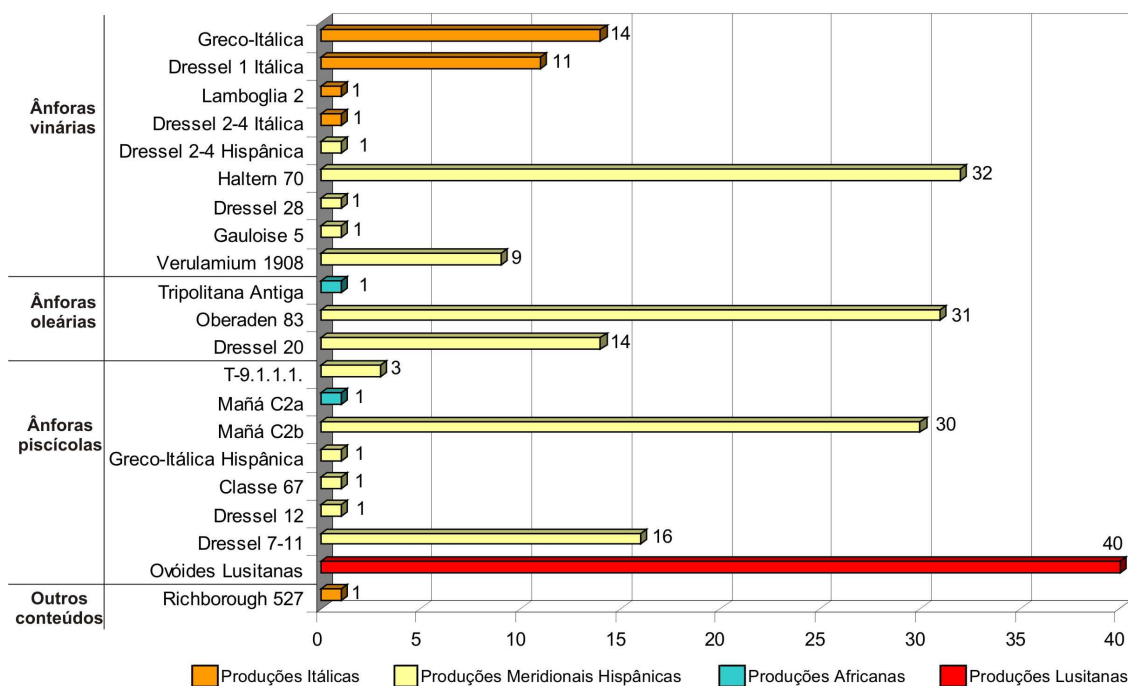


Fig. 11 - Tipologias, zonas de produção e conteúdos das ânforas do teatro romano de Lisboa.

O desabrochar da indústria piscícola na Lusitânia a partir, pelo menos, do último quartel do século I a.C., representado no teatro por um conjunto bastante expressivo das mais precoces produções anfóricas daquela província, vem aduzir algumas mudanças

nos ritmos de importação e nas dinâmicas comerciais de então. De facto, pelo que os dados do teatro indicam, o consumo de preparados piscícolas béticos em *Olisipo* parece diminuir, relativamente ao período anterior, verificando-se, a partir do principado de Augusto, a predominância dos produtos de origem lusitana, representando 65%.

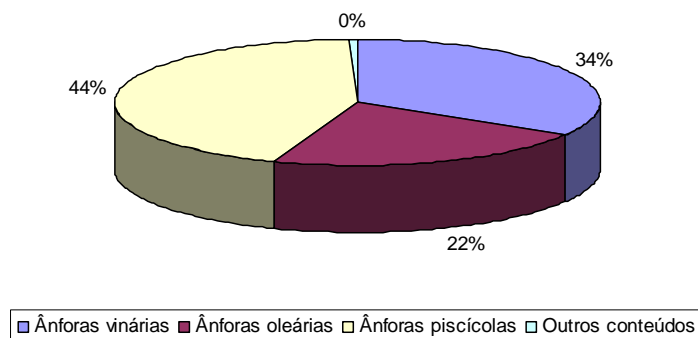


Fig. 12 - Representação dos produtos importados (NMI).

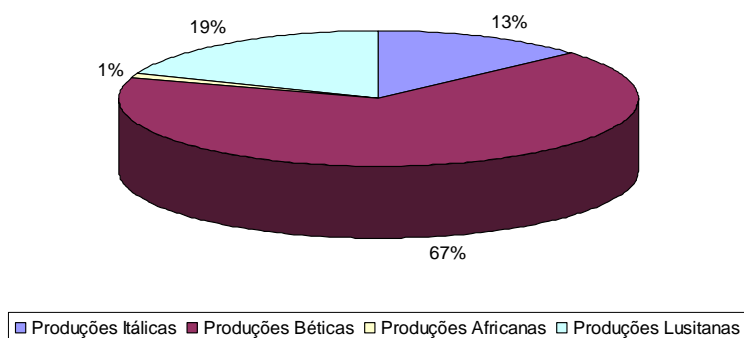


Fig. 13 - Gráfico com a representação das diferentes regiões produtoras (NMI).

No que se refere ao azeite, foram identificadas 46 ânforas destinadas ao seu transporte (22% do total de NMI), constatando-se que foi importado quase exclusivamente da província da Bética (98% das ânforas oleícolas), concretamente da região do vale do Guadalquivir, com excepção de uma ânfora da forma Tripolitana Antiga (2%), proveniente da região da Tripolitana no Norte de África. Num período mais recuado observa-se a importação do azeite africano em fracas quantidades. A partir do principado de Augusto o azeite bético começa a chegar em grandes quantidades transportado primeiro em ânforas de tipo Oberaden 83, e depois, já em meados/terceiro quartel do século I d.C., nas suas sucessoras Dressel 20.

4.2. O vinho, o azeite e os preparados piscícolas na dinâmica comercial de *Olisipo*

4.2.1. O vinho

O consumo de vinho no ocidente peninsular remonta ao primeiro milénio a.C., sendo tradicionalmente associado aos contactos com o mundo fenício (Pimenta, 2004, p.89). Ainda que a questão dos seus conteúdos permaneça envolta em grande indefinição, a presença de ânforas fenícias e púnicas de produção oriental e hispânica parece insinuar esse consumo (Arruda e Gonçalves, 1995; Fabião, 1998a), aparentemente confirmado pela existência de cerâmicas áticas, relacionáveis com a generalização do consumo dessa bebida (Arruda, 1997, p. 106).

Quanto ao momento em que se inicia a sua produção, no actual território português aquilo que hoje se conhece é ainda mais redutor. O registo polínico do Paúl dos Patudos, Alpiarça (Leeuwarden e Janssen, 1985), embora tenha documentado a presença de *vitis*, tem necessariamente que ser encarado com alguma prudência, uma vez que, para além de não ter permitido esclarecer de que tipo se tratava, *vinifera* ou *silvestris*, apresenta algumas divergências nas datações por radiocarbono obtidas em distintas sondagens realizadas no baixo Tejo (Fabião e Guerra, 1993, p. 1009). No mesmo sentido, a descoberta de grainhas de uva no povoado de Almaraz (Almada) não autoriza estabelecer uma relação directa com a produção de vinho, embora documente inequivocamente o seu consumo (Fabião, 1998a, p. 174).

Desta forma, embora assente em fundamentos algo precários, admite-se um cultivo da vinha e a possível produção de vinho, em fase anterior à presença romana nas regiões que sofreram uma maior influência mediterrânica, isto é, nos territórios meridionais (*idem*).

Entre as poucas alusões das fontes clássicas que se podem relacionar com a produção de vinho no ocidente peninsular pode-se mencionar a referência de Estrabão à riqueza dos olivais e vinhedos da região do baixo Tejo (3,3,1), e a lista de produtos e preços de Políbio (34, 8) onde, entre outros, é mencionado o vinho (Fabião e Guerra, 1993, p. 1007).

O registo arqueológico, sobretudo materializado na ausência de ânforas Greco-Itálicas, tem repetidamente demonstrado que não se verificaram importações de vinho itálico para o ocidente peninsular em momento anterior às primeiras campanhas militares empreendidas por Roma nestas paragens, o que parece indicar um certo desinteresse por esta área até essa altura (Fabião, 1989; Fabião, 1998a; Arruda e Almeida, 1999; Pimenta, 2004; Bargão, 2006). A sequência estratigráfica registada no castelo de São Jorge, cuja ampla diacronia de ocupação se estende desde a Idade do Ferro até ao período romano republicano, documenta de forma eloquente esse aspecto, demonstrando de forma elucidativa, quer a ausência de relações comerciais com a Península Itálica em fase anterior ao processo de conquista, quer a associação das ânforas vinárias Greco-Itálicas aos mais antigos contextos romanos, de cariz eminentemente militar, no caso vertente relacionados com a campanha de Décimo Júnio Bruto em 138 a.C. (Pimenta, 2004, p. 91).

Esta associação havia já sido preconizada por Carlos Fabião (1989, p. 111 e 115) para a generalidade do território português, entrevedo então a chegada do vinho itálico no âmbito do processo da conquista, destinado sobretudo ao abastecimento dos contingentes militares romanos (Fabião, 1998a, p. 175). A chegada do vinho itálico ao ocidente peninsular inscreve-se, portanto, num abastecimento de cariz eminentemente institucional (Arruda e Almeida, 1999, p. 334). Recorde-se que os contentores de tipo Greco-Itálico deixaram de ser produzidos nos inícios do último quartel do século II a.C., facto que lhe confere um certo relevo enquanto indicador cronológico.

A difusão das ânforas Greco-Itálicas no nosso território ilustra bem o que acima se referiu, estando a sua presença registada de uma forma quantitativamente bastante expressiva no vale do Tejo, área que as fontes clássicas relacionam directamente com a campanha militar de Décimo Júnio Bruto, e no Sul de Portugal, região onde a ligação ao mundo mediterrânico foi mais precoce e se fez sentir de uma forma mais intensa (Fabião, 1989, p. 115). Por outro lado, a maior amplitude de difusão das ânforas de tipo Dressel 1 Itálicas, que chegam ao ocidente peninsular igualmente no âmbito do processo de conquista (Pimenta, 2004) e que dão continuidade à importação do vinho itálico das costas tirrénicas até aos inícios do último quartel do século I a.C., embora se relacione igualmente com o circuito de abastecimento institucional ao exército, documenta a existência de redes secundárias de distribuição que possibilitaram o acesso desses produtos vínicos às elites locais (Fabião, 1998a, p. 175).

Esta distribuição em massa do vinho itálico ocorre sobretudo a partir do final do século II a.C. reflectindo-se na presença da forma Dressel 1 Itálica em praticamente todo o território actualmente português (Pimenta, 2004, p. 92). Naturalmente, esta relativa generalização do consumo do vinho no ocidente peninsular insere-se no âmbito lato do conceito de romanização, neste caso particularmente no que aos hábitos alimentares se refere.

Os dados fornecidos pelas ânforas vinárias itálicas do teatro romano de Lisboa, embora exumadas em contextos cronológicos posteriores, remetem-nos para momentos recuados da presença romana em *Olisipo*, registando-se a presença das formas mais tardias do tipo Greco-Itálico e das primeiras produções de Dressel 1 Itálicas, incluindo as ditas Dressel 1 de transição. A sua importação documenta-se igualmente ao longo do século I a.C., com a presença de formas aparentemente mais tardias do tipo Dressel 1 Itálico provenientes das costas tirrénicas, bem como pela existência de um fragmento de Lamboglia 2, produzido na costa adriática.

As importações de vinho itálico no ocidente peninsular decaem progressivamente a partir de meados do século I a.C., sendo paulatinamente substituídas durante essa fase pelo vinho produzido na Andaluzia, principalmente transportado em ânforas de tipo Haltern 70 (Arruda e Almeida, 1999, p. 335 e 336). A escassa representatividade das ânforas de tipo Dressel 2-4 de produção itálica no teatro romano demonstra esse acentuado declínio a partir dos finais do século I a.C., aliás, bem documentado nos locais conhecidos no restante território nacional com ocupação durante este período - sendo Santarém o melhor exemplo (Arruda e Almeida, 1999; Almeida, 2006).

Entre os factores que poderão ter contribuído para uma tão rápida “ascensão” dos vinhos béticos poder-se-á referir que, a partir dos finais do século I a.C., “começou a prevalecer o princípio da proximidade geográfica nos critérios de importação” (Fabião, 1998a, p. 181), sendo, de igual modo, dedutível um “substancial incremento da produção vitivinícola” (*idem*, p. 182).

Tendo em conta a representatividade da forma Haltern 70 neste conjunto, os dados do teatro romano permitem antever para Lisboa, à semelhança do que, aliás, se verifica em muitos outros locais, nomeadamente em Santarém no vale do Tejo (Arruda

e Almeida, 2000; Almeida, 2006), uma significativa importação de vinho bético transportado em ânforas daquela tipologia desde a segunda metade do século I a.C. até ao terceiro quartel do século I d.C.. A partir do segundo/terceiro quartel do século I d.C. surge uma outra forma bética com alguma representatividade no conjunto, a Verulamium 1908, igualmente destinada ao transporte daquela apreciada bebida. Paralelamente, observa-se ainda a presença de outras ânforas vinárias provenientes da província daquela província hispânica, ainda que em quantidades claramente minoritárias, como é o caso da Dressel 2-4, da Dressel 28 e da Gauloise 5, que poderão ter chegado a *Olisipo* ainda nos últimos decénios do século I a.C. ou durante a centúria seguinte.

A ausência de ânforas vinárias provenientes da província da Tarraconense, concretamente a forma Pascual 1, não parece ter especial significado uma vez que essas produções se destinavam preferencialmente ao *limes* germânico, a Roma e à província da Gália, estando normalmente presente em percentagens pouco significativas no ocidente peninsular (Arruda e Almeida, 2000, p. 712).

4.2.2. O azeite

O panorama que atrás se expôs quanto ao início da produção de vinho no ocidente peninsular poder-se-á transpor, nas suas principais linhas gerais, para o início da produção de azeite. De facto, embora tradicionalmente se aceite que a introdução deste importante elemento da dieta alimentar mediterrânica e respectiva tecnologia oleícola se deva, no nosso território, à colonização fenícia, não foram ainda encontradas provas directas que demonstrem a sua produção em fase anterior à ocupação romana (Fabião e Guerra, 1993, p. 1008; Morais, 1998, p. 30).

Sabe-se, contudo, que a *olea* é uma espécie indígena, tendo sido identificada em alguns estudos polínicos para fases bastante recuadas, embora somente em época medieval se assinale um crescimento significativo da sua presença (Fabião e Guerra, 1993, p. 1009; Pimenta, 2004, p. 97). De igual modo, existem outros indícios que, embora de forma indirecta, apontam no sentido do seu uso, como é o caso das lucernas de tipo púnico (Fabião e Guerra, 1993, p. 1010).

No que ao período romano republicano se refere, as evidências sobre a produção de azeite no extremo ocidente peninsular parecem ser um pouco mais consistentes. Por um lado, foi documentada uma área de prensagem, possivelmente pertencente a uma *cellae oleariae*, nas recentes intervenções levadas a cabo no Castelo da Lousa, Mourão (Gonçalves e Carvalho, 2002, p. 184); por outro, assiste-se a uma generalizada presença minoritária de ânforas oleícolas importadas em todos os locais onde se tem vindo a registar ocupação republicana, como por exemplo na Lomba do Canho (Fabião, 1989), em Santarém (Bargão, 2006) e em Lisboa (Pimenta, 2004) que, consensualmente, se tem interpretado como indicador de uma efectiva produção local. Embora as fontes literárias sejam parcas, Estrabão refere-se à riqueza dos olivais na região do baixo Tejo (3,3,1).

Resumidamente, a moderna investigação tem procurado na produção local a principal fundamentação para uma tão minoritária presença de ânforas oleícolas em período republicano.

Para além de se constituir como um elemento essencial na tríade alimentar mediterrânica e de servir como principal combustível de iluminação, o azeite era ainda utilizado, durante a época romana, em algumas práticas de higiene e na confecção de vários medicamentos, óleos, perfumes e cosméticos (Fabião, 1989, p. 126; Morais, 1998, p. 30).

Tanto quanto nos é permitido perceber no actual estado da investigação - tendo em conta o desconhecimento generalizado acerca dos conteúdos transportados por ânforas de tradição púnica que continuam a chegar ao ocidente em época republicana - o azeite importado seria proveniente da área de Brindes, na Península Itálica, e da região da Tripolitana, no Norte de África, com uma notória preponderância deste último. Relativamente a esta última particularidade, igualmente observável nos níveis republicanos de Valência, foi sugerido que tal se relacionaria com um abastecimento de carácter institucional àquela colónia e ao exército (Pascual Berlanga e Ribera i Lacomba, 2002), perspectiva que viria a ser extrapolada para o vale do Tejo (Pimenta, 2004, p. 96; Bargão, 2006, p. 108).

Embora parcos, os dados do teatro romano de Lisboa corroboram esta proposta, observando-se a presença do azeite africano, ainda que escassamente representado por

uma ânfora de tipo Tripolitana Antiga, e a inexistência de ânforas de Brindisi, utilizadas para o transporte do azeite meridional itálico.

A partir do último quartel do século I a.C. assiste-se, no extremo ocidente peninsular, a um aumento exponencial da importação de azeite, agora proveniente da província da Bética, transportado numa primeira fase em ânforas da Classe 24 e de tipo Oberaden 83 e posteriormente nas suas sucessoras Dressel 20.

A representatividade que o azeite assume no conjunto das importações béticas do teatro romano é francamente significativa, principalmente face ao panorama conhecido no nosso território para esta época, constituindo-se como o segundo produto mais importado daquela província (32%), a seguir aos preparados piscícolas (37%), ainda que em quantidades idênticas ao vinho (31%). Para Santarém ficou também demonstrado que o azeite bético foi importado em quantidades significativas, a partir da segunda metade do século I a.C., principalmente a partir de Augusto (Almeida, 2006). Recorde-se que nos contextos republicanos do castelo de São Jorge as ânforas oleícolas representam apenas cerca de 2% do conjunto total (Pimenta, 2004, p. 87, Quadro 12), o mesmo acontecendo em Santarém (Bargão, 2006, p. 93, fig. 45), resumindo-se a um fragmento de bordo de Tripolitana Antiga no caso do teatro romano.

À semelhança do que se verifica em Santarém para o período de Augusto (Almeida, 2006), estes dados permitem entrever para Lisboa um fluxo bastante significativo de contentores oleícolas, e, portanto, um elevado consumo e utilização de azeite por parte da sua população, esbatendo o falso panorama de escassez de azeite bético que erroneamente se instituiu no meio científico nacional, aspecto para o qual Carlos Fabião já havia chamado a atenção (Fabião, 1993-1994, p. 238). A distribuição destes contentores deverá estar relacionada com a rota atlântica destinada ao aprovisionamento de azeite bético dos estabelecimentos do *limes* germânico e, posteriormente, da *Britannia*, no âmbito da *Annona Militaris* (Remesal Rodriguez, 1986, p. 77 a 79; Fabião, 1993-1994, p. 239; Almeida, 2006, p. 117). A presença da marca L. HOR no teatro romano evidencia ainda mais o abastecimento da cidade através de uma rota comum a Santarém e noroeste peninsular, locais onde se conhecem marcas relacionáveis (Almeida, 2006, p. 117).

A presença de ânforas de tipo Dressel 20 em Lisboa, nomeadamente os exemplares do teatro romano e do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Sabrosa

e Bugalhão, 2004), atesta a continuidade da importação de azeite da Bética ao longo do século I d.C., bem como a vitalidade da rota atlântica.

4.2.3. Os preparados piscícolas

Entre outros indícios, a presença de ânforas de tipo Mañá Pascual A4, por exemplo em sítios como Santarém (Arruda, 2002), Lisboa - no Palácio do Marquês de Angeja (Filipe, Calado e Leitão, 2005), no Castelo de São Jorge, Claustro da Sé de Lisboa, Fundação Ricardo Espírito Santo (Pimenta, 2004 e 2007), na Rua de São João da Praça (Pimenta, Calado e Leitão, 2005) -, Quinta da Torre, Almada (Cardoso e Carreira, 1997/98), Mesas do Castelinho (Fabião, 1998), Cerro da Rocha Branca (Gomes, 1993) ou Castro Marim (Arruda, 2001; Arruda *et alii*, 2006), neste último local em percentagens bastante significativas, permite afirmar que o consumo de preparados piscícolas no ocidente peninsular recua, pelo menos, ao início da segunda metade do primeiro milénio a.C. (Arruda *et alii*, 2006) e terá decorrido no contexto da colonização fenícia e/ou púnica.

A informação actualmente disponível permite supor que, ainda que com algumas reservas e necessitando de confirmação arqueológica, a produção de preparados piscícolas poder-se-á ter iniciado, no actual território português, ainda em fase prévia à chegada dos primeiros contingentes militares romanos. Embora ainda mal caracterizada e sem dados cronológicos seguros, foi identificada uma produção de ânforas no vale do Sado, formalmente filiáveis na família das Mañá Pascual A4 (Diogo *et alii*, 1990). Paralelamente, no castelo de São Jorge, Lisboa, foi identificado e proposto um fabrico local ou regional para as ânforas do tipo T-4.2.2.5., presentes em níveis que vão desde o século IV a.C. a meados do século II a.C., e para as ânforas Mañá Pascual A4, que surgem em contextos de meados do século III a.C. até finais do século II a.C. (Pimenta, 2004, p. 81 a 85).

Em Castro Marim, foram identificados alguns fragmentos de ânfora do tipo T-4.2.2.5. com sinais de exposição a altas temperaturas, levando a que se propusesse uma possível produção local (Arruda *et alii*, 2006, p. 171). Refira-se, contudo, que um conteúdo piscícola não é totalmente consensual para esta última tipologia,

equacionando-se actualmente a hipótese de ter transportado também azeite ou mesmo vinho (*idem*, p. 160).

As evidências do consumo de preparados à base de peixe observáveis nos dados do teatro romano remetem-nos, necessariamente, para o terceiro quartel do século II a.C., altura em que cessa a produção de ânforas de tipo Mañá C2a na área de “Cartago-Tunis”. A presença de um fragmento daquela tipologia, juntamente com ânforas Greco-Itálicas tardias, Dressel 1 Itálica de transição, Greco-Itálicas de produção hispânica, Mañá C2b, Tripolitana Antiga e T-9.1.1.1., remete para os horizontes cronológicos mais antigos da presença romana registados no castelo de São Jorge (Pimenta, 2004).

A constante associação destas produções ocidentais da área do Estreito de Gibraltar, principalmente as Mañá C2 e as T-9.1.1.1., embora também as Greco-Itálicas Hispânicas, com as ânforas vinárias itálicas em contextos relacionáveis com a presença militar romana no vale do Tejo, em Lisboa, Santarém e Chões de Alpompe, levou a que se estabelecesse uma relação directa entre o abastecimento institucional ao exército e a difusão daqueles contentores (Arruda e Almeida, 1998; Pimenta, 2004 e 2007). Situação idêntica é registada, de igual modo, em outros locais da Península Ibérica com atestada presença militar romana, como em Valência (Ribera i Lacomba, 1998), Numância (Sanmartí Greco, 1985a), ou *Tarraco* (Díaz García, 2000).

Verifica-se, portanto, um significativo consumo de preparados de peixe em *Olisipo* desde os momentos mais precoces da presença romana no vale do Tejo, atribuíveis à campanha militar de Décimo Júnio Bruto em 138 a.C., observável nos dados do teatro romano e particularmente bem documentada nos contextos preservados do castelo de São Jorge (Pimenta, 2004).

Mais difícil de explicar será a preponderância das ânforas piscícolas béticas face às ânforas vinárias itálicas que se observa no conjunto do teatro, ao contrário do que acontece na colina do castelo (*idem* e 2007) e em Santarém (Arruda e Almeida, 1998; Arruda e Almeida, 1999; Arruda, Viegas e Bargão, 2005; Bargão 2006), encontrando, porém, paralelo em Castro Marim (Arruda *et alii*, 2006). Esta circunstância, no caso concreto do teatro romano, dever-se-á relacionar mais com as particularidades decorrentes da formação dos depósitos onde foram exumadas aquelas tipologias mais precoces, integralmente em deposição secundária, do que com qualquer outro cenário

com especial significado nos ritmos e dinâmica comercial da segunda metade do século II a.C..

Para além de muito apreciados no mundo romano, o importante papel que os preparados à base de peixe detinham na dieta alimentar relacionava-se, sobretudo, com o seu valor nutritivo e com as apreciáveis quantidades de sal que possuíam (Morais, 2005, p. 143).

Ao longo do século I a.C. os produtos à base de peixe de origem meridional hispânica terão continuado a chegar a *Olisipo*, transportados ainda em ânforas de tipo Mañá C2b, e possivelmente T-9.1.1.1., mas também, a partir da segunda metade da centúria, em ânforas da Classe 67, Dressel 12 e Dressel 7-11. De entre estas, observa-se o domínio das Mañá C2 durante o período republicano e das Dressel 7-11 a partir do principado de Augusto, sendo muito pouco expressiva a presença de ânforas da Classe 67 e Dressel 12. Situação idêntica se observa, uma vez mais, na colina do castelo, Lisboa (Pimenta, 2004), e em Santarém durante o período republicano, e, concretamente neste último local, a partir do principado de Augusto (Arruda, Viegas e Bargão, 2005).

A emergência das produções anfóricas lusitanas, pelo menos a partir do principado de Augusto (Morais, 2004; Morais e Fabião, 2007), que necessariamente se terão que relacionar com uma análoga produção e exportação de preparados de peixe e, possivelmente, de vinho também, viria a condicionar em grande medida a importação de produtos piscícolas béticos. Os dados do teatro romano de Lisboa são bastante elucidativos quanto a esta questão, observando-se, por um lado, um aumento genérico do consumo de preparados à base de peixe a partir do último quartel do século I a.C., relacionável com o incremento do comércio verificado entre Augusto e Tibério; por outro, um claro domínio dos preparados lusitanos sobre aqueles que eram importados da Bética, principalmente da região costeira, sublinhando o papel que os produtos piscícolas lusitanos detiveram no aprovisionamento à cidade de Lisboa logo a partir de Augusto e durante o século I d.C..

Recorde-se que na intervenção da rua dos Bacalhoeiros, em Lisboa, se verificou igualmente um claro domínio das ânforas lusitanas face aos contentores piscícolas provenientes da província da Bética, em contextos da primeira metade do século I d.C. (Fernandes *et alii*, 2006), contrariamente ao que sucede em Santarém (Arruda, Viegas e Bargão, 2006). Neste caso concreto, o predomínio de ânforas de fabrico lusitano não

poderá ser dissociado da funcionalidade específica daquele local - núcleo de transformação de pescado -, que poderá ter começado a laborar ainda durante o segundo quartel do século I d.C.. Quanto ao Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, sabe-se que foram documentadas ânforas de produção lusitana em níveis da primeira metade do século I, morfologicamente afins à Haltern 70 produzida na Bética, registando-se ainda uma presença discreta de ânforas piscícolas béticas fabricadas durante esse período (Sabrosa e Bugalhão, 2004, p. 573). Seria importante conhecer melhor os contornos desse conjunto de ânforas lusitanas mais precoces, nomeadamente os exactos contextos de proveniência e os aspectos morfológicos e quantitativos, de modo a confirmar ou infirmar os dados do teatro romano e da rua dos Bacalhoeiros.

Não se inscreve nestas páginas uma descrição detalhada das estruturas de produção de preparados piscícolas que floresceram na Lusitânia a partir de meados do século I d.C.. Contudo, deve-se realçar o papel de extrema importância que essa indústria terá tido de um modo geral na economia desta província, e em particular na cidade de *Felicitas Iulia Olisipo*, onde são conhecidos vários núcleos de produção industrial a partir do século I d.C. (Bugalhão, 2001).

5. Considerações finais

Os dados que foram expostos ao longo deste trabalho permitem tecer algumas considerações acerca do significado da amostra disponível, autorizando uma análise dos aspectos relacionados com a origem dos contentores identificados e dos produtos transportados, e possibilitando, ainda que partindo de um conjunto obviamente truncado - aliás, condição intrínseca a todos os contextos arqueológicos -, traçar um esboço do que seriam os hábitos de consumo em *Olisipo* durante o período de tempo que se estende desde a segunda metade do século II a.C. até ao terceiro quartel do século I d.C., particularmente entre o principado de Augusto e o de Nero. Estas considerações deverão ser entendidas enquanto propostas de trabalho.

Adicionalmente, os estudos recentemente desenvolvidos, versando sobre amplos conjuntos anfóricos de sítios com ocupações em análogos horizontes cronológicos (Morais, 1998 e 2005; Pimenta, 2004; Almeida, 2006; Bargão, 2006), provêm-nos de bons paralelos para a área do ocidente peninsular, sobretudo para a região do vale do Tejo - Lisboa e Santarém -, permitindo que se estabeleçam comparações quanto aos diversos aspectos informativos inerentes ao estudo destes contentores.

Face ao que se conhece, creio que os dados do teatro romano se podem, de uma forma geral, extrapolar à cidade de *Olisipo* no que se refere aos ritmos de consumo e fluxos de importação durante o espaço de tempo que decorre entre o principado de Augusto e o de Nero. Porém, a expressão quantitativa do conjunto anfórico em estudo, embora se possa considerar de “fiabilidade aceitável” (Molina Vidal, 1997, p. 47), não é suficientemente representativa, pelo que, naturalmente, carecerá sempre de ser confirmada através dos dados de outras intervenções.

Nesta óptica, os resultados das recentes intervenções arqueológicas levadas a cabo no teatro romano de Lisboa revestem-se de particular importância na caracterização dos diferentes ritmos de ocupação da urbe romana, quer no que se refere à sua dinâmica comercial, quer no que diz respeito especificamente ao momento de construção daquele importante edifício público - estas intervenções permitiram, pela primeira vez, escavar níveis directamente relacionados com a construção do teatro. A documentação de um volumoso conjunto de materiais associados a contextos estratigráficos, diacronicamente bem circunscritos entre o principado de Augusto e o de

Nero, permite colmatar em certa medida a latente escassez de informação que se observa relativamente a esta fase da ocupação romana em *Olisipo*.

Os contextos de época romana escavados no decurso destas intervenções relacionam-se, numa primeira fase, com a construção do teatro romano, que parece ter ocorrido durante os finais do principado de Augusto ou inícios de Tibério, e numa segunda com as obras de remodelação que o edifício sofreu em 58 d.C.. Os referidos contextos constituem-se principalmente como níveis de aterro, aparentemente efectuados após as referidas obras. Porém, as vicissitudes relativas à formação destes depósitos, a que certamente não estarão alheias as profundas intrusões no subsolo que as obras de construção do teatro terão provocado, lograram que se preservasse nestes contextos, embora em clara deposição secundária, um numeroso conjunto de materiais de fases mais recuadas, nomeadamente de cronologia republicana e da Idade do Ferro, cujo valor informativo não é, de todo, despiciendo. Tendo em conta a importância e pertinência dessa informação - no caso vertente, concretamente aquela que diz respeito às ânforas de época republicana -, esses dados foram incluídos na análise quantitativa e qualitativa, devendo, contudo, ser devidamente matizados.

No que aos materiais de época republicana se refere, os elementos do teatro romano reportam-nos ao terceiro quartel do século II a.C., observando-se principalmente a presença de materiais importados da Península Itálica e da região meridional hispânica e, em menor escala, do Norte de África. A presença de ânforas de tipo Greco-Itálico tardias, Greco-Itálicas de produção hispânica, Dressel 1 de transição, Tripolitana Antiga, T-9.1.1.1., e as variantes *a* e *b* do tipo Mañá C2, documentam incontestavelmente um momento precoce da presença romana em *Olisipo* e no ocidente peninsular, enquadrável no mesmo âmbito cronológico dos contextos republicanos mais antigos da colina do castelo, atribuídos por João Pimenta (2004 e 2005) ao período entre 140-130 a.C., e relacionados com a campanha militar encetada por Décimo Júnio Bruto em 138 a.C..

Contrariamente ao que sucede no castelo de São Jorge (*idem*), em Santarém (Arruda e Almeida, 1998; Arruda e Almeida, 1999; Bargão, 2006) e em Chões de Alpompe (Diogo, 1982; Fabião, 1989; Diogo e Trindade, 1993-94) - embora este último local nunca tenha sido intervencionado arqueologicamente -, não se observa nas ânforas republicanas do teatro romano a usual supremacia da forma Dressel 1 e dos vinhos

itálicos sobre os outros produtos, registando-se inclusivamente um maior número de Greco-Itálicas em relação àquela tipologia. A efectiva maior representatividade das ânforas piscícolas meridionais hispânicas Mañá C2b não pode apenas ser explicada pela sua maior longevidade de produção, uma vez que o mesmo se verifica com os contentores vinários itálicos Dressel 1. Poder-se-á procurar no tipo de ocupação documentada naqueles locais e no facto de se terem escavado contextos preservados daquela época, uma explicação para os dados do teatro, não deixando, contudo, de ter presente a especificidade dos contextos que aqui se analisam, e a possibilidade de tal se dever a um qualquer factor meramente circunstancial. De qualquer forma, com excepção do azeite itálico da região de Brindes, ausente no conjunto do teatro romano, regista-se a presença dos mesmos produtos, importados das mesmas regiões produtoras e no mesmo tipo de contentores daqueles que se observam em Santarém, Chões de Alpompe e castelo de São Jorge, bem como de alguns locais do Algarve, recentemente sintetizados (Bargão, 2006).

Tanto as importações de vinho itálico como as de preparados piscícolas da região meridional hispânica, tal como, ao que tudo indica, o azeite africano, inscrevem-se no âmbito de uma rede de abastecimento público ao exército (Fabião, 1989; Pascual Berlanga e Ribera i Lacomba, 2002; Pimenta, 2004; Bargão, 2006). Terá sido nesse contexto de aprovisionamento alimentar aos contingentes militares que esses produtos chegaram ao extremo ocidente peninsular.

O significativo aumento das importações béticas que se constata na generalidade dos sítios no ocidente peninsular a partir de meados do século I a.C., visível, por exemplo, em Braga (Morais, 1998 e 2005), na Lomba do Canho (Fabião, 1989), em Santarém (Arruda e Almeida, 1999; Arruda e Almeida, 2000; Arruda, Viegas e Bargão, 2005; Almeida, 2006; Bargão, 2006) e no conjunto do teatro romano, parece constituir-se como um indicador da “progressiva ascensão económica da Península Ibérica” (Fabião, 1989, p. 121) que se deve, sobretudo, a um “substancial incremento da produção vitivinícola” (Fabião, 1998a, p. 182).

Paralelamente, a importação do vinho tirrénico transportado em ânforas de tipo Dressel 1 Itálica vai diminuindo, até desaparecer completamente, durante a segunda metade do século I a.C., não se visualizando, nos conjuntos anfóricos do ocidente peninsular, uma efectiva substituição desses contentores pelas suas sucessoras Dressel 2-4. De facto, a escassa representação desta última tipologia no conjunto do teatro

(apenas um exemplar de fabrico itálico) verifica-se também em outros locais do actual território português, como por exemplo em Santarém (Arruda e Almeida, 2000). Do mesmo modo, a presença de vinho itálico da costa adriática, transportado em ânforas de tipo Lamboglia 2, durante o século I a.C. é claramente minoritária.

Assim, a partir da segunda metade do século I a.C. prevalece aquilo que Carlos Fabião designou de “princípio da proximidade geográfica nos critérios de importação” (Fabião, 1998a, p. 181), consubstanciada na preponderância que as importações da região meridional hispânica adquirem a partir deste período na generalidade dos locais que se estendem um pouco por toda a fachada atlântica.

A informação que o conjunto anfórico do teatro romano permite apreender, demonstra um notável incremento na importação de bens alimentares, traduzida numa significativa importação principalmente de vinho e azeite bético a partir do principado de Augusto, sobretudo em ânforas de tipo Haltern 70 e Oberaden 83, que supera as importações de preparados piscícolas provenientes da mesma província, principalmente efectuado em ânforas de tipo Dressel 7-11. Esta evidência não parece ser totalmente verificada em Santarém durante o mesmo período, onde se destaca claramente a importação do vinho sobre os outros produtos e onde o azeite, embora bastante representativo, é importado em menores quantidades que os preparados piscícolas (Arruda, Viegas e Bargão, 2005, p. 294; Almeida, 2006, gráfico 1).

Os dados do teatro romano contribuem para confirmar - se é que tal ainda se afigura necessário - a existência de uma rede de abastecimento regular de carácter institucional, que, com origem na província da Bética e transportando os produtos alimentares ali produzidos, percorreria toda a fachada ocidental da Península Ibérica, alcançando os estabelecimentos mais setentrionais do *limes* germânico e, posteriormente, da *Britannia*. Certamente, será a esta rota atlântica, destinada sobretudo a aprovisionar os contingentes militares estacionados no noroeste peninsular e no *limes* (Morais e Carreras Monfort, 2003), que se deve o significativo fluxo de vinho e azeite bético verificado no teatro romano de *Olisipo* e em locais como *Scallabis* e *Bracara Augusta*²⁴ a partir do principado de Augusto.

²⁴ No caso do noroeste peninsular verifica-se a esmagadora presença de ânforas de tipo Haltern 70, sendo minoritárias as ânforas oleícolas. De entre as várias propostas para a explicação desta singularidade, a que parece apresentar mais consistência é aquela que justifica esta escassez com a continuidade do uso das gorduras animais na dieta alimentar daquela região. Um bom ponto da situação em: Morais, 2005.

A marca L. HOR registada no teatro romano de Lisboa e a presença de marcas relacionáveis em locais como *Scallabis* e noroeste peninsular (Almeida, 2006, p. 117), contribui para enfatizar o que atrás se referiu.

A diminuição, face ao período precedente, das importações de preparados piscícolas béticos a partir dos finais do principado de Augusto parece estar, no caso concreto do teatro romano, directamente relacionada com a emergência das produções piscícolas lusitanas, que adquirem a partir de então uma expressão quantitativa bastante significativa. De facto, embora tal cenário não deixe de ser admissível numa perspectiva mais ampla, não se pode deixar de referir que em Santarém não se verifica análoga situação (Arruda, Viegas e Bargão, 2005 e 2006; Almeida, 2006). Embora as típicas ânforas piscícolas deste período - Dressel 7-11 - não alcancem o volume de importação que as Mañá C2 anteriormente alcançaram naquela cidade, elas são mais numerosas que as produções lusitanas mais precoces, estando presentes em proporções muito superiores às que se registam no teatro romano de Lisboa. Tendo em conta que os dados globais de Santarém têm uma representação quantitativa bastante superior aos do teatro, terá sempre que se olhar com precaução para o significado quantitativo do conjunto aqui em análise, sob pena de indevidamente se extrapolar para outros contextos uma realidade que, hipoteticamente, apenas aqui se verifica. De qualquer modo, não deixa de ser curioso que na intervenção da rua dos Bacalhoiros (Fernandes *et alii*, 2006) se documente, também, uma superioridade numérica das ânforas lusitanas face às de origem bética, no que se refere aos recipientes piscícolas, em contextos do primeiro/inícios do segundo quartel do século I d.C..

Relativamente à fase final da ocupação deste espaço, terceiro quartel do século I d.C., observa-se a continuidade do abastecimento de produtos originários da Bética, nomeadamente de azeite, através das ânforas Dressel 20, e vinho, presente nas variantes mais tardias de Haltern 70 e nas Verulamium 1908 e possivelmente também nas Dressel 28, Gauloise 5 e Dressel 2-4 Hispânicas. Quanto aos preparados à base de peixe, poderão estar representados por algumas variantes do tipo Dressel 7-11 béticas e Ovóides Lusitanas. De qualquer forma, estes materiais mais tardios parecem ser quantitativamente menos representativos que os da fase anterior, podendo isso, eventualmente, indiciar, ainda durante o terceiro quartel da primeira centúria a.C., a

diminuição global da importação de produtos alimentares da província da Bética, registada em Santarém sobretudo a partir do último quartel do século I d.C..

Serpa, Setembro de 2008

Bibliografia

ALARCÃO, J. (1976) - Les amphores. In ALARCÃO, J.; ÉTIENNE, R. (eds.) - *Fouilles de Conimbriga VI: céramiques diverses et verres*. Paris: Diffusion De Boccard, p. 79-91.

ALARCÃO, J. (1987) – Traços essenciais da geografia política e económica do Vale do Tejo na época Romana. In SILVA, A. C. (1987) – *Arqueologia no Vale do Tejo (catálogo da exposição)*. IPPC, Departamento de Arqueologia, Lisboa, p. 55-58.

ALARCÃO, J. (1994) - Lisboa romana e visigótica. In *Lisboa subterrânea*. Lisboa: Lisboa Capital Europeia da Cultura 94, p. 58-63.

ALARCÃO, J.; ALARCÃO, A. M. (1966) – O espólio da necrópole luso-romana de Valdoca (Aljustrel). *Conímbriga*, n.º 5, p. 99-111.

ALARCÃO, J.; DELGADO, M. (1969) – *Catálogo do Gabinete de Numismática e Antiguidades da Biblioteca Nacional de Lisboa (1ª parte)*. Lisboa, B.N.L.

ALARCÃO, J.; ÉTIENNE, R.; MAYET, F. (1990) - *Les villas romaines de S. Cucufate (Portugal)*. Paris: Diffusion De Boccard.

ALMEIDA, F. (1966) – Notícias sobre o teatro de Nero, em Lisboa. *Lucerna*, 5, p. 561-571.

ALMEIDA, I. M. (1994) - Lisboa antes do Homem. In *Lisboa Subterrânea*. Lisboa. Lisboa Capital Europeia da Cultura 94, p. 20-23.

ALMEIDA, R. (2006) – *As produções anfóricas do Guadalquivir no quadro das importações de Scallabis: contributo para o conhecimento dos tipos minoritários no Ocidente Peninsular*. Dissertação de Mestrado em Pré-história e Arqueologia, apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa. Policopiado.

AMARO, C. (1993) - Vestígios materiais orientalizantes do claustro da Sé de Lisboa. In *Estudos Orientais IV - Os Fenícios no território Português*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, p. 183-192.

AMARO, C. (1995) - *Núcleo arqueológico da Rua dos Correios*. Fundação Banco Comercial Português, Lisboa.

AMARO, C. (2002) - Percurso arqueológico através da Casa dos Bicos. In *De Olisipo a Lisboa. A casa dos Bicos*. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, p. 11-27.

ANGELUCCI, D.; COSTA, C.; MURALHA, J. (2004) – Ocupação neolítica e pedogénese médio-holocénica na Encosta de Sant’Ana (Lisboa): considerações geoarqueológicas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:2, p. 27-47.

ARANEGUI GASCÓ, C.; KBIRI ALAOUI, M.; VIVES-FERRÁNDIZ, J.; (2004) - Alfares y producciones cerámicas en Mauritania Occidental. In *Actas del Congreso Internacional Figlinae Baeticae. Talleres Alfareros y Producciones Cerámicas en la Bética Romana (ss. II a.C - VII d.C.)*, B.A.R., International Series, 1266, Oxford, 363-378.

ARCELIN, P.; TUFFREAU-LIBRE, M. (1998) - *La quantification des céramiques: conditions et protocole. Actes de la table ronde du centre archéologique européen du Mont Beuvray (Glux-en-Glenne, 7-9 avril de 1998)*. Centre Archéologique Européen du Mont Beuvray (Collection Bibracte, 2).

ARHARBI, R.; KERMORVANT, A.; LENOIR, E. (2001) – Iulia Valentia Banasa: de la découverte du site aux recherches récentes. In *Actes des Premiers Journées Nationales d’Archéologie et du Patrimoine*, 2, p. 147-168.

ARRUDA, A. M. (2000) - As cerâmicas de importação do castelo de Castro Marim no âmbito do comércio ocidental dos séculos V a III a. C. In *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos*. Cádiz: Universidad, p. 727-735.

ARRUDA, A. M. (2001) - Importações “púnicas” no Algarve: cronologia e significado. In *Actas do Colóquio internacional Os Púnicos no Extremo Ocidente*. Lisboa: Universidade Aberta. p. 69-98.

ARRUDA, A. M. (2002) – *Los Fenícios en Portugal. Fenícios e mundo indígena en el centro e sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Cuadernos de Arqueologia Mediterránea. 5-6. Barcelona.

ARRUDA, A. M.; ALMEIDA, R. (1998) - As ânforas da Classe 32 da Alcáçova de Santarém (Campanhas de 1983-1991). *Conímbriga*. Coimbra. 37, p. 201-231.

ARRUDA, A. M.; ALMEIDA, R. (1999) - As importações de vinho itálico para o território actualmente português: contextos, cronologias e significado. In *Économie et territoire en Lusitanie romaine*. Madrid: Casa de Vélazquez, p. 307-337.

ARRUDA, A. M.; ALMEIDA, R. (2000) - Importação e consumo de vinho bético na colónia Romana da *Scallabis* (Santarém, Portugal). In *Actas Congreso Internacional Ex Baetica Amphorae. Conservas y vino de la Bética en el Imperio Romano*. Vol. 2. Écija: Gráficas Sol, p. 703-715.

ARRUDA, A. M.; FREITAS, V. T.; VALLEJO SÁNCHEZ, J. I. (2000) - As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:2, p. 25-59.

ARRUDA, A. M.; GONÇALVES, V. S. (1995) - Produção e consumo de vinho no território actualmente português durante a Idade do Ferro. In *Amar, sentir e Viver a História. Estudos de Homenagem a Joaquim Veríssimo Serrão*. Lisboa: Edições Colibri, p. 21-27.

ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C.; BARGÃO, P. (2005) - As ânforas da Bética costeira na Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1, p. 279-297.

ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C.; BARGÃO, P. (2006) - Ânforas lusitanas da Alcáçova de Santarém. In *Simpósio Internacional Produção e comércio de preparados piscícolas durante a Proto-História e a época Romana no Ocidente da Península Ibérica. Homenagem a Françoise Mayet*. Setúbal Arqueológica, Vol. 13, p. 233-252.

ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C.; BARGÃO, P.; PEREIRA, R. (2006) - A importação de preparados de peixe no Castelo de Castro Marim: da Idade do Ferro à Época Romana. In *Simpósio Internacional Produção e comércio de preparados piscícolas durante a Proto-História e a época Romana no Ocidente da Península Ibérica. Homenagem a Françoise Mayet*. Setúbal Arqueológica, Vol. 13, p. 153-176.

ARTEAGA MATUTE, O. (1985) - Los hornos romanos de Manganeto, Amayate Bajo (Málaga). Informe preliminar. *Noticiario Arqueológico Hispánico*, 23, p. 197-233.

ARTHUR, P. (1989) - On the origins of Richborough 527. In *Amphores Romaines et Histoire Économique: Dix Ans de Recherche. Actes du Colloque de Sienne (22-24 mai 1986)*. Collection de l'École Française de Rome, 114. Palais Farnése, p. 249-256.

ASENSIO, D.; DEVENAT, L.; SANMARTÍ, J. (1998) - Les importacions amforals d'origen púnic a la costa de Catalunya en època tardorepublicana. In *Actes del II Col.loqui Internacional d'Arqueologia Romana. El vi a l'Antiguitat. Economia, producció i comerç al Mediterrani Occidental (Badalona, 6/9 de maig de 1998)*. Badalona: Museu (Monografies Badalonines, 14), p. 66-73.

AZEVEDO, L. (1815) - *Dissertação crítico-filosófica-histórica sobre o verdadeiro anno, manifestas causas e atendíveis circunstâncias da erecção do tablado e orquestra do theatro romano descoberto na escavação da rua de S. Mamede, perto do castello desta cidade, com a intelligência da sua inscrição em honra de Nero e noticia instrutiva d'outras memórias alli achadas e até agora apparecidas*. Lisboa.

BANHA, C. (1991-1992) - As ânforas da villa romana de Povos. *Cira, Boletim Cultural*, 5. Vila Franca de Xira, p. 50-90.

BANHA, C. (2006) - *As ânforas romanas de Idanha-a-Velha (Civitas Igaeditanorum)*. Dissertação de Mestrado em Pré-história e Arqueologia, apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa. Policopiado.

BANHA, C.; ARSÉNIO, P. (1998) - As ânforas romanas vinárias de *Seilium*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, p. 165-190.

BARGÃO, P. (2006) - *As importações anfóricas do Mediterrâneo durante a época Romana Republicana na Alcáçova de Santarém*. Dissertação de Mestrado em Pré-história e Arqueologia, apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa. Policopiado.

BARROS, L.; HENRIQUES, F. (2002) - A última fase de ocupação do Almaraz. In *Actas do 3.º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana. Almada 20-23 de Fevereiro de 1997*. Monografias - Arqueologia. Câmara Municipal de Almada / Divisão de Museus, p. 97-107.

BAUDOUX, J. (1996) - *Les amphores du nord-est de la Gaule (territoire français): contribution à l'histoire de l'économie provinciale sous l'Empire romain*. Paris. Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 52).

BELTRÁN LLORIS, M. (1970) - *Las ánforas romanas de España*. Zaragoza: Institución «Fernando el Católico».

BELTRÁN LLORIS, M. (1976) - La cerámica del Campamento de Cáceres el Viejo (Cáceres). In *V Congreso de Estudios Extremeños, Ponencias VII y VIII (Arqueología y Historia del Arte)*, Badajoz, p. 3-22.

BENOIT, F. (1957) - Typologie et épigraphie amphoriques: les marques de SESTIUS. *Rivista di Studi Liguri*. Bordighera. 23, p. 247-285.

BENQUET, L.; OLMER, F. (2002) - Les amphores. In *La Loba (Fuenteovejuna, Cordoue, Espagne). La mine et le village minier antiques*. Bordeaux: Ausonius (Mémoires 7), p. 295-331.

BERKELEY-COTTER, J. (1956) - *O miocénico marinho de Lisboa*. Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal. Suplemento ao Tomo XXXVI. Lisboa.

BERNAL CASASOLA, D. (ed.) (1998) - *Excavaciones arqueológicas en el alfar romano de la Venta del Carmen, Los Bárrios (Cádiz). Una aproximación a la producción de ánforas en la Bahía de Algeciras en época Altoimperial*. Madrid.

BERNAL CASASOLA, D. (1998a) - Las producciones anfóricas del taller. In BERNAL CASASOLA (ed.) - *Los Matagallares (Salobreña, Granada): Un centro romano de producción alfarera en el siglo III d.C.*, Salobreña, Ayuntamiento de Salobreña, p. 231-305.

BERNAL CASASOLA, D. (1998b) - Las ánforas de vino béticas en la baja romanizada: novedades procedentes de recientes excavaciones en centros de producción andaluces. In *Actas del II Colloqui Iternacional d'Arqueologia Romana: El vi a l'Antiquitat. Economia, Producció i Comerç al Mediterrani Occidental (Badalona 6-9 Myo de 1998)*, Monografies Badalonines, 14, p. 543-562.

BERNAL CASASOLA, D. (2000) - Excavaciones en alfares romanos de la bahía de Algeciras (la Venta del Carmen y el Ringo Rango en Los Barrios) y la costa de Granada (Los Matagallares, Sollobreña). Nuevos elementos para el estudio de la producción anfórica bética entre Augusto y el s. IV d.C.. In *Actas Congreso Internacional Ex Baetica Amphorae. Conservas y vino de la Bética en el Imperio Romano*. Vol. 4. Écija: Gráficas Sol, p. 1305-1325.

BERNAL CASASOLA, D.; JIMÉNEZ-CAMINO ÁLVAREZ, R. (2004) - El taller de El Rinconcillo en la bahía de Algeciras. El factor itálico e la economía de exportación (ss. I a.C. - I d.C.). In *Actas del Congreso Internacional Figlinae Baeticae. Talleres Alfareros y*

Producciones Cerâmicas en la Bética Romana (ss. II a.C - VII d.C.), B.A.R., International Series, 1266, Oxford, 589-606.

BERNAL CASASOLA, D.; ROLDÁN GÓMEZ, L.; BLÁNQUEZ PÉREZ, J.; DÍAZ RODRÍGUEZ, J.; PRADOS MARTÍNEZ, F. (2004) - Las Dr. 2-4 béticas. Primeras evidencias de su manufactura en el *Conventus Gaditanus*. In *Actas del Congreso Internacional Figlinae Baeticae. Talleres Alfareros y Producciones Cerámicas en la Bética Romana (ss. II a.C. - VII d.C.)*, B.A.R., International Series, 1266, Oxford, p. 633-648.

BERNAL, D.; ARÉVALO, A.; LORENZO, L.; AGUILERA, L. (2003) - Imitations of Italic amphorae for fish sauce in *Baetica*. New evidence from the salt-fish factory of *Baelo Claudia (Hispania)*. In *Rei Cretariae Romanae Favtorum. Acta 38. International Congress - 2002*. Roma: American Academy in Rome, p. 305-313.

BERNI MILLET, P. (1998) - *Las ánforas de aceite de la Bética y su presencia en la Cataluña Romana*. Col.lecció Instrumenta 4, Barcelona, Universitat de Barcelona.

BERTHAULT, F. (1992) - Production d'amphores dans la région de Bordeaux. In *Les amphores en Gaule: Production et circulation*. Paris: Les Belles Lettres, p. 93-100.

BESECZKY, T. (2004) - Early roman food import in Ephesus: amphorae from the Tetragonos Agora. In *Transport, amphorae and trade in the Eastern Mediterranean*. Danish Institute at Athens, p. 85-97.

BLANCO JIMÉNEZ (1989) - Excavaciones de urgencia en un solar de la Calle Gregório Marañón: Cadiz. *Anuario Arqueológico de Anlucía*. Sevilha. Consejaria de Cultura de la Junta de Andalucía. 3, p. 78-81.

BORGARD, P. (1994) - L'origine liparote des amphores "Richborough 527" et la détermination de leur contenu. In *Actes du Congrès de Millau, 12-15 Mai 1994*. Société Française d'Étude de la Céramique Antique en Gaule, p. 197-203.

BORGARD, P. (2005) - Les amphores à alun (Ier siècle avant J.-C. - IVe siècle après J.-C.). In *L'Alun de Méditerranée, Colloque International*. Collection du Centre Jean Bérard, 23. Naples/Aix-en-Provence, p. 157-169.

BORGARD, P.; CAPELLI, C. (2005) - Origine et typologie des amphores à alun de Lipari. In *L'Alun de Méditerranée, Colloque International*. Collection du Centre Jean Bérard, 23. Naples/Aix-en-Provence, p. 211-213.

BOTTE, E. (2005) - Les amphores de Lipari découvertes dans la tannerie de Pompéi. In *L'Alun de Méditerranée, Colloque International*. Collection du Centre Jean Bérard, 23. Naples/Aix-en-Provence, p. 197-199.

BOUBE, J. (1973-75) - Marques d'amphores découvertes à Sala, Volubilis et Banasa. *Bulletin d'Archéologie Marocaine*. Rabat. 9, p. 163-235.

BOUBE, J. (1979-80) - Amphores préromaines trouvées en mer au voisinage de Rabat. *Bulletin d'Archéologie Marocaine*. Rabat. 12, p. 99-109.

BUGALHÃO, J. (2001) - *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros*. Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, *Trabalhos de Arqueologia*, 15.

BUGALHÃO, J.; LOURENÇO, S. (2006) - As ânforas romanas da Ilha da Berlenga. In *Simpósio Internacional Produção e comércio de preparados piscícolas durante a Proto-História e a época Romana no Ocidente da Península Ibérica. Homenagem a Françoise Mayet*. *Setúbal Arqueológica*, Vol. 13, p. 279-294.

BURACA, I. (2005) - *Civitas Conímbriga: Ânforas romanas*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, na área de especialização em Arqueologia Regional, apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra. Policopiado.

BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M.; MARTÍN-ARROYO SÁNCHEZ, D. (2004) - La producción de ánforas greco-italicas de imitación y su evolución en la bahía gaditana durante el siglo II a.C.: los contextos de la Avenida Pery Junquera en San Fernando (Cádiz). In *Actas del Congreso Internacional Figlinae Baeticae. Talleres Alfareros y Producciones Cerámicas en la Bética Romana (ss. II a.C - VII d.C.)*, Universidad de Cádiz, Noviembre 2003, B.A.R., International Series, 1266, Oxford, p. 441-446.

CABRAL, J. M. P. (1981) - Determinação de proveniência de cerâmicas. *Arqueologia*, 4, p. 74-82.

CABRAL, J. M. P.; FONSECA, S. M.; GOUVEIA, M. A. (2002) - Caracterização química das produções de ânforas do Vale do Tejo: III – Quinta do Rouxinol (continuação). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:2, p. 325-338.

CABRAL, J. M. P.; GOUVEIA, M. A.; MORGADO, I. (1993/94) - Caracterização química das produções de ânforas do Vale do Tejo: II – Quinta do Rouxinol. *Conímbriga*. Coimbra. 32-33, p. 191-200.

CABRAL, J. M. P.; GOUVEIA, M. A.; MORGADO, I. (1996) - Caracterização química das produções de ânforas do Vale do Tejo: I – Porto dos Cacos. In *Ocupação romana dos estuários de Tejo e do Sado*. Lisboa/Seixal. Publicações Dom Quixote/Câmara Municipal do Seixal, p. 301-322.

CALADO, M.; DEUS, M.; MATALOTO, R. (2000) - O sítio dos Soeiros (Arraiolos): uma abordagem preliminar. *Revista de Guimarães – volume especial, Actas do Congresso de Proto-História Europeia – Centenário da morte de Martins Sarmiento, Guimarães*; Sociedade Martins Sarmiento, Vol. II, p. 759-774.

CALLENDER, M. H. (1965) - *Roman Amphorae With Index of Stamps*. Oxford University Press. London.

CALLU, J. P. *et alii*, (1965) - *Thamusida I*. 2º suplemente de Mélanges de l'École Française de Rome et Athènes. Paris.

CARDOSO, G. (1990) - O forno de ânforas de Muge. In ALARCÃO, J.; MAYET, F. (eds) - *Les amphores lusitaniennes typologie, production et commerce*. Coimbra: Museu Monográfico de Conímbriga, p. 153-165.

CARDOSO, G. (2002) - *Pré-História de Portugal*. Lisboa. Editorial Verbo.

CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R. (1997/98) - A ocupação de época púnica da Quinta da Torre (Almada). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 189-217.

CARDOSO, G.; GONÇALVES, J. L.; RODRIGUES, S. (1998) - Forno romano de cerâmica descoberto em Peniche. *Al-Madan*, II série (7), Almada, p. 178-79.

CARDOSO, G.; RODRIGUES, S. (2002) - 4ª campanha de sondagens arqueológicas na olaria romana do Morraçal da Ajuda (Peniche). *Al-Madan*, II série (11), Almada, p. 6.

CARDOSO, G.; RODRIGUES, S. (2005) - Olaria romana do Morraçal da Ajuda. In *Actas do Congresso A Presença Romana na Região Oeste*. Bombarral, Câmara Municipal do Bombarral, p. 83-102.

CARDOSO, G.; RODRIGUES, S.; SEPÚLVEDA, E. (2006) - A olaria romana de Peniche. In *Simpósio Internacional Produção e comércio de preparados piscícolas durante a Proto-História e a época Romana no Ocidente da Península Ibérica. Homenagem a Françoise Mayet*. Setúbal Arqueológica, Vol. 13, p. 253-278.

CARRERAS MONFORT, C. (2000) - Producción de Haltern 70 y Dressel 7-11 en las inmediaciones del *lacus Ligustinus* (Las Marismas, Bajo Guadalquivir). In *Actas Congreso Internacional Ex Baetica Amphorae. Conservas y vino de la Bética en el Imperio Romano*. Vol. 1. Écija: Gráficas Sol, p. 419-426.

CARRERAS MONFORT, C. (2003a) - Geografia de la producció de les Haltern 70. In *Culip VIII i les àmfores Haltern 70*. Monografies del Casc 5. Girona, p. 75-81.

CARRERAS MONFORT, C. (2003b) - Estat de la qüestió sobre els continguts de les Haltern 70. In *Culip VIII i les àmfores Haltern 70*. Monografies del Casc 5. Girona, p. 117-119.

CARRERAS MONFORT, C. (2003c) - Haltern 70: a review. In *Amphorae in Britain and in the Western Empire*. *Journal of Roman Pottery Studies*, 10. London, p. 85-91.

CARRETERO POBLETE, P. (2004) - Las producciones cerámicas de ánforas tipo «Campamentos Numantinos» y su origen en San Fernando (Cádiz): los hornos de Pery Junquera. In *Actas del Congreso Internacional Figlinae Baeticae. Talleres Alfareros y Producciones Cerámicas en la Bética Romana (ss. II a.C - VII d.C.)*, B.A.R., International Series, 1266, Oxford, p. 427-439.

CARVALHO, P. C. (1998) - *O Fórum de Aeminium*. Lisboa: Instituto Português de Museus.

CAVALIER, M. (1994) - Les amphores Richborough 527. Découverte d'un atelier à Portinenti (Lipari, Italie). In *Actes du Congrès de Millau, 12-15 Mai 1994*. Société Française d'Étude de la Céramique Antique en Gaule, p. 189-196.

CHIC GARCÍA, G. (2001) - *Datos para un estudio socioeconómico de la Bética. Marcas de alfar sobre ánforas olearias*. Écija. 2 vols.

CHIC GARCÍA, G.; GARCÍA VARGAS, E. (2004) - Alfares e producciones cerámicas en la provincia de Sevilla. *Actas del Congreso Internacional Figlinae Baeticae. Talleres Alfareros y Producciones Cerámicas en la Bética Romana (ss. II a.C - VII d.C.)*, B.A.R., International Series, 1266, Oxford, p. 279-348.

CINTAS, P.(1950) - *Cerámique Punique*. Paris.

CIPRIANO, M. T.; CARRE, M. B. (1989) - Production et typologie des amphores sur la côte adriatique de l'Italie. In *Amphores romaines et histoire économique: Dix ans de recherche*. Roma: École Française de Rome (Collection de l'École Française de Rome; 114), p. 67-104.

COLLS, D.; ÉTIENNE, R.; LEQUÉMENT, R.; LIOU, B.; MAYET, F. (1977) - L'épave Port-Vendres II et le commerce de la Bétique à l'époque de Claude. *Archaeonautica* 1, Editions du CNRS, Paris.

COMAS I SOLA M. (1997) - *Baetulo. Les marques d'àmfora*. Institut d'Estudis Catalans, Barcelona.

DANGREAU, B.; DESBAT, A.; PICON, M.; SCHIMTT, A. (1992) - La production d'amphores à Lyon. In LAUBENHEIMER, F. (ED.) – *Les Amphores en Gaule. Production et Circulation (Table Ronde Internationale, Metz 1990)*, CNRS, Paris, p. 37-49.

DAVEAU, S. (1980) - Espaço e Tempo - Evolução do ambiente geográfico de Portugal ao longo dos tempos pré-históricos. *Clio*. Lisboa: Unidade de Arqueologia. Centro de História da Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa, 2, p. 3-37.

DAVEAU, S. (1994) - A foz do Tejo palco da história de Lisboa. In *Lisboa Subterrânea*. Lisboa. Lisboa Capital Europeia da Cultura 94, p. 24-31.

DAVEAU, S. (1995) - *Portugal geográfico*. Lisboa: Edições J. Sá da Costa.

DE NICOLAS J. C. (1979) - Epigrafía anforaria de Menorca. *Revista de Menorca* 70, 1979 1er semestre, Publicación del Ateneo Científico Literario y Artístico, Mahon, p. 5-80.

DESBAT, A. (1994) - Imitations of roman amphora in Gaul. In *Roman Amphorae, Problems of identification and methodology*. London.

DESBAT, A. (1998) - L'arrêt des importations de Dressel 1 en Gaule. In *Actes du Congrès d'Istres*. Société Française d'Étude de la Céramique Antique en Gaule, p. 31-35.

DESBAT, A.; DANGREAU, B. (1992) - La distribution des amphores dans la région Lyonnaise. Étude de deux sites de consommation. In *Les amphores en Gaule. Production et circulation (Table Ronde Internationale, Metz 1990)*, CNRS, Paris, p. 151-156.

DESBAT, A.; DANGREAU, B. (1997) – La production d'amphores a Lyon. In DESBAT, A. (ed.) *Les ateliers de potiers antiques a Lyon. 2e partie: les ateliers du 1er siècle après J.C.*, *Gallia* 54.

DÍAZ GARCIA, M. (2000) - Tipocronología de los contextos cerámicos tardo-republicanos en Tarraco. *Empúries*. Barcelona. 52, p. 201-260.

DIOGO, A. M. D. (1982) - A propósito de «Moron». Estudo de alguns documentos provenientes dos Chões de Alpompe (Santarém). *Clio*. Lisboa. 4, p. 147-154.

DIOGO, A. M. D. (1993) - Ânforas pré-romanas dos Chões de Alpompe (Santarém). In *Estudos Orientais IV - Os Fenícios no território Português*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, p. 215-227.

DIOGO, A. M. D. (1993) - O teatro romano de Lisboa. Notícia sobre as actuais escavações. In *Teatros Romanos de Hispania. Cuadernos de Arquitectura Romana*. Múrcia. 2. p. 217-224.

DIOGO, A. M. D. (1993) - Ânforas pré-romanas dos Chões de Alpompe (Santarém). In *Estudos Orientais IV - Os Fenícios no território Português*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, p. 215-227.

DIOGO, A. M. D. (2000) - As ânforas das escavações de 1989-93 do Teatro Romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:1, p. 163-179

DIOGO, A. M. D.; FARIA, J. C. (1991) - Materiais da “villa” romana de Nossa Senhora *d’Aires* (Alcácer do Sal). *Arqueologia*. Porto. 21, p. 26-27.

DIOGO, A. M. D.; MONTEIRO, A. N. (1999) - Ânforas romanas de *Villa Cardillio*. *Conímbriga*. Coimbra, 38, p. 201-214.

DIOGO, A. M. D.; PAIXÃO, A. C. (2001) - Ânforas de escavações no povoado industrial romano de Tróia, Setúbal. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:1, p. 117-140.

DIOGO, A. M. D.; REINER, F. (1990) - Duas notícias sobre fornos romanos de fabrico de ânforas. In ALARCÃO, A.; MAYET, F., eds. (1990) - *As ânforas lusitanas: tipologia, produção, comércio (Actas das jornadas de estudo de Conímbriga de 13 e 14 de Outubro de 1988)*. Conímbriga: Museu Monográfico. Paris: De Boccard, p. 113-124.

DIOGO, A. M. D.; SEPÚLVEDA, E. (2000) - As lucernas das escavações de 1989/93 do teatro romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:1, p. 153-161.

DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (1993-94) - Materiais provenientes de Chões de Alpompe (Santarém). *Conímbriga*. Coimbra. 32-33, p. 263-281.

DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (1998) - Uma perspectiva sobre Tróia a partir das ânforas. Contribuição para o estudo da produção e circulação de ânforas romanas em território português. *O Arqueólogo Português*, 16. Lisboa, p. 187-220.

DIOGO, A. M. D. *et alii* (1990) - Notícia de uma olaria em Alcácer do Sal produtora de ânforas ibero-púnicas. Comunicação apresentada às *IV Jornadas arqueológicas da A.A.P.* (Maio de 1990), mas não publicada no respectivo volume das actas.

DRESSEL, H. (1899) - *CIL XV: Inscriptiones urbis Romae latinae. Instrumentum domesticum*. Berlin.

EMPEREUR, J. Y.; HESNARD, A. (1987) - Les amphores hellénistiques. *Cerámiques Hellénistiques et Romaines*. 2, p. 9-71.

ÉTIENNE, R.; MAYET, F. (2000) - *Le vin hispanique*. Paris: De Boccard.

FABIÃO, C. (1987) - Ânforas romanas republicanas de um depósito de Mértola no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 5, p. 125-148.

FABIÃO, C. (1989) - *Sobre as ânforas do acampamento romano da Lomba do Canho (Arganil)*. Lisboa. UNIARQ / INIC.

FABIÃO, C. (1993) - O passado Proto-Histórico e Romano. In MATTOSO, J., ed. - *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores. Vol. I, p. 77-201.

FABIÃO, C. (1993-94) - O azeite da *Baetica* na *Lusitania*. *Conímbriga*. Coimbra, 32-33 p. 219-245.

FABIÃO, C. (1994) - As ânforas. In NOLEN, J. U. S. (ed.) - *Cerâmicas e vidros de Torre de Ares, incluindo espólio ósseo e medieval*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia/IPM, p. 17-34.

FABIÃO, C. (1998) - *O Mundo indígena e a sua romanização na área céltica do território hoje português*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa. Policopiado.

FABIÃO, C. (1998a) - O vinho na Lusitânia: reflexões em torno de um problema arqueológico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, p. 169-198.

FABIÃO, C. (2000) - Sobre as mais antigas ânforas «romanas» da *Baetica* no ocidente peninsular. In *Actas Congreso Internacional Ex Baetica Amphorae. Conservas y vino de la Bética en el Imperio Romano*. Vol. 2. Écija: Gráficas Sol, p. 665-682.

FABIÃO, C. (2004) - Centros oleiros da Lusitânia: balanço dos conhecimentos e perspectivas de investigação. In BERNAL, D.; LAGÓSTENA, L. (eds) *FIGLINAE BAETICAE. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C. – VII d.C.)*. B.A.R., International Series, 1266, Vol. 1, Oxford, p. 379-410.

FABIÃO, C. (2006) - *A Herança Romana em Portugal*. S/l: ed. Clube do Coleccionador dos Correios, CTT Correios de Portugal.

FABIÃO, C. (no prelo) - O estudo das ânforas. In GONÇALVES, V. (dir.) - *A Arqueologia em Portugal anos 90*.

FABIÃO, C.; GUERRA, A. (1993) - Sobre os conteúdos das ânforas lusitanas. In *Actas do 2º Congresso Peninsular de História Antiga (Coimbra, 1991)*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, p. 995-1016.

FABIÃO, C.; GUERRA, A. (1994) - As ocupações antigas de Mesas do Castelinho (Almodôvar). Resultados preliminares das campanhas de 1990-92. In *Actas das V Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1993) da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 275-290.

FARIA, A. M. (1999) - Colonização e municipalização nas províncias hispano-romanas: reanálise de alguns casos polémicos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:2, p. 29-50.

FERNANDES, L. (1997) - *Capitéis romanos da Lusitânia ocidental*. Dissertação de Mestrado em História de Arte apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa. Policopiado.

FERNANDES, L. (2006) - O teatro de Lisboa. Intervenção arqueológica de 2001. In MÁRQUEZ, C.; VENTURA, A. (eds.) - *Jornadas sobre teatros romanos en Hispania. Actas del Congreso Internacional celebrado en Córdoba, 12 a 15 de Noviembre de 2002*. Córdoba: Seminario de Arqueología, p. 181-204.

FERNANDES, L. (2007) - Teatro romano de Lisboa - os caminhos da descoberta e os percursos de investigação arqueológica. *Al-Madan*, IIª série (15), Almada, p. 28-39.

FERNANDES, L. (no prelo a) - Sobre a decoração arquitectónica do teatro romano de Lisboa: a propósito dos desenhos dos séculos XVIII e XIX. *O Arqueólogo Português*. Lisboa.

FERNANDES, L. (no prelo b) - As bases de coluna nos desenhos dos séculos XVIII e XIX do teatro romano de Lisboa. *Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa.

FERNANDES, L.; FILIPE, V. (2007) - Cerâmicas de engobe vermelho pompeiano do teatro romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 10:2, p. 229-253.

FERNANDES, L.; MARQUES, A.; FILIPE, V.; CALADO, M. (2006) - Núcleo de transformação piscícola de época romana na Rua dos Bacalhoeiros (Lisboa). In *Simpósio A*

Costa Portuguesa no Panorama da Rota Atlântica Durante a Época Romana, 16 a 18 de Novembro de 2006, Peniche. No prelo.

FERNANDES, L.; MARQUES, A.; TORRES, A. (2008) - Ocupação Baixo Medieval do teatro romano de Lisboa: a propósito de um estrutura hidráulica, as cerâmicas vidradas e esmaltadas. *Revista de Arqueologia Medieval* 10. Campo Arqueológico de Mértola. Edições Afrontamento, Porto, p. 159-183.

FERNÁNDEZ CACHO, S. (1992) - Excavaciones arqueológicas en “El Rinconcillo” (Algeciras, Cádiz). *Anuario Arqueológico de Andalucía*. Sevilla. 3.

FERNÁNDEZ CACHO, S. (1995) - Las industrias derivadas de la pesca en la provincia romana de la Bética: la alfarería de El Rinconcillo (Algeciras, Cádiz). *Spal*, 4, Sevilla, p. 173-214.

FERRER ALBELDA, E.; GARCIA VARGAS, E. (2001) - Producción y comercio de salazones y salsas saladas de pescado de la costa malagueña en épocas púnica e romana republicana. In *Comercio e Comerciantes en la Historia Antigua de Málaga. Siglo VIII a.C. – año 711 d.C. (II Congreso de Historia Antigua de Málaga)*. Servicio de Publicaciones Centro de Ediciones de la Diputación de Málaga, Málaga, p. 547-571.

FILIPPE, G.; RAPOSO, J. M. C. (eds.) (1996) - *Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado (actas das jornadas, Seixal, 1991)*. Lisboa: D. Quixote.

FILIPPE, V.; CALADO, M.; LEITÃO, M. (2005) - Evidências orientalizantes na área urbana de Lisboa: o caso dos edifícios na envolvente da Mãe de Água do Chafariz d’El Rei. Poster apresentado ao *VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos*, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 25 de Setembro a 1 de Outubro de 2005, no prelo.

FONTES, J. (1947) - A Proto-história. In *Lisboa: Oito séculos de História*. Lisboa: Câmara Municipal, p. 56-65.

GARCÍA VARGAS, E. (1998) - *La producción de ánforas en la bahía de Cádiz en época romana (siglos II A.C. - IV D.C.)*. Ecija: Gráficas Sol.

GARCÍA VARGAS, E. (2000) - La producción de ánforas “romanas” en el sur de Hispania. República y Alto Imperio. In *Actas Congreso Internacional Ex Baetica Amphorae. Conservas y vino de la Bética en el Imperio Romano*. Vol. 1. Écija: Editorial Gráficas Sol, p. 57-174.

GARCÍA VARGAS, E. (2000a) - Ânforas romanas producidas en *Hispalis*. Primeras evidencias arqueológicas. *Habis*, 31, p. 235-260.

GARCÍA VARGAS, E. (2004) - Las ânforas del vino bético altoimperial: formas, contenidos y alfares a la luz de algunas novedades arqueológicas. In *Actas del Congreso Internacional Figlinae Baeticae. Talleres Alfareros y Producciones Cerâmicas en la Bética Romana (ss. II a.C - VII d.C.)*, B.A.R., International Series, 1266, Oxford, p. 507-514.

GASPAR, J. (1994) - O desenvolvimento do sítio de Lisboa. In MOITA, I. (Coord.) - *O Livro de Lisboa*. Lisboa.

GATEAU, F. (1990) - Amphores importées durant le II^e s. av. J.C. dans trois habitats de Provence occidentale: Entremont, le Baou-Roux, Saint-Blaise. *Documents d'Archéologie Méridionale*. Lattes. 13, p. 163-183.

GOMES, M. V. (1993) - O estabelecimento fenício-púnico do Cerro da Rocha Branca (Silves). In *Estudos Orientais IV - Os Fenícios no território Português*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, p. 73-107.

GOMES, A.; GASPAR, A.; PIMENTA, J.; GUERRA, S.; MENDES, H.; RIBEIRO, S.; VALONGO, A.; PINTO, P. (2003) - Castelo de São Jorge - Balanço e perspectivas dos trabalhos arqueológicos. *Património Estudos*. Lisboa. 4, p. 214-223.

GONÇALVES, A.; CARVALHO, P. C. (2002) - Intervenção arqueológica no Castelo da Lousa (1997-2002): Resultados preliminares. *Al-Madan*, II^a série (11), Almada, p. 181-188.

GONZÁLEZ TORAYA, B.; TORRES QUIRÓS, J.; LAGÓSTENA BARRIOS, L.; PRIETO REINA, O. (2000) - Los inicios de la producción anfórica en la bahía Gaditana en época Republicana: La intervención de urgencia en Avda. Pery Junquera (San Fernando, Cádiz). In *Actas Congreso Internacional Ex Baetica Amphorae. Conservas y vino de la Bética en el Imperio Romano*. Vol. 1. Écija. Editorial Gráficas Sol, p. 175-185.

GRUBESSI, O. (1999) - Progetto Testaccio, Roma. Uno studio archeometrico delle anfore Dressel 20. In BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, J. M. e REMESAL RODRÍGUEZ (eds.) - *Estudios sobre el Monte Testaccio (Roma) I*. Col.lecció Instrumenta, 8, Publicacions Universitat de Barcelona, Barcelona.

GUERRA, A. (1995) - *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*. Arqueologia & História Antiga, Edições Colibri, Lisboa.

GUERRA, A. (2000) - A península de Lisboa no I milénio a.C. uma breve síntese, à luz das fontes e dos dados arqueológicos. *TURRES VETERAS IV. Actas de Pré-história e História Antiga*. Câmara Municipal de Torres Vedras, p. 121-128.

GUERRA, A.; SCHATTNER, T.; FABIÃO, C.; ALMEIDA, R. (2003) - Novas investigações no santuário de Endovélico (S. Miguel da Mota, Alandroal): a campanha de 2002. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, p. 415-479.

GUERRERO AYUSO, V. M. (1986) - Una aportación al estudio de las ánforas púnicas Mañá C. *Archaeonautica*. Paris. 6, p. 147-196.

GUERRERO AYUSO, V. M.; ROLDÁN BERNAL, B. (1992) - *Catálogo de las ánforas prerromanas*. Cartagena: Museu Nacional de Arqueología Marítima.

HAUSCHILD, T. (1990) - Das römische Theater von Lissabon. Planaufnahme 1985/88. *Madrider Mitteilungen*. Mainz. 31, p. 348-392.

HAUSCHILD, T. (1994) - O Teatro Romano de Lisboa. In *Lisboa Subterrânea*. Lisboa, Instituto Português de Museus, p. 64-66.

HESNARD, A. (1980) - *Un dépôt Augustéen à la Longarina, Ostie*. MAAR XXXVI, p. 141-156.

HESNARD, A.; LEMOINE, C. (1981) - Les amphores du Cécube et du Falerne: prospection, typologie et analyses. In *Mélanges de l'École Française de Rome-Antiquité*. Roma. 93, p. 243-295.

HESNARD, A.; MONIQUE, R.; ARTHUR, P.; PICON, M.; TCHERNIA, A. (1989) - Aires de production des gréco-italiques et des Dr. 1. In *Amphores romaines et histoire économique: Dix ans de recherche*. Rome: École Française de Rome (Collection de l'École Française de Rome. 114), p. 21-65.

HIDALGO CUÑARRO, J. M. (1987) - Materiales arqueológicos del Castro de Vigo. *Lucentum*, 6, p. 123-134.

HULL, M. R. (1932) - Additions to the Museum. *Colchester and Essex Museum Annual Report for 1932*, p. 6-55.

JONCHERAY, J. P. (1970) - Éssai de classification des amphores découvertes lors de fouilles sous-marines. *Cahiers d'Archeologie Subaquatique*, 5, Fréjus.

JONCHERAY, J. P. (1975) - L'Épave «C» de la Chrétienne. *Premier supplément aux Cahiers d'Archéologie Subaquatique*.

KEAY, S. J. (1984) - *Late Roman Amphorae in the Western Mediterranean. A Typology and Economic Study: the Catalan Evidence*. B.A.R., International Series, 196, Oxford.

KUZMANOV, G. (1973) - Tipologiya i kronologiya na rannovizantiyskite amfori (IV-VI). *Arkheologiya*, 1. p. 14-21.

LAGÓSTENA BARRIOS, L. (1994) - Alfarerías romanas de el Puerto de Santa María. Un modelo de transición económica del ámbito cultural púnico al romano en la bahía gaditana. *Revista de Historia de El Puerto*. Puerto de Santa María. 13, p. 9-41.

LAGÓSTENA BARRIOS, L. (1996) - Explotación del Salazón en la Bahía de Cádiz en la Antigüedad: aportación al conocimiento de su evolución a través de la producción de las ánforas Mañá C. *Florentia Iliberritana*, Córdoba, p. 141-169.

LAGÓSTENA BARRIOS, L.; BERNAL CASASOLA, D. (2004) - Alfares y producciones cerámicas en la provincia de Cádiz. Balance y perspectivas. In *Actas del Congreso Internacional Figlinae Baeticae. Talleres Alfareros y Producciones Cerámicas en la Bética Romana (ss. II a.C - VII d.C.)*, B.A.R., International Series, 1266, Oxford, p. 39-124.

LAMBOGLIA, N. (1955) - Sulla cronologia delle anfore romane di età repubblicane (II-I secolo a.C.). *Rivista di Studi Liguri*. Bordighera. 22, p. 241-270.

LAUBENHEIMER, F. (1985) - *La production des amphores en Gaule Narbonnaise*. CNRS, Paris, 66.

LAUBENHEIMER, F. (1990) - *Le temps des amphores en Gaule. Vins, huiles et sauces*. Paris: Editions Errance.

LAUBENHEIMER, F.; SCHWALLER, M.; VIDAL, L. (1992) - Nîmes les amphores de la rue de Condé. In LAUBENHEIMER, F. (dir.) - *Les Amphores en Gaule: Production et Circulation*. Paris: Les Belles Lettres, p. 133-150.

LE ROUX, P. (1995) - *Romains d'Espagne: Cités & Politique dans les Provinces: Iie siècle av. J.-C. – IIIe siècle ap. J.-C.* Paris: Armand Colin.

LEEUWAARDEN, W. V.; JANSSEN, C. R. (1985) - A preliminary palynological study of peat deposits near an *oppidum* in the lower *Tagus* valley. Portugal. In *Actas da I Reunião do Quaternário Ibérico*. Vol. II. Lisboa: APEQ, p. 225-236.

LIOU, B. (1990) - Le commerce de la Bétique au 1^{er} siècle de notre ère. L'épave Lavezzi 1. *Archaeonautica*, 10, p. 125-155.

LIOU, B. (2000) - Las ánforas béticas en el mar. Les épaves en Méditerranée à cargaison d'amphores de Bétique. In *Actas Congreso Internacional Ex Baetica Amphorae. Conservas y vino de la Bética en el Imperio Romano*. Vol. 3. Écija: Gráficas Sol, p. 1061-1111.

LIOU, B.; DOMERGUE, C. (1990) - Le commerce de la Bétique au 1^{er} siècle de notre ère. L'épave Sud-Lavezzi 2 (Bonifacio, Corse du Sud). *Archaeonautica*, 10, p. 11-123.

LOESCHKE, S. (1909) - Keramische funde in Haltern. *Mitteilungen de Altertumskommission fur Westfalen* 5, p. 103-322.

LOESCHKE, S. (1942) - *Die Romische und belgische Keramik aus Oberaden*. Das Romerlager in Oberaden II. Dormunt.

LOUGHTON, M. E. (2000) - La morphologie des amphores républicaines en Auvergne. In *Actes du Congrès de Liburne*. Paris: Société Française d'Étude de la Céramique Antique en Gaule, p.243-256.

MADEIRA, M. J. P. S. (1988) - Subsídios para o estudo do material anfórico dos *Castella* da zona de Castro Verde. In *I Encontro de arqueologia da região de Beja (Beja, 1986)*. *Arquivo de Beja*. Beja. 2^a Série, 3, p. 121-131.

- MAIA, M. (1979) - As ânforas de S. Bartolomeu de Castro Marim. *Clío*, 1, p. 141-151.
- MAÑÁ, J. M. (1951) - Sobre tipología de ânforas púnicas. In *Crónica del VI Congreso de Arqueología del Sudeste*. Cartagena, p. 203-210.
- MANACORDA, D. (1981) - Produzione agricola, produzione ceramica e proprietari nell'ager *Cosanus* nel I a.C. In *Merci, mercati e scambi nel Mediterraneo*. Roma-Bari: Laterza, p. 3-54.
- MANDY, B.; GENIN, M.; GODARD, C.; KRAUSZ, S.; SANDOZ, G.; THIRION, P. (1987-88) - Un réseau de fossés défensifs aux origines de Lyon. *Gallia*. Paris. 45, p. 49-66.
- MÁRQUEZ VILLORA J. C.; MOLINA VIDAL J. (2001) - *El comercio en el territorio de Ilici. Epigrafía, importación de alimentos y relación con los mercados mediterráneos*. Publicaciones de la Universidad de Alicante, Alicante.
- MARTIN-KILCHER, S. (1983) - Les amphores romaines à huile de Bétique (Dressel 20 et 23) d'Augst (Colonia Augusta Raurucorum) et Kaiseaugst (Castrum Rauracense). Un rapport préliminaire. In *Producción y Comercio en la Antigüedad*. Segundo Congreso Internacional (Sevilla), p. 337-347.
- MARTIN-KILCHER, S. (1987) - *Die römischen Amphoren aus Augst und Kaiseraugst I: Die sudspanische Amphoren*. Augst.
- MARTIN-KILCHER, S. (1994) - *Die römischen Amphoren aus Augst und Kaiseraugst II e III*. Augst.
- MARTINS, M. (2007) -Apontamento sobre o Teatro Romano de *Bracara Augusta*. *Al-Madan*, IIª série (15), Almada, p. 7.
- MAU, A. (1898) - Tituli vasi fictilibus inscripti. *Corpus Inscriptionum Latinorum*, 4, suppl., Berlim.
- MAYET, F.; SCHMITT, A.; SILVA, C. T. (1996) - *Les amphores du Sado, Portugal. Prospection des fours et analyse du matériel*. Paris: De Boccard.

MAYET, F.; SILVA, C. T. (1998) - *L'atelier d'amphores de Pinheiro. Portugal*. Paris: De Boccard.

MAYET, F.; SILVA, C. T. (2002) - *L'atelier d'amphores d'Abul*. Paris: De Boccard.

MAZA, G. (1998) - Recherche méthodologique sur les amphores gréco-italiques et Dressel 1 découvertes à Lyon IIe-Ier siècles avant J.-C. In *Actes du Congrès d'Istres*. Société Française d'Étude de la Céramique Antique en Gaule, p. 11-29.

MIRÓ, J. (1988) - *La producción de ánforas romanas en Catalunya. Un estudio sobre el comercio del vino de la Tarraconense (siglos I a.C.- I d.C.)*. B.A.R., International Series, 473, Oxford.

MOITA, I. (1970) - O teatro romano de Lisboa. *Revista Municipal*, n.º 124/125, p. 7-37.

MOLINA VIDAL, J. (1997) - *La dinámica comercial romana entre Italia e Hispania Citerior*. Alicante: Instituto de Cultura Juan Gil- Albert.

MOLINA VIDAL, J. (2000) - Las primeras exportaciones béticas en e Mediterráneo Occidental. In *Actas Congreso Internacional Ex Baetica Amphorae. Conservas y vino de la Bética en el Imperio Romano*. Vol. 2. Écija: Gráficas Sol, p. 637-645.

MORAIS, R. (1998) - *As ânforas da zona das Carvalheiras*. Braga: Universidade do Minho.

MORAIS, R. (2000) - As ânforas béticas em *Bracara Augusta*. In *Actas Congreso Internacional Ex Baetica Amphorae. Conservas y vino de la Bética en el Imperio Romano*. Vol. 2. Écija: Gráficas Sol, p. 683-699.

MORAIS, R. (2003) - Problemàtiques i noves perspectives sobre les àmfors ovóides tardo-republicanes. Les àmfors ovoïdes de producció Lusitana. In *Culip VIII i les àmfors Haltern 70*. Monografies del Casc 5. Girona, p. 36-40.

MORAIS, R. (2004) - Bracara Augusta: um pequeno “testaccio” de ânforas Haltern 70. Considerações e problemáticas de estudo. In *Actas del Congreso Internacional Figlinae Baeticae. Talleres Alfareros y Producciones Cerâmicas en la Bética Romana (ss. II a.C - VII d.C.)*, B.A.R., International Series, 1266, Oxford, p. 545-565.

MORAIS, R. (2005) - *Autarcia e Comércio em Bracara Augusta: contribuição para o estudo económico da cidade no período Alto-Imperial*. Bracara Augusta, Escavações arqueológicas 2. Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Núcleo de Arqueologia da Universidade do Minho. Braga.

MORAIS, R. (2006) - Consumo de preparados piscícolas em *Bracara Augusta* durante a época Romana. In *Simpósio Internacional Produção e comércio de preparados piscícolas durante a Proto-História e a época Romana no Ocidente da Península Ibérica. Homenagem a Françoise Mayet*. Setúbal Arqueológica, Vol. 13, p. 295-312.

MORAIS, R. (2007) - Ânforas tipo Urceus de produção bética e produções regionais e locais do NW peninsular. In *Actas del congreso Internacional CETARIAE. Salsas y salazones de pescado en Occidente durante la Antigüedad*. Universidade de Cádiz, Noviembre de 2005, B.A.R., International Series 1686, Oxford, p. 401-415.

MORAIS, R. (2007) - Ânforas da Quinta da Ivanta - um pequeno “Habitat” mineiro em Valongo. *Conímbriga*. Coimbra, 46, p. 267-280.

MORAIS, R.; CARRERAS MONFORT, C. (2003) - Geografia del consum de les Haltern 70. In *Culip VIII i les àmfors Haltern 70*. Monografies del Casc 5. Girona, p. 93-112.

MORAIS, R.; FABIÃO, C. (2007) - Novas produções de fabrico lusitano: problemáticas e importância económica. In *Actas del congreso Internacional CETARIAE. Salsas y salazones de pescado en Occidente durante la Antigüedad*. Universidade de Cádiz, Noviembre de 2005. B.A.R., International Series 1686, Oxford, p.127-133.

MUÑOZ VICENTE, A. (1985) - Las ânforas prerromanas de Cádiz (informe preliminar). *Anuário Arqueológico de Andalucía*. Sevilla, 3, p. 471-478.

MURALHA, J. (1988) - Carta arqueológica do concelho de Lisboa. Lisboa. *Revista Municipal*. II série. Nº 23, p. 3-15. Nº 24, p. 3-25.

MURALHA, J.; COSTA, C.; CALADO, M. (2002) - Intervenções arqueológicas na encosta de Sant’ Ana (Martim Moniz, Lisboa). *Al-Madan*. Almada. 2ª Série (11), p. 245-246.

OREN-PASCAL, M.; BERNAL CASASOLA, D. (2000) - Ânforas sudhispánicas en *Caesarea Maritima*, en ejemplo de importación de vino, aceite y conservas de pescado béticas en *Iudaea*.

In *Actas Congreso Internacional Ex Baetica Amphorae. Conservas y vino de la Bética en el Imperio Romano*. Vol. 3. Écija: Gráficas Sol, p. 989-1013.

PAIVA, M. (1993) - *Ânforas romanas de castros da fachada atlântica do Norte de Portugal*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto. Policopiado.

PANELLA, C. (1973) - Appunti su un gruppo di anfore di Pompei. *Studi Miscellanei*, 22, p. 151-162.

PANELLA, C. (1981) - La distribuzione e i mercati. In *Merci, mercati e scambi nel Mediterraneo*. Roma-Bari: Laterza, p. 55-80.

PANELLA, C. (1989) - Le anfore italiche del II secolo d.C.. *CEFR*, 114, P. 139-178.

PARKER, A. J. (1992) - *Ancient Shipwrecks of the Mediterranean & the Roman Provinces*. B.A.R. International Series, Oxford.

PASCUAL BERLANGA, G.; RIBERA I LACOMBA, A. (2002) - Las ánforas tripolitanas antiguas en el contexto del Occidente Mediterráneo. Un contenedor poco conocido de la época republicana. In *Vivre, produire, échanger: reflets méditerranéens, Mélanges offerts à Bernard Liou*. Archéologie et Histoire Romaine. 8: 303-318

PEACOCK, D. P. S. (1977) - Amphorae and the Baetican fish industry. *Antiquaries Journal*. 57, p. 262-269.

PEACOCK, D. P. S.; WILLIAMS, D. F. (1986) - *Amphorae and the Roman Economy, an Introductory Guide*. London: Longman Publications.

PEARCE, B. W. (1968) - Roman coarse ware. In CUNLIFFE, B. W. (ed) - *Fifth Report on the excavations of the roman fort at Richborough, Kent*. London, p. 117-124.

PELLICER CATALÁN, M. (1978) - Tipología y cronología de las ánforas preromanas del Guadalquivir, según el Cerro Macareno (Sevilla). *Habis*. Sevilla. 9, p. 365-400.

PERDIGONES MORENO, L.; MUÑOZ VICENTE, A. (1988) - Excavaciones arqueológicas de urgencia en los hornos púnicos de Torre Alta. San Fernando, Cádiz. *Anuario Arqueológico de Andalucía*, 3. Sevilla, p. 106-112.

PÉREZ MACÍAS, J. (2002) - La figlina de Pinguele (Espagne). In RIVET, L.; SCIALLANO, M. (eds). *Vivre, produire et échanger: reflets méditerranéens. Mélanges offerts à Bernard Liou*, Montagnac, Éditions Monique Mergoïl, p. 417-422.

PÉREZ RIVERA, J. M. (2000) - Las imitaciones de ánforas greco-italicas e itálicas en el sur de la Península Ibérica. In *Actas del Congreso Internacional Ex Baetica Amphorae. Conservas y vino de la Bética en el Imperio Romano*. Vol. 1. Écija: Gráficas Sol, p. 227-238.

PIMENTA, J. (2004) - *As ânforas romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)*. Dissertação de Mestrado em Pré-história e Arqueologia, apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa. Policopiado.

PIMENTA, J. (2005) - *As ânforas romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)*. Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, *Trabalhos de Arqueologia*, 41.

PIMENTA, J. (2007) - A importação de ânforas de preparados piscícolas em Olisipo (séculos II-I a.C.). In *Actas del congreso Internacional CETARIAE. Salsas y salazones de pescado en Occidente durante la Antigüedad. Universidade de Cádiz, Noviembre de 2005*, B.A.R., International Series, 1686, Oxford, p. 221-233.

PIMENTA, J.; CALADO, M.; LEITÃO, M. (2005) - Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: as ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, p 313-334.

PIMENTA, J.; SEPÚLVEDA, E.; FARIA, J. C.; FERREIRA, M. (2006) - Cerâmicas romanas do lado ocidental do castelo de Alcácer do Sal, 4: ânforas de importação e de produção lusitana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:2, p. 299-316.

PINTO, I.; LOPES, C. (2004) - Ânforas das *villae* romanas alentejanas de São Cucufate (Vila de Frades, Vidigueira), Monte da Cegonha (Selmes, Vidigueira) e Tourega (Nossa Senhora da Tourega, Évora). In *Simpósio Internacional Produção e comércio de preparados piscícolas durante a Proto-História e a época Romana no Ocidente da Península Ibérica. Homenagem a Françoise Mayet*. Setúbal *Arqueológica*, Vol. 13, p. 197-224.

PONSICH, M. (1968) - *Alfarerías de época fenicia y púnico mauritana en Kuass (Arcila, Marruecos)*. Valencia. (Papeles del laboratorio de arqueología de Valencia; 4).

PONSICH, M. (1991) - *Implantation rurale antique sur le bas Guadalquivir IV*. Paris.

PONTE, S. (1999) - Importação de produtos vinários de Sellium (Tomar, Portugal) no Alto Império. Notícia de outros bem alimentares. In GEORGES, J. G. ; RODRIGUEZ MARTIN, F. G. (ed.) - *Économie et Territoire en Lusitanie Romaine*. Collection de la Casa de Velázquez, 65. Madrid, p. 339-360.

PRUDÊNCIO, M. I.; DIAS, M. I.; PONTE, S. (2005) - Amphorae in Sellium from the first century to the fifth century AD: importation and regional production. In PRUDÊNCIO, M. I.; DIAS, M. I.; WAERENBORGH, J. C. (eds.) - *Understanding people through their pottery. Proceedings of the 7th European Meeting on Ancient Ceramics (EMAC'03)*. October 27-31, 2003, Lisbon. IPA, Trabalhos de Arqueologia 42, Lisboa, p. 201-209.

PUIG, A. (2003) - Evolució de les Haltern 70. In *Culip VIII i les àmfors Haltern 70*. Monografies del Casc 5. Girona, p. 23-32.

PY, M.; et alii (1993) - *Dictionnaire des céramiques antiques (VIIe s. av. n.è. - VIIIe s. de.n.è.) en Méditerranée nord-occidentale (Provence, Languedoc, Ampurdan)*. DICOCER. Lattara VI, Lattes.

QUARESMA, J. C. (2005) - Ânforas romanas provenientes da pesca de arrasto no Tejo, depositadas no Museu Municipal de Vila Franca de Xira. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, p. 403-428.

QUARESMA, J. C.; CALAIS, C. (2005) - S. Pedro (Coruche): novos dados para o processo de romanização do vale do Sorraia na época augustana e júlio-cláudia. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, p. 429-447.

RAMÓN TORRES, J. (1981) - *Ibiza e la circulación de ânforas fenicias y punicas en el Mediterráneo Occidental*. Ibiza: Conselleria del cultura, educació i esports, (Trabajos del Museo Arqueológico de Ibiza; 5).

RAMÓN TORRES, J. (1991) - *Las ánforas púnicas de Ibiza*. Ibiza: Museo Arqueológico.

RAMÓN TORRES, J. (1995) - *Las ánforas fenicio-púnicas del Mediterráneo central y occidental*. Col.lecció Instrumenta, 2. Barcelona.

RAPOSO, J. M. C. (1990) - Porto dos Cacos: uma oficina de produção de ânforas romanas no vale do Tejo. In ALARCÃO, A.; MAYET, F. (eds.) - *As ânforas lusitanas: tipologia, produção, comércio (Actas das jornadas de estudo de Conímbriga de 13 e 14 de Outubro de 1988)*. Conímbriga: Museu Monográfico. Paris: De Boccard, p. 117-151.

RAPOSO, J. M. C.; SABROSA, A. J. G.; DUARTE, A. L. C. (1995) - Ânforas do Vale do Tejo. As olarias da Quinta do Rouxinol (Seixal) e do Porto dos Cacos (Alcochete). In *1º Congresso de arqueologia peninsular (Porto, 1993) - Actas VII. Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 35: 3, p. 331-352.

REMESAL RODRÍGUEZ, J. (1977-1978) - La economía oleícola de la Bética: nuevas formas de análisis. *Anuario Español de Arqueología*, 50-1, p. 87-142.

REMESAL RODRÍGUEZ, J. (1986) - *La annona militaris y la exportación de aceite bético a Germania*. Madrid: Universidad Complutense.

REMESAL RODRÍGUEZ, J. (2004) - Alfares e producciones cerámicas en la provincia de Córdoba. Balance y perspectivas. In *Actas del Congreso Internacional Figlinae Baeticae. Talleres Alfareros y Producciones Cerámicas en la Bética Romana (ss. II a.C. - VII d.C.)*, B.A.R., International Series, 1266, Oxford p. 349-361.

REMESAL RODRÍGUEZ, J.; CARRERAS MONFORT, C. (2003) - Historia de la recerca. In *Culip VIII i les àmfores Haltern 70*. Monografies del Casc 5. Girona, p. 19- 23.

RIBEIRO, O. (1998) - *Portugal: o Mediterrâneo e o Atlântico*. Colecção «Nova Universidade», Livraria Sá da Costa Editora, 7ª Edição, Lisboa.

RIBERA I LACOMBA, A. (1998) - *La fundació de Valencia. La ciutat al'època romanorepublicana (segles II-I a. de C.)*. Valencia: Institució Alfons el Magnànim (Estudios Universitarios; 71).

RODRÍGUEZ ALMEIDA, E. (1978-1979) - Bolli anforare di Monte Testaccio. *Bolletino Comunale*, 86. Roma, p. 109-135.

RODRÍGUEZ ALMEIDA, E. (1984) - *El Monte Testaccio, Storia. Ambiente Material*, Roma.

SABROSA, A.; BUGALHÃO, J. (2004) - As ânforas béticas do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros, Lisboa. In *Actas del Congreso Internacional Figlinae Baeticae. Talleres Alfareros y Producciones Cerámicas en la Bética Romana (ss. II a.C - VII d.C.)*, B.A.R., International Series, 1266, Oxford, p. 571-585.

SÁEZ ROMERO, A. M. (2004) - El alfar tardopúnico de Torre Alta. Resultados de las excavaciones de 2002-2003. In *Actas del Congreso Internacional Figlinae Baeticae. Talleres Alfareros y Producciones Cerámicas en la Bética Romana (ss. II a.C - VII d.C.)*, B.A.R., International Series, 1266, Oxford, p. 699-712.

SAEZ ROMERO A. M.; DÍAZ RODRÍGUEZ, J. J. (2007) - La producción de ánforas de tipo Griego e Grecoitalico en Gadir y en el área del estrecho. Cuestiones tipológicas y de contenido. *Zephyrus*, 60. Ediciones Universidad de Salamanca, p. 195-208.

SANMARTÍ GRECO, E. (1985) - Sobre um nuevo tipo de ánfora de época Republicana, de origem presumiblemente hispánico. In *Ceràmiques greques i helenístiques a la Península Ibérica. Empuries, 18- 20 març 1983*, p. 133-141.

SANMARTÍ GRECO, E. (1985a) - Las ánforas romanas del campamento numantino de Pena Redonda (Garray Soria). *Empúries*. Barcelona. 47, p. 130-161.

SANMARTÍ GRECO, E. (1992) - Nouvelles données sur la chronologie du Camp de Renieblas V à Numance (Soria, Castilla- León, Espagne). *Documents d'Archéologie Méridionale*. Lattes. 15, p. 417-431.

SCIALLANO, M.; SIBELLA, P. (1991) - *Amphores. Comment les identifier?* Edisud.

SEALEY, P. (1985) - *Amphoras from the 1970's excavations at Colchester Sheepen*. B.A.R., 142, Oxford.

SCHOENE, R. (1871) - *Titulis vasis fictilibus. Corpus Inscriptionum Latinorum*, 4, *Inscriptiones Parietariae Pompeianae*, Berlim.

SILVA, C.T. (1996) - Produção de ânforas na área urbana de Setúbal: a oficina romana do Largo da Misericórdia. In FILIPE, G.; RAPOSO, J. M. C. (eds.) - *Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado. Actas das Primeiras Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado*. Seixal, Câmara Municipal. Lisboa: Dom Quixote, p. 43-54.

SILVA, C. T.; SOARES, J.; BEIRÃO, C. M.; FERRER DIAS, L.; COELHO-SOARES, A. (1980-1981) - Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*, 6-7. Setúbal – Museu da Assembleia Distrital de Setúbal, p. 149-218.

SILVA, C. T.; SOARES, J.; COELHO-SOARES, A. (1992) - Estabelecimento de produção de salga da época Romana na Quinta do Marim (Olhão). Resultados preliminares das escavações de 1988-89. *Setúbal Arqueológica*, 9-10. Setúbal – Museu da Assembleia Distrital de Setúbal, p. 335-374.

SILVA, C. T.; SOARES, J. (1993) - *Ilha do Pessegueiro. Porto romano da costa alentejana*, Lisboa : Instituto para a Conservação da Natureza.

SILVA, R. B. (1999) - Urbanismo de *Olisipo*: a zona ribeirinha. In *Actas do II colóquio temático Lisboa Ribeirinha*. Lisboa: Câmara Municipal, p. 43-67.

SILVA, R. B.; PIMENTA, J.; CALADO, M. (2005) – Sobre a ocupação pré-romana de *Olisipo*: a I.A.U. da Rua de São Mamede ao Caldas nº 15. Poster apresentado ao *VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos*, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 25 de Setembro a 1 de Outubro de 2005. Lisboa. No prelo.

SILVA, V. (1944) - *Epigrafia de Olisipo (Subsídios para a história da Lisboa Romana)*. Lisboa: Câmara Municipal.

SOEIRO, T. (1984) - Monte Mozinho: apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época Romana. *Penafiel - Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1.

TCHERNIA, A. (1967) - Les amphores romaines et l'histoire économique. *Journal des Savants*, p. 216-234.

TCHERNIA, M. A. (1971) - Les amphores vinaires de Tarraconaise et leur exportation au début de l'Empire. *AEspA XLIV*, Madrid, p. 38-85.

TCHERNIA, A. (1977) - Essai de construction d'un modèle descriptif des amphores Dressel 20. In *Méthodes Classiques dan l'Étude des Amphores. Actes du Colloque de Rome, 1974*. Collection de l'École Française de Rome, 32. Rome, p. 241-259.

TCHERNIA, A. (1986) - *Le vin de l'Italie romaine. Essai d'histoire économique d'après les amphores*. Paris: De Boccard.

TCHERNIA, A. (1990) - Contre les épaves. In *Gaule Interne et Gaule Méditerranéenne aux IIe et Ier siècles avant J.-C.* Paris: CNRS (*Revue Archéologie de Narbonnaise*; Supplément 21), p. 291-301.

VAN DER WERFF, H. (1978) - Amphores de tradición punica à Uzita. *Babesch*. 52:3, p.171-200.

VAN DER WERFF, J. (1986) - The amphora wall in the House of the Porch. Ostia, *BABESCH*, 61, p. 96-137.

VAN DER WERFF, J. H. (2002) - Old and new evidence on the contents of Haltern 70 amphoras. In RIVET, L., SCIALLANO, M. (eds) - *Vivre, produire et échanger: reflets méditerranéens. Mélanges offerts à Bernard Liou*, Montagnac, Éditions Monique Mergoïl, p. 445-449.

VANDERMERSCH, C. (1994) - *Vins et amphores de Grande Grèce et de Sicile IVe-IIIe s. avant J.C.* Napoli: Centre Jean Bérard.

VV.AA. (2003) - *Culip VIII i les àmfores Haltern 70*. Monografies del Casc 5. Girona.

WILL, E. L. (1979) - The Sestiu's amphoras: a reappraisal. *Journal of Field Archaeology*, 6, 3, p. 339-350.

WILL, E. L. (1982) - Greco-Italic amphoras. *Hesperia*. Princeton, NJ. 51:3, p. 338-356.

ZBYSZEWSKI, G. (1963) - *Carta geológica dos arredores de Lisboa. Noticia explicativa da folha 4, Lisboa*. Serviços geológicos de Portugal. Lisboa.

ZEVI, F. (1966) - Apunti sulle anfore romane I. La tavola tipologica de Dressel. *Archaeologia Classica*, 18, p. 208-247.

ANEXOS

1.

ESTAMPAS:

Plantas - I-III

Fotografias - IV-V

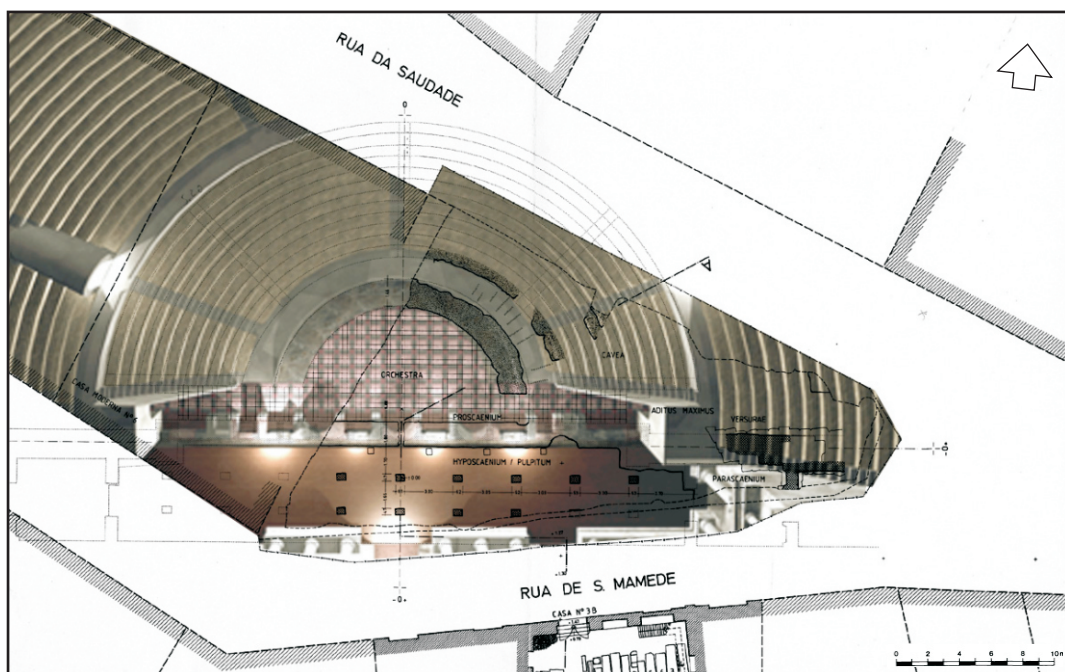
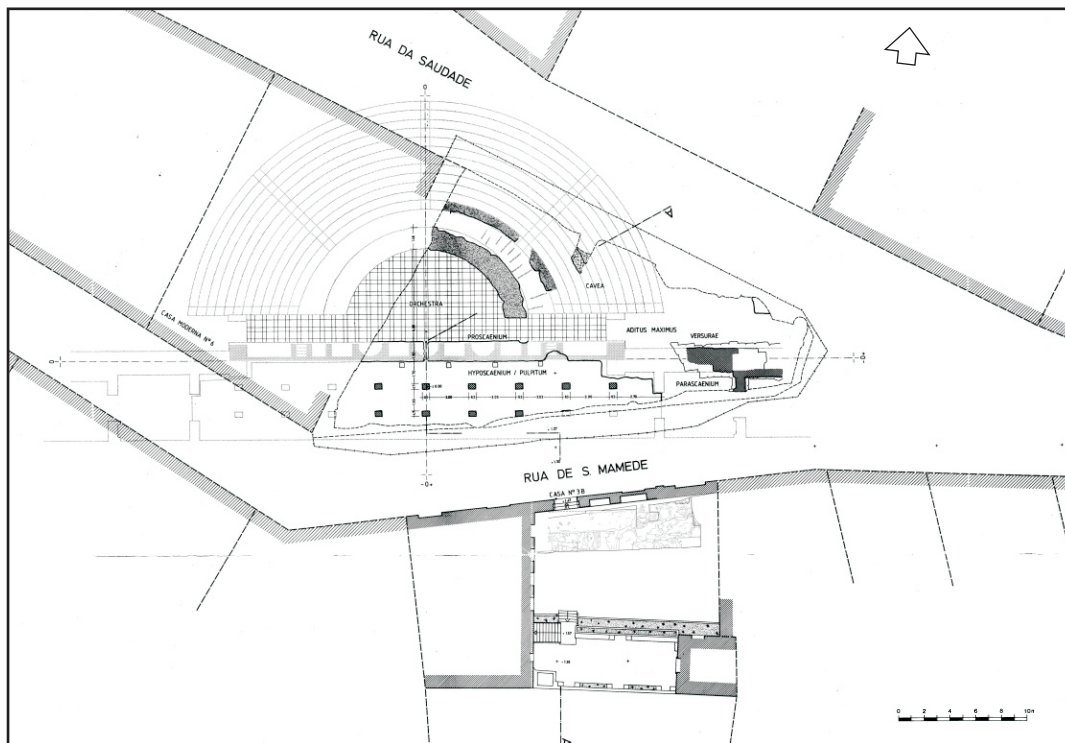
Perfis estratigráficos e planos - VI-VII

Epigrafia anfórica - VIII-IX

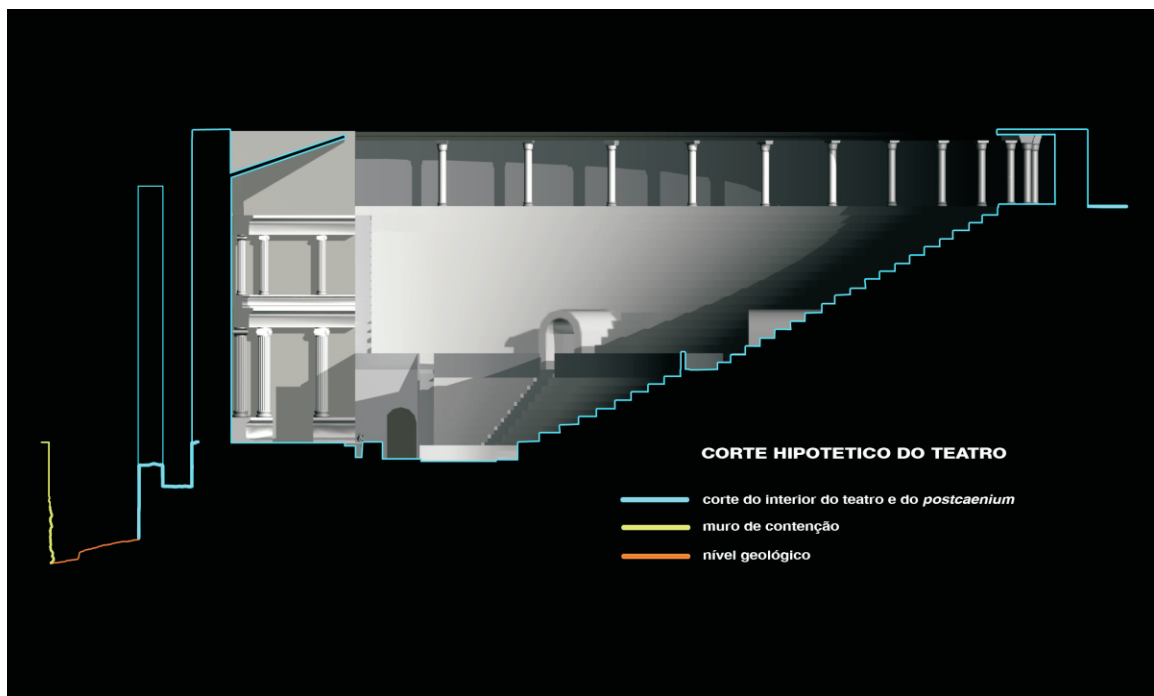
Quadro dos contextos arqueológicos - X-XII

Desenhos dos materiais - XII-XLII

Mapa das regiões produtoras - XLIII



Estampa II - Em cima, levantamento e proposta de dimensão total do teatro romano - Instituto Arqueológico Alemão (Hauschild, 1990). Em baixo, sobreposição de reconstrução em 3D no referido levantamento (Fernandes, 2007).



Estampa III - Em cima, reconstituição tridimensional do teatro romano de Lisboa (Fernandes e Sales, 2005). Em baixo, corte hipotético com implantação do *postcaenium* (Fernandes, 2007).



Estampa IV - Intervenção arqueológica de 2005. Em cima, perfil Oeste da Vala 5, 9 e 10; em baixo, zona Este da área de escavação (fotografias de Lídia Fernandes).



Estampa V - Intervenção arqueológica de 2006. Em cima, aspecto sobre o muro do *postcaenium*; em baixo, zona sudeste da área de escavação e muro de contenção a Sul (fotografias de Lídia Fernandes).

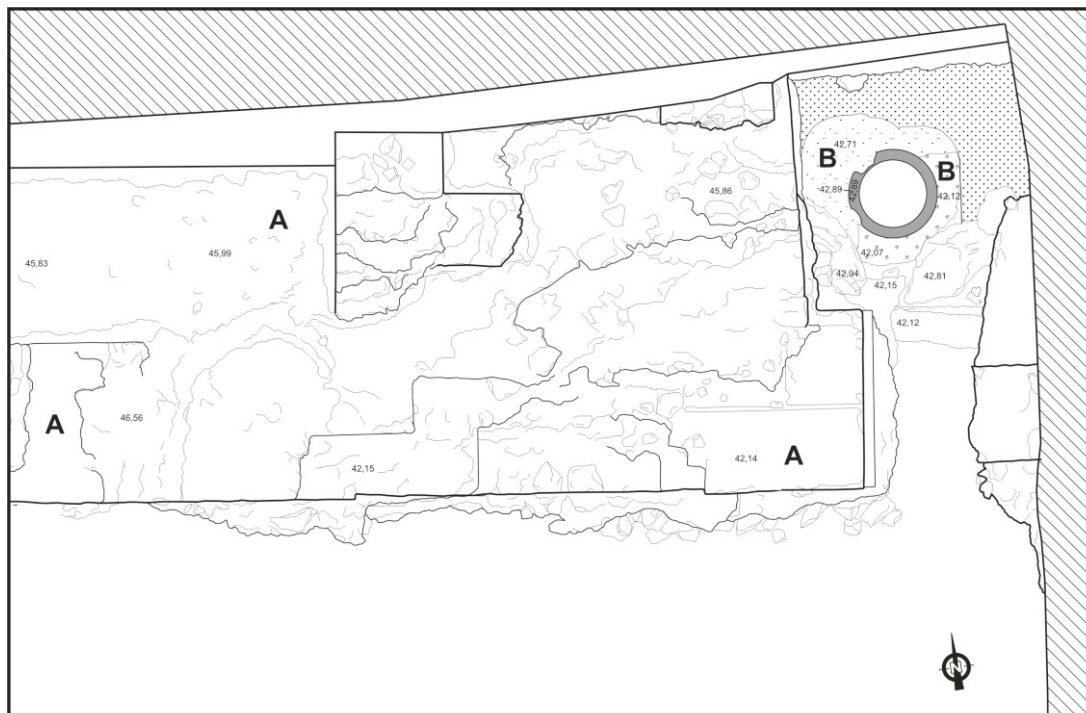
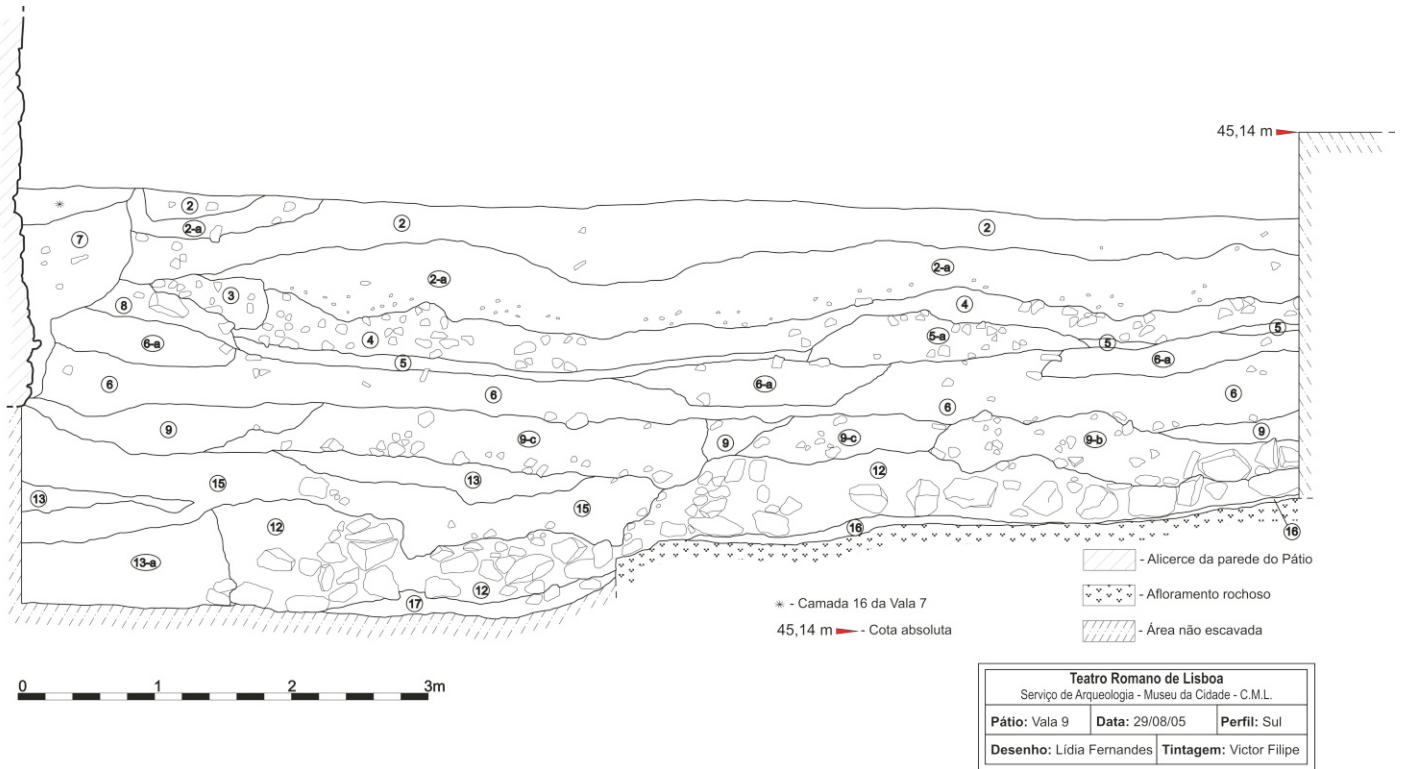
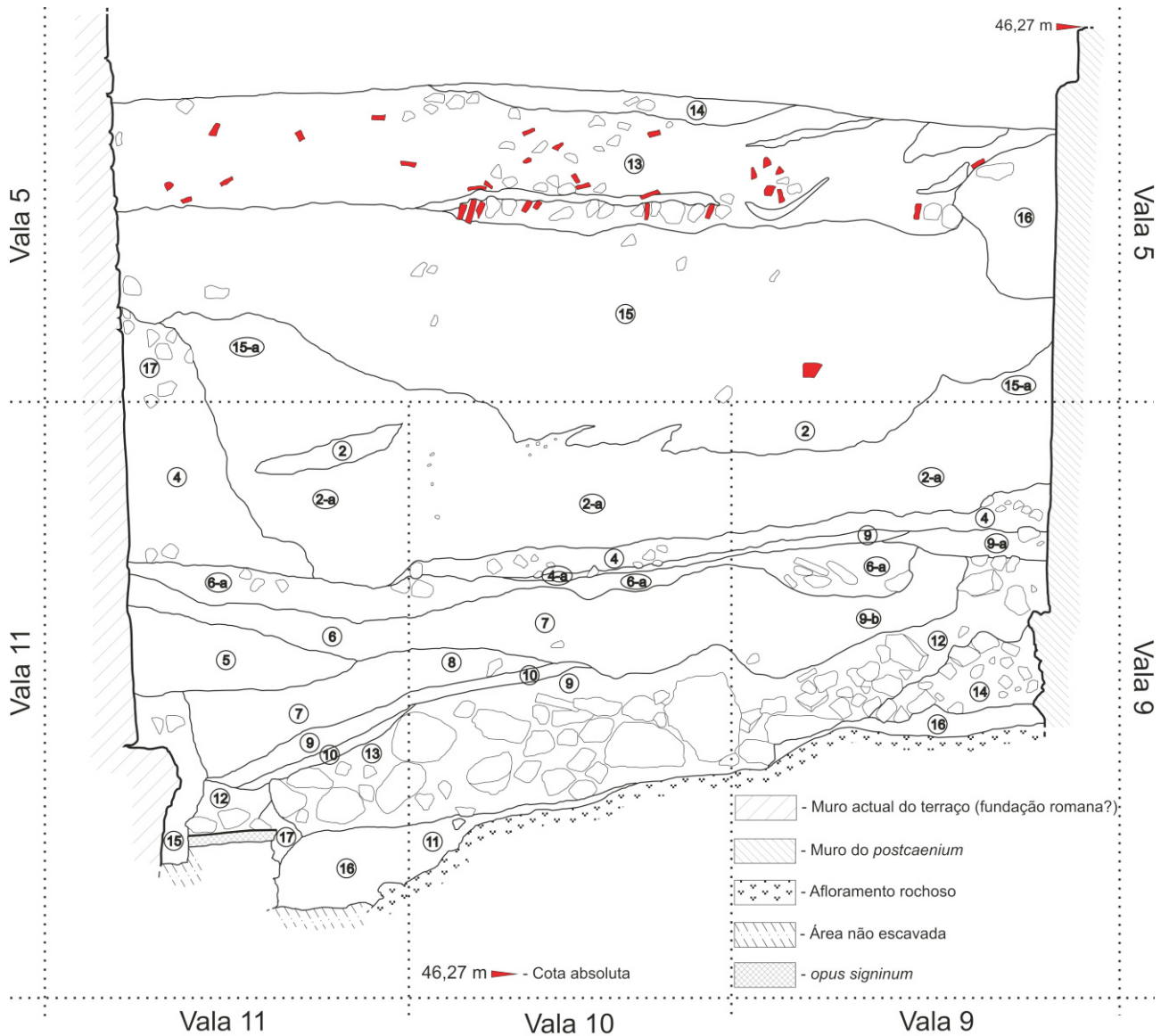


Figura 2

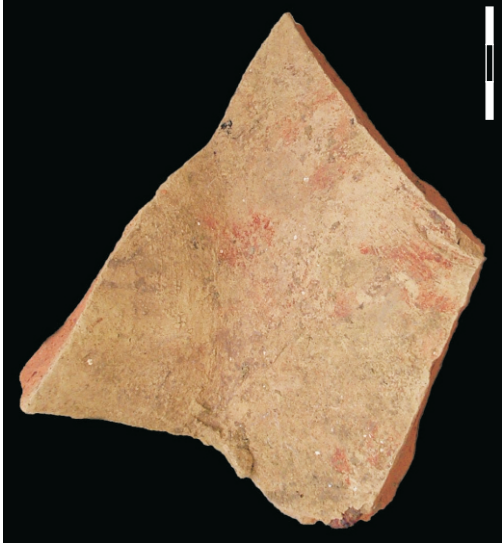
- | | | | |
|----------|--|--|--------------------|
| A | Muralha romana (<i>postcaenium</i> do Teatro) | | Camada 17 |
| B | Fossa | | Tubagens cerâmicas |
| | Argamasa | | |


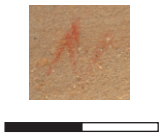

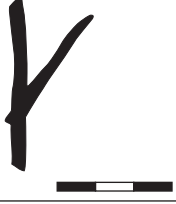

Estampa VI - Em cima, perfil Sul da Vala 9 (Fernandes e Filipe, 2007). Em baixo, plano da zona Este do *postcaenium* e estrutura hidráulica (Fernandes, Marques e Torres, 2008).



Teatro Romano de Lisboa		
Serviço de Arqueologia - Museu da Cidade - C.M.L.		
Pátio: Vála 5	Data: 09/09/06	Perfil: Oeste
Desenho: Lídia Fernandes	Tintagem: Victor Filipe	

Estampa VII - Perfil Oeste da Vála 5, 9, 10 e 11(Fernandes e Filipe, 2007).











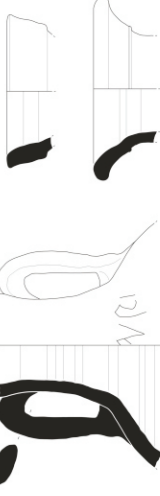

Nº Invent.	<i>Tituli Picti</i>	Marca de oleiro	Grafito	Fotografia
825	—		—	
653	—		—	
2555	—			

Nº Invent.	<i>Tituli Picti</i>	Marcas de oleiro	Grafito	Fotografia
829		—	—	
2664	—	—		—
2668	—	—		—
716	—	—		—













Contextos	Vala	Camada	Ânforas	Vermelhos Pompeianos	Outras cerâmicas
Período Romano Fase 2 (Terceiro quartel do século I d.C.)	9	4		—	
	10				
	9	5		—	
	10				
	9	8		—	
	11	6a			
	9	6		Um bordo da forma 6 de Aguarod Otal.	
	10				
	9	9		Dois fundos de forma indeterminada.	
	9	9b		Um bordo da forma 6 de Aguarod Otal.	
	10	7			
	11	6		Um bordo da forma 6 de Aguarod Otal e um fundo de forma indeterminada.	

Terra sigillata itálica,
terra sigillata sudgálica
 e paredes finas
 entre Augusto e Nero.

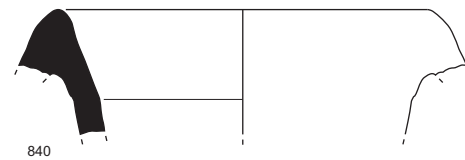
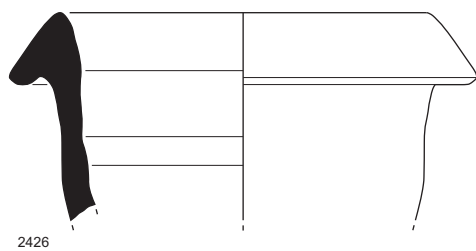
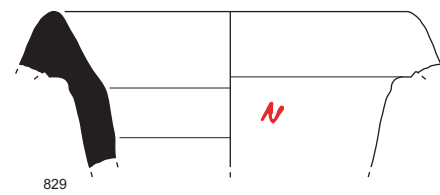
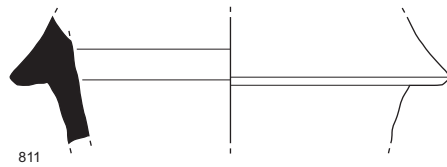
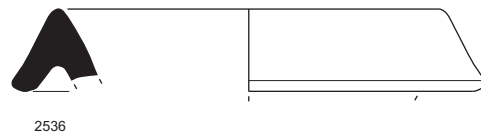
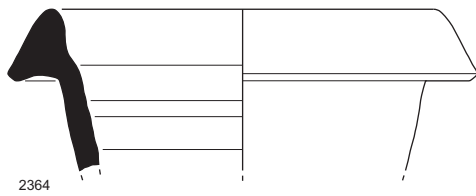
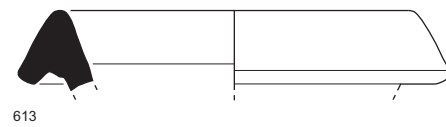
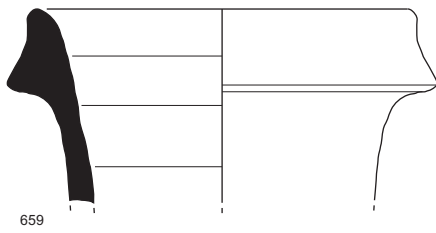
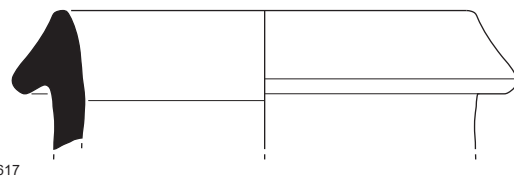
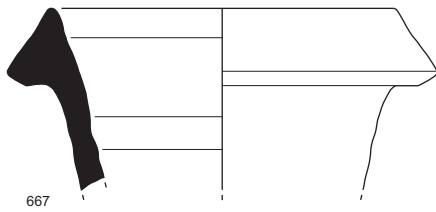
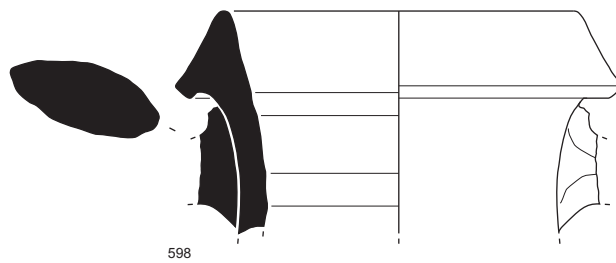
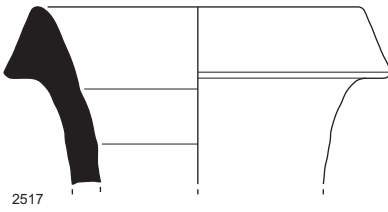
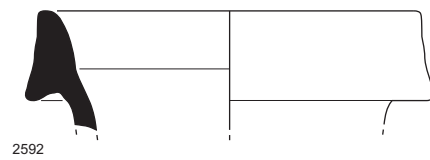
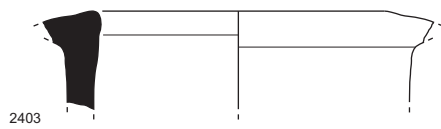
Estampa X - Sequência estratigráfica e faseamento cronológico dos contextos de época romana do teatro.

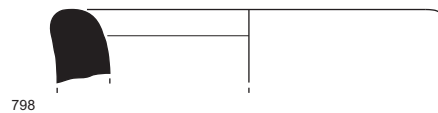
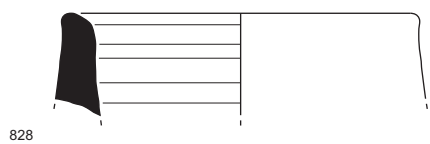
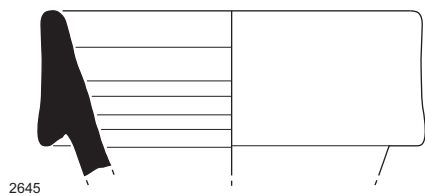
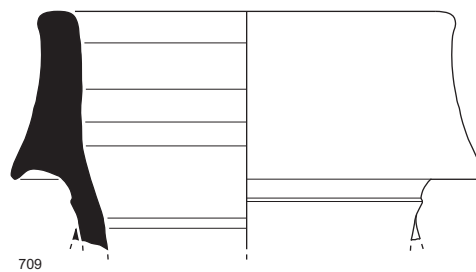
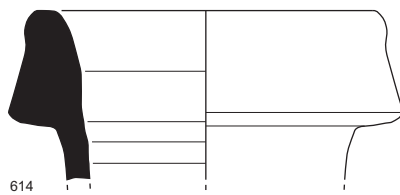
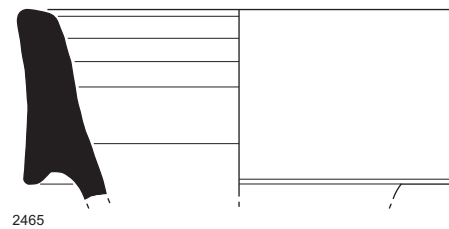
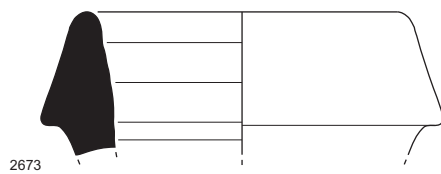
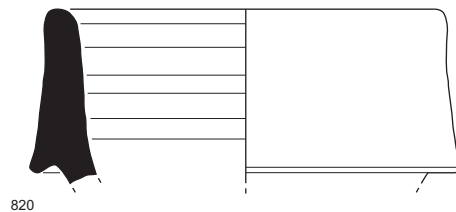
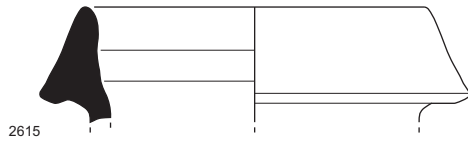
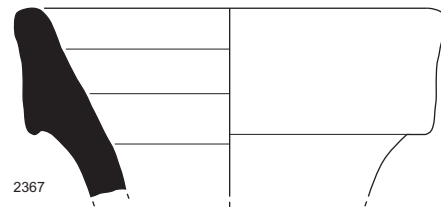
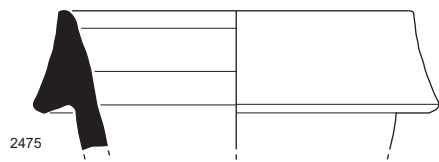
Contextos	Vala	Camada	Ânforas	Vermelhos Pompeianos	Outras cerâmicas
Período Romano Fase 2 (Terceiro quartel do século I d.C.)	9	10		Um fundo de forma indeterminada.	
	9	11		—	
	9	13		—	
	11	15		Três bordos da forma 6 de Aguarod Otal.	
	11	7		Um fundo e uma parede de forma indeterminada.	
	11	7a		Três fundos de forma indeterminada.	
	11	9		—	
	11	10		—	
	11	11		—	
	9	15		Um fundo de forma indeterminada.	
	9	12		—	
	11	13		—	

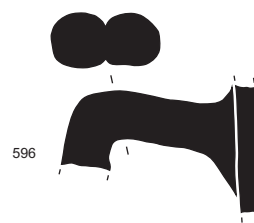
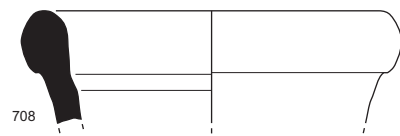
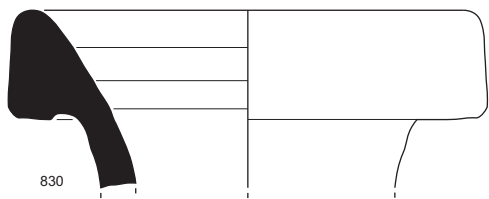
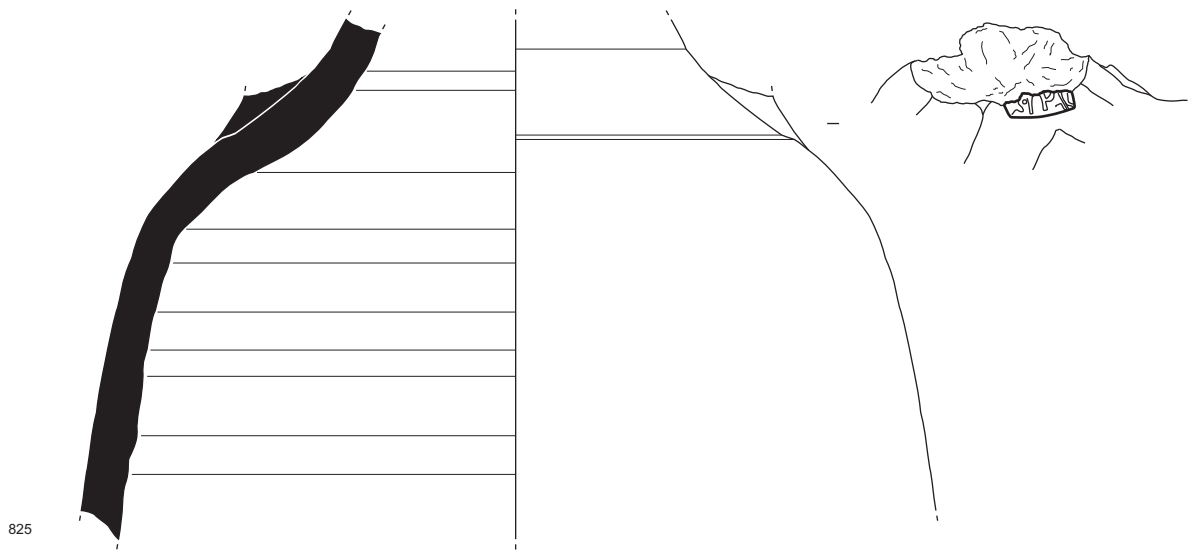
Terra sigillata itálica,
terra sigillata sudgálica,
paredes finas e lucernas
entre Augusto e Nero.

Contextos	Vala	Camada	Ânforas	Vermelhos Pompeianos	Outras cerâmicas	
Fase 2 (Terceiro quartel do século I d.C.)	11	14		—	<i>Terra sigillata</i> itálica, <i>terra sigillata</i> sudgálica, paredes finas e lucernas entre Augusto e Nero.	
	11	12a		—		
	10	13		—	<i>Terra sigillata</i> itálica e moeda do período de Augusto.	
	11	18		—		
	11	11a		—		
	11	18b		—		
	Período Romano Fase 1 (Augusto -inícios de Tibério)	11	20		Um fundo de forma indeterminada.	
		11	22		—	
		9	16		Um bordo da forma 6 de Aguarod Otal.	
		10	11			
11		16				
11		24		—		

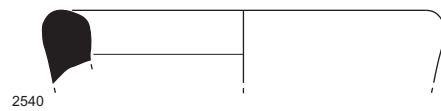
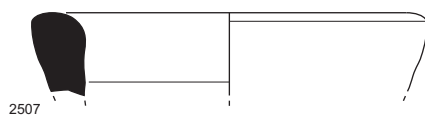
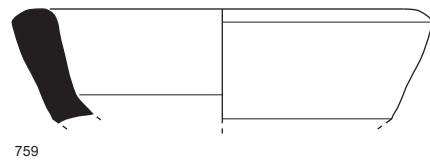
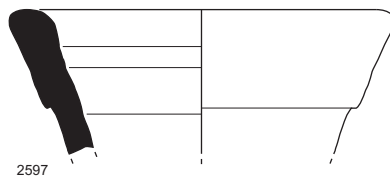
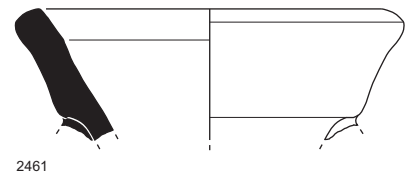
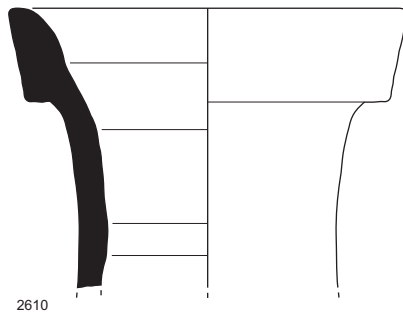
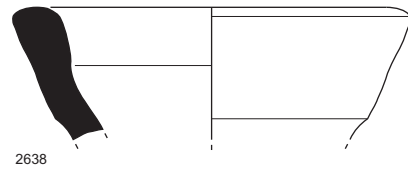
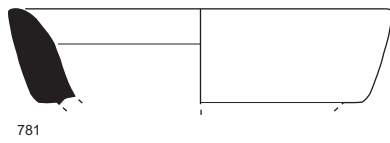
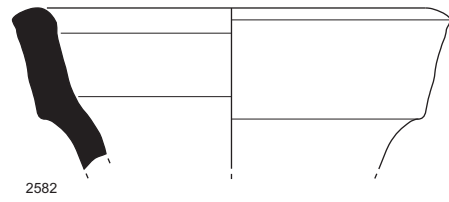
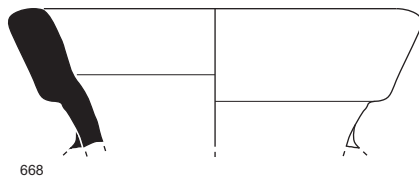
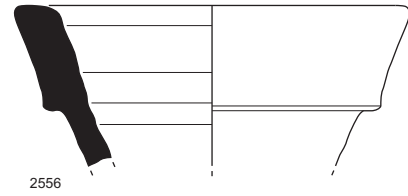
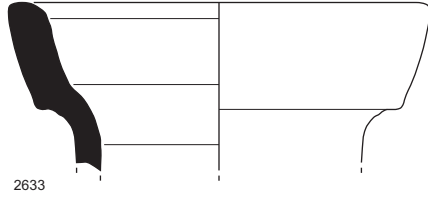
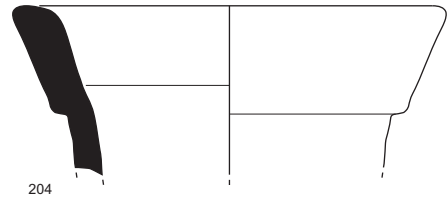
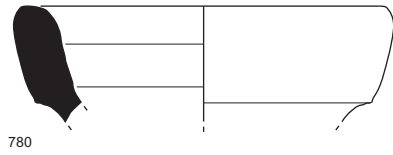
Estampa XII - Sequência estratigráfica e faseamento cronológico dos contextos de época romana do teatro.

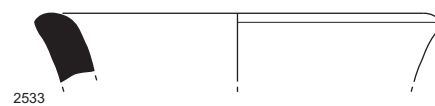
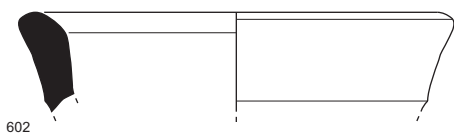
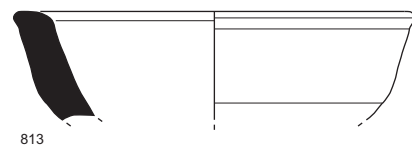
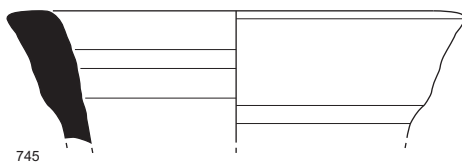
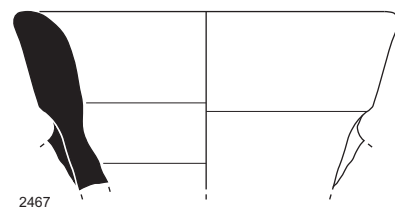
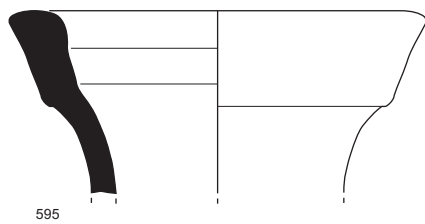
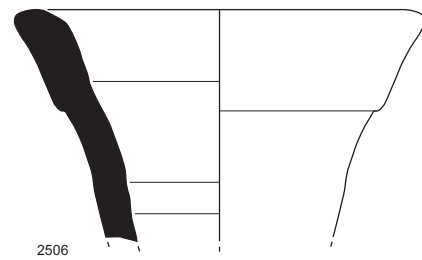
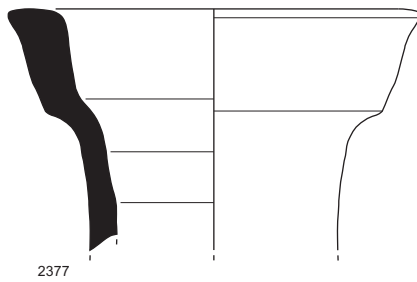
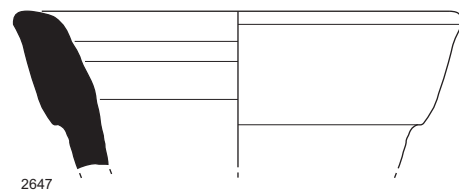
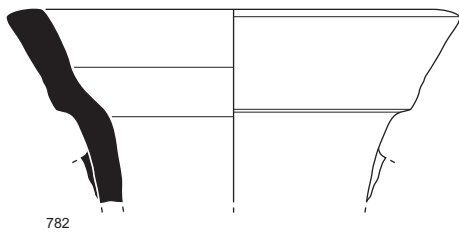
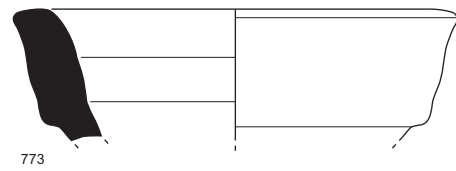
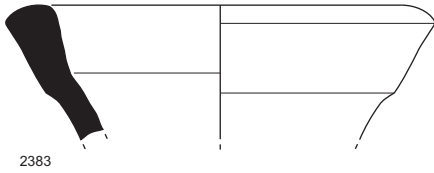
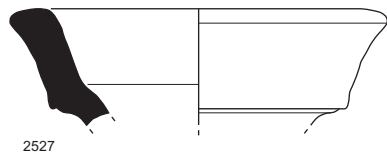
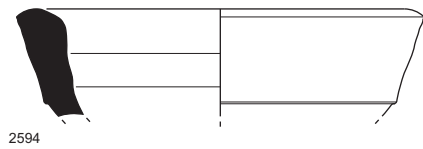


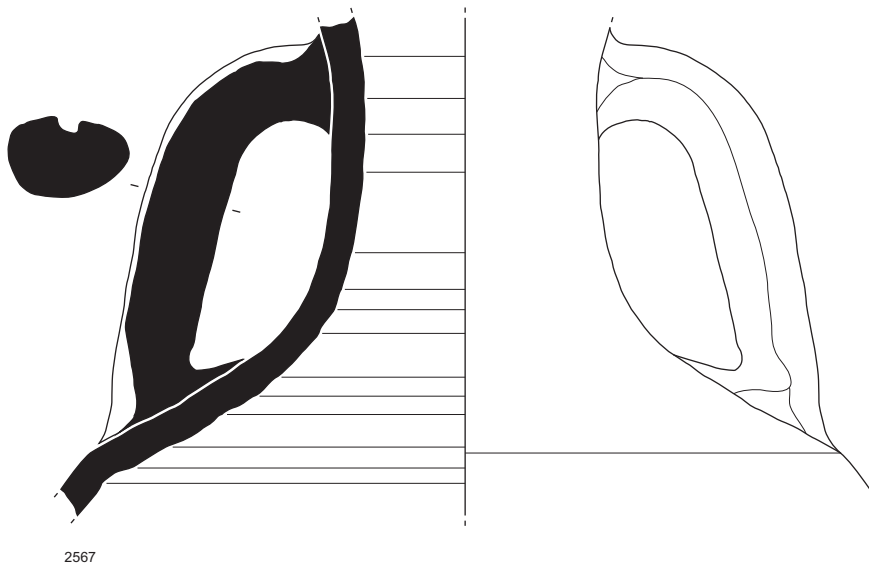
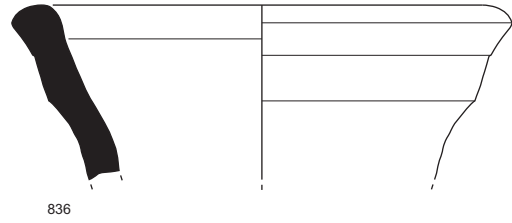
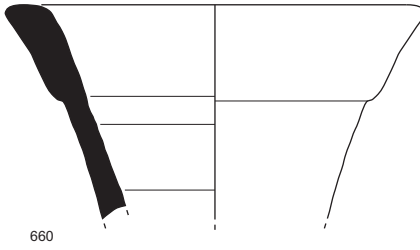
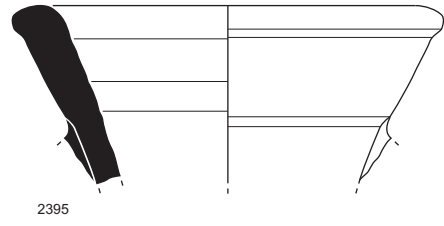
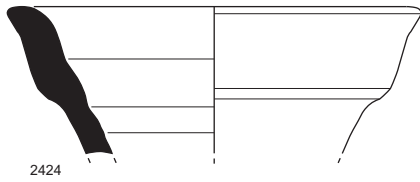


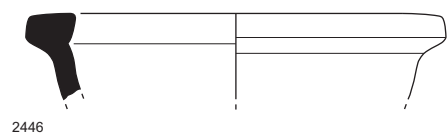
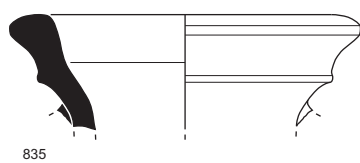
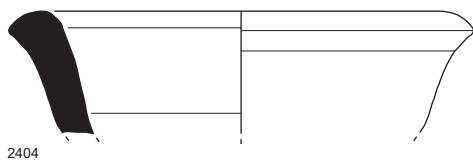
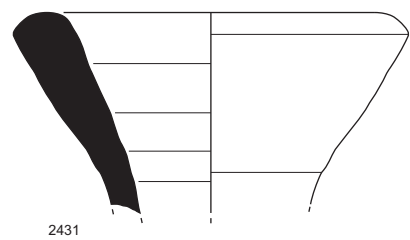
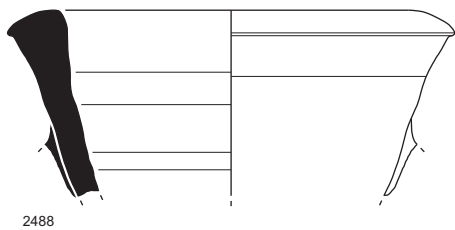
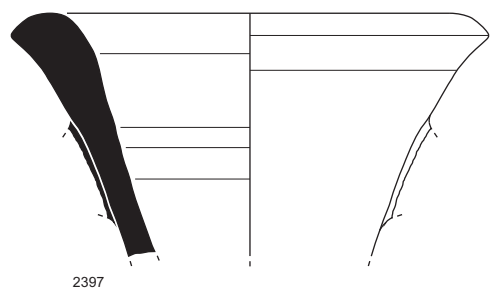
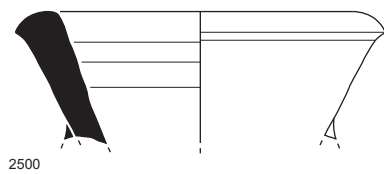
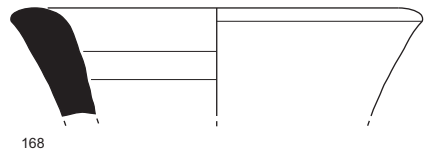
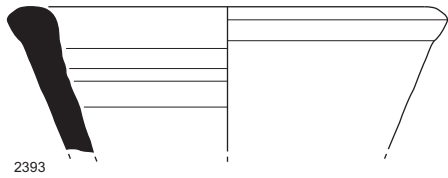
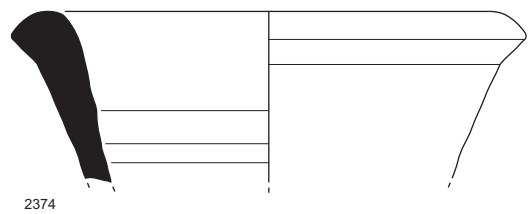
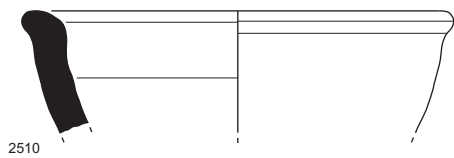


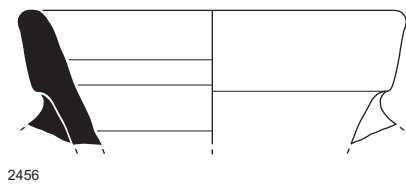
Estampa XV - Ombro de Greco-Itálica ou Dressel 1 Itálica (825); ânforas de tipo Lamboglia 2 (830) e Dressel 2-4 (708 e 596).



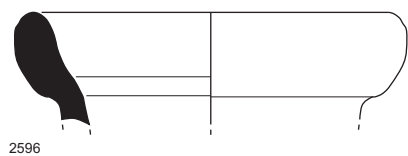




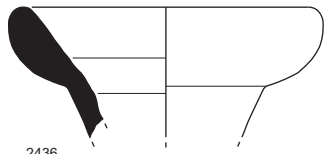




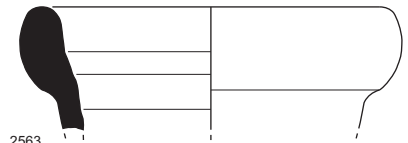
2456



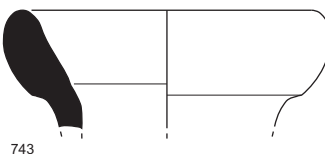
2596



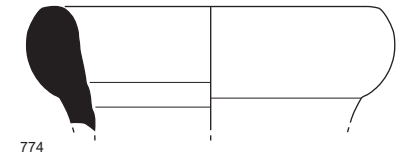
2436



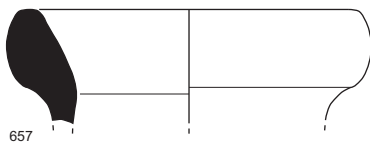
2563



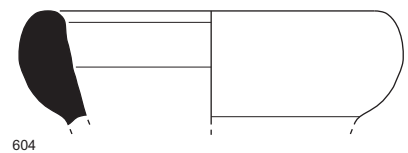
743



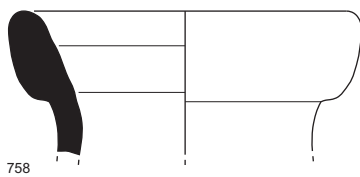
774



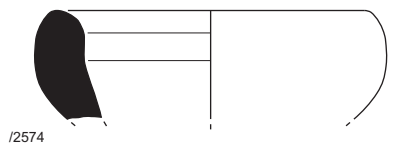
657



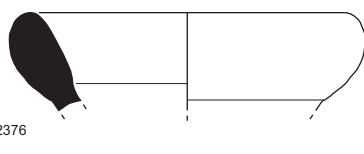
604



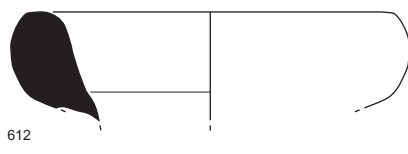
758



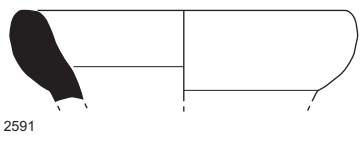
12574



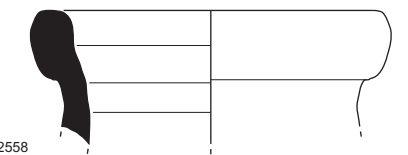
2376



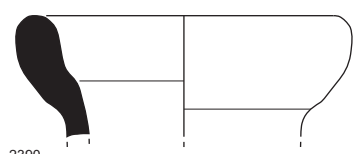
612



2591

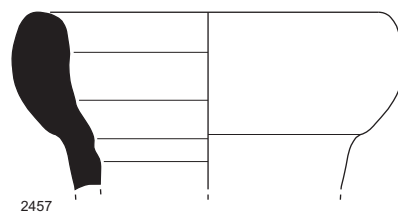
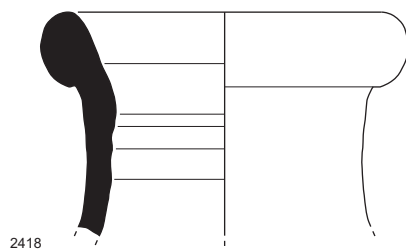
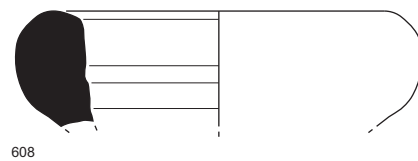
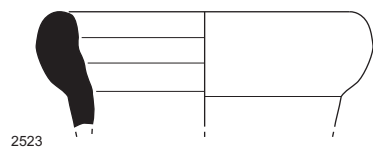
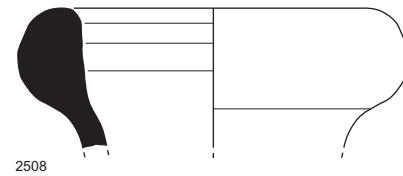
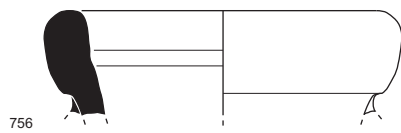
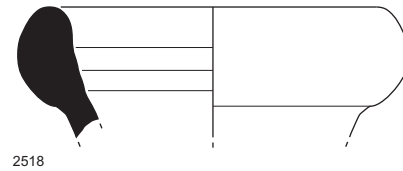
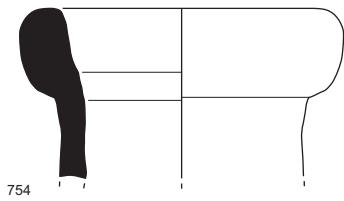
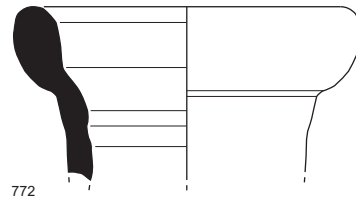
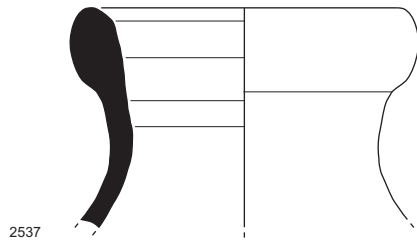
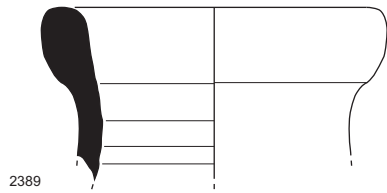


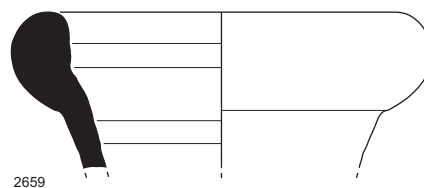
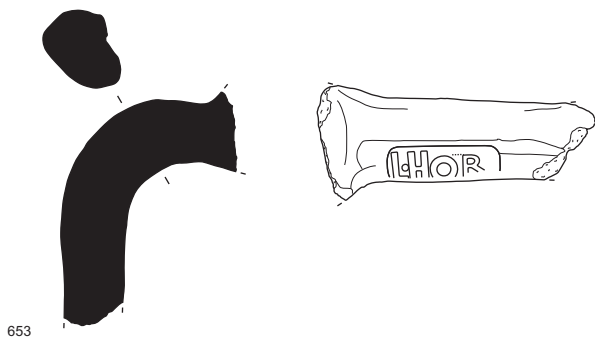
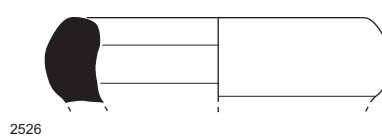
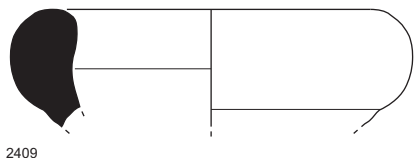
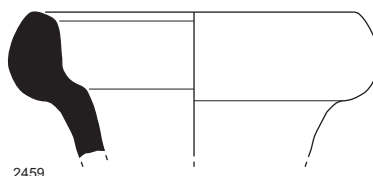
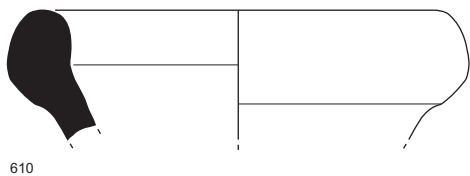
2558

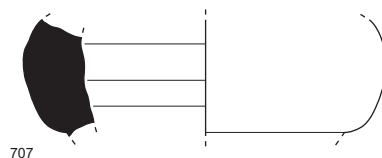
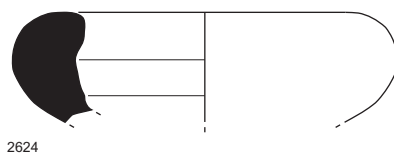
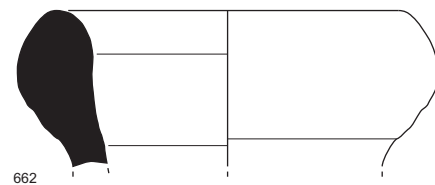
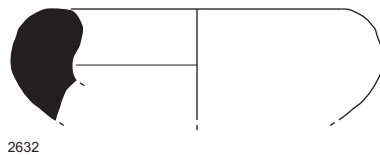
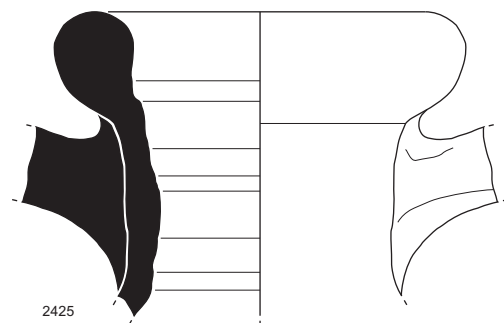
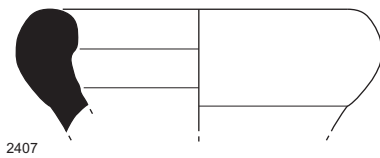
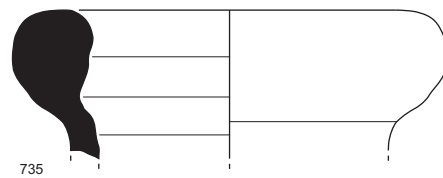
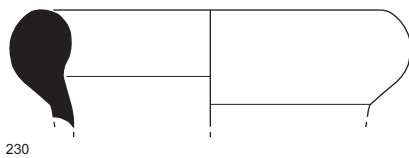
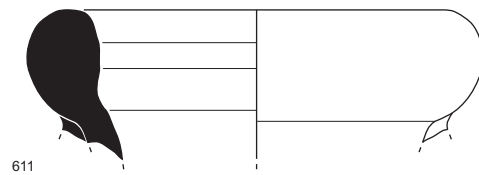
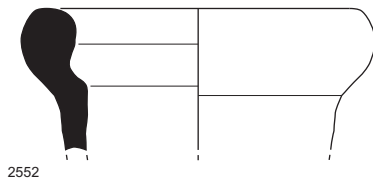
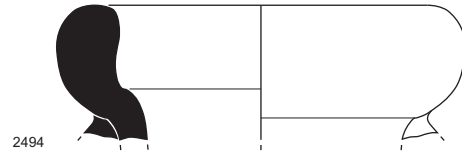
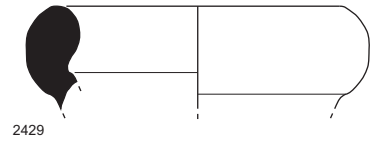
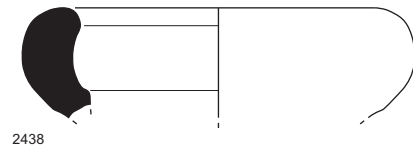
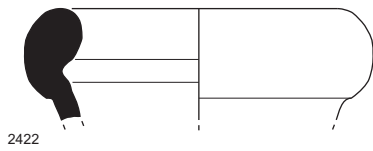


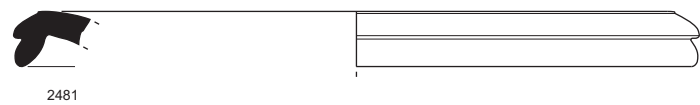
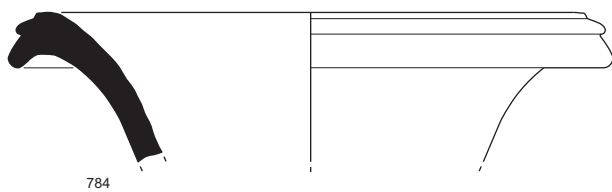
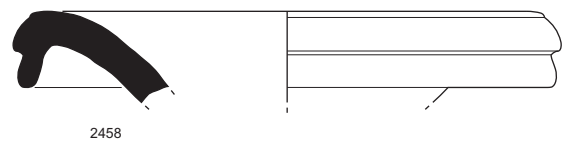
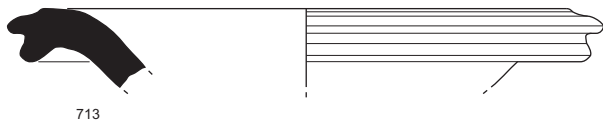
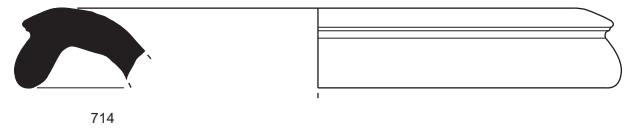
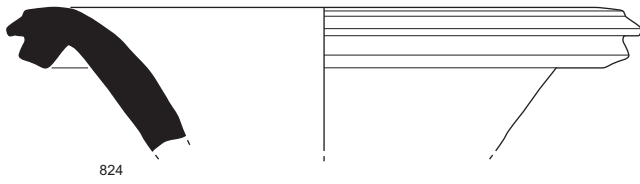
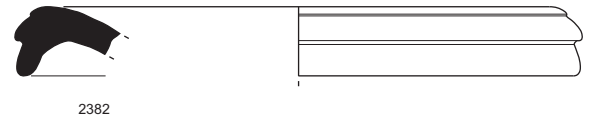
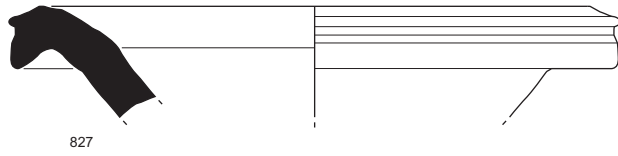
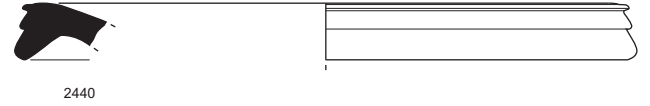
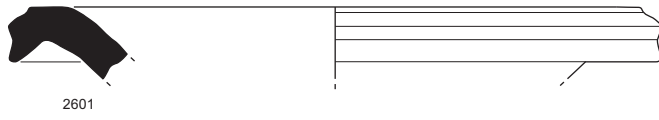
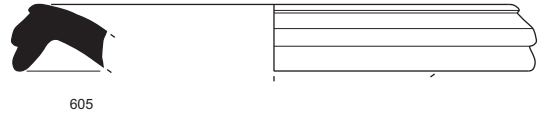
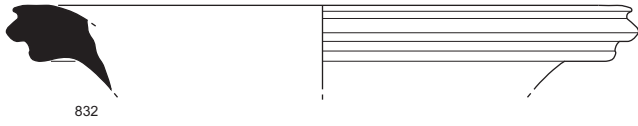
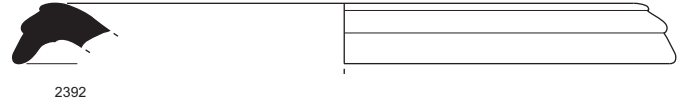
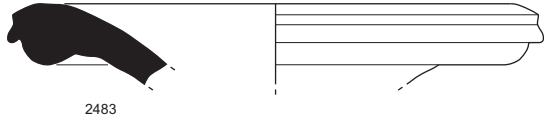
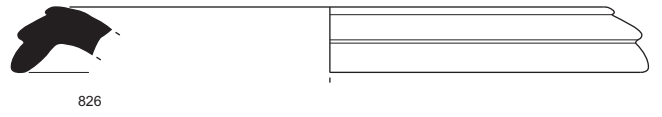
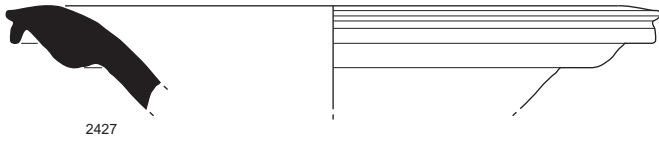
2390

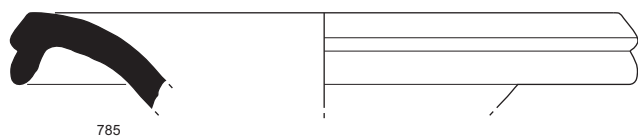
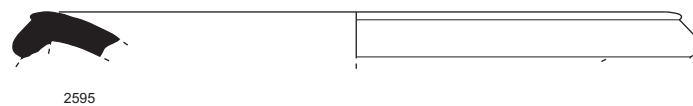
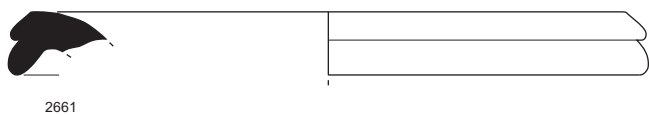
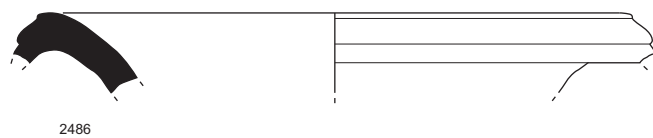
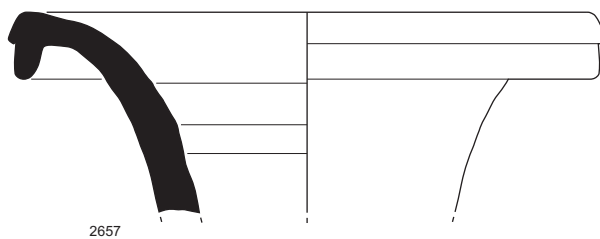
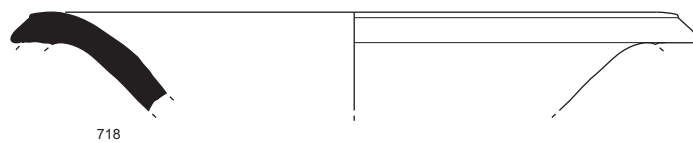
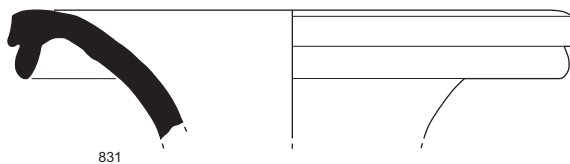
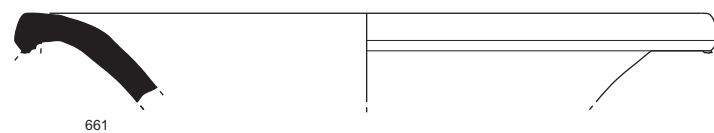
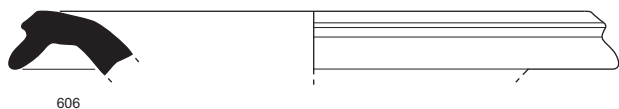
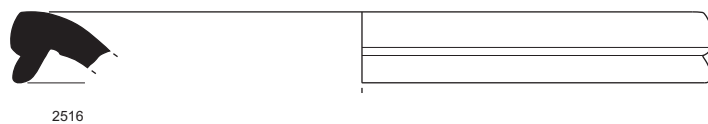
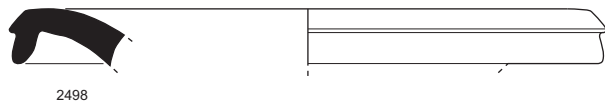
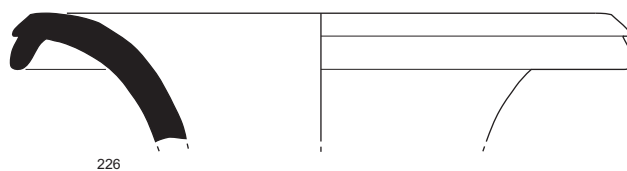
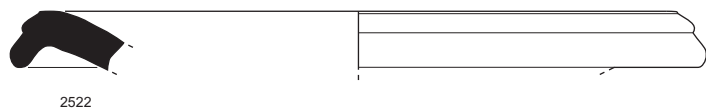


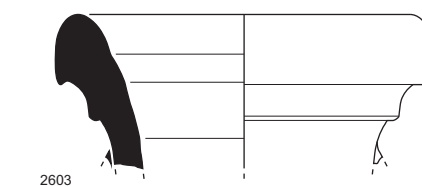
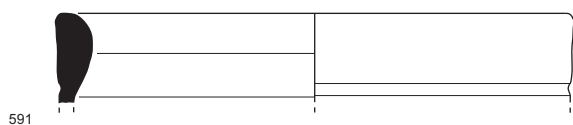
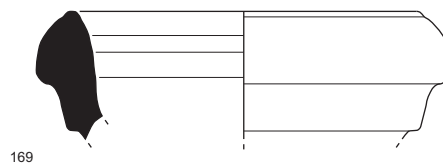
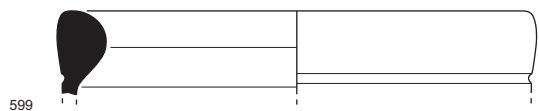
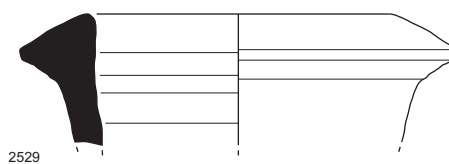
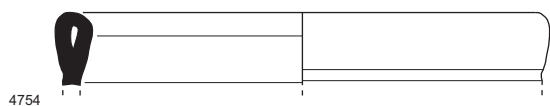




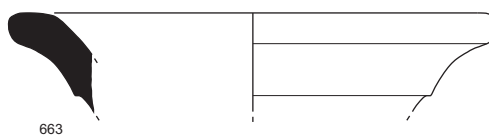
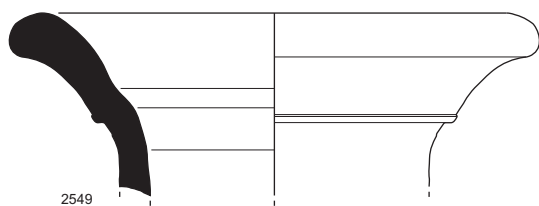
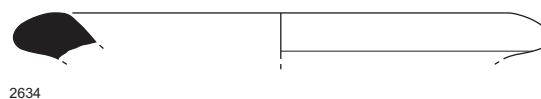
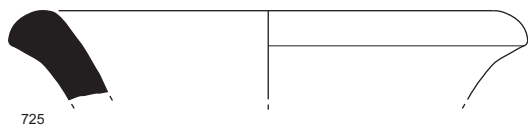
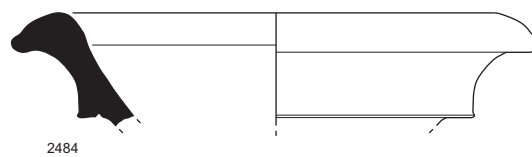
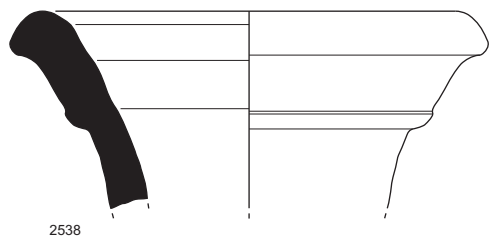
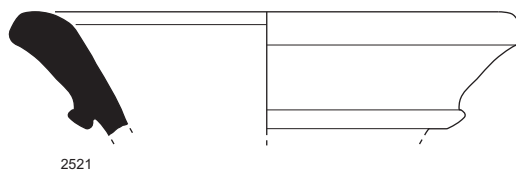
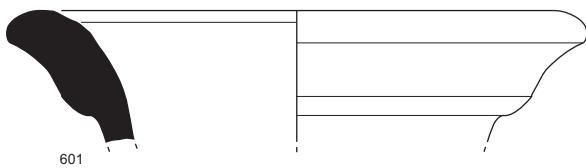
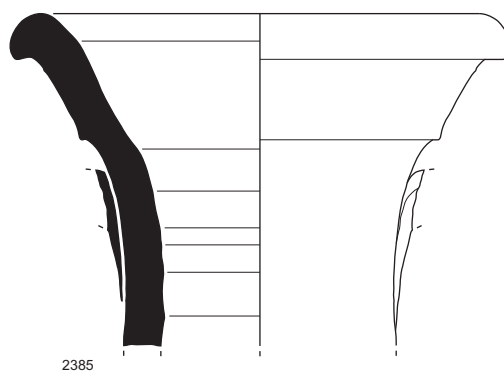
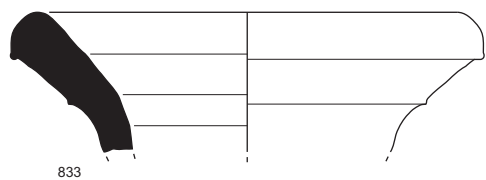
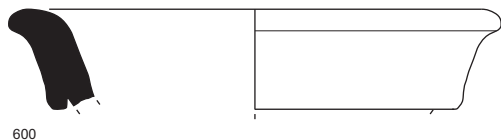
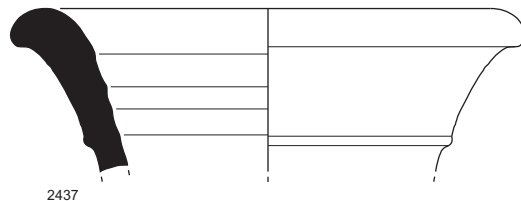
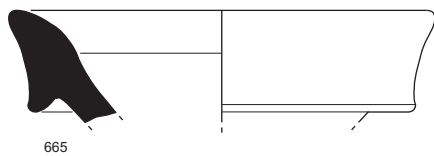
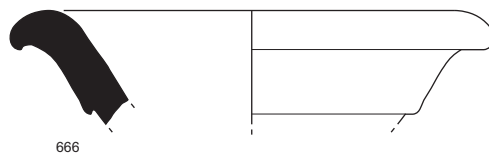
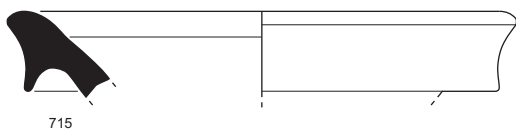


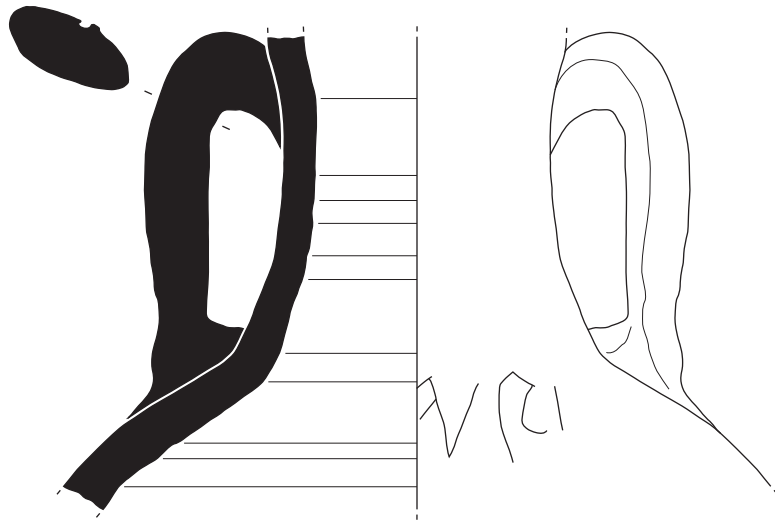






Estampa XXVI - Ânforas de tipo T-9.1.1.1. (4754, 599 e 591), Greco-Itálica Hispânica (2529), Classe 67 (169) e Dressel 12 (2603).



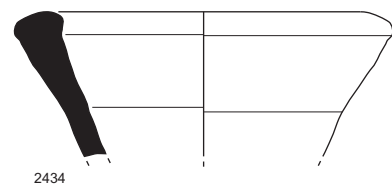
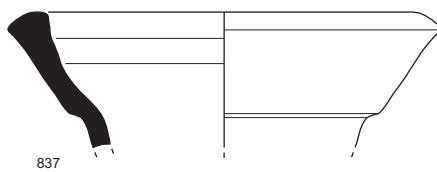
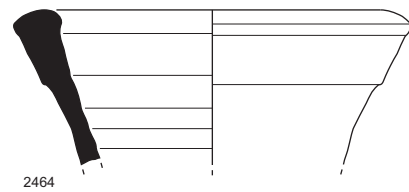
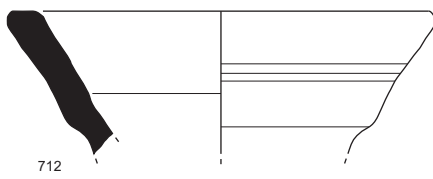
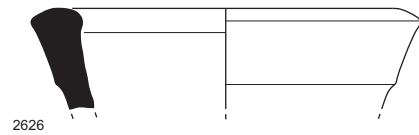
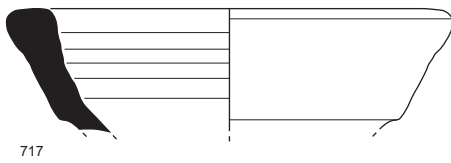
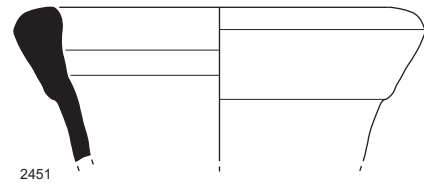
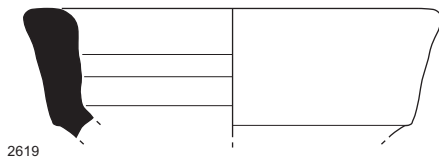
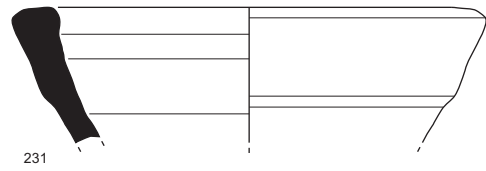
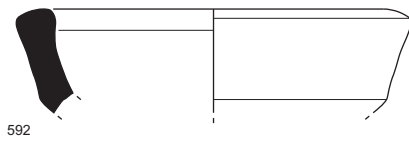
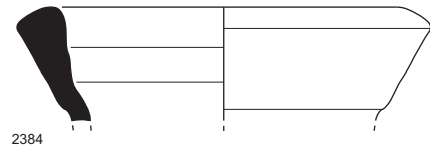
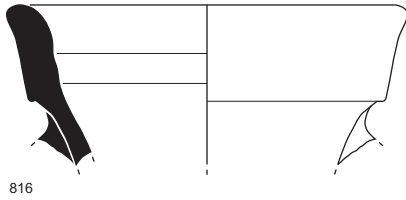
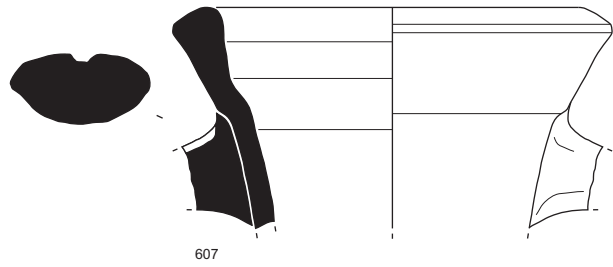
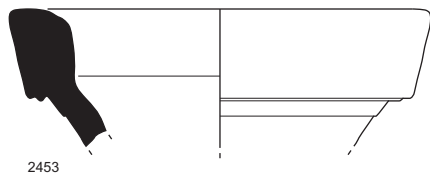


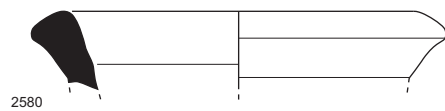
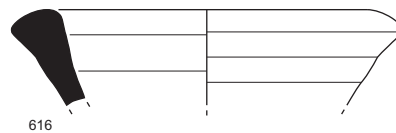
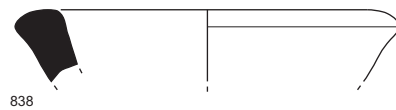
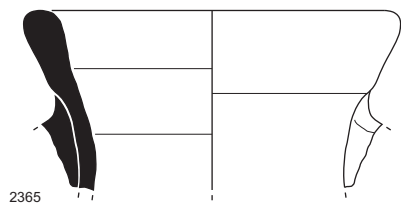
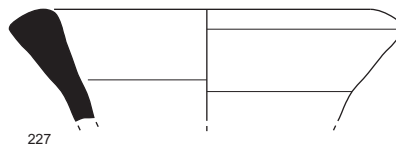
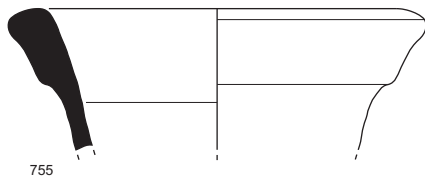
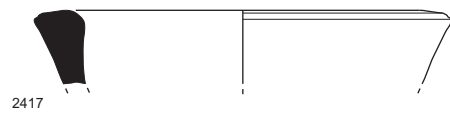
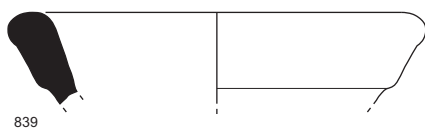
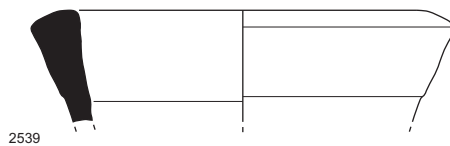
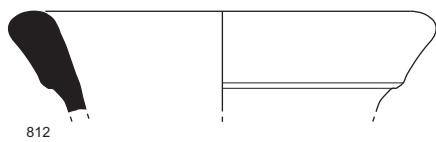
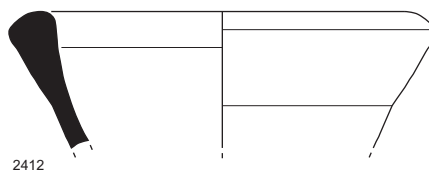
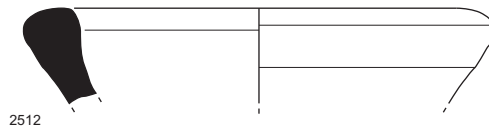
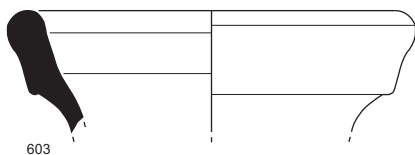
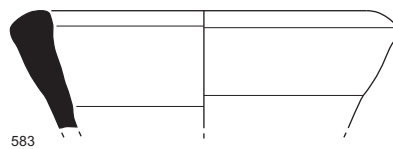
2555

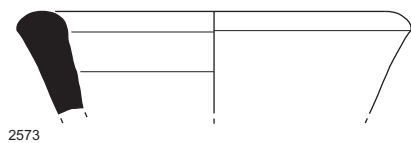
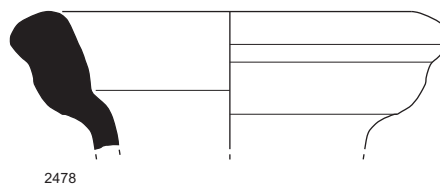
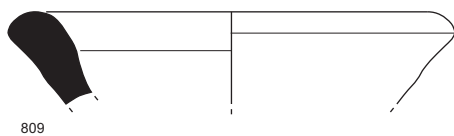
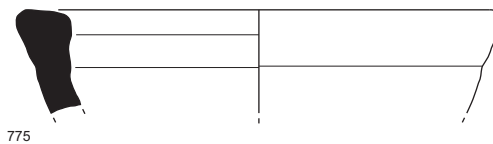
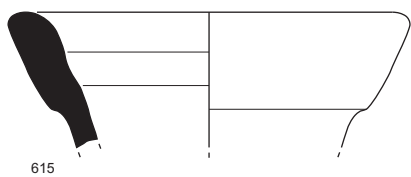
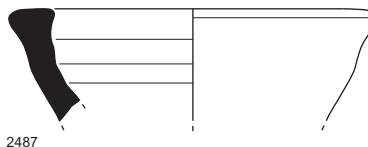
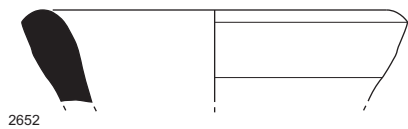
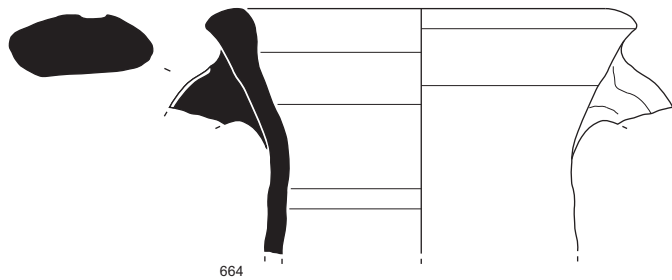
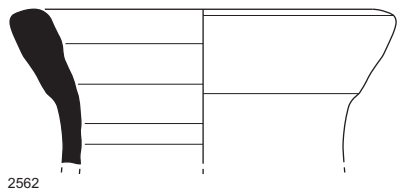


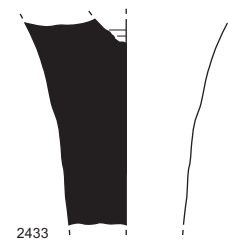
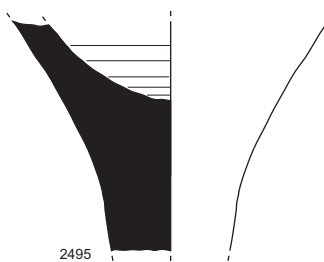
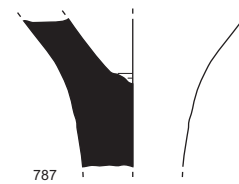
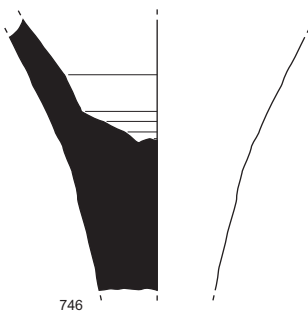
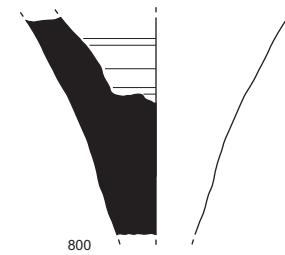
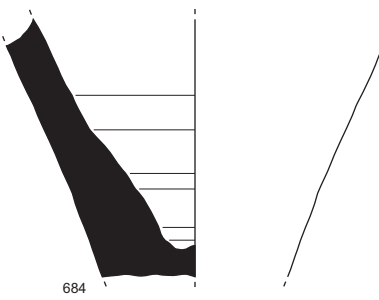
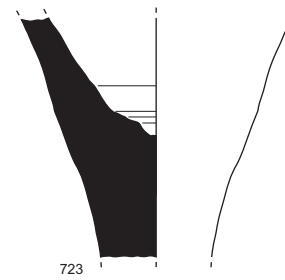
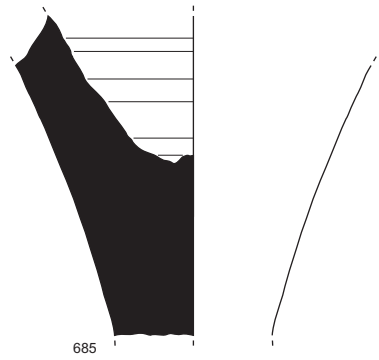
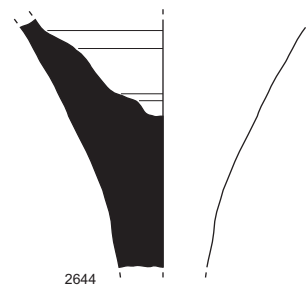
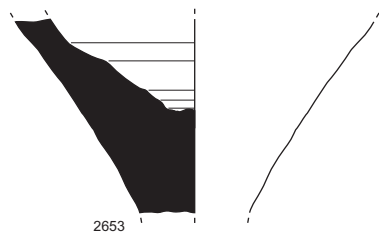
2380



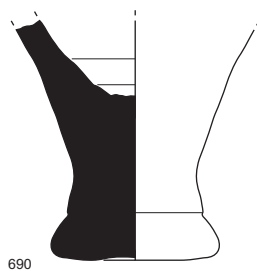
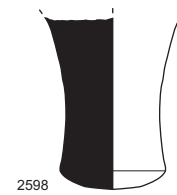
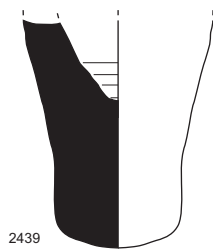
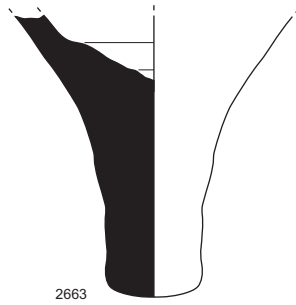
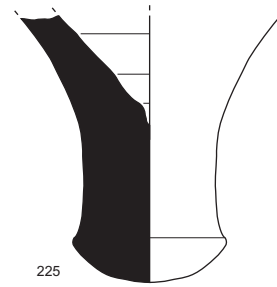
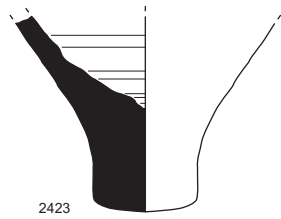




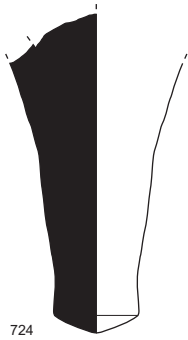
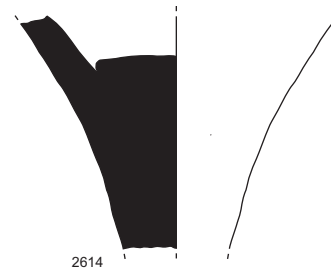
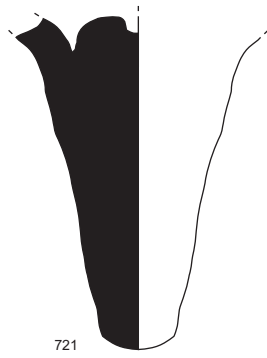
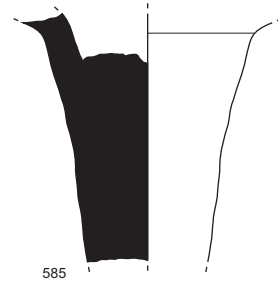
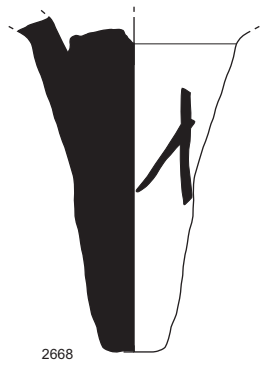


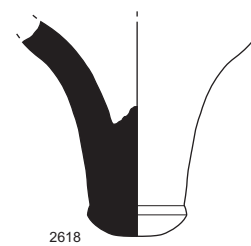
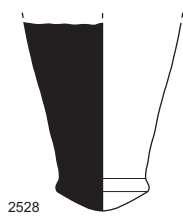
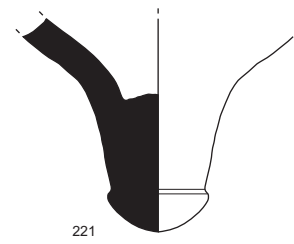
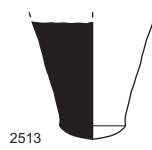
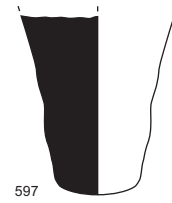
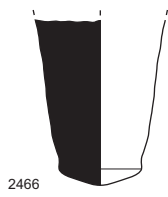
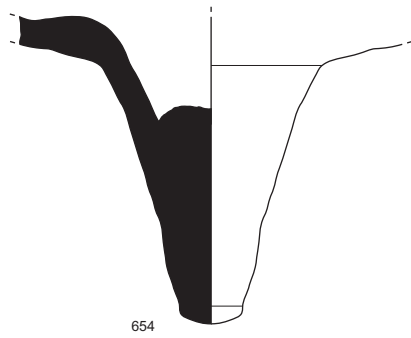


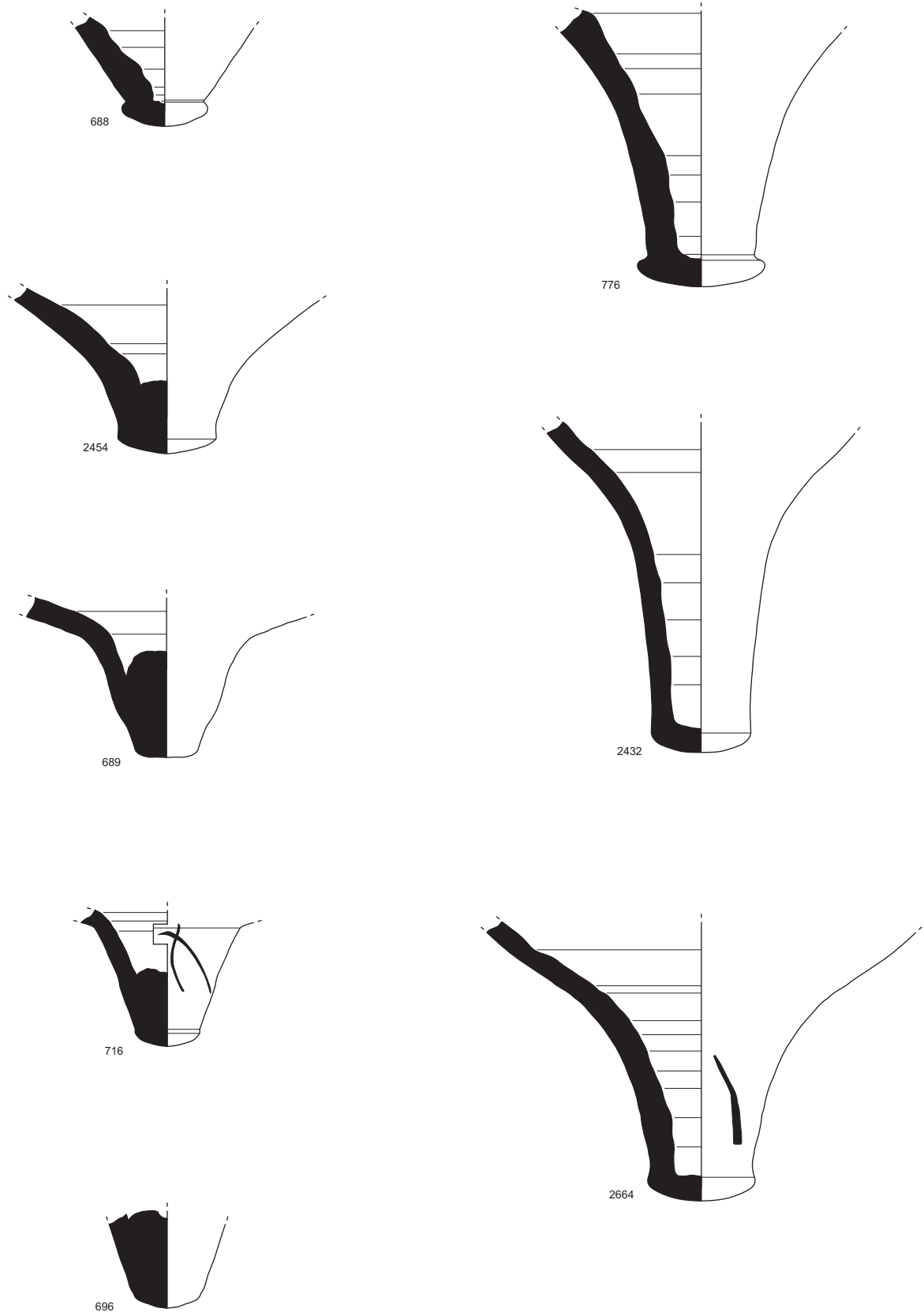
Estampa XXXII - Fundos de ânfora de tipo Greco-Itálico ou Dressel 1.



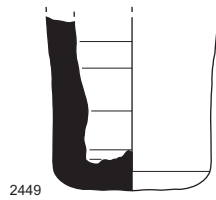
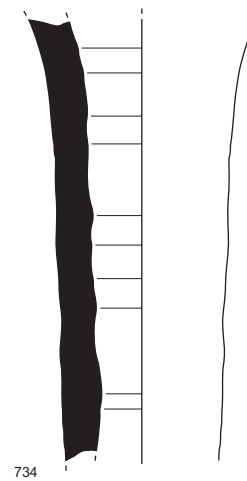
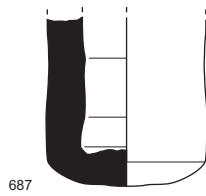
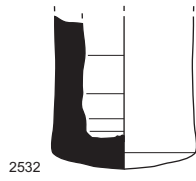
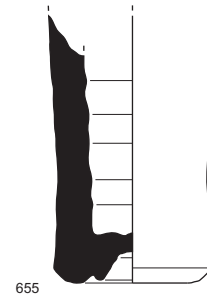
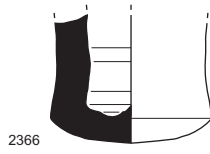
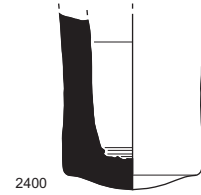
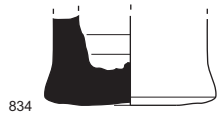
Estampa XXXIII - Fundos de ânfora de tipo Greco-Itálico ou Dressel 1 (2423 e 2663), Richborough 527 (2439) e Dressel 2-4 (?) (690, 225, 588 e 2598).

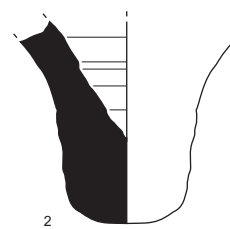
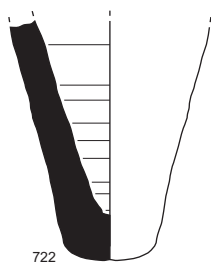
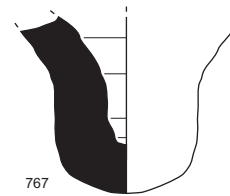
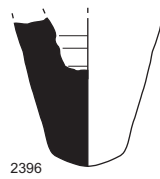
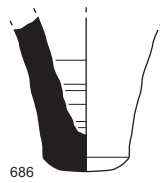
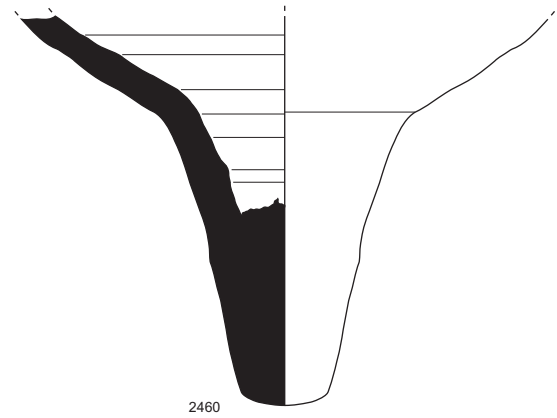
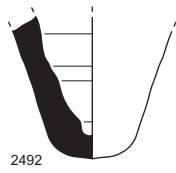
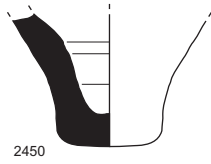
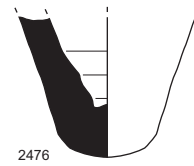


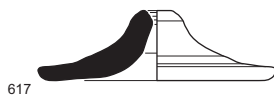
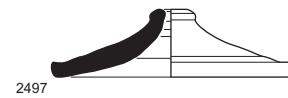
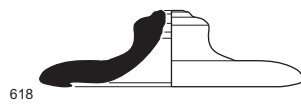
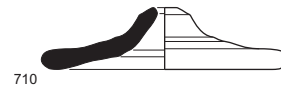
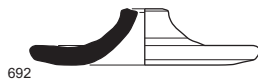
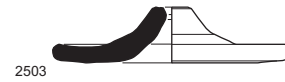
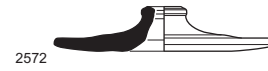


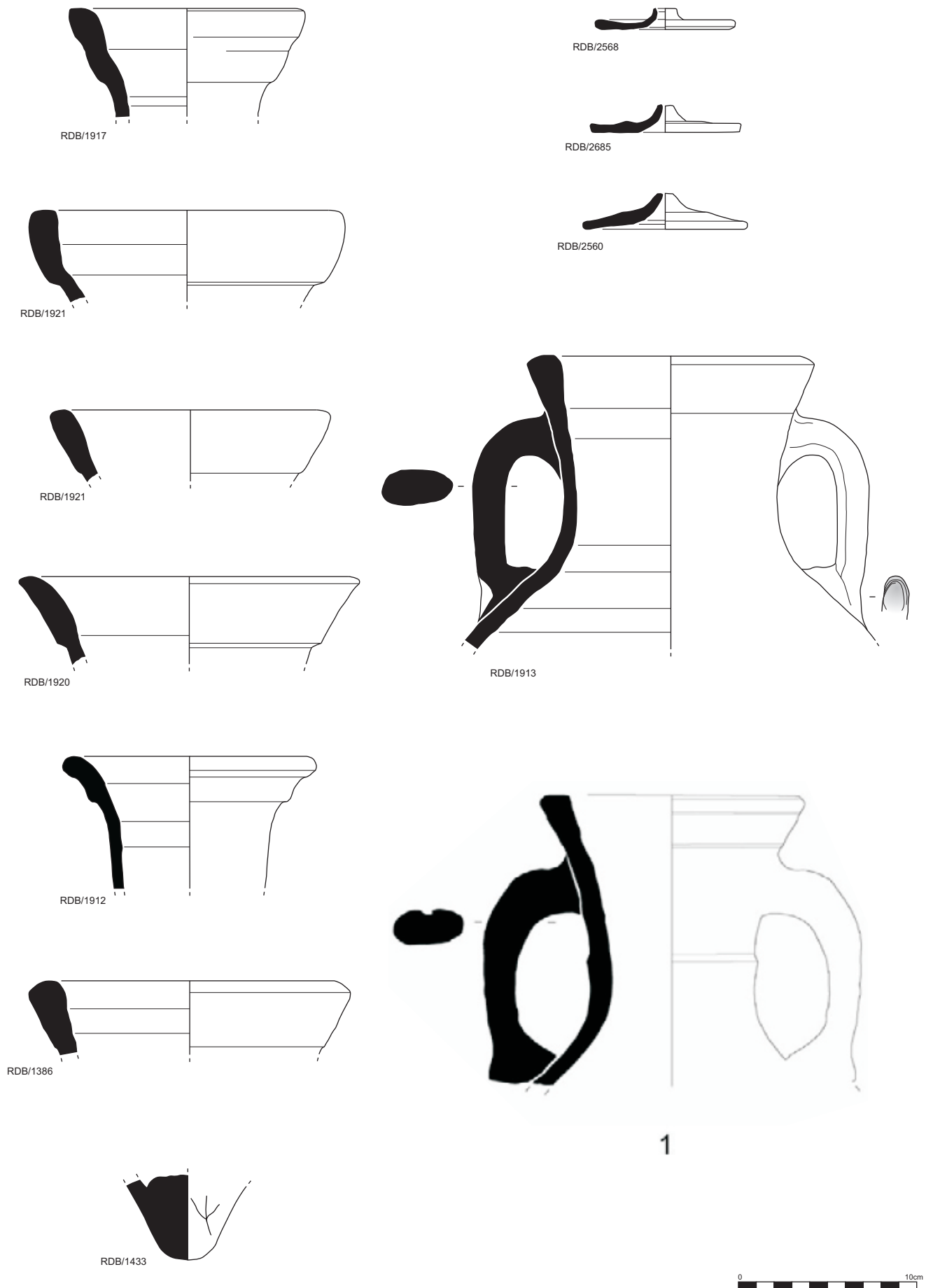


Estampa XXXVI - Fundos de ânfora de tipo Tripolitana Antiga (688), Oberaden 83 ou Dressel 20 (2454, 689, 716 e 696) e Dressel 7-11 (776, 2432 e 2664).

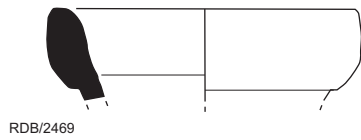
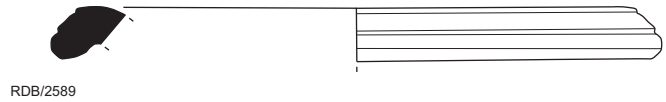
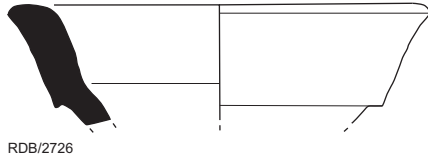
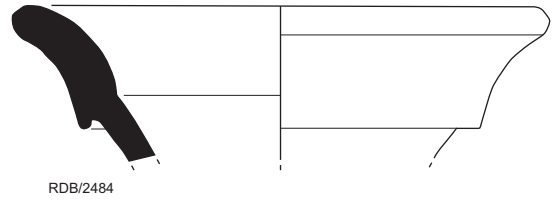
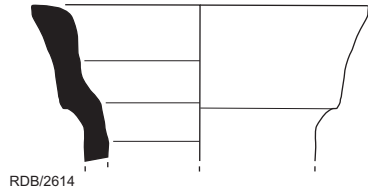


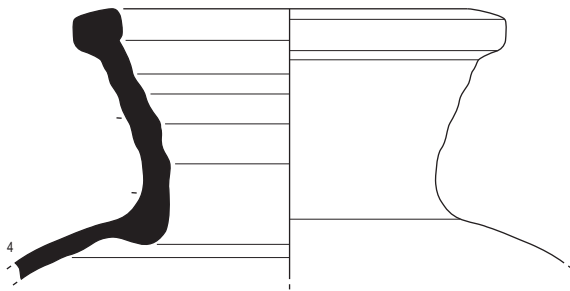
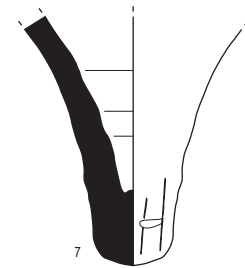
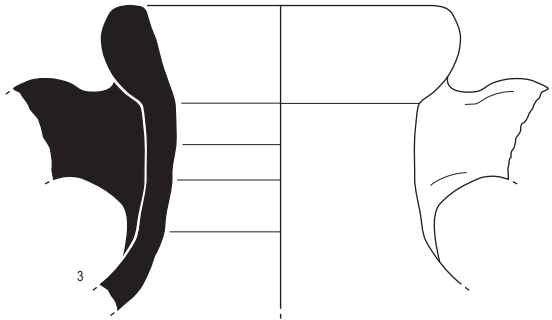
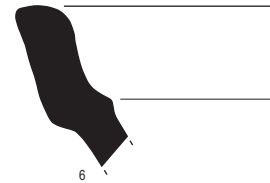
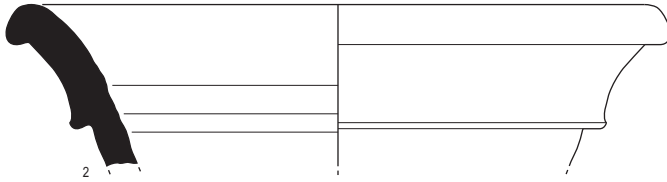
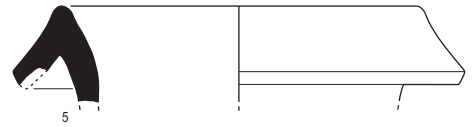
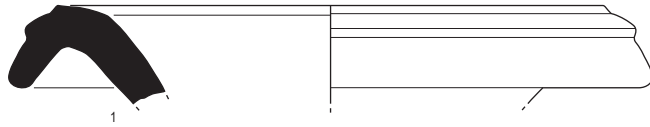




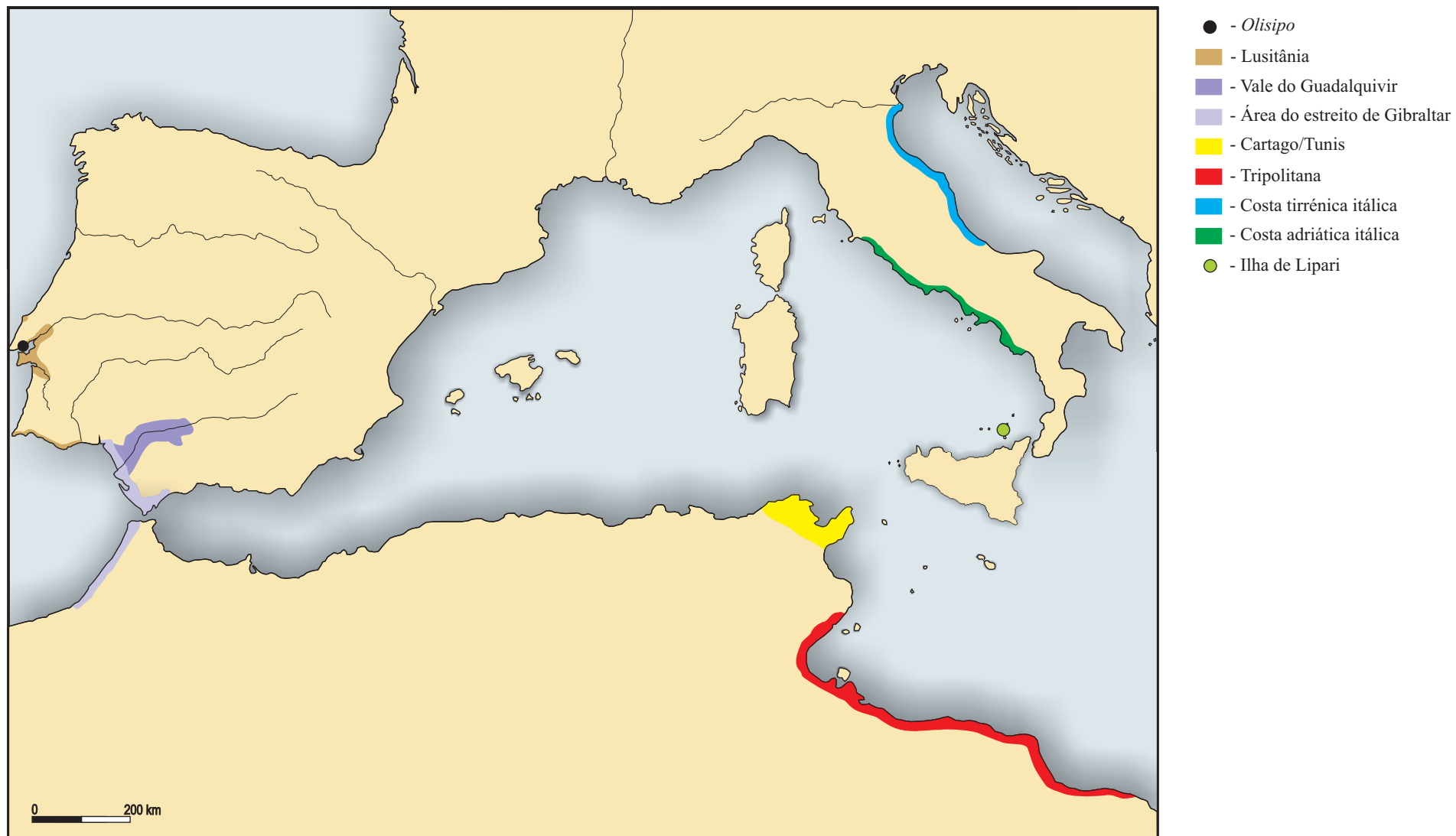


Estampa XL - Ânforas e opérculos de produção lusitana provenientes da intervenção arqueológica realizada na rua dos Bacalhoeiros (Fernandes *et alii*, 2006). O n.º 1 corresponde a um exemplar de Ovóide Lusitana recolhido na Baixa Lisboaeta (Morais e Fabião, 2007, p. 128, fig. 1, nº 1).





Estampa XLII - Ânforas de tipo Mañá C2b (1), Dressel 7-11 (2), Oberaden 83 (3), Gauloise 5 (4), Greco-Itálica (5), Haltern 70 (6) e de produção lusitana (7) provenientes do Palácio do Marquês de Angeja.



Estampa XLIII - Localização das diferentes regiões produtoras das ânforas presentes no teatro romano de Lisboa no mapa do Mediterrâneo central e ocidental (adaptado a partir de Ramón Torres, 1995). Localizações aproximadas.

ANEXOS

2.

TABELA GERAL DAS
ÂNFORAS DO TEATRO ROMANO DE LISBOA

As ânforas do teatro romano de Lisboa

Tabela geral

Nº Inv.	Ano	Origem	Vala	Camada	Contexto	Fragmento	Tipologia	Pasta	Produção	Cor (Munsell Soil Color Charts)		Diâmetro externo bordo	Diâmetro pé	Espessura B/A/P	Extensão conserv.	Índice alt./esp. máxima
										Exterior	Pasta					
2	2001	Casa do guarda	1	2	Moderno	Fundo	Indet.	PL 2	Produções Lusitanas	S/T Cinzento-acastanhado claro (10YR 6/2)	Vermelho-amarelado (5YR 5/6)	/	4,8	P - 1,4	8	/
13	2001	Casa do guarda	1	11	Moderno	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	/	/	A - 2,2	9,9	/
83	2001	Casa do guarda	2	2	Moderno	Arranque de asa	Haltern 70?	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/3)	Castanho-claro (10YR 6/3)	/	/	A - 3,8 P - 1,1	7,4	/
113	2001	Casa do guarda	2	5	Moderno	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Bege (10YR 8/2)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	/	/	A - 2,9	10,2	/
128	2001	Casa do guarda	2	5	Moderno	Asa	Ovóides Lusitanas	PL 4	Produções Lusitanas	S/T Amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	/	/	A - 2,6	4,2	/
163	2001	Casa do guarda	2	7	Moderno	Arranque de asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-claro (10YR 6/3)	/	/	A - 4 P - 1,2	10,7	/
168	2001	Casa do guarda	2	7	Moderno	Bordo	Verulamium 1908	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/3)	Castanho-claro (10YR 6/3)	16,2	/	B - 1,8 P - 1,3	4,3	/
169	2001	Casa do guarda	2	7	Moderno	Bordo	Classe 67	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Cinzento-claro (2.5Y 7/2)	Cinzento-acastanhado claro (10YR 6/2)	16,4	/	B - 2,3 P - 1,1	5	/
191	2001	Casa do guarda	2	7	Moderno	Arranque de asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6)	/	/	A - 2,5 P - 1,4	8,8	/
192	2001	Casa do guarda	2	7	Moderno	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 8/4)	Amarelo-avermelhado (5YR 7/6)	/	/	A - 2,9	9	/
194	2001	Casa do guarda	2	7	Moderno	Arranque de asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 7/4)	Castanho-claro (10YR 6/3)	/	/	A - 2,8 P - 1,1	7,7	/
204	2001	Casa do guarda	Sond 5	15	Moderno	Bordo	Haltern 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Castanho-rosado (7.5YR 7/4)	17	/	B - 1,7 P - 1,1	6,7	/
221	2001	Casa do guarda	1	15	Moderno	Fundo	Indet.	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/3)	Castanho-claro (7.5YR 6/3)	/	4	P - 1,2	8,4	/
225	2001	Casa do guarda	1	7	Moderno	Fundo	Dressel 2-4?	PB 4	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 7/4)	Bege (10YR 7/4)	/	6,1	P - 1,4	10,4	/
226	2001	Casa do guarda	1	16	Moderno	Bordo	Mañá C2b	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/8)	24,4	/	B - 2,3 P - 1,2	5,1	/
227	2001	Casa do guarda	2	2	Moderno	Bordo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	C/A Castanho-acinzentado (10YR 5/2)	Vermelho-amarelado (5YR 5/8)	15,4	/	B - 1,9 P - 0,8	4,4	/
228	2001	Casa do guarda	2	2	Moderno	Fundo	Mañá C2b	PB 3	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 8/2)	Bege (10YR 8/2)	/	?	P - 1,2	4,1	/

Abreviaturas utilizadas: S/T - Sem tratamento; C/E - Com engobe; C/A - Com aguada; B - Bordo; A - Asa; P - Parede

As ânforas do teatro romano de Lisboa

Tabela geral

Nº Inv.	Ano	Origem	Vala	Camada	Contexto	Fragmento	Tipologia	Pasta	Produção	Cor (Munsell Soil Color Charts)		Diâmetro externo bordo	Diâmetro pé	Espessura B/A/P	Extensão conserv.	Índice alt./esp. máxima
										Exterior	Pasta					
229	2001	Casa do guarda	2	7	Moderno	Asa	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/3)	Castanho-claro (7.5YR 6/4)	/	/	A - 3,5	6,8	/
230	2001	Casa do guarda	2	7	Moderno	Bordo	Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/3)	Castanho-claro (7.5YR 6/4)	15,6	/	B - 2,4 P - 0,8	4,6	/
231	2001	Casa do guarda	2	7	Moderno	Bordo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	Vermelho-amarelado (5YR 5/6)	18,6	/	B - 1,9 P - 1	5,3	/
232	2001	Casa do guarda	2	7	Moderno	Asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	/	/	A - 5	16,4	/
233	2001	Casa do guarda	2	8	Moderno	Asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-amarelado-claro (10YR 6/4)	/	/	A - 4,2	14,7	/
2364	2005	Pátio	2	13	Moderno	Bordo	Greco-Itálica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Amarelo-claro (2.5YR 6/6)	18,5	/	B - 3,1 P - 0,8	7,3	0,96
2365	2005	Pátio	2	13	Moderno	Bordo e arranque de asa	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/8)	14,8	/	B - 1,5 P - 0,7	7,1	/
2366	2005	Pátio	2	15	Moderno	Fundo	Mañá C2b	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 8/3)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	/	6,3	P - 1,2	5,2	/
2367	2005	Pátio	2	16	Moderno	Bordo	Dressel 1	PI 1	Produções Itálicas	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	16,8	/	B - 2,9 P - 1,5	8,3	/
2368	2005	Pátio	2	16	Moderno	Asa	Ovóides Lusitanas	PL 3	Produções Lusitanas	C/E Bege (10YR 8/4)	Vermelho-amarelado (5YR 5/8)	/	/	A - 4,1	13,2	/
2369	2005	Pátio	2	16	Moderno	Arranque de asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-claro (10YR 6/3)	/	/	A - 2,1	6,7	/
2370	2005	Pátio	2	16	Moderno	Arranque de asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 2	Produções Itálicas	C/E Bege (10YR 8/2)	Vermelho (2.5YR 5/8)	/	/	A - 2,6 P - 1	6,3	/
2371	2005	Pátio	2	16	Moderno	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Bege (10YR 8/3)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6)	/	/	A - 3	9,3	/
2372	2005	Pátio	2	18	Moderno	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 2	Produções Itálicas	C/E Bege (10YR 8/2)	Castanho-avermelhado (5YR 5/4)	/	/	A - 3	9,6	/
2373	2005	Pátio	2	18	Moderno	Fundo	Mañá C2b	PB 3	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	EAmarelo-claro (2.5Y 8/3)	/	?	P - 1,4	8,6	/
2374	2005	Pátio	2	18	Moderno	Bordo	Verulamium 1908	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/3) 0YR 7/4)	Bege (10YR 7/4)	20,2	/	B - 2,4 P - 0,1	6,8	/
2375	2005	Pátio	2	18	Moderno	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 2	Produções Itálicas	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 7/6)	Vermelho-amarelado (5YR 5/8)	/	/	A - 2,7	15,4	/

Abreviaturas utilizadas: S/T - Sem tratamento; C/E - Com engobe; C/A - Com aguada; B - Bordo; A - Asa; P - Parede

As ânforas do teatro romano de Lisboa

Tabela geral

Nº Inv.	Ano	Origem	Vala	Camada	Contexto	Fragmento	Tipologia	Pasta	Produção	Cor (Munsell Soil Color Charts)		Diâmetro externo bordo	Diâmetro pé	Espessura B / A / P	Extensão conserv.	Índice alt./esp. máxima
										Exterior	Pasta					
2376	2005	Pátio	2	18	Moderno	Bordo	Oberaden 83	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-claro (7.5YR 6/4)	14	/	B - 1,9 A - 1	3,8	/
2377	2005	Pátio	3	16	Moderno	Bordo	Haltern 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6)	16,2	/	B - 2,1 A - 1	9,4	/
2378	2005	Pátio	3	20	Moderno	Opérculo	Ovóides Lusitanas	PL 2	Produções Lusitanas	S/T Vermelho-claro (2.5YR 6/6)	Vermelho (2.5YR 5/8)	?	/	P - 0,6	3,2	/
2379	2005	Pátio	3	20	Moderno	Opérculo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/8)	8	/	B - 0,5 P - 0,7	8,1	/
2380	2005	Pátio	4	2a	Moderno	Bordo e arranque de asa	Dressel 7-11	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5YR 8/2)	Castanho-claro (7.5YR 6/4)	20,2	/	B - 2,9 A - 2,8 P - 1,2	23,4	/
2381	2005	Pátio	4	2a	Moderno	Asa	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Castanho-avermelhado claro (5YR 6/4)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	/	/	A - 2,9	8,5	/
2382	2005	Pátio	4	2a	Moderno	Bordo	Mañá C2b	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	Amarelo-avermelhado (5YR 7/6)	22,2	/	B - 2,9 P - 1,2	5,7	/
2383	2005	Pátio	4	2a	Moderno	Bordo	Haltern 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Castanho-claro (7.5YR 6/3)	16,9	/	B - 2 P - 1,1	6,2	/
2384	2005	Pátio	4	2a	Moderno	Bordo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	C/A Cinzento-acastanhado claro (10YR 6/2)	Vermelho-amarelado (5YR 5/8)	16,2	/	B - 1,9 P - 0,7	4,5	/
2385	2005	Pátio	4	2a	Moderno	Bordo e arranque de asa	Dressel 7-11	PB 3	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	19,6	/	B - 2,3 P - 1,3	13,4	/
2388	2005	Pátio	4	2a	Moderno	Asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-claro (10YR 6/3)	/	/	A - 3,9	5,1	/
2389	2005	Pátio	4	2a	Moderno	Bordo	Oberaden 83	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/2)	Bege (10YR 7/3)	13,6	/	B - 1,8 P - 0,9	6,7	/
2390	2005	Pátio	4	2a	Moderno	Bordo	Oberaden 83	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-claro (7.5YR 6/4)	13,2	/	B - 1,7 P - 0,9	4,7	/
2391	2005	Pátio	4	2a	Moderno	Asa	Dressel 7-11	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6)	/	/	A - 2,2	9,8	/
2392	2005	Pátio	4	2a	Moderno	Bordo	Mañá C2b	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 8/3)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6)	25,2	/	B - 2,8	4,9	/
2393	2005	Pátio	4	12b	Moderno	Bordo	Verulamium 1908	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	17,4	/	B - 1,9 P - 1	5,7	/

Abreviaturas utilizadas: S/T - Sem tratamento; C/E - Com engobe; C/A - Com aguada; B - Bordo; A - Asa; P - Parede

As ânforas do teatro romano de Lisboa

Tabela geral

Nº Inv.	Ano	Origem	Vala	Camada	Contexto	Fragmento	Tipologia	Pasta	Produção	Cor (Munsell Soil Color Charts)		Diâmetro externo bordo	Diâmetro pé	Espessura B / A / P	Extensão conserv.	Índice alt./esp. máxima
										Exterior	Pasta					
2394	2005	Pátio	4	12b	Moderno	Asa	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Bege (10YR 7/4)	/	/	A - 2,5 P - 1,2	7,7	/
2395	2005	Pátio	5	15	Moderno	Bordo	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Castanho-claro (10YR 6/3)	16,8	/	B - 1,8 P - 1	7	/
2396	2005	Pátio	5	15	Moderno	Fundo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Vermelho-claro (2.5YR 6/6)	Vermelho (2.5YR 5/8)	/	3	P - 1,4	6,5	/
2397	2005	Pátio	5	15	Moderno	Bordo e arranque de asa	Verulamium 1908	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/4)	Bege (10YR 7/4)	18,8	/	B - 2,6 P - 1	9,6	/
2398	2005	Pátio	5	15	Moderno	Asa	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/3)	Castanho-claro (7.5YR 6/3)	/	/	A - 3	9,5	/
2399	2005	Pátio	5	15	Moderno	Opérculo	Ovóides Lusitanas	PL 4	Produções Lusitanas	S/T Castanho-claro (7.5YR 6/4)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	7,8	/	B - 0,5 P - 0,6	7,2	/
2400	2005	Pátio	5	15	Moderno	Fundo	Mañá C2b	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (5YR 7/6)	Amarelo-claro (5YR 7/6)	/	5,1	P - 1,1	6,8	/
2402	2005	Pátio	5	15	Moderno	Asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	/	/	A - 3,2 P - 1,1	9,6	/
2403	2005	Pátio	5	15	Moderno	Bordo	Greco-Itálica	PI 1	Produções Itálicas	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Amarelo-claro (2.5YR 6/6)	<15,4	/	B - 2,4 P - 1,1	4	>7
2404	2005	Pátio	5	15	Moderno	Bordo	Verulamium 1908	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/4)	Castanho-claro (7.5YR 6/4)	18,2	/	B - 2,1 P - 1,1	4,7	/
2406	2005	Pátio	5	15	Moderno	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 5	Produções Itálicas	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Amarelo-avermelhado (5YR 7/6)	/	/	A - 2,9	5,9	/
2407	2005	Pátio	5	15	Moderno	Bordo	Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	14,4	/	B - 2,4 P - 1,2	4,8	/
2408	2005	Pátio	5	15	Moderno	Asa	Richborough 527	PI 3	Produções Itálicas	S/T Amarelo-claro (5Y 8/2)	Amarelo-claro (5Y 8/2)	/	/	A - 2,1	10,2	/
2409	2005	Pátio	5	15	Moderno	Bordo	Oberaden 83	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-claro (7.5YR 6/4)	15,8	/	B - 2,7 P - 1	4,6	/
2410	2005	Pátio	5	15a	Moderno	Asa	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	Castanho-claro (10YR 6/3)	/	/	A - 2,5	14,4	/
2411	2005	Pátio	5	15a	Moderno	Bordo e arranque de asa	Ovóides Lusitanas	PL 3	Produções Lusitanas	C/E Bege (10YR 8/4)	Vermelho-claro (2.5YR 6/8)	13,4	/	B - 1,8 A - 2,7 P - 1	10,4	/

Abreviaturas utilizadas: S/T - Sem tratamento; C/E - Com engobe; C/A - Com aguada; B - Bordo; A - Asa; P - Parede

As ânforas do teatro romano de Lisboa

Tabela geral

Nº Inv.	Ano	Origem	Vala	Camada	Contexto	Fragmento	Tipologia	Pasta	Produção	Cor (Munsell Soil Color Charts)		Diâmetro externo bordo	Diâmetro pé	Espessura B / A / P	Extensão conserv.	Índice alt./esp. máxima
										Exterior	Pasta					
2412	2005	Pátio	5	15a	Moderno	Bordo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	C/A Castanho-avermelhado (5YR 5/4)	Vermelho-amarelado (5YR 5/8)	16,8	/	B - 1,9 P - 0,7	5,4	/
2413	2005	Pátio	5	15a	Moderno	Opéculo	Ovóides Lusitanas	PL 4	Produções Lusitanas	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/8)	?	/	B - 0,7 P - 0,5	4,2	/
2414	2005	Pátio	5	15a	Moderno	Asa	Haltern 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Castanho-claro (7.5YR 6/3)	/	/	A - 2,6	7,4	/
2415	2005	Pátio	5	15a	Moderno	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Bege (10YR 8/3)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 6/6)	/	/	A - 2,4 P - 1,1	9	/
2416	2005	Pátio	5	15a	Moderno	Opéculo	Ovóides Lusitanas	PL 2	Produções Lusitanas	S/T Amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6)	9,4	/	B - 0,6 P - 0,7	5,7	/
2417	2005	Pátio	5	15a	Moderno	Bordo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	C/A Castanho-acinzentado (10YR 5/2)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/8)	16,4	/	B - 1,9	3,1	/
2418	2005	Pátio	5	15a	Moderno	Bordo	Oberaden 83	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-claro (10YR 6/3)	14,4	/	B - 2,1 P - 0,9	8,9	/
2419	2005	Pátio	5	15a	Moderno	Arranque de asa	Haltern 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Bege (10YR 7/4)	/	/	A - 3 P - 1,3	10,9	/
2422	2005	Pátio	6	12	Moderno	Bordo	Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-claro (7.5YR 6/4)	13,6	/	B - 2,3 P - 0,7	4,5	/
2423	2005	Pátio	6	12	Moderno	Fundo	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Rosa (7.5YR 7/3)	Vermelho-claro (2.5YR 6/8)	/	4	P - 0,8	7,7	/
2424	2005	Pátio	6	12	Moderno	Bordo	Haltern 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (5Y 8/2)	Castanho-claro (7.5YR 6/4)	16,2	/	B - 1,5 P - 1	6,7	/
2425	2005	Pátio	6	12	Moderno	Bordo e arranque de asa	Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/3)	Bege (10YR 7/4)	16,2	/	B - 3,3 A - 4,1 P - 1	12	/
2426	2005	Pátio	6	12	Moderno	Bordo	Greco-Itálica	PI 1	Produções Itálicas	C/E Bege (10YR 7/3)	Rosa (7.5YR 7/4)	18,3	/	B - 2,9 P - 1	8,2	1
2427	2005	Pátio	6	12	Moderno	Bordo	Mañá C2b	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 7/4)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6)	25,6	/	B - 2,1 P - 1,2	6,6	/
2428	2005	Pátio	6	12	Moderno	Asa	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Castanho-avermelhado claro	Vermelho (2.5YR 5/8)	/	/	A - 2,7	8,8	/
2429	2005	Pátio	6	12	Moderno	Bordo	Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/4)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	13,6	/	B - 2,1 P - 1	4,1	/
2430	2005	Pátio	6	12	Moderno	Arranque de asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	/	/	A - 4,5 P - 1,4	10,4	/

Abreviaturas utilizadas: S/T - Sem tratamento; C/E - Com engobe; C/A - Com aguada; B - Bordo; A - Asa; P - Parede

As ânforas do teatro romano de Lisboa

Tabela geral

Nº Inv.	Ano	Origem	Vala	Camada	Contexto	Fragmento	Tipologia	Pasta	Produção	Cor (Munsell Soil Color Charts)		Diâmetro externo bordo	Diâmetro pé	Espessura B / A / P	Extensão conserv.	Índice alt./esp. máxima
										Exterior	Pasta					
2431	2005	Pátio	6	12a	Moderno	Bordo	Verulamium 1908	PB 4	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 7/4)	Castanho-claro (10YR 6/3)	15,6	/	B - 2,3 P - 1,1	8,4	/
2432	2005	Pátio	6	12a	Moderno	Fundo	Dressel 7-11	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Castanho-claro (7.5YR 6/4)	/	5,1	P - 1,1	16,6	/
2433	2005	Pátio	7	3	Moderno	Fundo	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Rosa (7.5YR 7/4)	Amarelo-avermelhado (5YR 7/6)	/	4,5	/	8,2	/
2434	2005	Pátio	7	9	Moderno	Bordo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	C/A Castanho-avermelhado claro (5YR 6/4)	Vermelho-amarelado (5YR 5/6)	14,8	/	B - 2 P - 0,8	6,1	/
2435	2005	Pátio	7	9	Moderno	Asa	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Castanho-claro (7.5YR 6/4)	Vermelho-amarelado (5YR 5/6)	/	/	A - 2,2	5,8	/
2436	2005	Pátio	7	9	Moderno	Bordo	Oberaden 83	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	12,4	/	B - 1,6 P - 0,8	5,7	/
2437	2005	Pátio	7	9	Moderno	Bordo	Dressel 7-11	PB 3	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6)	Amarelo-avermelhado (5YR 7/6)	20,2	/	B - 2,6 P - 1,1	7,2	/
2438	2005	Pátio	7	9	Moderno	Bordo	Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho amarelado-claro (10YR 6/4)	15,4	/	B - 2,1 P - 0,9	4,4	/
2439	2005	Pátio	7	10	Moderno	Fundo	Richborough 527	PI 3	Produções Itálicas	S/T Amarelo-claro (5Y 8/2)	Amarelo-claro (5Y 8/2)	/	4,8	P - 1,6	9,3	/
2440	2005	Pátio	7	13	Moderno	Bordo	Mañá C2b	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Bege (10YR 7/4)	24,4	/	B - 2,3 P - 1,1	4,1	/
2441	2005	Pátio	7	13	Moderno	Asa	Ovóides Lusitanas	PL 2	Produções Lusitanas	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	Vermelho-amarelado (5YR 5/8)	/	/	A - 2,4 P - 1,1	9,9	/
2442	2005	Pátio	7	13	Moderno	Asa	Haltern 70?	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	Castanho-claro 10YR 6/3)	/	/	A - 3,2 P - 1	7,7	/
2443	2005	Pátio	7	13	Moderno	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 2	Produções Itálicas	C/E Bege (10YR 8/2)	Vermelho (2.5YR 5/8)	/	/	A - 2,9	6,7	/
2444	2005	Pátio	7	14	Moderno	Opérculo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Vermelho-claro (2.5YR 6/6)	Vermelho (2.5YR 5/8)	?	/	B - 0,6 P - 0,7	3,2	/
2445	2005	Pátio	7	14	Moderno	Bordo	Gauloise 5	PB 4	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	16,5	/	B - 2 P - 0,8	3,5	/
2446	2005	Pátio	7	17	Moderno	Asa	Indet.	Indet.	Indet.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	Vermelho (2.5YR 5/8)	/	/	A - 2,6	9,9	/
2447	2005	Pátio	8	3	Moderno	Asa	Haltern 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/3)	Castanho-claro (7.5YR 6/3)	/	/	A - 2,9	13,6	/
2448	2005	Pátio	8	4	Moderno	Fundo	Mañá C2b	PB 3	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 7/3)	Amarelo-claro (2.5Y 7/4)	/	6,1	P - 1,1	7,2	/

Abreviaturas utilizadas: S/T - Sem tratamento; C/E - Com engobe; C/A - Com aguada; B - Bordo; A - Asa; P - Parede

As ânforas do teatro romano de Lisboa

Tabela geral

Nº Inv.	Ano	Origem	Vala	Camada	Contexto	Fragmento	Tipologia	Pasta	Produção	Cor (Munsell Soil Color Charts)		Diâmetro externo bordo	Diâmetro pé	Espessura B/A/P	Extensão conserv.	Índice alt./esp. máxima
										Exterior	Pasta					
2450	2005	Pátio	8	7	Moderno	Fundo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Vermelho-claro (2.5YR 6/6)	Vermelho (2.5YR 5/8)	/	4,1	P - 1,0	5,3	/
2451	2005	Pátio	8	7	Moderno	Bordo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	C/A Castanho-avermelhado claro (5YR 6/6)	Vermelho-claro (2.5YR 6/6)	16,3	/	B - 2 P - 0,7	6,2	/
2452	2005	Pátio	8	7	Moderno	Opérculo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Vermelho-claro (2.5YR 6/6)	Vermelho (2.5YR 5/6)	/	/	B - 1,1 P - 0,8	5,4	/
2453	2005	Pátio	8	7	Moderno	Bordo	Ovóides Lusitanas	PL 2	Produções Lusitanas	S/T Castanho-claro (7.5YR 6/4)	Vermelho-amarelado (5YR 5/6)	16,5	/	B - 2,2 P - 1	6	/
2454	2005	Pátio	8	7	Moderno	Fundo	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 7/4)	Castanho (7.5YR 5/4)	/	5	P - 1	10,5	/
2456	2005	Pátio	9	2	Medieval	Bordo e arranque de asa	Tripolitana antiga	PA 1	Produções Africanas	C/E Bege (10YR 8/4)	Vermelho-claro (2.5YR 6/8)	15,2	/	B - 1,7 P - 1,1	6,2	/
2457	2005	Pátio	9	2	Medieval	Bordo	Oberaden 83	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/3)	Castanho-claro (7.5YR 6/4)	15,4	/	B - 2,2 P - 1,1	7,2	/
2458	2005	Pátio	9	2	Medieval	Bordo	Mañá C2b	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	21,6	/	B - 3,1 P - 1,5	6,3	/
2459	2005	Pátio	9	2	Medieval	Bordo	Oberaden 83	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	14,6	/	B - 2,1 P - 1	6,2	/
2460	2005	Pátio	9	2a	Medieval	Fundo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	Vermelho (2.5YR 5/8)	/	3,5	P - 1	18,4	/
2461	2005	Pátio	9	2a	Medieval	Bordo e arranque de asa	Haltern 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 7/3)	Castanho-claro (10YR 6/3)	15,3	/	B - 1,4 P - 0,8	5,7	/
2463	2005	Pátio	9	2a	Medieval	Asa	Haltern 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 7/4)	Castanho-claro (7.5YR 6/4)	/	/	A - 2,8	5,7	/
2464	2005	Pátio	9	2a	Medieval	Bordo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Castanho-avermelhado claro (5YR 6/3)	Castanho-avermelhado (5YR 4/4)	15,6	/	B - 1,9 P - 0,8	6,3	/
2465	2005	Pátio	9	2a	Medieval	Bordo	Dessel 1	PI 2	Produções Itálicas	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	Vermelho (2.5YR 5/6)	18,3	/	B - 3,1 P - 0,9	7,7	2,3
2466	2005	Pátio	9	2a	Medieval	Fundo	Indet.	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/2)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	/	3,1	/	6,5	/
2467	2005	Pátio	9	2a	Medieval	Bordo	Haltern 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (5Y 8/2)	Castanho-claro (10YR 6/3)	15,1	/	B - 1,7 P - 1,1	7,3	/

Abreviaturas utilizadas: S/T - Sem tratamento; C/E - Com engobe; C/A - Com aguada; B - Bordo; A - Asa; P - Parede

As ânforas do teatro romano de Lisboa

Tabela geral

Nº Inv.	Ano	Origem	Vala	Camada	Contexto	Fragmento	Tipologia	Pasta	Produção	Cor (Munsell Soil Color Charts)		Diâmetro externo bordo	Diâmetro pé	Espessura B / A / P	Extensão conserv.	Índice alt./esp. máxima
										Exterior	Pasta					
2468	2005	Pátio	9	2a	Medieval	Bordo e arranque de asa	Oberaden 83	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-claro (7.5YR 6/3)	15,9	/	B - 2,2 A - 3,2 P - 0,8	9,7	/
2469	2005	Pátio	9	2a	Medieval	Arranque de asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 7/4)	Bege (10YR 7/4)	/	/	A - 3 P - 1,2	6,4	/
2470	2005	Pátio	9	2a	Medieval	Arranque de asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Amarelo-claro (2.5Y 7/4)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 6/6)	/	/	A - 2,5 P - 1,1	7,7	/
2471	2005	Pátio	9	2a	Medieval	Opérculo	Ovóides Lusitanas	PL 2	Produções Lusitanas	S/T Vermelho-claro (2.5YR 6/6)	Vermelho (2.5YR 5/8)	?	/	B - 0,6 P - 0,6	3,4	/
2472	2005	Pátio	9	2a	Medieval	Asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-claro (10YR 6/3)	/	/	A - 3,3	10,1	/
2473	2005	Pátio	9	2a	Medieval	Asa	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Castanho-claro (7.5YR 6/3)	/	/	A - 3,1	8,3	/
2474	2005	Pátio	9	2a	Medieval	Arranque de asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Bege (10YR 7/3)	Vermelho-amarelado (5YR 5/6)	/	/	A - 2,8 P - 0,9	6	/
2475	2005	Pátio	9	2a	Medieval	Bordo	Dessel 1	PI 2	Produções Itálicas	S/T Rosa (7.5YR 7/4)	Castanho-claro (7.5YR 6/3)	15,9	/	B - 2,5 P - 1	5,5	1,6
2476	2005	Pátio	9	2a	Medieval	Fundo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	Vermelho (2.5YR 5/8)	/	4	P - 1,1	5,5	/
2477	2005	Pátio	9	2a	Medieval	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 2	Produções Itálicas	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 7/6)	Vermelho-amarelado (5YR 5/8)	/	/	A - 2,6	8,9	/
2478	2005	Pátio	9	2a	Medieval	Bordo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	Vermelho (2.5YR 5/8)	17,2	/	B - 2,5 P - 1	6	/
2479	2005	Pátio	9	2a	Medieval	Opérculo	/	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 6/6)	?	/	B - 0,7 P - 0,5	5,8	/
2480	2005	Pátio	9	2a	Medieval	Opérculo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	Vermelho-amarelado (5YR 5/8)	?	/	B - 0,5 P - 0,7	5,7	/
2481	2005	Pátio	9	2a	Medieval	Bordo	Mañá C2b	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Bege (10YR 7/4)	26,8	/	B - 2,3 P - 1,1	4,4	/
2482	2005	Pátio	9	2a	Medieval	Arranque de asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/4)	Vermelho (2.5YR 5/8)	/	/	A - 2,5 P - 1,3	6,7	/
2483	2005	Pátio	9	2a	Medieval	Bordo	Mañá C2b	PB 3	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Amarelo-claro (2.5YR 7/3)	21	/	B - 2,4 P - 1,3	6,4	/
2484	2005	Pátio	9	2a	Medieval	Bordo	Dressel 7-11	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6)	20,8	/	B - 2,7 P - 0,8	5,2	/

Abreviaturas utilizadas: S/T - Sem tratamento; C/E - Com engobe; C/A - Com aguada; B - Bordo; A - Asa; P - Parede

As ânforas do teatro romano de Lisboa

Tabela geral

Nº Inv.	Ano	Origem	Vala	Camada	Contexto	Fragmento	Tipologia	Pasta	Produção	Cor (Munsell Soil Color Charts)		Diâmetro externo bordo	Diâmetro pé	Espessura B / A / P	Extensão conserv.	Índice alt./esp. máxima
										Exterior	Pasta					
2485	2005	Pátio	9	2a	Medieval	Arranque de asa	Mañá C2b	PB 3	Produções Merid. Hisp.	S/T: Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Amarelo-claro (5Y 7/3)	/	/	A - 3,3 P - 1,4	9,8	/
2486	2005	Pátio	9	2a	Medieval	Bordo	Mañá C2b	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T: Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	Amarelo-avermelhado (5YR 7/6)	25,2	/	B - 2,4 P - 1,2	5,5	/
2487	2005	Pátio	9	2a	Medieval	Bordo	Ovóides Lusitanas	PL 2	Produções Lusitanas	S/T Amarelo-avermelhado (7.5YR 6/6)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/8)	14,4	/	B - 1,8	4,8	/
2488	2005	Pátio	9	2a	Medieval	Bordo e arranque de asa	Verulamium 1908	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/4)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	17,6	/	B - 2,4 P - 0,9	7	/
2489	2005	Pátio	9	2a	Medieval	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Bege (10YR 8/3)	Castanho-avermelhado (5YR 6/4)	/	/	A - 2,3	5,1	/
2490	2005	Pátio	9	2a	Medieval	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Rosa (7.5YR 7/4)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	/	/	A - 2,5	5,1	/
2491	2005	Pátio	9	2a	Medieval	Asa	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	C/A Castanho-avermelhado (5YR 5/4)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/8)	/	/	A - 2,4	4,3	/
2492	2005	Pátio	9	3	Medieval	Fundo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Vermelho-claro (2.5YR 6/6)	Vermelho (2.5YR 5/8)	/	3,7	P - 1,1	5,7	/
2493	2005	Pátio	9	3	Medieval	Opéculo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Amarelo-avermelhado (7.5YR 6/6)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	?	/	B - 0,5 P - 0,6	5	/
2494	2005	Pátio	9	4	Romano Fase 2	Bordo	Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/3)	Castanho-claro (7.5YR 6/3)	16	/	B - 2,4 P - 1	5,3	/
2495	2005	Pátio	9	4	Romano Fase 2	Fundo	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 1	Produções Itálicas	C/E Bege (10YR 8/2)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	/	4,5	P - 1,1	10,1	/
2496	2005	Pátio	9	5	Romano Fase 2	Asa	Haltern 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/2)	Castanho-claro (7.5YR 6/3)	/	/	A - 3,1	8,7	/
2497	2005	Pátio	9	5	Romano Fase 2	Opéculo	/	PB 3	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	9,4	/	B - 0,6 P - 0,8	5,1	/
2498	2005	Pátio	9	5	Romano Fase 2	Bordo	Mañá C2b	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/8)	23,4	/	B - 1,3 P - 1,2	4,7	/
2499	2005	Pátio	9	6	Romano Fase 2	Opéculo	Ovóides Lusitanas	PL 2	Produções Lusitanas	S/T Vermelho-claro (2.5YR 6/6)	Vermelho-amarelado (5YR 5/8)	?	/	B - 0,4 P - 0,6	5,7	/
2500	2005	Pátio	9	6	Romano Fase 2	Bordo e arranque de asa	Verulamium 1908	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/3)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	14,6	/	B - 1,8 P - 1	5,9	/
2501	2005	Pátio	9	6	Romano Fase 2	Opéculo	/	PB 3	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 8/3)	Bege (10YR 8/3)	?	/	B - 0,5 P - 0,4	5,1	/

Abreviaturas utilizadas: S/T - Sem tratamento; C/E - Com engobe; C/A - Com aguada; B - Bordo; A - Asa; P - Parede

As ânforas do teatro romano de Lisboa

Tabela geral

Nº Inv.	Ano	Origem	Vala	Camada	Contexto	Fragmento	Tipologia	Pasta	Produção	Cor (Munsell Soil Color Charts)		Diâmetro externo bordo	Diâmetro pé	Espessura B / A / P	Extensão conserv.	Índice alt./esp. máxima
										Exterior	Pasta					
2502	2005	Pátio	9	6	Romano Fase 2	Opérculo	Ovóides Lusitanas	PL 4	Produções Lusitanas	S/T Amarelo-avermelhado (7.5YR 6/6)	Vermelho (2.5YR 5/8)	?	/	B - 0,5 P - 0,6	3,8	/
2503	2005	Pátio	9	6	Romano Fase 2	Opérculo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Castanho-acinzentado (10YR 5/2)	Castanho-acinzentado (2.5Y 5/2)	9,4	/	B - 0,5 P - 0,7	7,9	/
2504	2005	Pátio	9	6	Romano Fase 2	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 2	Produções Itálicas	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 7/6)	Vermelho-amarelado (5YR 5/8)	/	/	A - 3	8,7	/
2506	2005	Pátio	9	6	Romano Fase 2	Bordo	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (10YR 8/3)	Castanho-claro (10YR 6/3)	16,1	/	B - 1,8 P - 1,2	9,7	/
2507	2005	Pátio	9	6	Romano Fase 2	Bordo	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/3)	Bege (10YR 7/4)	15,5	/	B - 2 P - 1,2	3,5	/
2508	2005	Pátio	9	6	Romano Fase 2	Bordo	Oberaden 83	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6)	Bege (10YR 7/4)	15,4	/	B - 2,6 P - 0,9	4,9	/
2509	2005	Pátio	9	6	Romano Fase 2	Arranque de asa	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/3)	Castanho-claro (7.5YR 6/3)	/	/	A - 2,7 P - 1,1	6,4	/
2510	2005	Pátio	9	6	Romano Fase 2	Bordo	Verulamium 1908	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (5Y 8/2)	Castanho-claro (10YR 6/3)	17	/	B - 1,7 P - 1,2	4,9	/
2511	2005	Pátio	9	6	Romano Fase 2	Arranque de asa	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	/	/	A - 2,7 P - 1	6,9	/
2512	2005	Pátio	9	6	Romano Fase 2	Bordo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Vermelho-claro (2.5YR 6/6)	Vermelho (2.5YR 5/8)	18,4	/	B - 2,2 P - 1,1	3,8	/
2513	2005	Pátio	9	6	Romano Fase 2	Fundo	Indet.	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/3)	Castanho-claro (10YR 6/3)	/	2,6	/	5,4	/
2514	2005	Pátio	9	6a	Romano Fase 2	Arranque de asa	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 6/6)	/	/	A - 3,3 P - 1,1	6,1	/
2515	2005	Pátio	9	6a	Romano Fase 2	Asa	Indet.	PI 1	Produções Itálicas	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	/	/	A - 2,5	7,9	/
2516	2005	Pátio	9	7	Romano Fase 2	Bordo	Mañá C2b	PB 3	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6)	27,6	/	B - 2,9 P - 1,1	5,9	/
2517	2005	Pátio	9	8	Romano Fase 2	Bordo	Greco-Itálica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Rosa (7.5YR 7/4)	Vermelho-claro (2.5Y 6/6)	15,2	/	B - 2,8 P - 1,1	7,4	1
2518	2005	Pátio	9	8	Romano Fase 2	Bordo	Oberaden 83	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/4)	Castanho-claro (7.5YR 6/4)	15,4	/	B - 2,3 P - 1,1	5,2	/
2519	2005	Pátio	9	8	Romano Fase 2	Asa	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/3)	Castanho-claro (7.5YR 6/3)	/	/	A - 3,3	13,9	/
2520	2005	Pátio	9	8	Romano Fase 2	Arranque de asa	Halterm 70?	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Castanho-claro (7.5YR 6/3)	/	/	A - 3,1 P - 1	7,8	/

Abreviaturas utilizadas: S/T - Sem tratamento; C/E - Com engobe; C/A - Com aguada; B - Bordo; A - Asa; P - Parede

As ânforas do teatro romano de Lisboa

Tabela geral

Nº Inv.	Ano	Origem	Vala	Camada	Contexto	Fragmento	Tipologia	Pasta	Produção	Cor (Munsell Soil Color Charts)		Diâmetro externo bordo	Diâmetro pé	Espessura B / A / P	Extensão conserv.	Índice alt./esp. máxima
										Exterior	Pasta					
2521	2005	Pátio	9	9	Romano Fase 2	Bordo	Dressel 7-11	PB 3	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/4)	Amarelo-avermelhado (5YR 7/6)	20,2	/	B - 2 P - 0,9	5,9	/
2522	2005	Pátio	9	9b	Romano Fase 2	Bordo	Mañá C2b	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	27,2	/	B - 2,8 P - 1,3	5,2	/
2523	2005	Pátio	9	9b	Romano Fase 2	Bordo	Oberaden 83	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/2)	Castanho-claro (10YR 6/3)	13,2	/	B - 1,7 P - 0,8	4,7	/
2524	2005	Pátio	9	9b	Romano Fase 2	Arranque de asa	Indet.	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Castanho-acinzentado (2.5Y 5/2)	/	/	A - 2,7 P - 1	7	/
2525	2005	Pátio	9	9b	Romano Fase 2	Arranque de asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-claro (10YR 6/3)	/	/	A - 3,2 P - 1	5,8	/
2526	2005	Pátio	9	9b	Romano Fase 2	Bordo	Oberaden 83	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	13,8	/	B - 1,9	3,4	/
2527	2005	Pátio	9	9b	Romano Fase 2	Bordo	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/4)	Cinzeno-acastanhado claro (2.5Y 6/2)	14,8	/	B - 1,8 P - 1,1	4,8	/
2528	2005	Pátio	9	9b	Romano Fase 2	Fundo	Indet.	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/2)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	/	/	A - 3,3	13,1	/
2529	2005	Pátio	9	9b	Romano Fase 2	Bordo	Greco-Itálica Hispânica	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 7/4)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	17	/	B - 2,7 P - 1,1	5,4	0,6
2530	2005	Pátio	9	9b	Romano Fase 2	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Bege (10YR 8/3)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	/	/	A - 3	8,2	/
2531	2005	Pátio	9	9b	Romano Fase 2	Opérculo	/	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 8/4)	Bege (10YR 7/4)	/	/	B - 0,3 P - 0,4	5,3	/
2532	2005	Pátio	9	9b	Romano Fase 2	Fundo	Mañá C2b	PB 3	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 8/3)	Bege (10YR 8/3)	/	5,6	P - 1,2	6,1	/
2533	2005	Pátio	9	9b	Romano Fase 2	Bordo	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Castanho-claro (7.5YR 6/3)	16	/	B - 1,4	2,8	/
2534	2005	Pátio	9	9b	Romano Fase 2	Opérculo	/	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 8/4)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6)	?	/	P - 0,7	3,2	/
2535	2005	Pátio	9	9b	Romano Fase 2	Arranque de asa	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Castanho-avermelhado claro (5YR 6/4)	Castanho (7.5YR 5/4)	/	/	A - 1,9 P - 1	7,1	/
2536	2005	Pátio	9	9b	Romano Fase 2	Bordo	Greco-Itálica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Bege (10YR 7/4)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	18,6	/	B - 3,3 P - 1	3,6	0,9
2537	2005	Pátio	9	10	Romano Fase 2	Bordo	Oberaden 83	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6)	Castanho-claro (7.5 YR 6/3)	13,8	/	B - 1,9 P - 0,8	9,8	/
2538	2005	Pátio	9	10	Romano Fase 2	Bordo	Dressel 7-11	PB 3	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5YR 8/3)	Amarelo-avermelhado (7.5 YR 7/6)	18,8	/	B - 2,5 P - 1,5	8,6	/

Abreviaturas utilizadas: S/T - Sem tratamento; C/E - Com engobe; C/A - Com aguada; B - Bordo; A - Asa; P - Parede

As ânforas do teatro romano de Lisboa

Tabela geral

Nº Inv.	Ano	Origem	Vala	Camada	Contexto	Fragmento	Tipologia	Pasta	Produção	Cor (Munsell Soil Color Charts)		Diâmetro externo bordo	Diâmetro pé	Espessura B / A / P	Extensão conserv.	Índice alt./esp. máxima
										Exterior	Pasta					
2539	2005	Pátio	9	11	Romano Fase 2	Bordo	Ovóides Lusitanas	PL 4	Produções Lusitanas	C/A Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	Vermelho (2.5 YR 5/6)	16,6	/	B - 2,5 P - 1,6	4,5	/
2540	2005	Pátio	9	11	Romano Fase 2	Bordo	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-claro (7.5YR 6/3)	15,8	/	B - 1,9	2,9	/
2541	2005	Pátio	9	11	Romano Fase 2	Fundo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Vermelho-claro (2.5YR 6/6)	Vermelho (2.5YR 5/8)	/	/	P - 1,3	5,8	/
2542	2005	Pátio	9	11	Romano Fase 2	Opérculo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Cinzento-escuro (10YR 4/1)	Castanho-acinzentado escuro (10YR 4/2)	?	/	P - 0,6	2,9	/
2543	2005	Pátio	9	11	Romano Fase 2	Opérculo	/	PB 3	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 8/3)	Bege (10YR 8/3)	/	/	B - 0,6 P - 0,4	5,4	/
2544	2005	Pátio	9	11	Romano Fase 2	Arranque de asa	Mañá C2b	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	/	/	A - 3 P - 1,3	8,1	/
2545	2005	Pátio	9	11	Romano Fase 2	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6)	/	/	A - 2,6	10,7	/
2546	2005	Pátio	9	12	Romano Fase 2	Opérculo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	Vermelho (2.5YR 5/8)	10,6	/	B - 0,6 P - 0,9	10	/
2547	2005	Pátio	9	12	Romano Fase 2	Arranque de asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Bege (10YR 7/4)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	/	/	A - 2,3 P - 1	4,6	/
2548	2005	Pátio	9	12	Romano Fase 2	Fundo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	Vermelho (2.5YR 5/8)	/	4	P - 1,2	8,7	/
2549	2005	Pátio	9	12	Romano Fase 2	Bordo	Dressel 7-11	PB 3	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	20,8	/	B - 2,2 P - 1,3	8,6	/
2550	2005	Pátio	9	12	Romano Fase 2	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Bege (10YR 7/3)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 6/6)	/	/	A - 2,5	10,7	/
2552	2005	Pátio	9	12	Romano Fase 2	Bordo	Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Cinzento-acastanhado (10YR 6/2)	14,2	/	B - 2,2 P - 0,8	5,6	/
2553	2005	Pátio	9	12	Romano Fase 2	Asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-claro (10YR 6/3)	/	/	A - 3,5 P - 1,1	7,2	/
2554	2005	Pátio	9	12	Romano Fase 2	Arranque de asa	Indet.	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Amarelo-avermelhado (5YR 7/6)	/	/	A - 2,8 P - 1,2	6,4	/
2555	2005	Pátio	9	12	Romano Fase 2	Arranque de asa	Dressel 7-11?	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/4)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	/	/	A - 3 P - 1,9	18,8	/
2556	2005	Pátio	9	13	Romano Fase 2	Bordo	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (5Y 8/3)	Castanho-claro (10YR 6/3)	15,5	/	B - 1,7 P - 1	6,8	/

Abreviaturas utilizadas: S/T - Sem tratamento; C/E - Com engobe; C/A - Com aguada; B - Bordo; A - Asa; P - Parede

As ânforas do teatro romano de Lisboa

Tabela geral

Nº Inv.	Ano	Origem	Vala	Camada	Contexto	Fragmento	Tipologia	Pasta	Produção	Cor (Munsell Soil Color Charts)		Diâmetro externo bordo	Diâmetro pé	Espessura B / A / P	Extensão conserv.	Índice alt./esp. máxima
										Exterior	Pasta					
2557	2005	Pátio	9	13	Romano Fase 2	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6)	/	/	A - 2,6	6,6	/
2558	2005	Pátio	9	13	Romano Fase 2	Bordo	Oberaden 83	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/3)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	14,2	/	B - 1,7 P - 1,1	5,3	/
2559	2005	Pátio	9	15	Romano Fase 2	Asa	Haltern 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	/	/	A - 3	12,4	/
2560	2005	Pátio	9	15	Romano Fase 2	Opérculo	Ovóides Lusitanas	PL 2	Produções Lusitanas	S/T Amarelo-avermelhado (7.5YR 6/6)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	/	/	A - 2,8 P - 1,2	7,7	/
2561	2005	Pátio	9	15	Romano Fase 2	Opérculo	/	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 6/6)	?	/	B - 0,3 P - 0,4	4,9	/
2562	2005	Pátio	9	15	Romano Fase 2	Bordo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	C/A Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	Vermelho-claro (2.5YR 6/6)	15,2	/	B - 1,7 P - 0,7	6,5	/
2563	2005	Pátio	9	15	Romano Fase 2	Bordo	Oberaden 83	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/3)	Amarelo-avermelhado (5YR 7/6)	15	/	B - 1,7 P - 0,8	5	/
2564	2005	Pátio	9	15	Romano Fase 2	Arranque de asa	Dressel 7-11?	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/4)	Amarelo-avermelhado (5YR 7/8)	/	/	A - 2,8 P - 1,4	11,3	/
2565	2005	Pátio	9	15	Romano Fase 2	Arranque de asa	Ovóides Lusitanas	PL 4	Produções Lusitanas	S/T Castanho-avermelhado claro (5YR 6/3)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/8)	/	/	A - 2,3 P - 1,2	5	/
2566	2005	Pátio	9	15	Romano Fase 2	Arranque de asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6)	/	/	A - 2,2 P - 1	8,3	/
2567	2005	Pátio	9	15	Romano Fase 2	Asa	Haltern 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Rosa (7.5YR 7/4)	/	/	A - 3,2	6,1	/
2568	2005	Pátio	9	17	Romano Fase 1	Fundo	Mañá C2b	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 7/6)	Amarelo-avermelhado (5YR 7/6)	/	6,3	P - 1	2,9	/
2569	2005	Pátio	9	17	Romano Fase 1	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Rosa (7.5YR 7/4)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	/	/	A - 2,5	11,6	/
2570	2005	Pátio	9	17	Romano Fase 1	Arranque de asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PB 1	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 8/4)	Bege (10YR 8/4)	/	/	A - 2,9 P - 1,6	9,6	/
2571	2005	Pátio	10	2	Medieval	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 2	Produções Itálicas	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 7/6)	Vermelho-amarelado (5YR 5/8)	/	/	A - 2,7	10,2	/
2572	2005	Pátio	10	2	Medieval	Opérculo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Cinzento-escuro (10YR 4/1)	Castanho (10YR 5/3)	9	/	B - 0,3 P - 0,6	7,7	/
2573	2005	Pátio	10	2	Medieval	Bordo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	C/A Vermelho-claro (2.5YR 6/6)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 6/6)	15,5	/	B - 1,9 P - 1	4,2	/

Abreviaturas utilizadas: S/T - Sem tratamento; C/E - Com engobe; C/A - Com aguada; B - Bordo; A - Asa; P - Parede

Nº Inv.	Ano	Origem	Vala	Camada	Contexto	Fragmento	Tipologia	Pasta	Produção	Cor (Munsell Soil Color Charts)		Diâmetro externo bordo	Diâmetro pé	Espessura B / A / P	Extensão conserv.	Índice alt./esp. máxima
										Exterior	Pasta					
2574	2005	Pátio	10	2	Medieval	Bordo	Oberaden 83	PB 4	Produções Merid. Hisp.	S/T Castanho-claro (7.5YR 7/4)	Bege (10YR 7/3)	13,8	/	B - 2	4,4	/
2575	2005	Pátio	10	2	Medieval	Asa	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Castanho-avermelhado claro (5YR 6/4)	Vermelho-amarelado (5YR 5/8)	/	/	A - 2,6 P - 1,1	5,7	/
2576	2005	Pátio	10	2	Medieval	Asa	Haltem 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/A Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Bege (10YR 7/4)	/	/	A - 3,1	9,4	/
2577	2005	Pátio	10	2	Medieval	Fundo	Indet.	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-claro (10YR 6/3)	/	3,4	/	7,7	/
2578	2005	Pátio	10	2	Medieval	Asa	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	C/A Castanho-avermelhado claro (5YR 6/4)	Vermelho (2.5YR 5/8)	/	/	A - 2,6	4,1	/
2579	2005	Pátio	10	2	Medieval	Opérculo	Ovóides Lusitanas	PL 2	Produções Lusitanas	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	Vermelho-amarelado (5YR 5/8)	8,8	/	B - 0,4 P - 0,4	4,7	/
2580	2005	Pátio	10	2	Medieval	Bordo	Ovóides Lusitanas	PL 2	Produções Lusitanas	S/T Castanho-claro (7.5YR 6/4)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 6/6)	16,2	/	B - 0,4 P - 0,5	3,4	/
2581	2005	Pátio	10	2	Medieval	Asa	Haltem 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 7/4)	Cinzento-acastanhado claro (10YR 6/2)	/	/	A - 2,5	7,5	/
2582	2005	Pátio	10	2	Medieval	Bordo	Haltem 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Castanho-claro (7.5YR 6/4)	17,3	/	B - 1,7 P - 1	6,4	/
2583	2005	Pátio	10	2	Medieval	Arranque de asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 2	Produções Itálicas	C/E Bege (10YR 8/2)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	/	/	P - 1,5	9,2	/
2584	2005	Pátio	10	2	Medieval	Asa	Mañá C2b	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 8/4)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/8)	/	/	A - 2,8	8,9	/
2585	2005	Pátio	10	2a	Medieval	Opérculo	/	PB 3	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	?	/	B - 0,8 P - 0,6	6,7	/
2586	2005	Pátio	10	2a	Medieval	Asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	/	/	A - 2,6	4,7	/
2587	2005	Pátio	10	2a	Medieval	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 2	Produções Itálicas	C/E Bege (10YR 8/2)	Vermelho (2.5YR 5/8)	/	/	A - 3,3	10,4	/
2588	2005	Pátio	10	2a	Medieval	Asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 8/2)	Castanho-claro (10YR 6/3)	/	/	A - 3,4	7,8	/
2589	2005	Pátio	10	2a	Medieval	Opérculo	/	PB 3	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	?	/	B - 0,6 P - 0,4	4,4	/
2590	2005	Pátio	10	2a	Medieval	Asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/2)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	/	/	A - 4,6	15,4	/

As ânforas do teatro romano de Lisboa

Tabela geral

Nº Inv.	Ano	Origem	Vala	Camada	Contexto	Fragmento	Tipologia	Pasta	Produção	Cor (Munsell Soil Color Charts)		Diâmetro externo bordo	Diâmetro pé	Espessura B / A / P	Extensão conserv.	Índice alt./esp. máxima
										Exterior	Pasta					
2591	2005	Pátio	10	2a	Medieval	Bordo	Oberaden 83	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Beje (10YR 8/4)	Castanho-claro (10YR 6/3)	13,8	/	B - 1,7 P - 1	4,2	/
2592	2005	Pátio	10	2a	Medieval	Bordo	Greco-Itálica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Beje (10YR 7/4)	Amarelo-avermelhado (5YR 7/6)	16,1	/	B - 2,3 P - 0,7	5	1,2
2593	2005	Pátio	10	2a	Medieval	Opérculo	/	PB 3	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	7	/	B - 0,7 P - 0,4	6,1	/
2594	2005	Pátio	10	2a	Medieval	Bordo	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	Castanho-claro (10YR 6/3)	16,2	/	B - 0,7 P - 0,5	4,6	/
2595	2005	Pátio	10	2a	Medieval	Bordo	Mañá C2b	PA 2	Produções Africanas	S/T Vermelho-claro (2.5YR 6/8)	Vermelho-claro (2.5YR 6/8)	25,6	/	B - 2,1 P - 1	5,8	/
2596	2005	Pátio	10	2a	Medieval	Bordo	Oberaden 83	PB 4	Produções Merid. Hisp.	S/T Beje (10YR 7/4)	Castanho-claro (10YR 6/3)	15,6	/	B - 1,7 P - 1	4,9	/
2597	2005	Pátio	10	2a	Medieval	Bordo	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo claro (2.5Y 8/2)	Castanho-claro (7.5YR 6/3)	15,2	/	B - 1,7 P - 1	6	/
2598	2005	Pátio	10	2a	Medieval	Fundo	Dressel 2-4?	PI 5	Produções Itálicas	C/E Amarelo-claro (5Y 8/2)	Beje (10YR 7/4)	/	4,1	/	6,8	/
2599	2005	Pátio	10	2a	Medieval	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Beje (10YR 8/3)	Beje (10YR 8/3)	/	/	A - 2,7	6,3	/
2600	2005	Pátio	10	2a	Medieval	Asa	Ovóides Lusitanas	PL 3	Produções Lusitanas	C/E Beje (10YR 8/3)	Vermelho-amarelado (5YR 5/8)	/	/	A - 2,7	6,3	/
2601	2005	Pátio	10	3	Romano Fase 2	Bordo	Mañá C2b	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6)	25,4	/	B - 2,2 P - 1,4	6,8	/
2602	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Arranque de asa	Mañá C2b	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (5Y 8/2)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6)	/	/	A - 3,1 P - 1,4	8,7	/
2603	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Bordo	Dressel 12	PB 4	Produções Merid. Hisp.	S/T Beje (10YR 7/4)	Castanho-claro (10YR 6/3)	14,8	/	B - 2,6 P - 1,3	6,7	/
2604	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Asa	Halterm 70?	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Castanho-claro (7.5YR 6/3)	/	/	A - 2,6	8,7	/
2605	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Opérculo	Ovóides Lusitanas	PL 2	Produções Lusitanas	S/T Vermelho-amarelado (5YR 5/6)	Vermelho-amarelado (5YR 5/8)	?	/	P - 0,7	2,8	/
2606	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Arranque de asa	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	C/A Castanho-avermelhado claro (5YR 6/4)	Vermelho-amarelado (5YR 5/8)	/	/	A - 2,7 P - 1,1	7,6	/
2607	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 7/6)	Vermelho-claro (2.5YR 6/8)	/	/	A - 3,4	8	/

Abreviaturas utilizadas: S/T - Sem tratamento; C/E - Com engobe; C/A - Com aguada; B - Bordo; A - Asa; P - Parede

Nº Inv.	Ano	Origem	Vala	Camada	Contexto	Fragmento	Tipologia	Pasta	Produção	Cor (Munsell Soil Color Charts)		Diâmetro externo bordo	Diâmetro pé	Espessura B / A / P	Extensão conserv.	Índice alt./esp. máxima
										Exterior	Pasta					
2608	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-claro (10YR 6/3)	/	/	A - 4,7 P - 1,3	12,5	/
2609	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Fundo	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 7/3)	Castanho-claro (10YR 6/3)	/	?	/	4,8	/
2610	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Bordo	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Cinzento-acastanhado claro (10YR 6/2)	15,6	/	B - 1,8 P - 0,9	11	/
2611	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 5	Produções Itálicas	S/T Bege (10YR 8/2)	Amarelo-avermelhado claro (5YR 7/6)	/	/	A - 2,8	7,2	/
2612	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Arranque de asa	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	Bege (10YR 7/4)	/	/	A - 3,2 P - 1	5	/
2613	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-claro (10YR 6/3)	/	/	A - 4,7 P - 1,4	10,8	/
2614	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Fundo	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 7/3)	Cinzento-acastanhado claro (10YR 6/2)	/	/	P - 1,4	11	/
2615	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Bordo	Dessel 1	PI 1	Produções Itálicas	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	16,9	/	B - 2,6 P - 0,8	4,7	1,4
2616	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Asa	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	Vermelho (2.5YR 5/8)	/	/	A - 2,6	8	/
2617	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Bordo	Greco-itálica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Castanho-avermelhado claro (5YR 6/4)	20	/	B - 3 P - 1,2	5,6	1,2
2618	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Fundo	Indet.	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	/	3,9	P - 1,2	8,6	/
2619	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Bordo	Ovóides Lusitanas	PL 2	Produções Lusitanas	S/T Amarelo avermelhado (7.5YR 6/6)	Vermelho-amarelado (5YR 5/6)	16,4	/	B - 1,9 P - 1	5,3	/
2620	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Asa	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	C/A Castanho-avermelhado claro (5YR 6/4)	Vermelho-amarelado (5YR 5/8)	/	/	A - 2,3	5,3	/
2621	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Arranque de asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 2	Produções Itálicas	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	Vermelho-claro (2.5YR 6/6)	/	/	A - 2,6 P - 1,4	9	/
2622	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Asa	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Vermelho-claro (2.5YR 6/6)	Vermelho (2.5YR 5/8)	/	/	A - 2,3	4,8	/
2623	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 2	Produções Itálicas	C/E Bege (10YR 8/2)	Vermelho (2.5YR 5/8)	/	/	A - 2,5 P - 1	6,6	/
2624	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Bordo	Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/3)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6)	15,2	/	B - 1,5	4,3	/

Nº Inv.	Ano	Origem	Vala	Camada	Contexto	Fragmento	Tipologia	Pasta	Produção	Cor (Munsell Soil Color Charts)		Diâmetro externo bordo	Diâmetro pé	Espessura B / A / P	Extensão conserv.	Índice alt./esp. máxima
										Exterior	Pasta					
2625	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Asa	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Vermelho-amarelado (5YR 5/6)	Vermelho-amarelado (5YR 5/8)	/	/	A - 2,4 P - 1,1	8,2	/
2626	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Bordo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Castanho-avermelhado claro (5YR 6/3)	Castanho-avermelhado (5YR 4/4)	15,2	/	B - 2 P - 1	4,2	/
2627	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	/	/	A - 3,5	6,4	/
2628	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	/	/	A - 3,6	5,9	/
2629	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Arranque de asa	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (2.5Y 8/2)	Castanho-claro (7.5YR 6/4)	/	/	A - 2,9 P - 1	5,5	/
2630	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 2	Produções Itálicas	C/E Bege (10YR 8/2)	Vermelho (2.5YR 5/8)	/	/	A - 2,9	10,7	/
2631	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Arranque de asa	Ovóides Lusitanas	PL 4	Produções Lusitanas	S/T Amarelo-avermelhado (7.5YR 6/6)	Vermelho-amarelado (5YR 5/8)	/	/	A - 2,4 P - 0,9	6,1	/
2632	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Bordo	Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-claro (10YR 6/3)	14,8	/	B - 2,4 P - 0,9	4,4	/
2633	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Bordo	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Castanho-claro (7.5YR 6/4)	16,6	/	B - 1,6 P - 0,9	7,3	/
2634	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Bordo	Dressel 7-11	PB 3	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	21	/	B - 1,8	4,3	/
2635	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Arranque de asa	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	/	/	A - 2,9 P - 1,2	7,8	/
2636	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Asa	Halterm 70?	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/8)	/	/	A - 2,6	6,1	/
2637	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-claro (10YR 6/3)	/	/	A - 4,4	10,5	/
2638	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Bordo	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Bege (10YR 7/4)	15,6	/	B - 1,8 P - 1,2	5,6	/
2639	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Arranque de asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/3)	Castanho-claro (10YR 6/3)	/	/	A - 4,5 P - 1,2	12,4	/
2640	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Arranque de asa	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Vermelho-amarelado (5YR 5/6)	Vermelho-amarelado (5YR 5/6)	/	/	A - 2,6 P - 1,1	6,3	/
2641	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Arranque de asa	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Castanho-avermelhado claro (5YR 6/4)	Vermelho-amarelado (5YR 5/6)	/	/	A - 2,4 P - 1	8,1	/

Nº Inv.	Ano	Origem	Vala	Camada	Contexto	Fragmento	Tipologia	Pasta	Produção	Cor (Munsell Soil Color Charts)		Diâmetro externo bordo	Diâmetro pé	Espessura B/A/P	Extensão conserv.	Índice alt./esp. máxima
										Exterior	Pasta					
2642	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Fundo	Mañá C2b	PB 3	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 8/4)	Bege (10YR 8/4)	/	?	P - 1,2	7,3	/
2643	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Arranque de asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 2	Produções Itálicas	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 7/6)	Vermelho-amarelado (5YR 5/8)	/	/	A - 2,7 P - 1,1	5,3	/
2644	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Fundo	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 2	Produções Itálicas	C/E Bege (10YR 8/2)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	/	3,3	P - 1	10,4	/
2645	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Bordo	Dessel 1	PI 1	Produções Itálicas	C/E Bege (10YR 8/3)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	15,3	/	B - 2,4 P - 1,1	6,6	2,2
2646	2005	Pátio	10	4	Romano Fase 2	Asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-claro (10YR 6/3)	/	/	A - 4,3	14,8	/
2647	2005	Pátio	10	5	Romano Fase 2	Bordo	Haltern 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Bege (10YR 7/4)	17,6	/	B - 2,2 P - 1,2	6,4	/
2648	2005	Pátio	10	5	Romano Fase 2	Asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	/	/	A - 3,2	11,2	/
2651	2005	Pátio	10	6	Romano Fase 2	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 2	Produções Itálicas	C/E Bege (10YR 7/4)	Vermelho (2.5YR 5/8)	/	/	A - 2,6	9	/
2652	2005	Pátio	10	6	Romano Fase 2	Bordo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	C/A Castanho-avermelhado claro (2.5YR 6/3)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/8)	15,1	/	B - 1,7 P - 1,1	4,2	/
2653	2005	Pátio	10	6	Romano Fase 2	Fundo	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 2	Produções Itálicas	C/E Bege (10YR 8/2)	Vermelho (2.5YR 5/8)	/	?	P - 1,1	9,1	/
2654	2005	Pátio	10	6	Romano Fase 2	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 1	Produções Itálicas	C/E Bege (10YR 8/2)	Vermelho-amarelado (5YR 5/8)	/	/	A - 2,6	6,6	/
2655	2005	Pátio	10	6	Romano Fase 2	Asa	Indet.	PB 4	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 7/3)	Castanho-avermelhado claro (5YR 6/4)	/	/	A - 2,5	7,5	/
2656	2005	Pátio	10	6	Romano Fase 2	Arranque de asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 2	Produções Itálicas	C/E Bege (10YR 8/2)	Vermelho (2.5YR 5/8)	/	/	A - 2,6 P - 1	9,4	/
2657	2005	Pátio	10	6a	Romano Fase 2	Bordo	Mañá C2b	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege(10YR 7/4)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 6/6)	23,4	/	B - 2,6 P - 1,5	10,5	/
2658	2005	Pátio	10	7	Romano Fase 2	Arranque de asa	Ovóides Lusitanas	PL 3	Produções Lusitanas	C/E Bege (10YR 8/4)	Vermelho-claro (2.5YR 6/8)	/	/	A - 2,3 P - 1,3	10,8	/
2659	2005	Pátio	10	7	Romano Fase 2	Bordo	Oberaden 83	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege(10YR 7/4)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	16,4	/	B - 2,2 P - 0,9	6,6	/
2660	2005	Pátio	10	7	Romano Fase 2	Opérculo	/	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 7/4)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 6/6)	?	/	B - 0,7 P - 0,6	4,1	/

As ânforas do teatro romano de Lisboa

Tabela geral

Nº Inv.	Ano	Origem	Vala	Camada	Contexto	Fragmento	Tipologia	Pasta	Produção	Cor (Munsell Soil Color Charts)		Diâmetro externo bordo	Diâmetro pé	Espessura B / A / P	Extensão conserv.	Índice alt./esp. máxima
										Exterior	Pasta					
2661	2005	Pátio	10	7	Romano Fase 2	Bordo	Mañá C2b	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6)	23,8	/	B - 2,6	3,9	/
2662	2005	Pátio	10	7	Romano Fase 2	Asa	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Bege (10YR 7/4)	/	/	A - 3 P - 1,3	5,7	/
2663	2005	Pátio	10	7	Romano Fase 2	Fundo	Dressel 1 / Greco-Itálica?	PI 5	Produções Itálicas	C/E Bege (10YR 8/3)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 6/6)	/	3,8	P - 1	11,3	/
2664	2005	Pátio	10	7	Romano Fase 2	Fundo	Dressel 7-11	PB 3	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	/	5,3	P - 1,1	17,3	/
2665	2005	Pátio	10	7	Romano Fase 2	Asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-claro (10YR 6/3)	/	/	A - 2,7	11,7	/
2666	2005	Pátio	10	7	Romano Fase 2	Asa	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 7/4)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 6/6)	/	/	A - 3 P - 1	12,7	/
2668	2005	Pátio	10	7	Romano Fase 2	Fundo	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Castanho-claro (10YR 6/3)	/	3,1	P - 1,2	13,5	/
2670	2005	Pátio	10	9	Romano Fase 2	Asa	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/3)	Castanho-claro (10YR 6/3)	/	/	A - 2,9 P - 1,1	6,5	/
2673	2005	Pátio	10	11	Romano Fase 1	Bordo	Dessel 1	PI 2	Produções Itálicas	C/E Amarelo-Claro (2.5Y 8/2)	Vermelho-claro (2.5YR 6/6)	15,9	/	B - 2,8 P - 1,6	5,8	1,6
2674	2005	Pátio	10	13	Romano Fase 1	Asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/3)	Castanho-claro (10YR 6/3)	/	/	A - 3,3	5,9	/
2675	2005	Pátio	10	13	Romano Fase 1	Arranque de asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-claro (7.5YR 6/4)	/	/	A - 2,7 P - 1	8,1	/
2676	2005	Pátio	10	13	Romano Fase 1	Asa	Indet.	PI 1	Produções Itálicas	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 7/6)	Vermelho-claro (2.5YR 5/8)	/	/	A - 3,1	7,2	/
2677	2005	Pátio	10	13	Romano Fase 1	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 2	Produções Itálicas	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 7/6)	Vermelho-amarelado (5YR 5/8)	/	/	A - 2,7	9,9	/
4754	2005	Pátio	9	9b	Romano Fase 2	Bordo	CCNN	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 6/6)	19,4	/	B - 1,5 P - 0,8	3	/
581	2006	Pátio	6	6	Moderno	Asa	Indet.	PB 3	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (5Y 8/3)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6)	/	/	A - 1,8 P - 1,3	13,2	/
583	2006	Pátio	10	7	Romano Fase 2	Bordo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	C/A Castanho-claro (7.5YR 6/4)	Castanho-avermelhado (5YR 5/4)	15,2	/	B - 1,8 P - 1,4	4,8	/
584	2006	Pátio	10	7	Romano Fase 2	Asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 6/6)	/	/	A - 3,5	10,5	/

Abreviaturas utilizadas: S/T - Sem tratamento; C/E - Com engobe; C/A - Com aguada; B - Bordo; A - Asa; P - Parede

Nº Inv.	Ano	Origem	Vala	Camada	Contexto	Fragmento	Tipologia	Pasta	Produção	Cor (Munsell Soil Color Charts)		Diâmetro externo bordo	Diâmetro pé	Espessura B / A / P	Extensão conserv.	Índice alt./esp. máxima
										Exterior	Pasta					
585	2006	Pátio	10	7	Romano Fase 2	Fundo	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/3)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	/	/	P - 1,2	10,3	/
586	2006	Pátio	10	7	Romano Fase 2	Arranque de asa	Ovóides Lusitanas	PL 3	Produções Lusitanas	C/E Bege (10YR 7/4)	Vermelho-amarelado (5YR 5/8)	/	/	A - 2,4 P - 1,1	7,3	/
587	2006	Pátio	10	9	Romano Fase 2	Asa	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Castanho-claro (7.5YR 6/4)	Castanho (7.5YR 4/4)	/	/	A - 2,4	6,8	/
588	2006	Pátio	10	12	Romano Fase 1	Fundo	Dressel 2-4?	PB 4	Produções Merid. Hisp.	S/T Cinzento-claro (10YR 7/2)	Castanho-claro (7.5YR 6/4)	/	5,2	/	8,7	/
589	2006	Pátio	10	13	Romano Fase 1	Bordo	Mañá C2b	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	Amarelo-avermelhado (5YR 7/6)	?	/	B - 2,5	4,4	/
590	2006	Pátio	10	13	Romano Fase 1	Asa	Mañá C2b	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6)	/	/	A - 2,6	7,1	/
591	2006	Pátio	10	13	Romano Fase 1	Bordo	CCNN	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	Amarelo-avermelhado (10YR 7/6)	20,4	/	B - 1,2 P - 0,6	3,6	/
592	2006	Pátio	10	13	Romano Fase 1	Bordo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Vermelho-claro (2.5YR 6/6)	Vermelho (2.5YR 5/8)	15,4	/	B - 1,5 P - 1,1	4,1	/
593	2006	Pátio	10	15	Romano Fase 1	Asa	Indet.	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (5Y 8/2)	Bege (10YR 7/4)	/	/	A - 2,3	8,5	/
594	2006	Pátio	11	2	Medieval	Asa	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Castanho-claro (7.5YR 6/4)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 6/6)	/	/	A - 2,5	7,3	/
595	2006	Pátio	11	2	Medieval	Bordo	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/A Bege (10YR 8/3)	Castanho-claro (7.5YR 6/4)	16,4	/	B - 2 P - 1	8,1	/
596	2006	Pátio	11	2	Medieval	Asa	Dressel 2-4	PI 2	Produções Itálicas	C/A Rosa (7.5YR 7/4)	Vermelho (2.5YR 5/8)	/	/	A - 2,3	7,7	/
597	2006	Pátio	11	2	Medieval	Fundo	Indet.	PB 4	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 7/6)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	/	3,4	/	7,8	/
598	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Bordo e arranque de asa	Greco-itálica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Rosa (7.5YR 7/4)	Vermelho-claro (2.5YR 6/6)	17,5	/	B - 2,9 A - 2,5 P - 1	8,9	1,1
599	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Bordo	CCNN	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (5Y 8/3)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6)	18,8	/	B - 1,9 P - 0,6	3,2	/
600	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Bordo	Dressel 7-11	PB 3	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (5Y 8/2)	Amarelo-claro (5Y 8/2)	19,4	/	B - 2,1 P - 0,9	6,3	/
601	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Bordo	Dressel 7-11	PB 3	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (5Y 8/2)	Amarelo-claro (5Y 8/2)	22,8	/	B - 2,3 P - 1,1	6,9	/

As ânforas do teatro romano de Lisboa

Tabela geral

Nº Inv.	Ano	Origem	Vala	Camada	Contexto	Fragmento	Tipologia	Pasta	Produção	Cor (Munsell Soil Color Charts)		Diâmetro externo bordo	Diâmetro pé	Espessura B/A/P	Extensão conserv.	Índice alt./esp. máxima
										Exterior	Pasta					
602	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Bordo	Haltem 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege(10YR 8/3)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6)	17	/	B - 1,6	4	/
603	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Bordo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	Vermelho-amarelado (5YR 5/8)	16,2	/	B - 1,4 P - 0,7	4,8	/
604	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Bordo	Oberaden 83	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	15	/	B - 2,1 P - 0,8	4,6	/
605	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Bordo	Mañá C2b	PB 3	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (5Y 8/2)	Bege (10YR 7/3)	20,6	/	B - 2,8 P - 1,3	5,7	/
606	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Bordo	Mañá C2b	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6)	23,8	/	B - 2,7 P 1,3	5,4	/
607	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Bordo e arranque de asa	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	C/A Castanho-avermelhado claro (5YR 6/4)	Vermelho-claro (2.5YR 6/6)	17,2	/	B - 1,9 A - 2,6 P - 0,9	/	/
608	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Bordo	Oberaden 83	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/4)	Castanho-claro ((7.5 YR 6/3)	16	/	B - 2,8	4,9	/
609	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Bordo	Mañá C2b	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (5Y 8/2)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	?	/	B - 2,5	2,4	/
610	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Bordo	Oberaden 83	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/3)	Castanho-claro (7.5YR 6/4)	18	/	B - 1,6 P - 1,2	5,2	/
611	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Bordo	Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-claro (7.5YR 6/3)	9	/	B - 2,9 P - 1,2	6,5	/
612	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Bordo	Oberaden 83	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Cinzeno-acastanhado claro (10YR 6/2)	15,6	/	B - 2,4	4,9	/
613	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Bordo	Greco-italica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Rosa (7.5YR 7/4)	Rosa (7.5YR 7/4)	9,8	/	B - 3 P - 1	3,1	1
614	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Bordo	Dessel 1	PI 2	Produções Itálicas	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Vermelho (2.5YR 5/6)	15,8	/	B - 2,9 P - 0,9	6,7	1,6
615	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Bordo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	C/A Castanho-avermelhado claro (5YR 6/4)	Vermelho-claro (2.5YR 6/8)	14,4	/	B - 1,7 P - 0,9	5,8	/
616	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Bordo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	C/A Castanho-avermelhado (5YR 5/4)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/8)	14,4	/	B - 2 P - 0,8	3,9	/
617	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Opéculo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Cinzeno (5YR 5/1)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	9,4	/	B - 0,5 P - 0,9	7,8	/
618	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Opéculo	/	PB 3	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Bege (10YR 7/3)	10,4	/	B - 1,1 P - 0,9	9,7	/

Abreviaturas utilizadas: S/T - Sem tratamento; C/E - Com engobe; C/A - Com aguada; B - Bordo; A - Asa; P - Parede

As ânforas do teatro romano de Lisboa

Tabela geral

Nº Inv.	Ano	Origem	Vala	Camada	Contexto	Fragmento	Tipologia	Pasta	Produção	Cor (Munsell Soil Color Charts)		Diâmetro externo bordo	Diâmetro pé	Espessura B / A / P	Extensão conserv.	Índice alt./esp. máxima
										Exterior	Pasta					
619	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Opérculo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Vermelho-claro (2.5YR 6/8)	Vermelho (2.5YR 5/8)	?	/	B - 0,7 P - 0,9	9,4	/
620	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Opérculo	/	PB 3	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo claro (5Y 8/3)	Amarelo claro (5Y 8/3)	?	/	B - 0,7 P - 0,5	3,3	/
621	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Opérculo	Ovóides Lusitanas	PL 2	Produções Lusitanas	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	Vermelho-amarelado (5YR 5/8)	?	/	B - 0,6 P - 0,7	5,2	/
622	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Asa	Indet.	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 8/3)	Bege (10YR 7/4)	/	/	A - 2,3	15,4	/
623	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Asa	Ovóides Lusitanas	PL 3	Produções Lusitanas	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/4)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	/	/	A - 2,5	7,4	/
624	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Asa	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/3)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	16,4	/	A - 3,1	6,3	/
625	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Asa	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Amarelo-avermelhado (7.5YR 6/6)	Vermelho-amarelado (5YR 5/8)	/	/	A - 2,4	7	/
626	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Asa	Ovóides Lusitanas	PL 2	Produções Lusitanas	S/T Castanho-claro (7.5YR 6/4)	Vermelho-amarelado (5YR 5/8)	/	/	A - 2,4 P - 1	5	/
627	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Asa	Ovóides Lusitanas	PL 2	Produções Lusitanas	S/T Castanho-avermelhado (5YR 5/4)	Vermelho-amarelado (5YR 5/6)	/	/	A - 2	10	/
628	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Asa	Ovóides Lusitanas	PL 3	Produções Lusitanas	C/E Bege (10YR 8/4)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/8)	/	/	A - 3	13,8	/
629	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Asa	Halterm 70?	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/4)	Castanho-claro (10YR 6/3)	/	/	A - 3,1	9,5	/
630	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Asa	Indet.	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Bege (10YR 7/4)	/	/	A - 2,3	11	/
631	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 2	Produções Itálicas	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 7/6)	Vermelho amarelado (5YR 5/8)	17	/	A - 2,6	9,1	/
632	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/2)	Castanho-claro (7.5YR 6/3)	17	/	A - 4,2	6,6	/
633	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Asa	Ovóides Lusitanas	PL 3	Produções Lusitanas	C/E Bege (10YR 8/4)	Vermelho-amarelado (5YR 5/8)	/	/	A - 2,6	10,9	/
634	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Asa	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/3)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	17,8	/	A - 3	7	/
635	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Asa	Ovóides Lusitanas	PL 4	Produções Lusitanas	S/T Vermelho-claro (2.5YR 6/6)	Vermelho-amarelado (5YR 5/6)	/	/	A - 1,8	7,1	/

Abreviaturas utilizadas: S/T - Sem tratamento; C/E - Com engobe; C/A - Com aguada; B - Bordo; A - Asa; P - Parede

Nº Inv.	Ano	Origem	Vala	Camada	Contexto	Fragmento	Tipologia	Pasta	Produção	Cor (Munsell Soil Color Charts)		Diâmetro externo bordo	Diâmetro pé	Espessura B/A/P	Extensão conserv.	Índice alt./esp. máxima
										Exterior	Pasta					
636	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	19	/	A - 4,1	12,7	/
637	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/3)	Cinzento-acastanhado claro (10YR 6/2)	19,2	/	A - 3,5 P - 1,1	8,7	/
638	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 5	Produções Itálicas	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	Amarelo avermelhado (7.5YR 6/6)	20	/	A - 2,7	7	/
639	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Asa	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/8)	/	/	A - 2,6	8	/
640	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Asa	Mañá C2b	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 7/6)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/8)	/	/	A - 2,9	7,2	/
641	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-claro (10YR 6/3)	23,8	/	A - 3,9	10,5	/
642	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/3)	Bege (10YR 7/4)	27	/	A - 4,8	10,7	/
643	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Asa	Ovóides Lusitanas	PL 3	Produções Lusitanas	C/E Bege (10YR 8/3)	Vermelho-amarelado (5YR 5/8)	/	/	A - 2,2	3,7	/
644	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/3)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	/	/	A - 3,7 P - 1,1	12,4	/
645	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Asa	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Castanho-claro (7.5YR 6/4)	Bege (10YR 7/3)	/	/	A - 2,3 P - 1,2	9,2	/
646	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Arranque de asa	Haltern 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	Bege (10YR 7/4)	/	/	A - 3,1 P - 1,1	6,9	/
647	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Arranque de asa	Haltern 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Castanho-claro (7.5YR 6/4)	/	/	A - 2,4 P - 1,1	6,6	/
648	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Arranque de asa	Haltern 70?	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	Castanho-claro (10YR 6/3)	/	/	A - 2,9 P - 1,7	7,7	/
649	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Arranque de asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6)	/	/	A - 2,7 P - 1,1	7,2	/
650	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Arranque de asa	Haltern 70?	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	/	/	A - 2,9 P - 1	6	/
651	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Arranque de asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/3)	Castanho-claro (10YR 6/3)	/	/	A - 4 P - 1,2	6,8	/
652	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Arranque de asa	Ovóides Lusitanas	PL 3	Produções Lusitanas	C/E Bege (10YR 8/4)	Vermelho-claro (2.5YR 6/8)	/	/	A - 2,6 P - 1,2	6,2	/

Nº Inv.	Ano	Origem	Vala	Camada	Contexto	Fragmento	Tipologia	Pasta	Produção	Cor (Munsell Soil Color Charts)		Diâmetro externo bordo	Diâmetro pé	Espessura B/A/P	Extensão conserv.	Índice alt./esp. máxima
										Exterior	Pasta					
653	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/3)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	/	/	A - 2,7	10,8	/
654	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Fundo	Indet.	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Castanho-claro (7.5YR 6/4)	/	2,4	P - 1,1	14,4	/
655	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Fundo	Mañá C2b	PB 3	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/4)	Amarelo-claro (2.5Y 8/4)	/	5,8	P - 1,2	10,8	/
656	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Fundo	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-claro (10YR 6/3)	/	4,2	P - 1,4	10,7	/
657	2006	Pátio	11	3	Medieval	Bordo	Oberaden 83	PB 4	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 7/4)	Cinzento-acastanhado claro (2.5Y 6/2)	14,4	/	A - 2,6	10,9	/
658	2006	Pátio	11	3	Medieval	Fundo	Mañá C2b	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (7.5YR 7/6)	Amarelo-claro (7.5YR 7/6)	/	?	P - 1,5	7,7	/
659	2006	Pátio	11	4	Medieval	Bordo	Greco-italica	PI 2	Produções Itálicas	C/E Bege (10YR 8/3)	Castanho-avermelhado (5YR 5/4)	16,8	/	B - 2,6 P - 1	7,8	1,2
660	2006	Pátio	11	4	Medieval	Bordo	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Bege (10YR 7/3)	16,4	/	B - 1,6 P - 1	9	/
661	2006	Pátio	11	4	Medieval	Bordo	Mañá C2b	PB 2	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/2)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	27,8	/	B - 1,6 P - 1,1	6,3	/
662	2006	Pátio	11	4	Medieval	Bordo	Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/3)	Castanho-claro (10YR 6/3)	16,6	/	B - 1,6 P - 1,2	6,3	/
663	2006	Pátio	11	4	Medieval	Bordo	Dressel 7-11	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 7/4)	Amarelo-avermelhado (5YR 7/6)	19,2	/	B - 1,6	4,9	/
664	2006	Pátio	11	4	Medieval	Bordo e arranque de asa	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Vermelho-claro (2.5YR 6/6)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/8)	16,9	/	B - 1,9 A - 2,3 P - 0,7	9,8	/
665	2006	Pátio	11	4	Medieval	Bordo	Dressel 7-11	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	Vermelho-claro (2.5YR 6/8)	16,8	/	B - 2,8 P - 1,2	5,8	/
666	2006	Pátio	11	4	Medieval	Bordo	Dressel 7-11	PB 3	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/4)	Bege (10YR 7/4)	19,4	/	B - 2,7 P - 1,3	5,4	/
667	2006	Pátio	11	4	Medieval	Bordo	Greco-italica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Bege (10YR 7/4)	Vermelho-claro (2.5YR 6/6)	17	/	B - 2,7 P - 1,4	7,1	1
668	2006	Pátio	11	4	Medieval	Bordo	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Castanho-claro (10YR 6/3)	16,2	/	B - 1,7 P - 0,9	5,6	/

As ânforas do teatro romano de Lisboa

Tabela geral

Nº Inv.	Ano	Origem	Vala	Camada	Contexto	Fragmento	Tipologia	Pasta	Produção	Cor (Munsell Soil Color Charts)		Diâmetro externo bordo	Diâmetro pé	Espessura B / A / P	Extensão conserv.	Índice alt./esp. máxima
										Exterior	Pasta					
669	2006	Pátio	11	4	Medieval	Bordo e arranque de asa	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Vermelho-claro (2.5YR 6/8)	Vermelho-claro (2.5YR 6/8)	16	/	B - 1,4 A - 1,9 P - 0,8	8,4	/
670	2006	Pátio	11	4	Medieval	Asa	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	C/A Castanho-avermelhado (5YR 5/4)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/8)	/	/	A - 2,3	6,5	/
671	2006	Pátio	11	4	Medieval	Asa	Haltem 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/2)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	/	/	A - 3,1	7	/
672	2006	Pátio	11	4	Medieval	Asa	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	C/A Castanho-avermelhado claro (5YR 6/4)	Vermelho (2.5YR 5/8)	/	/	A - 2,4 P - 1,1	7,5	/
673	2006	Pátio	11	4	Medieval	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 2	Produções Itálicas	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 7/6)	Vermelho-amarelado (5YR 5/8)	/	/	A - 2,8	7,4	/
674	2006	Pátio	11	4	Medieval	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/8)	/	/	A - 2,5	10,2	/
675	2006	Pátio	11	4	Medieval	Asa	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	C/A Castanho-acinzentado (10YR 5/2)	Vermelho (2.5YR 5/8)	/	/	A - 2,3 P - 1,1	8,7	/
676	2006	Pátio	11	4	Medieval	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 2	Produções Itálicas	C/E Bege (10YR 8/2)	Vermelho (2.5YR 5/8)	/	/	A - 2,6	4,5	/
677	2006	Pátio	11	4	Medieval	Asa	Indet.	PB 3	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	/	/	A - 2,5	6,5	/
678	2006	Pátio	11	4	Medieval	Asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/3)	Castanho-claro (10YR 6/3)	/	/	A - 3,2	8,1	/
679	2006	Pátio	11	4	Medieval	Asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 6/3)	Rosa (7.5YR 7/4)	/	/	A - 4,6	6,5	/
680	2006	Pátio	11	4	Medieval	Asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 7/4)	Castanho-claro (10YR 6/3)	/	/	A - 3,6	10	/
681	2006	Pátio	11	4	Medieval	Arranque de asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Bege (10YR 8/3)	Vermelho-claro (2.5YR 6/6)	/	/	A - 2,5 P - 1	8,1	/
682	2006	Pátio	11	4	Medieval	Arranque de asa	Haltem 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	/	/	A - 3 P - 0,9	6,8	/
683	2006	Pátio	11	4	Medieval	Arranque de asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	/	/	A - 3,7 P - 1	9,5	/
684	2006	Pátio	11	4	Medieval	Fundo	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 2	Produções Itálicas	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Vermelho-amarelado (5YR 5/6)	/	/	P - 1,5	10,3	/
685	2006	Pátio	11	4	Medieval	Fundo	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 2	Produções Itálicas	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Vermelho-amarelado (5YR 5/6)	/	?	P - 2,1	12,7	/

Abreviaturas utilizadas: S/T - Sem tratamento; C/E - Com engobe; C/A - Com aguada; B - Bordo; A - Asa; P - Parede

Nº Inv.	Ano	Origem	Vala	Camada	Contexto	Fragmento	Tipologia	Pasta	Produção	Cor (Munsell Soil Color Charts)		Diâmetro externo bordo	Diâmetro pé	Espessura B / A / P	Extensão conserv.	Índice alt./esp. máxima
										Exterior	Pasta					
686	2006	Pátio	11	4	Medieval	Fundo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	C/A Castanho-avermelhado (2.5YR 5/4)	Vermelho (2.5YR 5/8)	/	3,5	P - 1,1	5,9	/
687	2006	Pátio	11	4	Medieval	Fundo	Mañá C2b	PB 3	Produções Merid. Hisp.	S/E Amarelo-claro (2.5Y 8/4)	Amarelo-claro (2.5Y 8/4)	/	6,2	P - 1,4	7,3	/
688	2006	Pátio	11	4	Medieval	Fundo	Tripolitana antiga	PA 1	Produções Africanas	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	/	4,5	P - 1,3	5,8	/
689	2006	Pátio	11	4	Medieval	Fundo	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-claro (7.5YR 6/4)	/	3,3	P - 1,2	10,2	/
690	2006	Pátio	11	4	Medieval	Fundo	Dressel 2-4?	PI 1	Produções Itálicas	C/E Bege (10YR 8/3)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 6/6)	/	6,3	P - 1	9,3	/
691	2006	Pátio	11	4	Medieval	Fundo	Indet.	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	/	3,2	/	6,6	/
692	2006	Pátio	11	4	Medieval	Opérculo	Ovóides Lusitanas	PL 2	Produções Lusitanas	S/T Amarelo-avermelhado (7.5YR 6/6)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	9	/	B - 0,5 P - 0,7	7,1	/
694	2006	Pátio	11	5	Romano Fase 2	Asa	Haltern 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/2)	Castanho-claro (7.5YR 6/3)	/	/	A - 2,9	7,4	/
695	2006	Pátio	11	5	Romano Fase 2	Asa	Indet.	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (5Y 8/2)	Bege (10YR 7/4)	/	/	A - 2,2	11,6	/
696	2006	Pátio	11	6	Romano Fase 2	Fundo	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/2)	Castanho-claro (7.5YR 6/3)	/	3,6	P - 1	4,8	/
697	2006	Pátio	11	6	Romano Fase 2	Fundo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Vermelho-claro (2.5YR 6/6)	Vermelho (2.5YR 5/8)	/	5,2	P - 1,2	3,9	/
698	2006	Pátio	11	6	Romano Fase 2	Arranque de asa	Ovóides Lusitanas	PL 3	Produções Lusitanas	S/T Rosa (7.5YR 8/4)	Vermelho-amarelado (5YR 5/8)	/	/	A - 2,7 P - 1,1	7,2	/
699	2006	Pátio	11	6	Romano Fase 2	Arranque de asa	Indet.	Indet.	Indet.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/4)	Castanho-esverdeado claro (10YR 6/2)	/	/	A - 3,1 P - 0,9	5,6	/
700	2006	Pátio	11	6	Romano Fase 2	Arranque de asa	Haltern 70?	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Cinzento-acastanhado claro (2.5Y 5/3)	/	/	A - 3,4 P - 1,2	8,1	/
701	2006	Pátio	11	6	Romano Fase 2	Asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Cinzento-acastanhado claro (10YR 6/2)	/	/	A - 4,9 P - 1,9	16	/
702	2006	Pátio	11	6	Romano Fase 2	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 2	Produções Itálicas	C/E Bege (10YR 8/2)	Vermelho (2.5YR 5/8)	/	/	A - 3	10	/
703	2006	Pátio	11	6	Romano Fase 2	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 2	Produções Itálicas	C/E Bege (10YR 8/3)	Vermelho (2.5YR 5/8)	/	/	A - 2,3	10,7	/

As ânforas do teatro romano de Lisboa

Tabela geral

Nº Inv.	Ano	Origem	Vala	Camada	Contexto	Fragmento	Tipologia	Pasta	Produção	Cor (Munsell Soil Color Charts)		Diâmetro externo bordo	Diâmetro pé	Espessura B/A/P	Extensão conserv.	Índice alt./esp. máxima
										Exterior	Pasta					
704	2006	Pátio	11	6	Romano Fase 2	Asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/3)	Castanho-claro (10YR 6/3)	/	/	A - 3,1	9,6	/
705	2006	Pátio	11	6	Romano Fase 2	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 4	Produções Itálicas	S/T Bege (10YR 7/4)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/8)	/	/	A - 2,5	7	/
706	2006	Pátio	11	6	Romano Fase 2	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 2	Produções Itálicas	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 7/6)	Vermelho-amarelado (5YR 5/8)	/	/	A - 2,7	5,5	/
707	2006	Pátio	11	6	Romano Fase 2	Bordo	Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/3)	Bege (10YR 7/4)	14,4	/	B - 2,3	4,8	/
708	2006	Pátio	11	6	Romano Fase 2	Bordo	Dressel 2-4	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (5Y 8/2)	Castanho-avermelhado claro (5YR 6/4)	15	/	B - 1,8 P - 1	4,9	/
709	2006	Pátio	11	6	Romano Fase 2	Bordo	Dessel 1	PI 2	Produções Itálicas	C/E amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Castanho-avermelhado (2.5YR 5/4)	16,4	/	B - 3 P - 1,2	10	2,1
710	2006	Pátio	11	6	Romano Fase 2	Opérculo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	Vermelho-amarelado (5YR 5/8)	9,6	/	B - 0,7 P - 0,5	8,9	/
711	2006	Pátio	11	6	Romano Fase 2	Opérculo	/	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 8/4)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6)	?	/	B - 0,4 P - 0,5	4,7	/
712	2006	Pátio	11	6a	Romano Fase 2	Bordo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	Castanho (10YR 5/3)	16,8	/	B - 1,4 P - 0,9	6,7	/
713	2006	Pátio	11	6a	Romano Fase 2	Bordo	Mañá C2b	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 8/3)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	23,4	/	B - 2,2 P - 1,3	5,7	/
714	2006	Pátio	11	6a	Romano Fase 2	Bordo	Mañá C2b	PB 3	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (5Y 8/2)	Amarelo-claro (5Y 8/2)	23,8	/	B - 3,4 P - 1,2	5,3	/
715	2006	Pátio	11	6a	Romano Fase 2	Bordo	Dressel 7-11	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 7/4)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	20	/	B - 2,6 P - 1,2	4,6	/
716	2006	Pátio	11	6a	Romano Fase 2	Fundo	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/2)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	/	3,6	P - 1	7,3	/
717	2006	Pátio	11	7	Romano Fase 2	Bordo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	C/A Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	Vermelho-claro (2.5YR 6/6)	17,2	/	B - 2 P - 0,8	5,8	/
718	2006	Pátio	11	7	Romano Fase 2	Bordo	Mañá C2b	PB 3	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	Bege (10YR 8/4)	27	/	B - 1,7 P - 1,1	6,5	/
719	2006	Pátio	11	7	Romano Fase 2	Arranque de asa	Haltern 70?	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/3)	Castanho-claro (7.5YR 6/4)	/	/	A - 2,7 P - 1	6,5	/
720	2006	Pátio	11	7	Romano Fase 2	Asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 8/3)	Castanho-claro (10YR 6/3)	/	/	A - 4,3	11	/

Abreviaturas utilizadas: S/T - Sem tratamento; C/E - Com engobe; C/A - Com aguada; B - Bordo; A - Asa; P - Parede

Nº Inv.	Ano	Origem	Vala	Camada	Contexto	Fragmento	Tipologia	Pasta	Produção	Cor (Munsell Soil Color Charts)		Diâmetro externo bordo	Diâmetro pé	Espessura B/A/P	Extensão conserv.	Índice alt./esp. máxima
										Exterior	Pasta					
721	2006	Pátio	11	7	Romano Fase 2	Fundo	Haltern 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 8/3)	Bege (10YR 7/3)	/	3,1	P - 1,3	13,2	/
722	2006	Pátio	11	7a	Romano Fase 2	Fundo	Ovóides Lusitanas	PL 4	Produções Lusitanas	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	Vermelho-amarelado (5YR 5/8)	/	3,9	P - 1,9	9,6	/
723	2006	Pátio	11	7a	Romano Fase 2	Fundo	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 2	Produções Itálicas	S/T Castanho-claro (7.5YR 6/4)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	/	4,4	P - 1,1	9,9	/
724	2006	Pátio	11	7a	Romano Fase 2	Fundo	Haltern 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Castanho-claro (10YR 6/3)	/	3,4	P - 1,3	12,6	/
725	2006	Pátio	11	7a	Romano Fase 2	Bordo	Dressel 7-11	PB 3	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	Bege (10YR 8/3)	20,4	/	B - 2 P - 0,8	4,4	/
726	2006	Pátio	11	7a	Romano Fase 2	Asa	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Castanho-claro (7.5YR 6/4)	Vermelho-amarelado (5YR 5/6)	/	/	A - 2,3	5	/
727	2006	Pátio	11	7a	Romano Fase 2	Arranque de asa	Haltern 70?	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Rosa (7.5YR 7/4)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	/	/	A - 2,9 P - 1,1	6,7	/
728	2006	Pátio	11	7a	Romano Fase 2	Arranque de asa	Ovóides Lusitanas	PL 3	Produções Lusitanas	C/E Bege (10YR 8/3)	Castanho-claro (7.5YR 6/4)	/	/	A - 2,5 P - 1,1	4,1	/
729	2006	Pátio	11	8	Romano Fase 2	Arranque de asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	/	/	A - 2,4 P - 1,3	7,6	/
730	2006	Pátio	11	8	Romano Fase 2	Arranque de asa	Haltern 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	Castanho-claro (10YR 6/3)	/	/	A - 2,3 P - 1,2	8,5	/
731	2006	Pátio	11	8	Romano Fase 2	Arranque de asa	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Castanho-claro (7.5YR 6/4)	Vermelho-amarelado (5YR 5/8)	/	/	A - 2,5 P - 1,2	6,2	/
732	2006	Pátio	11	8	Romano Fase 2	Asa	Haltern 70?	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Castanho-claro (7.5YR 6/3)	/	/	A - 2,1	8,9	/
733	2006	Pátio	11	8	Romano Fase 2	Fundo	Haltern 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Castanho (7.5YR 5/4)	/	/	P - 1,2	7,3	/
734	2006	Pátio	11	8	Romano Fase 2	Fundo	Mañá C2b	PB 3	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Bege (10YR 7/4)	/	6,1	P - 1,5	17,5	/
735	2006	Pátio	11	9	Romano Fase 2	Bordo	Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/4)	Castanho-claro (10YR 6/3)	17	/	B - 2 P - 0,8	5,9	/
736	2006	Pátio	11	9	Romano Fase 2	Opérculo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 7/6)	Vermelho-claro (2.5YR 6/8)	?	/	P - 0,5	3,1	/
737	2006	Pátio	11	9	Romano Fase 2	Fundo	Indet.	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	Castanho-claro (7.5YR 6/4)	/	2,8	/	6,2	/

As ânforas do teatro romano de Lisboa

Tabela geral

Nº Inv.	Ano	Origem	Vala	Camada	Contexto	Fragmento	Tipologia	Pasta	Produção	Cor (Munsell Soil Color Charts)		Diâmetro externo bordo	Diâmetro pé	Espessura B / A / P	Extensão conserv.	Índice alt./esp. máxima
										Exterior	Pasta					
738	2006	Pátio	11	10	Romano Fase 2	Arranque de asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 2	Produções Itálicas	C/E Bege (10YR 8/2)	Vermelho (2.5YR 5/8)	/	/	A - 2,5 P - 1,2	6,5	/
739	2006	Pátio	11	10	Romano Fase 2	Asa	Indet.	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 7/4)	Bege (10YR 7/4)	/	/	A - 3,6	15	/
740	2006	Pátio	11	10	Romano Fase 2	Asa	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/4)	Castanho-claro (7.5YR 6/3)	/	/	A - 3	10,3	/
741	2006	Pátio	11	10	Romano Fase 2	Asa	Ovóides Lusitanas	PL 3	Produções Lusitanas	C/E Branco (2.5Y 8/1)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	/	/	A - 2,6	6,2	/
742	2006	Pátio	11	10	Romano Fase 2	Asa	Halterm70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro 2.5Y 8/2)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	/	/	A - 3,4	17,1	/
743	2006	Pátio	11	10	Romano Fase 2	Bordo	Oberaden 83	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-claro (7.5YR 6/3)	12,8	/	B - 0,7 P - 0,7	5,3	/
744	2006	Pátio	11	10	Romano Fase 2	Opérculo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Cinzento (5YR 5/1)	Castanho (10YR 5/3)	/	/	B - 0,7 P - 0,8	6,5	/
745	2006	Pátio	11	11	Romano Fase 2	Bordo	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Bege (10YR 7/3)	18	/	B - 0,7 P - 0,9	5,8	/
746	2006	Pátio	11	11	Romano Fase 2	Fundo	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 1	Produções Itálicas	C/E Bege (10YR 8/3)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	/	4,6	P - 1	11,7	/
747	2006	Pátio	11	11	Romano Fase 2	Asa	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Castanho-claro (7.5YR 6/4)	/	/	A - 3,3	9,2	/
748	2006	Pátio	11	11a	Romano Fase 1	Asa	Ovóides Lusitanas	PL 2	Produções Lusitanas	S/T Bege (10YR 7/4)	Castanho (7.5YR 5/6)	/	/	A - 2,3	14,9	/
749	2006	Pátio	11	11a	Romano Fase 1	Arranque de asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Amarelo-claro (2.5Y 7/4)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 6/6)	/	/	A - 3,2 P - 1,5	12,2	/
750	2006	Pátio	11	11a	Romano Fase 1	Asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/3)	Castanho-claro (10YR 6/3)	/	/	A - 3,4	9,1	/
751	2006	Pátio	11	11a	Romano Fase 1	Asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 6/6)	/	/	A - 3,9	9,6	/
752	2006	Pátio	11	11a	Romano Fase 1	Asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	/	/	A - 3,9	5,8	/
753	2006	Pátio	11	11a	Romano Fase 1	Fundo	Ovóides Lusitanas	PL 4	Produções Lusitanas	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	Vermelho-amarelado (5YR 5/6)	/	?	P - 0,9	4,7	/
754	2006	Pátio	11	11a	Romano Fase 1	Bordo	Oberaden 83	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/3)	Vermelho-claro (2.5YR 7/6)	13	/	B - 1,9 P - 1	6,8	/

Abreviaturas utilizadas: S/T - Sem tratamento; C/E - Com engobe; C/A - Com aguada; B - Bordo; A - Asa; P - Parede

As ânforas do teatro romano de Lisboa

Tabela geral

Nº Inv.	Ano	Origem	Vala	Camada	Contexto	Fragmento	Tipologia	Pasta	Produção	Cor (Munsell Soil Color Charts)		Diâmetro externo bordo	Diâmetro pé	Espessura B / A / P	Extensão conserv.	Índice alt./esp. máxima
										Exterior	Pasta					
755	2006	Pátio	11	11a	Romano Fase 1	Bordo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	Castanho-claro (7.5YR 6/4)	16,4	/	B - 1,9 P - 0,7	5,9	/
756	2006	Pátio	11	11a	Romano Fase 1	Bordo	Oberaden 83	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/3)	Amarelo-avermelhado (5YR 7/6)	14	/	B - 1,7 P - 0,9	4,3	/
758	2006	Pátio	11	12a	Romano Fase 1	Bordo	Oberaden 83	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/4)	Castanho-claro (10YR 6/3)	14	/	B - 0,7 P - 0,9	6,1	/
759	2006	Pátio	11	12a	Romano Fase 1	Bordo	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	16,6	/	B - 1,7 P - 1,2	4,8	/
760	2006	Pátio	11	12a	Romano Fase 1	Asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/3)	Bege (10YR 7/4)	/	/	A - 4,6	10,9	/
761	2006	Pátio	11	12a	Romano Fase 1	Arranque de asa	Halterm 70?	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Castanho-claro (7.5YR 6/3)	/	/	A - 3,4 P - 1,2	5,6	/
762	2006	Pátio	11	12a	Romano Fase 1	Arranque de asa	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/3)	Rosa (7.5YR 7/4)	/	/	A - 2,8 P - 1,4	6,3	/
763	2006	Pátio	11	12a	Romano Fase 1	Asa	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Castanho-claro (7.5YR 6/4)	/	/	A - 2,7	6,1	/
764	2006	Pátio	11	12a	Romano Fase 1	Arranque de asa	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	Bege (10YR 7/4)	/	/	A - 1,2 P - 3,1	7,8	/
765	2006	Pátio	11	13	Romano Fase 2	Fundo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Vermelho-claro (2.5YR 6/6)	Vermelho (2.5YR 5/8)	/	?	P - 1	7,8	/
766	2006	Pátio	11	13	Romano Fase 2	Fundo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Vermelho-claro (2.5YR 6/6)	Vermelho (2.5YR 5/8)	/	3,8	P - 1,2	10,3	/
767	2006	Pátio	11	13	Romano Fase 2	Fundo	Indet.	PL 2	Produções Lusitanas	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	Vermelho-amarelado (5YR 5/6)	/	5,7	P - 1,8	6,9	/
768	2006	Pátio	11	13	Romano Fase 2	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Bege (10YR 7/4)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	/	/	A - 2,5	6,3	/
769	2006	Pátio	11	13	Romano Fase 2	Asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	/	/	A - 3,6	5,8	/
770	2006	Pátio	11	13	Romano Fase 2	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 2	Produções Itálicas	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 7/6)	Vermelho-amarelado (5YR 5/8)	/	/	A - 2,4 P - 1,2	6,4	/
771	2006	Pátio	11	13	Romano Fase 2	Asa	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 7/4)	Castanho-claro (7.5YR 6/3)	/	/	A - 2,7	6,8	/
772	2006	Pátio	11	13	Romano Fase 2	Bordo	Oberaden 83	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/3)	Bege (10YR 7/4)	13,6	/	B - 1,8 P - 0,9	7,2	/
773	2006	Pátio	11	13	Romano Fase 2	Bordo	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/4)	Castanho-claro (10YR 6/3)	17,5	/	B - 2,1 P - 1,2	5,6	/

Abreviaturas utilizadas: S/T - Sem tratamento; C/E - Com engobe; C/A - Com aguada; B - Bordo; A - Asa; P - Parede

As ânforas do teatro romano de Lisboa

Tabela geral

Nº Inv.	Ano	Origem	Vala	Camada	Contexto	Fragmento	Tipologia	Pasta	Produção	Cor (Munsell Soil Color Charts)		Diâmetro externo bordo	Diâmetro pé	Espessura B / A / P	Extensão conserv.	Índice alt./esp. máxima
										Exterior	Pasta					
774	2006	Pátio	11	13	Romano Fase 2	Bordo	Oberaden 83	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/3)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	14,6	/	B - 2,1 P - 0,9	5,2	/
775	2006	Pátio	11	14	Romano Fase 2	Bordo	Ovóides Lusitanas	PL 4	Produções Lusitanas	C/E Bege (10YR 7/4)	Bege (10YR 7/4)	19	/	B - 2,2 P - 1,2	4,3	/
776	2006	Pátio	11	14	Romano Fase 2	Fundo	Dressel 7-11	PB 3	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/4)	Amarelo-claro (2.5Y 8/4)	/	6,3	P - 1,8	13	/
777	2006	Pátio	11	15	Romano Fase 2	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 2	Produções Itálicas	C/E Bege (10YR 8/2)	Vermelho (2.5YR 5/8)	/	/	A - 2,5	9,3	/
778	2006	Pátio	11	15	Romano Fase 2	Asa	Ovóides Lusitanas	PL 3	Produções Lusitanas	C/E Branco (10YR 8/1)	Vermelho (2.5YR 5/8)	/	/	A - 1,6	7,4	/
779	2006	Pátio	11	15	Romano Fase 2	Arranque de asa	Indet.	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (5Y 8/2)	Amarelo-claro (5YR 7/8)	/	/	A - 2,1 P - 1,7	7,6	/
780	2006	Pátio	11	15	Romano Fase 2	Bordo	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Castanho-claro (10YR 6/3)	15	/	B - 1,8 P - 1	4,8	/
781	2006	Pátio	11	15	Romano Fase 2	Bordo	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	Castanho-amarelado claro (10YR 6/4)	15	/	B - 1,6 P - 0,8	4	/
782	2006	Pátio	11	15	Romano Fase 2	Bordo	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/A Bege (10YR 8/3)	Castanho-claro (10YR 6/4)	17,7	/	B - 1,5 P - 0,9	7,9	/
784	2006	Pátio	11	15	Romano Fase 2	Bordo	Mañá C2b	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6)	23,6	/	B - 2,6 P - 1	7,4	/
785	2006	Pátio	11	15	Romano Fase 2	Bordo	Mañá C2b	PB 3	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/3))	Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	24,6	/	B - 3	6,3	/
786	2006	Pátio	11	15	Romano Fase 2	Fundo	Mañá C2b	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 7/6)	Amarelo-avermelhado (5YR 7/6)	/	?	P - 1,2	14,3	/
787	2006	Pátio	11	15	Romano Fase 2	Fundo	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Rosa (7.5YR 7/4)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	/	3,9	P - 1,3	7,4	/
788	2006	Pátio	11	15	Romano Fase 2	Opérculo	/	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo claro (5Y 8/2)	Bege (10YR 7/4)	9,8	/	B - 0,7 P - 0,7	8,3	/
789	2006	Pátio	11	16	Romano Fase 1	Fundo	Mañá C2b	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	/	6,4	P - 1,4	9,7	/
790	2006	Pátio	11	16	Romano Fase 1	Fundo	Mañá C2b	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	Rosado (7.5YR 7/4)	/	6,1	P - 1	4,7	/
791	2006	Pátio	11	16	Romano Fase 1	Fundo	Mañá C2b	PB 3	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	/	?	P - 1,4	10,2	/

Abreviaturas utilizadas: S/T - Sem tratamento; C/E - Com engobe; C/A - Com aguada; B - Bordo; A - Asa; P - Parede

As ânforas do teatro romano de Lisboa

Tabela geral

Nº Inv.	Ano	Origem	Vala	Camada	Contexto	Fragmento	Tipologia	Pasta	Produção	Cor (Munsell Soil Color Charts)		Diâmetro externo bordo	Diâmetro pé	Espessura B / A / P	Extensão conserv.	Índice alt./esp. máxima
										Exterior	Pasta					
792	2006	Pátio	11	16	Romano Fase 1	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Bege (10YR 7/3)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	/	/	A - 2,5	8	/
793	2006	Pátio	11	16	Romano Fase 1	Asa	Indet.	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Bege (10YR 8/4)	/	/	A - 2,4	11,5	/
794	2006	Pátio	11	16	Romano Fase 1	Asa	Indet.	PB 3	Produções Merid. Hisp.	C/A Rosa (7.5YR 8/3)	Amarelo-claro (5Y 8/2)	/	/	A - 3,4	10,6	/
795	2006	Pátio	11	16	Romano Fase 1	Asa	Indet.	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 8/3)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6)	/	/	A - 2,4	8	/
796	2006	Pátio	11	18	Romano Fase 1	Opérculo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	?	/	B - 0,5 P - 0,5	6,8	/
797	2006	Pátio	11	18	Romano Fase 1	Arranque de asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	C/E Bege (10YR 7/4)	/	/	A - 3,4 P - 1,1	8	/
798	2006	Pátio	11	18	Romano Fase 1	Bordo	Dessel 1	PI 2	Produções Itálicas	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2))	Vermelho (2.5YR 5/6)	<15	/	B - 2,1	3,3	<1,4
799	2006	Pátio	11	18	Romano Fase 1	Arranque de asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	/	/	A - 3,4 P - 1,3	9,7	/
800	2006	Pátio	11	18a	Romano Fase 1	Fundo	Dressel 1 / Greco-Itálica	PB 3	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (5Y 8/2)	Amarelo-claro (5Y 8/2)	/	3	P - 1,4	9,9	/
801	2006	Pátio	11	18b	Romano Fase 1	Asa	Ovóides Lusitanas	PL 2	Produções Lusitanas	S/T Amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	/	/	A - 2,5	6,7	/
802	2006	Pátio	11	18b	Romano Fase 1	Asa	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Vermelho-claro (2.5YR 6/8)	Vermelho (2.5YR 5/8)	/	/	A - 2,7	9,1	/
804	2006	Pátio	11	18b	Romano Fase 1	Asa	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Castanho-avermelhado (5YR 5/4)	Vermelho-amarelado (5YR 5/8)	/	/	A - 2	7,9	/
805	2006	Pátio	11	18b	Romano Fase 1	Asa	Haltern 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 8/2)	Castanho-claro (7.5YR 6/4)	/	/	A - 3	6,3	/
806	2006	Pátio	11	18b	Romano Fase 1	Arranque de asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 6/6)	/	/	A - 3,3 P - 1,2	8,9	/
807	2006	Pátio	11	18b	Romano Fase 1	Arranque de asa	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Vermelho-claro (2.5YR 6/8)	Vermelho (2.5YR 5/8)	/	/	A - 2,4 P - 1	5,3	/
808	2006	Pátio	11	18b	Romano Fase 1	Arranque de asa	Oberaden 83 / Dressel 20	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6)	/	/	A - 3,5 P - 1,3	6,9	/
809	2006	Pátio	11	18b	Romano Fase 1	Bordo	Ovóides Lusitanas	PL 4	Produções Lusitanas	C/E Bege (10YR 8/4)	Vermelho-amarelado (5YR 5/6)	17,5	/	B - 1,9 P - 1,1	4,1	/

Abreviaturas utilizadas: S/T - Sem tratamento; C/E - Com engobe; C/A - Com aguada; B - Bordo; A - Asa; P - Parede

As ânforas do teatro romano de Lisboa

Tabela geral

Nº Inv.	Ano	Origem	Vala	Camada	Contexto	Fragmento	Tipologia	Pasta	Produção	Cor (Munsell Soil Color Charts)		Diâmetro externo bordo	Diâmetro pé	Espessura B/A/P	Extensão conserv.	Índice alt./esp. máxima
										Exterior	Pasta					
810	2006	Pátio	11	18b	Romano Fase 1	Bordo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	C/A Castanho-avermelhado (2.5YR 5/4)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/8)	?	/	B - 1,5 P - 1	2,7	/
811	2006	Pátio	11	18b	Romano Fase 1	Bordo	Greco-italica	PI 2	Produções Itálicas	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Vermelho (2.5YR 5/6)	17,5	/	B - 2,6 P - 0,9	5,2	>1,2
812	2006	Pátio	11	18b	Romano Fase 1	Bordo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	Castanho-claro (7.5YR 6/4)	16,8	/	B - 1,8 P - 0,7	4,5	/
813	2006	Pátio	11	18b	Romano Fase 1	Bordo	Halterm 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Castanho-claro (10YR 6/3)	15,8	/	B - 1,5 P - 1,1	5	/
814	2006	Pátio	11	18b	Romano Fase 1	Opérculo	Ovóides Lusitanas	PL 4	Produções Lusitanas	S/T Castanho-claro (7.5YR 6/4)	Castanho-amarelado (10YR 5/4)	9,4	/	B - 0,4 P - 0,5	6,6	/
815	2006	Pátio	11	18b	Romano Fase 1	Opérculo	Ovóides Lusitanas	PL 4	Produções Lusitanas	S/T Amarelo-avermelhado (7.5YR 6/6)	Castanho (7.5YR 5/8)	8,6	/	B - 0,6 P - 0,9	7,2	/
816	2006	Pátio	11	20	Romano Fase 1	Bordo	Ovóides Lusitanas	PL 3	Produções Lusitanas	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho (7.5YR 5/4)	15,7	/	B - 1,4 P - 0,7	8,9	/
817	2006	Pátio	11	20	Romano Fase 1	Asa	Halterm 70?	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Castanho-claro (7.5YR 6/4)	/	/	A - 2,9	5,8	/
819	2006	Pátio	11	22	Romano Fase 1	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Bege (10YR 7/3)	Amarelo-vermelhado (5YR 6/6)	/	/	A - 2,7	8,1	/
820	2006	Pátio	11	22	Romano Fase 1	Bordo	Dessel 1	PI 2	Produções Itálicas	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/4)	Vermelho (2.5YR 5/6)	17,2	/	B - 2,5 P - 1,1	6,8	2,6
821	2006	Pátio	11	23	Romano Fase 1	Fundo	Mañá C2b	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	Bege (10YR 7/4)	/	?	P - 1,4	5,1	/
822	2006	Pátio	11	24	Romano Fase 1	Asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 5	Produções Itálicas	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	/	/	A - 2,5 P - 1	10,5	/
823	2006	Pátio	11	24	Romano Fase 1	Arranque de asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	Vermelho (2.5YR 5/8)	/	/	A - 2,3	6,4	/
824	2006	Pátio	11	24	Romano Fase 1	Bordo	Mañá C2b	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (5Y 8/2)	Amarelo-avermelhado (5YR 7/6)	24,8	/	B - 2,4 P - 1,6	8,7	/
825	2006	Pátio	11	24	Romano Fase 1	Arranque de asa	Dressel 1 / Greco-Itálica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Rosa (7.5YR 7/4)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 6/6)	/	/	P - 1,08	20,6	/
826	2006	Pátio	11	16	Romano Fase 1	Bordo	Mañá C2b	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/8)	25	/	B - 3,3 P - 1,2	4,2	/
827	2006	Pátio	11	16	Romano Fase 1	Bordo	Mañá C2b	PB 3	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	24	/	B - 2,6 P - 1,6	6,4	/

Abreviaturas utilizadas: S/T - Sem tratamento; C/E - Com engobe; C/A - Com aguada; B - Bordo; A - Asa; P - Parede

Nº Inv.	Ano	Origem	Vala	Camada	Contexto	Fragmento	Tipologia	Pasta	Produção	Cor (Munsell Soil Color Charts)		Diâmetro externo bordo	Diâmetro pé	Espessura B / A / P	Extensão conserv.	Índice alt./esp. máxima
										Exterior	Pasta					
828	2006	Pátio	11	16	Romano Fase 1	Bordo	Dessel 1	PI 1	Produções Itálicas	S/T Rosa (7.5YR 7/4)	Rosa (7.5YR 7/4)	<14,8	/	B - 1,7	4	<1,4
829	2006	Pátio	11	16	Romano Fase 1	Bordo	Greco-itálica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Rosa (7.5YR 7/4)	Vermelho-claro (2.5YR 6/6)	<16,3	/	B - 2,7 P - 1,1	6,3	>1
830	2006	Pátio	11	16	Romano Fase 1	Bordo	Lamboglia 2	PI 5	Produções Itálicas	S/T Bege (10YR 8/3)	Amarelo-avermelhado (5YR 7/6)	17,8	/	B - 3,8 P - 1,4	8,1	/
831	2006	Pátio	11	16	Romano Fase 1	Bordo	Mañá C2b	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	22,4	/	B - 1,9 P - 1,1	7,9	/
832	2006	Pátio	11	16	Romano Fase 1	Bordo	Mañá C2b	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/2)	Amarelo-claro (7.5YR 7/6)	24,8	/	B - 2,4	4,9	/
833	2006	Pátio	10	7	Romano Fase 2	Bordo	Dressel 7-11	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-claro (2.5Y 8/3)	Amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6)	18,6	/	B - 2,3 P - 1,2	6,7	/
834	2006	Pátio	10	7	Romano Fase 2	Fundo	Mañá C2b	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6)	Bege (10YR 7/3)	/	6,7	P - 1	4	/
835	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Bordo	Dressel 28	PB 2	Produções Merid. Hisp.	S/T Bege (10YR 8/3)	Rosa (7.5YR 8/4)	13,8	/	B - 1,9 P - 1	5	/
836	2006	Pátio	11	7	Romano Fase 2	Bordo	Haltem 70	PB 4	Produções Merid. Hisp.	C/E Bege (10YR 7/4)	Castanho (7.5YR 5/4)	19,6	/	B - 1,8 P - 1,2	7,4	/
837	2006	Pátio	11	6	Romano Fase 2	Bordo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Amarelo-avermelhado (5YR 6/6)	Vermelho-amarelado (5YR 6/8)	17	/	B - 1,6 P - 0,7	6,2	/
838	2006	Pátio	11	2a	Medieval	Bordo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	C/A Castanho-claro (7.5YR 6/4)	Amarelo-avermelhado (5YR 6/8)	15,2	/	B - 1,9	2,8	/
839	2006	Pátio	11	13	Romano Fase 2	Bordo	Ovóides Lusitanas	PL 1	Produções Lusitanas	S/T Amarelo-avermelhado (7.5YR 6/6)	Castanho-claro (7.5YR 6/4)	16,4	/	B - 1,8 P - 0,7	3,9	/
840	2006	Pátio	11	6a	Romano Fase 2	Bordo	Greco-itálica	PI 1	Produções Itálicas	S/T Amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6)	Castanho-claro (7.5YR 6/4)	<17,6	/	B - 2,6 P - 1	5,4	>1
841	2006	Pátio	11	4	Romano Fase 2	Asa	Ovóides Lusitanas	PL 2	Produções Lusitanas	S/T Castanho (7.5YR 5/2)	Vermelho-claro (2.5YR 6/6)	/	/	A - 2,7	13,1	/
842	2006	Pátio	11	24	Romano Fase 1	Asa	Indet.	Indet.	Indet.	C/E Amarelo-claro (2.5Y 8/4)	Cinzento-escuro (2.5Y 4/1)	/	/	A - 2,7 P - 1,1	11,8	/

As ânforas do teatro romano de Lisboa _____

Tabela geral _____

Nº Inv.	Ano	Origem	Vala	Camada	Contexto	Fragmento	Tipologia	Pasta	Produção	Cor (Munsell Soil Color Charts)		Diâmetro externo bordo	Diâmetro pé	Espessura B/A/P	Extensão conserv.	Índice alt./esp. máxima
										Exterior	Pasta					

Abreviaturas utilizadas: S/T - Sem tratamento; C/E - Com engobe; C/A - Com aguada; B - Bordo; A - Asa; P - Parede